



Universidade Federal  
de São João del-Rei

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

TAYANE APARECIDA RODRIGUES OLIVEIRA

**REZA ANTIGA, CURA CERTA**  
**BÊNÇÃOS, MEMÓRIAS E QUEBRANTOS: O OFÍCIO DA**  
**BENZEDURA NA CIDADE DE SÃO JOÃO DEL-REI**

São João del-Rei/ MG

2022

TAYANE APARECIDA RODRIGUES OLIVEIRA

**REZA ANTIGA, CURA CERTA  
BÊNÇÃOS, MEMÓRIAS E QUEBRANTOS: O OFÍCIO DA  
BENZEDURA NA CIDADE DE SÃO JOÃO DEL- REI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de pesquisa: Cultura e Identidade  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Silvia Maria Jardim Brügger

São João del-Rei/MG

2022

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)  
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O48r Oliveira, Tayane Aparecida Rodrigues.  
Reza antiga, cura certa : bênçãos, memórias e  
quebrantos: o ofício da benzedura na cidade de São  
João del-Rei / Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira ;  
orientadora Silvia Maria Jardim Brügger. -- São João  
del-Rei, 2022.  
225 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em  
História) -- Universidade Federal de São João del  
Rei, 2022.

1. Benzedores. 2. Memória e Identidade. 3. Tradição  
oral. 4. Prática da benzedura. 5. Amparo ancestral.  
I. Brügger, Silvia Maria Jardim, orient. II. Título.



Universidade Federal  
de São João del-Rei

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

Este exemplar da dissertação intitulada REZA ANTIGA, CURA CERTA BÊNÇÃOS, MEMÓRIAS E QUEBRANTOS: O OFÍCIO DA BENZEDURA NA CIDADE DE SÃO JOÃO DEL-REI, da mestrandia TAYANE APARECIDA RODRIGUES OLIVEIRA, corresponde à redação final aprovada pela Banca Examinadora em 13 de maio de 2022, constituída pelos seguintes membros:

---

Profa. Dra. Sílvia Maria Jardim Brügger  
Universidade Federal de São João del-Rei  
Orientadora

---

Prof. Dr. Anderson José Machado de Oliveira  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Membro Titular

---

Profa. Dra. Ingrid Silva de Oliveira Leite  
Universidade Federal de São João del-Rei  
Membro titular

À minha avó Ana.

## AGRADECIMENTOS

A origem etimológica do verbo agradecer, *gratus*, vem do latim, e significa ser acolhido ou acolhido de forma agradável, por mais que a escrita da dissertação seja um trabalho individual, o desenvolvimento deste trabalho não seria possível sem o acolhimento das pessoas que contribuíram para a sua realização.

Por se tratar de trabalho que tem como base a metodologia da História Oral, a participação dos entrevistados foi fundamental para eu abrir caminhos na minha pesquisa. Eu agradeço aos benzedores que abriram suas casas de forma presencial ou virtual, e compartilharam comigo suas vivências, histórias, memórias e benzeduras. Toda a minha gratidão a Teresa Augusta dos Reis, Léa das Graças Silva, Gelson Aparecida de Faria, Maria Helena Nascimento, Gilmar das Neves Souza, Alessandro Cezar Machado, Valéria Tristão personagens vitais da minha pesquisa. Estendo meus agradecimentos à Soraia Geralda Santos, que além de ser uma de minhas entrevistadas, acompanhou sua avó D. Teresa e sua tia, D. Léa durante as entrevistas realizadas à distância através das plataformas digitais, e me auxiliou no registro fotográfico das duas.

À Stella Mirtes Gomes Louvera e à Angélica Aparecida de Matos Silva por contribuírem com suas memórias e histórias de seus familiares sobre a prática da benzedura.

A minha gratidão ao terapeuta Rafael Costa por abrir seu espaço holístico para que eu pudesse entrevistá-lo, agradeço também ao terapeuta Bruno Munhoz por me conceder a entrevista durante o curso de benzimentos.

À Conceição Maria de Souza Costa (Tutuca), o meu muito obrigado por compartilhar suas experiências estando inserida num universo de mulheres benzedoras.

Agradeço aos colegas do curso de Pós-graduação em História pelas sugestões de indicações de leituras durante as disciplinas realizadas.

Meu agradecimento especial à Ana Luzia da Silva Morais e Rhonnel Américo colegas da pós que se tornaram meus irmãos de orientação e da vida. Obrigada por dividirem as alegrias, leituras, lágrimas, angústias e preocupações durante essa caminhada do mestrado comigo.

À minha orientadora Silvia Brügger agradeço por acreditar no meu potencial desde sempre, obrigada por me guiar na minha trajetória acadêmica, que iniciou com sua orientação no Programa Extensão Memorial Clara Nunes. Agradeço imensamente pela generosidade, carinho e paciência durante esse período pandêmico. Obrigada pelas leituras indicadas, pelas revisões sugeridas que foram essenciais para o desenvolvimento da minha pesquisa, e

principalmente, pelo empréstimo do gravador de áudio, que foi meu instrumento de trabalho como historiadora.

Agradeço aos professores Anderson José Machado de Oliveira e Ingrid Silva de Oliveira Leite, membros da banca examinadora pelas contribuições e sugestões para minha dissertação.

Aos professores do Departamento de História da Universidade Federal de São João del-Rei que contribuíram imensamente para a minha formação acadêmica. Ao Aílton Assis, secretário do Programa de Pós-Graduação, agradeço por ser tão solícito com minhas dúvidas.

Agradeço ao Laboratório de Imagem e Som - LIS/UFSJ, pelo empréstimo de equipamento, e ao Thalles, Vinícius e Samuel que me auxiliaram na edição do documentário “Reza Antiga, Cura Certa”.

Agradeço à Ana Luisa Lima Grein pelo suporte e atenção no trabalho de revisão da minha dissertação.

Aos companheiros Marlon, Diego, Simone, Rafael, Daniele, Jéssica, Daniel, Bruna, Carol, Kerlei, Josemir, Alan, Doia e D. Mariquita (*in memoriam*) do Programa Extensão Memorial Clara Nunes, obrigada por dividirem comigo a experiência de trabalhar nesse espaço de memória, que me ajudou a compreender a importância da preservação e conservação do acervo, assim como utilizá-lo como meio para discutir questões importantes como intolerância religiosa, questões raciais e o cotidiano do povo brasileiro e; conectar, dessa forma, o espaço acadêmico com a comunidade.

Agradeço aos companheiros do Grupo de Trabalho Emancipações e Pós-abolição em Minas Gerais pelo incentivo à pesquisa acadêmica e por colaborarem com sugestões de leitura para meu trabalho.

Agradeço a Kaká, Letícia, Rafael, Nice, Lalá, Ana e Sara que foram meus colegas de trabalho durante a pandemia, obrigada pela parceria.

Agradeço aos meus queridos amigos que compreenderam a minha ausência nos momentos de comemoração. Agradeço o incentivo e a amizade de vocês, “*girls*”: Cristiane, Thelma e Angélica.

À minha mãe, Rosa, e ao pai, Domingos agradeço por me apoiarem desde sempre. Estar no mestrado sem ter uma bolsa de estudos durante a pandemia se mostrou um desafio imenso, eu não teria conseguido sem o suporte de vocês. Agradeço por acreditarem no meu caminho na Educação. Agradeço aos meus irmãos Antônio, Luiz Fernando, Fábio e Tamires por estarem sempre do meu lado. Aos meus cunhados Jonh, Sulimara e Marcela agradeço toda ajuda dada. Agradeço meus tios José, Geraldo e meu tio-avô Antão pelas informações dadas sobre minha avó.

Agradeço ao Thales, meu sobrinho querido, por me lembrar que por mais árdua que seja a tarefa a ser feita, é preciso tirar um tempo para brincar.

Não posso deixar de agradecer a Deus e a todos santos, anjos e intercessores espirituais por não me deixar desamparada na minha caminhada. Agradeço ao Tempo por me mostrar que é impossível controlá-lo.

Agradeço, principalmente, o amparo ancestral de minha avó Ana (*in memoriam*), sem ela esse trabalho não existiria. Agradeço pela oportunidade de compartilhar um pedaço da sua história. Por um período, eu fui seus olhos e suas pernas, hoje peço emprestado a sua voz para somar com a minha.



*“O tempo foi o meu mestre que me ensinou a curar”  
(Artistas: A Barca & Casa Fanti Ashanti; Música: O  
tempo foi o meu mestre)*

## RESUMO

Essa dissertação é um estudo sobre o processo de formação das identidades dos benzedores e benzedoras da cidade de São João del-Rei (MG) e de suas principais práticas curativas. Ao estabelecer como base a História do Tempo Presente e a História Oral, buscamos analisar através das memórias e histórias dos benzedores - no qual também incluo a minha avó materna Ana de Jesus Rodrigues - suas trajetórias de vida. Procuramos entender a influência da tradição oral na transmissão desse conhecimento para as gerações seguintes. A partir da investigação das práticas de benzeduras, buscamos compreender a vivência religiosa, os sentidos, assim como as representações que permeiam o ofício de cura dos benzedores. O estudo discute ainda sobre a perspectiva futura dos benzedores e os desafios lançados para dar continuidade à prática de benzedura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Benzedores; Memória e Identidade; Tradição oral; Prática da benzedura; Amparo ancestral.

## **ABSTRACT**

This dissertation is a study about the process of formation of identities of the healers in the city of São João del-Rei (MG) and their main healing practices. By establishing the History of Present Time and Oral History as a basis, we seek to analyze through the memories and stories of the healers - in which I also include my maternal grandmother Ana de Jesus Rodrigues - their life trajectories. We seek to understand the influence of oral tradition in the transmission of this knowledge to the following generations. Based on the investigation of the practices of blessings, we look for a comprehension of the religious experience, the meanings as well as the representations that permeate the healing of the blesser's craft. The study also discusses the future perspective of these healers and the challenges to continue the practice of blessing.

**KEYWORDS:** Blessers; Memory and Identity; Oral tradition; Practice of blessing; Ancestral help.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
Metodologia adaptada.....	23
Estrutura narrativa .....	32
<b>CAPÍTULO I</b> .....	37
1. Memórias, tradições e trajetórias: a transmissão oral da prática da benzedura no ambiente familiar.....	37
1.1. A oralidade como guia que atravessa as gerações .....	37
1.2. Perfil dos benzedores.....	43
1.2.1. Ana de Jesus Rodrigues.....	44
1.2.2. Teresa Augusta dos Reis .....	45
1.2.3. Léa das Graças Silva .....	47
1.2.4. Gelson Aparecida de Faria .....	48
1.2.5. Maria Helena Nascimento.....	50
1.2.6. Gilmar das Neves Souza .....	52
1.3 Pontos de costura de uma prática de cura .....	54
<b>CAPÍTULO II</b> .....	83
2. A benzedura: sentidos e devoções compartilhados em torno de uma prática de fé e cura ...	83
2.1. Sentidos e representações na prática de cura .....	83
2.2. Os aspectos que envolvem o ritual da benzedura .....	88
2.2.1. Diálogo .....	88
2.2.2. Bênção.....	94
2.2.2.1. Quebranto e Mau-olhado.....	102
2.2.2.2. Cobreiro.....	106

2.2.2.3. Coser jeito .....	109
2.2.2.4. Ventre-virado .....	111
2.2.2.5. Aguamento .....	113
2.2.2.6. Queimadura .....	116
2.2.3. Prescrição .....	118
2.2.4. Pontos finais do processo da prática da benzedura .....	122
2.3. “Meu santo me ajuda!”: a vivência religiosa a partir da devoção na prática da benzedura .....	123
<b>CAPÍTULO III</b> .....	140
3. “Mas isso vai acabar com o tempo?” - Continuidades, rupturas e reconexões: as percepções sobre o futuro da prática da benzedura .....	140
3.1. O futuro incerto de uma prática antiga .....	140
3.2. Reinvenção da transmissão: novos caminhos para prática da benzedura .....	154
3.3. Novos benzedores: o legado familiar e o despertar para a prática da cura .....	178
3.3.1. Alessandro Cezar Machado .....	178
3.3.2. Valéria Tristão .....	181
3.3.3. Soraia Geralda Santos .....	187
3.4. Tempo, memória e identidade: o amparo ancestral na formação dos benzedores .....	190
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	197
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	202
<b>6. ANEXOS</b> .....	220
<b>6.2. GLOSSÁRIO</b> .....	223
<b>7. ENTREVISTADOS</b> .....	224

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Benzedeira Ana de Jesus Rodrigues com meu convite de formatura no colo .....	18
Figura 2: Gravador de áudio ao lado de equipamentos de proteção contra o Coronavírus.....	27
Figura 3: Primeira entrevista realizada através da plataforma <i>Stream Yard</i> . <i>Screenshot</i> da entrevista online com Dona Teresa Augusta dos Reis e Soraia Geralda Santos. ....	29
Figura 4: Benzedeira Ana de Jesus Rodrigues .....	45
Figura 5: D. Teresa ao lado de seus santos de devoção.....	46
Figura 6: Benzedeira Léa das Graças Silva .....	48
Figura 7: Benzedor Gelson Aparecida de Faria.....	49
Figura 8: Benzedeira Maria Helena Nascimento.....	52
Figura 9: Benzedor Gilmar das Neves Souza.....	54
Figura 10: Vó Ana com sua irmã Geralda.....	76
Figura 11: D. Maria Helena ao lado de um aviso anunciando que devido a pandemia não benzeria até que a situação esteja normalizada .....	93
Figura 12: Aviso anunciando que D. Teresa deixará de benzer por tempo indeterminado devido a pandemia.....	94
Figura 13: Porta da entrada da casa de D. Teresa.....	96
Figura 14: Entrada da casa do benzedor Gelson.....	97
Figura 15: Entrada da casa do benzedor Gelson.....	98
Figura 16: Benzedor seu Gelson na sua sala de estar .....	99
Figura 17: Estante da sala de estar da casa de seu Gelson .....	100
Figura 18: Seu Gelson benzendo de quebrante meu sobrinho Thales (1) .....	103
Figura 19: Seu Gelson benzendo de quebrante meu sobrinho Thales (2) .....	103
Figura 20: D. Léa com seus santos .....	127
Figura 21: Santos de D. Léa .....	128
Figura 22: Benzedor Gilmar com um quadro com a imagem da bíblia atrás dele .....	131
Figura 23: Santos, terços e guias: a relação com o sagrado .....	136
Figura 24: Dona Teresa ao lado de seu altar com santos.....	138
Figura 25: Rafael Costa: terapeuta holístico.....	156
Figura 26: Bruno Munhoz ministrando curso de benzimento .....	159
Figura 27: Curso de Benzimento .....	161
Figura 28: Objetos usados no curso de benzimento .....	162

Figura 29: Conceição Maria (Tutuca) em uma feira de alimentos .....	170
Figura 30: I Encontro Regional de Saberes Tradicionais Mineiros: Benzedoiras e Rezadeiras – Guardiãs de Saberes.....	173
Figura 31: Benzedor Alessandro segurando retrato com seus familiares.....	180
Figura 32: Retrato com a foto do benzedor Alessandro com seu pai e outros familiares .....	180
Figura 33: Postagem do Instagram sobre <i>live</i> de benzimento .....	186
Figura 34: Porta-retratos da avó, mãe de Valéria Tristão.....	187
Figura 35: Soraia e D. Teresa .....	190
Figura 36: Valéria com a imagem de N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> da Conceição.....	193
Figura 37: Valéria segurando o terço que era de sua mãe .....	194
Figura 38: Vó Ana segurando meu álbum de formatura do curso de História .....	197

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Dados gerais sobre os benzedores .....	54
Quadro 2: Iniciação dos benzedores .....	74
Quadro 3: Benzedura e suportes utilizados .....	101



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**D.:** Dona

**EMBRAPA:** Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

**IBGE:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IPEA:** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

**LIS - UFSJ:** Laboratório de Imagem e Som – Universidade Federal de São João del-Rei

**MASA:** Movimento Aprendizes da Sabedoria

**MTCI:** Medicinas tradicionais, complementares e integrativas

**OPAS:** Organização Pan-Americana da Saúde

**OMS:** Organização Mundial da Saúde

**PNPIC:** Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares

**SUS:** Sistema Único de Saúde

**UFSJ:** Universidade Federal de São João del-Rei

## INTRODUÇÃO

Era fim de tarde, eu acompanhava minha avó até o portão de casa, agarrada à sua saia, eu deveria ter por volta de 5 ou 6 anos de idade. Minha avó conversava com um casal que estava com uma criança no colo, acho que era uma menina. Com semblante alegre, o alívio lhes confortava. Lembro que minha avó havia ganhado uma televisão desse casal, ela era grande, suas bordas eram de madeira, os botões prateados e redondos em que tínhamos que girar para aumentar volume ou sintonizar em algum canal, sua imagem era em preto e branco. Fiquei animada com o seu presente. Minha avó havia ganhado como forma de agradecimento por ter curado a criança.

Início minha dissertação com minha primeira memória que tenho da minha avó Ana de Jesus Rodrigues envolvida com o universo da benzedura. Certamente, essa não foi a primeira e nem a última vez que mostraram gratidão à minha avó por benzer e curar. Talvez, o alívio dos pais da criança, ou o fato de minha avó ter ganhado a televisão, algo tão inusitado, marque minhas lembranças. A gratidão demonstrada de forma material ou não, evidencia um certo poder que se manifesta nas palavras, nos gestos, no toque, nos saberes e mistérios de uma benzedeira. Assim, essa memória de infância abre caminhos para questões que serão postas ao longo da dissertação.

O presente trabalho se enquadra dentro do campo da historiografia denominado História do Tempo Presente, no qual se caracteriza pela aproximação temporal com objeto histórico, evidenciando o estudo de períodos recentes. O historiador François Dosse nos chama atenção para a subjetividade do historiador no exercício da escrita histórica, é necessário que seu lugar se apresente no ato de escrever: “O historiador é levado a explicitar de onde ele fala, a tornar mais transparente seu ofício, suas ferramentas, seu andaime, ou todas as mediações que lhe permitem a construção de sua trama” (DOSSE, 2012, p. 13). Assim, aponto que a pesquisa me desperta para um grande interesse pessoal, pois minha família materna foi formada por benzedores – avó, tia-avó, bisavó, bisavô e trisavó –, e esses conhecimentos foram passados por seus familiares. Tenho recordações de pessoas desconhecidas que levavam seus filhos para serem benzidos pela minha avó, durante a minha infância. As memórias que guardo sobre esses fatos me fazem pensar sobre esse rico universo religioso. No entanto, o estímulo maior que me faz prosseguir no desenvolvimento da pesquisa são, justamente, as memórias que não vieram à tona, que ficaram perdidas por não terem sido acionadas no presente.

Figura 1: Benzedeira Ana de Jesus Rodrigues com meu convite de formatura no colo

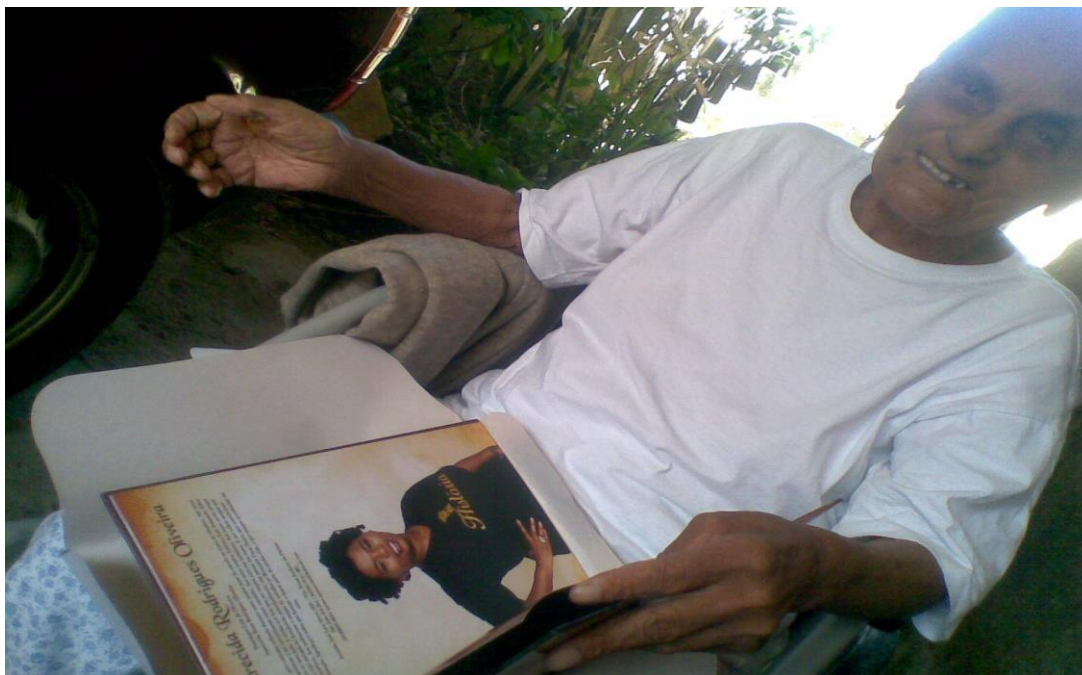


Foto: Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. Acervo pessoal. São João del-Rei. Sem data.

Compreendo que dentro das normas estabelecidas para realização de trabalhos acadêmicos, a justificativa em relação ao interesse pessoal pelo desenvolvimento da dissertação por vezes fica velada a fim de estabelecer uma maior objetividade ao resultado da pesquisa. No entanto, o historiador sempre fala de um lugar social, e sua subjetividade, por mais diluída que esteja em seu trabalho, está incorporada na sua escrita. Dessa forma, a pesquisa será realizada em primeira pessoa, pois entendo que como apresento as minhas memórias e como irei analisar as memórias de minha avó e também de familiares, a impessoalidade proposta pelo uso da terceira pessoa do plural não caberia dentro do trabalho, pois geraria em mim e para o leitor uma sensação de estranheza por se tratar de pessoas tão próximas do meu convívio familiar.

Além disso, dentro deste estudo, acho necessário abordar sobre meu lugar de fala<sup>1</sup> nesta dissertação, eu sou uma mulher preta, nascida na cidade de São João del-Rei<sup>2</sup> (MG), pertencço a uma família de classe média baixa, sou a segunda filha de um casal que educou cinco filhos. O meu ingresso na universidade pública ocorreu somente seis anos após a conclusão do ensino

<sup>1</sup> Para a filósofa Djamila Ribeiro (2017, p. 69-71), o conceito lugar de fala é entendido como um lugar vinculado à localização social que é constituída por pontos de vista que são compartilhados e atravessados pelas dimensões raciais, de gênero, de classe, de sexualidade entre outras, que contribuem para a constituição dos grupos, fazendo com que o entrecruzamento das condições sociais não estabeleça uma única narrativa universal. Ver em: RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte. Letramento: Justificando, 2017. Disponível em: <[https://elaseistem.files.wordpress.com/2020/07/djamila-ribeiro\\_o-que-c3a9-lugar-de-fala-4.pdf](https://elaseistem.files.wordpress.com/2020/07/djamila-ribeiro_o-que-c3a9-lugar-de-fala-4.pdf)>. Acesso em: 17 out. 2021.

<sup>2</sup> Ver em: Prefeitura Municipal de São João del-Rei (MG). Disponível em: <<https://www.saojoaodelrei.mg.gov.br/>>. Acesso em 8 out. 2021.

médio, na Escola Estadual Dr. Garcia de Lima<sup>3</sup>. Ingressei no curso de graduação em História por meio das ações afirmativas<sup>4</sup> destinadas a pessoas negras, e assim como muitas pessoas da minha condição social, sou a primeira da família a entrar na universidade pública e a primeira a ingressar em um curso de pós-graduação. Minha passagem dentro desse espaço acadêmico é marcada pela identificação de ser um lugar predominantemente branco, tanto entre os professores como entre os universitários. Estar na universidade me fez sentir muitas vezes ser silenciada, não pertencente e não merecedora de ocupar este lugar. Contudo, foi dentro desse ambiente que também tive a oportunidade de compreender questões relacionadas com a negritude, racismo e feminismo negro, a partir do meu ingresso como bolsista do Programa de Extensão Memorial Clara Nunes<sup>5</sup>, por meio de disciplinas optativas oferecidas na grade curricular do curso de História, dos artigos relacionados à temática raciais e religiosas, pelas conversas com amigas(os) e colegas negros que apresentam uma trajetória parecida com a minha, pelo processo de transição capilar<sup>6</sup>, e também ao meu ingresso ao Grupo de Trabalho Emancipações e Pós-abolição durante a pós-graduação. Essas experiências contribuíram, principalmente, para os processos de construção de si e o reconhecimento de me identificar como uma pessoa negra. Desse modo, minha escrita em primeira pessoa vai ao encontro com o posicionamento da historiadora Giovana Xavier:

O fato de um grupo de mulheres negras ocuparem o espaço acadêmico com o propósito de construírem sentidos de intelectualidade ligados às histórias suas e das antepassadas é de alta relevância para disputar narrativas e produzir novas perguntas e respostas sobre quem somos, nossos projetos e histórias. Nesse sentido, o investimento na construção de práticas educativas que tratam escrita e oralidade em perspectiva horizontal, assim como a priorização da leitura de autoras negras, a valorização da escrita de estudantes e da reconstituição de seus trajetos familiares representam formas de produção de conhecimento autônomo, com grande potencial de impacto nas nossas comunidades de origem (XAVIER, 2021, p. 4).

<sup>3</sup> Escola Estadual Dr. Garcia de Lima. Ver em: <[https://www.mg.gov.br/instituicao\\_unidade/escola-estadual-doutor-garcia-de-lima](https://www.mg.gov.br/instituicao_unidade/escola-estadual-doutor-garcia-de-lima)> Acesso em: 19 out. 2021.

<sup>4</sup> As ações afirmativas são políticas públicas que visam corrigir as desigualdades raciais, socioeconômicas, e com pessoas com deficiência, seu objetivo é promover o acesso das minorias à educação pública, garantindo que as Universidades e Institutos Federais reservem 50% das vagas às pessoas que estudaram todo o ensino médio em escolas públicas. Nessa porcentagem as vagas são destinadas às pessoas de baixa-renda, pessoas que se autodeclararam pretos, pardos, indígenas e por pessoas com deficiência. Ver em: IFSULDEMINAS. **O que é ação afirmativa?** Disponível em: <<https://portal.ifsuldeminas.edu.br/index.php/o-que-e-acao-afirmativa>>. Acesso em: 20 out. 2021.

<sup>5</sup> O Programa de Extensão Memorial Clara Nunes tem como proposta completar o levantamento do acervo de seu estado de conservação, realizar a higienização dos documentos/objetos e do seu acondicionamento apropriado, contribuindo para preservação e conservação do acervo da cantora Clara Nunes (1942-1983), em Caetanópolis-MG. O programa visa garantir a manutenção desse espaço cultural, viabilizando, dessa forma, sua utilização para pesquisas acadêmicas, artísticas e pedagógicas, as produções de suas exposições e visitas públicas. Ver em: UFSJ/ PROEX. **Memorial Clara Nunes**. Disponível em: <[https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/extensao/MEMORIAL%20CLARA%20NUNES\(1\).pdf](https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/extensao/MEMORIAL%20CLARA%20NUNES(1).pdf)> Acesso em: 19 out. 2021.

<sup>6</sup> Transição capilar é um processo em que se interrompe definitivamente os tratamentos químicos realizados nos cabelos como alisamentos e relaxamentos, para que o cabelo cresça e assume o seu formato natural.

A produção dessas narrativas baseadas a partir de um lugar social faz com que “o discurso das/os intelectuais negras/os surge, então, frequentemente como um discurso lírico e teórico que transgride a linguagem do academicismo clássico” (KILOMBA, 2017, p. 59).

Compreendo que minha dissertação rompe com algumas normas estabelecidas pela academia, por apresentar uma aproximação e afeto com os sujeitos pesquisados, mas esse trabalho não deixa de cumprir as aplicações críticas apresentadas em uma narrativa acadêmica de qualidade. Eu me direciono ao pensamento de Grada Kilomba quando a autora diz que: “minha posição como intelectual não é a de um sujeito distante olhando para os seus objetos pesquisados, mas sim de uma subjetividade consciente” (KILOMBA, 2017, p. 83).

Giovana Xavier também nos mostra que a partir das subjetividades, a importância de intelectuais negros de alcançarem “novos pontos de vista para escrita das nossas histórias” (XAVIER, 2021, p. 7). Dessa forma, meu ato de escrever a História está marcado por dois lugares, o de historiadora e o de neta de benzedeira. Esses dois lugares sociais convergem a fim de construir um sentido para as lacunas do passado e compreensão para o universo das práticas de benzedura.

Quebranto, cobreiro, aguamento, ventre-virado são males vinculados à ação de cura de benzedoiras e benzedores. Suas orações carregam um universo simbólico de práticas curativas que fazem parte das crenças que penetram no imaginário coletivo. O presente trabalho é um estudo de caso realizado na cidade de São João del-Rei. A investigação aborda sobre o processo de formação das identidades de benzedoiras e benzedores. O estudo propõe a se inserir no debate sobre o conhecimento da prática dos benzedores e de suas práticas de cura, entendidas como populares. Procuo, dessa forma, compreender as religiosidades que envolvem a benzedura, identificar o perfil dos benzedores, suas principais técnicas curativas, sua forma de inserção neste universo. Entender a compreensão de doenças que está implicada na prática de benzedura dos benzedores, compreender as influências que permeiam seu ofício, o modo como se dá a relação dos benzedores com seu público, e a perspectiva futura sobre a prática de benzedura. Portanto, a partir da análise desse estudo de caso se busca ampliar a compreensão da prática da benzedura e de seus agentes na cidade e região.

A transmissão oral é uma das formas que os benzedores adquirem o conhecimento para aprender a benzer. Os benzedores acreditam que para exercer esse ofício de fé e cura é preciso ter o dom e/ou a fé necessária para realizar a prática. Eles se especializam nas práticas aprendidas de seus “instrutores” e as ressignificam a partir de sua vivência religiosa.

A transmissão do conhecimento é realizada, principalmente, por membros da família ou pessoas do seu círculo de convivência garantindo, dessa forma, uma herança espiritual.

Os benzedores acreditam que a transmissão do seu conhecimento sobre a benzedura é carregada por uma grande responsabilidade, eles apresentam uma dificuldade em encontrar alguém para garantir seu legado, pois acreditam que as pessoas não possuem e/ou não compartilham da fé necessária para sustentar a prática de benzedura. A dificuldade em encontrar novos guardiões dessa memória e conhecimento geraria uma descontinuidade na transmissão da prática de cura e na formação de novos benzedores. Muitos acreditam que essa dificuldade poderia gerar o fim dessa prática.

Os questionamentos e/ou afirmações recorrentes que sempre vêm à tona quando abordo a minha pesquisa para o público geral são que: “As benzedoras, os benzedores estão sumindo”. “Isso está acabando”, “Não se vê mais”. Isso me fez questionar sobre a forma como esse saber e como esses agentes de cura estão inseridos no tempo presente. O imaginário coletivo pode atribuir a imagem desses personagens e/ou desse saber a algo vinculado ao mundo rural, ao passado, a algo que está à beira da extinção. Contudo, a prática da benzedura se faz presente na vida dessas benzedoras e benzedores e na vida de pessoas que acreditam no poder de suas rezas. Levantamos a hipótese que mesmo com os impasses para a transmissão desse conhecimento, a prática da benzedura alcança pessoas dispostas a se dedicarem a esse ofício de fé e cura, tendo na família, o suporte para a continuidade dessa tradição.

O recorte espacial da pesquisa se delimita na cidade de São João del-Rei, localizada a 190 Km de distância da capital Belo Horizonte, é uma cidade tricentenária do interior de Minas Gerais, marcada pela forte tradição católica, evidenciada por suas igrejas barrocas, pelo toque dos sinos, procissões e, principalmente, por sua Semana Santa que é conhecida pelo turismo religioso por preservar “formas peculiares de ritualização no decurso da Quaresma e nas celebrações do Tríduo Pascal” (FRANCO, 2013, p. 414). A importância dessas práticas contribui para que a cidade carregue uma memória religiosa entre os moradores e turistas. No entanto, “quem faz conta dos locais de oração apenas pelo número das torres de igrejas, descobre a sua minoria absoluta. Por todos os cantos da cidade, da periferia [...], dos bairros rurais, sítios e estradas, há templos, centros, salões, capelas e sinais de culto dos vários grupos de fé” (BRANDÃO, 1986, p. 34)

A religião católica de acordo com o último censo de 2010<sup>7</sup>, se apresenta de forma majoritária em São João del-Rei<sup>8</sup>, sendo seguidas pela religião evangélica e espírita, respectivamente. Contudo, em relação as religiões da Umbanda e do Candomblé, por exemplo, vale ressaltar que a autoidentificação religiosa pode sofrer alterações por receio de discriminação ou pelo fato do indivíduo transitar por outros ambientes religiosos, mas se identificar como católico ou espírita. Isso faz com que a análise referente às religiões afro-brasileiras se demonstre de maneira superficial nos dados pesquisados, fazendo com que apareça de forma subestimada nos censos oficiais do Brasil (REZENDE, 2017, p. 28). A não autoidentificação às religiões afro-brasileiras pode estar relacionada com a intolerância religiosa que esses grupos sofrem. De acordo com Sidnei Barreto Nogueira (2020, p. 42), os adeptos das religiões de origem africana, para não serem alvos de perseguições e discriminações, optam por não revelar seu vínculo religioso, em razão da marginalização, racismo e estigmatização que esses grupos enfrentam.

A esfera religiosa são-joanense não se configura somente pelo viés do catolicismo institucionalizado. As manifestações religiosas se expressam através de grupos de congada, folias de reis, de cultos evangélicos, nos terreiros de umbanda e candomblé, encontrados, principalmente, nos bairros periféricos. A cidade marcada por tradições e manifestações religiosas diversas nos fornece um substrato para se pensar como as práticas de benzedura se configuram em São João del-Rei.

Trabalhos recentes sobre a memória dos terreiros de umbanda e candomblé, como os do historiador Rafael Teodoro Teixeira<sup>9</sup> (2018; 2020), nos mostram outros lugares sagrados que não constam na história oficial da cidade são-joanense. Teixeira (2020) faz um levantamento de treze terreiros distribuídos pelos bairros Tijuco, Senhor dos Montes, Matosinhos, Alto das

<sup>7</sup> De acordo com o IBGE, os dados do último censo realizado em 2010, a população da cidade de São João del-Rei corresponde a 84.469 habitantes. Destes, cerca de 72.048 pessoas se declaram católicas, 7.271 entrevistados se declaram como evangélicos, e 1.580 pessoas se identificam como espíritas (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010). Ver em: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico: Minas Gerais – São João del-Rei 2010**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-joao-del-rei/panorama>>. Acesso em 19 out. 2021

<sup>8</sup> De acordo com o site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística a população estimada para São João del-Rei corresponde a 90.897 habitantes para o ano de 2021. Ver em: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico: Minas Gerais – São João del-Rei 2010**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-joao-del-rei/panorama>>. Acesso em: 19 out. 2021.

<sup>9</sup> Cf. TEIXEIRA, R.T. **Memórias da Tenda Espírita Pai Joaquim de Angola em São João del-Rei - MG**. Disponível em: <[https://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1524860495\\_ARQUIVO\\_PAJJOAQUIMDEANGOLARafaelTeodoro.pdf](https://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1524860495_ARQUIVO_PAJJOAQUIMDEANGOLARafaelTeodoro.pdf)>. Acesso em: 05 out. 2020.

Cf. TEIXEIRA, R.T. *A voz dos atabaques na cidade onde os sinos falam: trajetória de vida de mães e pais de santo em São João del-Rei. (MG) [dissertação]*. São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei; 2020. Disponível em: <<https://ufsj.edu.br/porta2-repositorio/File/pghis/DissertacaoRafaelTeodoro.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2020.

Mercês e Colônia. Ao caminhar pelas ruas da cidade, Teixeira traça a trajetória de mães e pais de santos, que buscam demarcar por meio dos seus terreiros, no toque dos atabaques a presença e a identidade das religiões afro-brasileiras na cidade mineira.

As análises de outras memórias são-joanenses também são abordadas nas pesquisas dos historiadores Samuel Pereira Avelar Júnior, Simone de Assis, Sílvia Maria Jardim Brügger e Cássia Rita Louro Palha (2018), a partir da elaboração do documentário “(En)cantos do Congado”<sup>10</sup>. Eles apresentam uma narrativa fílmica das memórias do cativo e da liberdade através dos cantos entoados nas festas de Congado pelos membros dos vários ternos de congado em São João del-Rei e das cidades vizinhas. As pesquisas dos historiadores também se desenrolam para a construção da memória dos grupos de congada por meio da sua relação com a ancestralidade negra, com a religiosidade e sua ocupação na cidade.

O documentário produzido por mim, “Reza Antiga, Cura Certa”, homônimo a esta dissertação foi realizado como atividade das disciplinas realizadas conjuntamente História e Documentário e Cultura Negra e Escravidão, ministrada pelas professoras doutoras Cássia Palha e Sílvia Brügger, respectivamente, do curso de História da UFSJ, no primeiro semestre de 2016. O desenvolvimento do projeto foi retomado em 2018, em parceria com o Laboratório de Imagem e Som - LIS/UFSJ<sup>11</sup>, na mesma disciplina de História e Documentário. O documentário<sup>12</sup> foi realizado em São João del Rei e tem como proposta apresentar o universo religioso de quatro benzedores, a partir de suas vivências por meio do acesso e contato de suas memórias. A narrativa fílmica busca compreender as relações existentes entre os benzedores com a comunidade, suas percepções acerca da medicina institucionalizada, a sua visão de como a Igreja católica interpreta suas práticas de benzedura e suas relações com outros agentes religiosos das demais religiões. A partir do documentário, dou prosseguimento na pesquisa sobre o universo da benzedura no mestrado tendo como fio condutor as memórias de minha avó Ana e de outros benzedores.

### **Metodologia adaptada**

Através de entrevistas alicerçadas na metodologia da História Oral, investigo as histórias e memórias de vida de benzedores. A história oral contribui para a realização de

---

<sup>10</sup> Documentário “(En) Cantos do Congado”. Argumento e direção de: Cássia Palha, Sílvia Brügger, Samuel Avelar Jr. e Simone de Assis. Produção: Laboratório de Imagem e Som (LIS UFSJ), Memória Comunidade de Sentidos (PROCAD) e Programa de Pós-Graduação em História UFSJ (PGHIS). São João del-Rei, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bWxDYMJQ9-o>>. Acesso em: 05 nov. 2020.

<sup>11</sup> Laboratório de Imagem e Som - LIS/UFSJ. Ver em: <<https://ufsj.edu.br/lisufsj/>>. Acesso em: 29 nov. 2020.

<sup>12</sup> Laboratório de Imagem e Som - LIS/UFSJ. Ver em: **Produções Audiovisuais**. Disponível em: <[https://ufsj.edu.br/lisufsj/producoes\\_audiovisuais.php](https://ufsj.edu.br/lisufsj/producoes_audiovisuais.php)>. Acesso em: 17 out. 2021.



entrevistas com pessoas que atuaram, testemunharam ou estão envolvidas com acontecimentos, circunstâncias, perspectivas de mundo. De acordo com o historiador José Carlos Sebe Bom Meihy (1996) a história oral “é sempre uma *história do tempo presente* e também conhecida por *história viva*” (MEIHY, 1996, p. 13 grifos do autor).

Meihy prossegue:

Como pressuposto, a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é razão de ser da história oral. Nesta medida, a história oral não só oferece uma mudança para o conceito de história, mas, mais do que isto, garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a sequência histórica e a sentirem parte do contexto em que vivem (MEIHY, 1996, p. 10).

Ao trabalharmos com essa metodologia, compreendemos que “a entrevista de história oral permite também recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares etc.” (ALBERTI, 2004, p. 22).

O tipo de entrevista a ser realizada baseia-se na entrevista de história de vida, sendo que apesar da prática da benzedura corresponder a um aspecto da vida do benzedor, a benzedura é considerada por eles um ofício de vida, dessa forma, é impossível desassociar essa prática da vida dos entrevistados. Desse modo, esse tipo de entrevista baseado na história de vida pressupõe a relação com o método biográfico: seja concentrando-se sobre um tema – no caso a prática da benzedura – seja debruçando-se sobre um indivíduo e os cortes temáticos efetuados em sua trajetória, a entrevista terá como eixo a biografia do entrevistado, sua vivência e sua experiência (ALBERTI, 2004, p. 38).

Michael Frisch (2016), a partir de seus estudos sobre a história oral e história pública<sup>13</sup> discute a importância de uma autoridade compartilhada entre historiador e entrevistado.

Segundo ele:

A autoridade compartilhada sugere que algo que é, que na natureza da história oral e da história pública nós não somos a única autoridade, os únicos intérpretes, os únicos

---

<sup>13</sup> História Pública visa a atuação de historiadores fora dos limites acadêmicos interagindo com públicos mais amplos e diversos, atuando, assim, em diferentes frentes como o ensino de história, o patrimônio material e imaterial, na curadoria de museus, em movimentos sociais, websites, projetos de extensão, etc. O historiador Bruno Leal Pastor Carvalho (2017), através do *site* Café História fundado por ele, entende “a História Pública como forma de engajar diferentes públicos não-especialistas com o conhecimento histórico, de forma crítica, participativa e emancipatória, utilizando para isso os mais diversos recursos tecnológicos e metodológicos”. A História Pública, desta forma, tem muitas moradas. E nisso, ao que me parece, os historiadores parecem concordar: entende-se, hoje, que ela pode (e deve) ser feita nas ruas, na mídia, nos museus, nas galerias, nos arquivos, nas escolas, nas bibliotecas e até mesmo no interior de organizações privadas.” Ver em: CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública: uma breve bibliografia comentada. (Bibliografia Comentada). In: **Café História – história feita com cliques**. [6 nov. 2017]. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/historia-publica-biblio/>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

autores-historiadores. Em vez disso, o processo de interpretação e de construção de significados é, por definição, compartilhado [...]. Somos convidados nem tanto para ‘compartilhar autoridade’, mas para respeitar e atender a esta qualidade intrínseca (FRISCH, 2016, p. 62).

O trabalho de história oral não é realizado por uma pessoa. O depoimento é uma construção feita por ambos e deve atender a todos os envolvidos nesse processo. De acordo com Alessandro Portelli, diferentemente de outros documentos históricos, as fontes orais são cocriadas pelo historiador através de uma troca dialógica (PORTELLI, 2016, p. 10).

As entrevistas realizadas costumam ser feitas presencialmente com o uso de gravador de áudio. Devido ao contexto da pandemia do Covid-19<sup>14</sup>, a metodologia teve que se adaptar para ser empregada nesta pesquisa. A pandemia<sup>15</sup> atingiu todas as estruturas sociais, econômicas, políticas e educacionais da sociedade. No Brasil, as medidas tomadas para conter a disseminação do vírus por parte dos estados brasileiros para evitar as aglomerações foram: a suspensão das aulas presenciais para crianças e adolescentes nas redes pública e particular; restrições às áreas e aos transportes públicos; fechamento de estabelecimentos que configuram como não essenciais, como repartições públicas, shoppings, teatros e cinemas; entre outras medidas<sup>16</sup>.

Em São João del-Rei, uma das medidas tomadas pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) foi a suspensão do período letivo<sup>17</sup> por tempo indeterminado visando evitar o contágio entre os alunos, professores, técnicos e colaboradores da instituição. Dessa forma, o processo de realização da minha pesquisa sofreu alterações também por causa da pandemia do coronavírus. O cronograma estabelecido no projeto de pesquisa foi interrompido devido ao vírus. Parte significativa do público-alvo da pesquisa é formada por pessoas idosas, mesmo com

---

<sup>14</sup> A COVID-19 é uma doença respiratória aguda causada pelo novo coronavírus humano (SARS-CoV-2), o qual foi detectado em Wuhan, na província de Hubei, na China, em dezembro de 2019. O novo coronavírus causa índices de mortalidade mais altos entre pessoas com idade igual ou superior a 60 anos e entre pessoas com doenças de base como doença cardiovascular, doença respiratória crônica, diabetes e câncer, mas também atinge jovens e adultos independentemente da idade e de quadros clínicos. As recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS) e da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) orientam para a adoção de medidas como o distanciamento social, higienização das mãos com sabão ou álcool em gel com frequência e deve ser realizada da forma correta e o uso de máscara em áreas públicas, por exemplo (OMS, 2020). Ver em: OPAS/OMS. **Orientação sobre o uso de máscaras no contexto da COVID-19. Orientação provisória.** [05/06/2020]. Disponível em: <[https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52254/OPASWBRACOV19-2020071\\_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52254/OPASWBRACOV19-2020071_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y)> Acesso em: 20 out. 2020

<sup>15</sup> OPAS/OMS. **OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia.** [11/03/2020]. Disponível em: <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812)> Acesso em: 20 out. 2020.

<sup>16</sup> Bom Dia Brasil. **Coronavírus: saiba as principais medidas adotadas pelos estados para conter a transmissão.** Globo Play. [23/03/2020]. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8422707/>> Acesso: 20 de out. 2020.

<sup>17</sup> UFSJ. **Suspensão de aulas presenciais na UFSJ.** [16/03/2020]. Disponível em: <[https://www.ufsj.edu.br/noticias\\_ler.php?codigo\\_noticia=7867](https://www.ufsj.edu.br/noticias_ler.php?codigo_noticia=7867)>. Acesso em: 15 out. 2020.

a aprovação do Comitê de Ética para a realização das entrevistas, era prudente o isolamento social, sendo que essas pessoas fazem parte do grupo de risco, estando mais propensas ao contágio e a um possível agravamento no quadro clínico devido a existência de doenças crônicas como hipertensão ou diabetes<sup>18</sup>, por exemplo. O cenário era incerto, devido ao medo de se contaminar e transmitir a doença para os entrevistados. Dessa forma, foi necessário esperar para buscar alternativas para a realização do trabalho de pesquisa que não colocasse a saúde em risco tanto dos entrevistados como a minha.

As alternativas encontradas para a realização do trabalho metodológico para as entrevistas presenciais foram a aquisição de equipamentos de proteção como máscaras descartáveis, álcool líquido e em gel, protetor facial para que os entrevistados utilizassem se quisessem. Mesmo quando o entrevistado optasse por não utilizar máscara ou outro equipamento, eu permanecia com a máscara para proteção de ambos. Além disso, o dia e o horário das entrevistas eram marcados de acordo com a disponibilidade dos entrevistados, e para deixá-los mais confortáveis as entrevistas eram realizadas em suas casas, por ser um ambiente reconhecido por eles.

Na imagem abaixo estão o gravador de áudio OLYMPUS DIGITAL VOICE RECORDER DS-30, com o qual foram realizadas as entrevistas presenciais, ao lado de equipamentos de proteção para evitar o contágio do coronavírus. As imagens apresentadas durante o curso da dissertação serão retratadas com a finalidade de ilustrar, auxiliar e complementar a análise abordada no texto.

---

18 BARIFOUSE, Rafael. **Coronavírus: como diabetes, hipertensão e outras doenças crônicas agravam quadro de covid-19.** São Paulo. [19/03/2020]. BBC News Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51968714>>. Acesso em: 27 out. 2020.

Figura 2: Gravador de áudio ao lado de equipamentos de proteção contra o Coronavírus.



Tayane Oliveira. São João del-Rei. Acervo pessoal, 28/07/2020.

Outra alternativa encontrada para a realização das entrevistas foi o uso das plataformas digitais que permitem a transmissão simultânea (*lives*)<sup>19</sup> para as redes sociais como *Facebook*, *YouTube*, *Instagram*, entre outras. Durante a pandemia, o isolamento social sucedeu em uma maior permanência das pessoas em suas casas, resultando na intensificação do uso dessas plataformas digitais e no consumo de *lives*<sup>20</sup>. Segundo Almeida e Alves:

Nesse contexto de consumo, as *lives* (vídeos ao-vivo produzidos por artistas, empresários, professores, pesquisadores e youtubers) se transformaram em verdadeiras vedetes da pandemia. Promovidas e disponibilizadas em diferentes plataformas, como o Instagram, o Facebook e o YouTube, as *lives* contemplam diferentes temáticas que vão desde a área de entretenimento e orientação para manter a saúde mental durante a pandemia, até formação profissional e acadêmica (ALMEIDA; ALVES, 2020, p. 153).

A *Internet* foi palco para discussão de diferentes áreas como da saúde, política, economia, cultura, entretenimento, e nas áreas educacionais e acadêmicas também acenderam

<sup>19</sup> REIS, Emanuel. **O que é uma live? Saiba tudo sobre as transmissões ao vivo na Internet.** Tech Tudo. [24/03/2020]. Disponível em: <<https://www.tech tudo.com.br/noticias/2020/03/o-que-e-uma-live-saiba-tudo-sobre-as-transmissoes-ao-vivo-na-internet.ghtml>> Acesso em: 27 out. 2020.

<sup>20</sup> ROCHA, Camilo. **Como as lives se tornaram centrais para os artistas da música.** Nexu Jornal. Coluna Expresso. [09/04/ 2020]. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/04/09/Como-as-lives-se-tornaram-centrais-para-os-artistas-da-m%C3%BAsica>>. Acesso em: 27 out. 2020.

os debates, principalmente na luta antirracista<sup>21</sup>. Todas essas questões foram abordadas por meio dessas ferramentas digitais, as plataformas que se destacam nesse cenário são *Instagram*, *Facebook*, *Zoom*, *Stream Yard*, *YouTube*, entre outras.

A partir do uso maciço dessas plataformas foi possível analisar qual ferramenta digital seria mais adequada para realização das entrevistas. A plataforma escolhida foi o *Stream Yard*<sup>22</sup>, que permite a transmissão em grupos privados no *Facebook*. Através desta plataforma foram realizadas 6 entrevistas.

Na pandemia, esse recurso foi de extrema importância, pois evitava o contato entre as pessoas, principalmente, as de terceira idade, que compõem o principal grupo de risco da COVID-19 e principal público da pesquisa apresentada.

Meihy nos diz que:

É importante valorizar a relação que se estabelece entre história oral e os aparelhos tecnológicos dispostos ao consumo. O uso da mediação eletrônica, por meio dos vários aparelhos postos no mercado, faz com que quem trabalha com história oral se insira no espaço vivencial de seu tempo, valendo-se também dos meios disponíveis para melhoria da condição intelectual (MEIHY, 1996, p. 13-14).

Na imagem abaixo (Figura 2), temos as entrevistadas Teresa Augusta dos Reis acompanhada por sua neta Soraia Geralda Santos. A partir da intermediação de Soraia, foi possível entrar em contato com dona Teresa, e posteriormente com sua filha, também benzedeira, dona Léa das Graças Silva. O contato com Soraia foi fundamental para a realização das entrevistas pois, tanto dona Teresa quanto dona Léa não estão familiarizadas com as tecnologias digitais. Além disso, devido ao afastamento social, não tinha como estar presente para tirar as fotos das entrevistadas, por isso, foi solicitado para Soraia, sob minha orientação, que tirasse fotos de D. Teresa e D. Léa, além dos espaços considerados por elas como sagrados, como altares com os santos de devoção, por exemplo.

Aconselha-se na metodologia de história oral não entrevistar mais de uma pessoa em uma mesma entrevista, para que uma narrativa não se sobressaia sobre a outra, ou que o entrevistado não se sinta intimidado com a presença de seu(a) companheiro(a) (ALBERTI, 2004, p. 110). Contudo, em alguns casos, a participação de terceiros pode ser benéfica para o desenvolvimento da entrevista. O entrevistado fica mais à vontade com a presença de uma

<sup>21</sup> KARINY, Ismia. **Vidas Negras Importam: movimento norte-americano traz luz à desigualdade racial no Brasil.** *O Povo online*. [03/06/2020] Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/mundo/2020/06/03/vidas-negras-importam--movimento-norte-americano-traz-luz-a-desigualdade-racial-no-brasil.htm>>. Acesso em: 27 out. 2020.

<sup>22</sup> Ver em: FALA GEEK. **Como funciona o Stream Yard? Saiba tudo sobre a plataforma para fazer lives.** Tecnologia | Fala Geek, 2020. Disponível em: <<https://falageek.com.br/tecnologia-como-funciona-o-streamyard-saiba-tudo-sobre-plataforma-para-fazer-lives/>>. Acesso em: 16 out. 2020.

pessoa do convívio familiar, e no caso das transmissões pelas plataformas digitais, a interação entre entrevistado e entrevistador discorre melhor, por não ter que lidar com os aparelhos eletrônicos e tecnológicos que não estão acostumados a manejar.

Figura 3: Primeira entrevista realizada através da plataforma *Stream Yard*. Screenshot da entrevista online com Dona Teresa Augusta dos Reis e Soraia Geralda Santos.



Foto: Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. São João del-Rei, 29/08/2020.

Todavia, a realização de entrevistas de história oral à distância não é totalmente aceita por parte do corpo acadêmico. Uma das razões seria a não-presença física dos dois agentes na construção das narrativas. Mesmo com o recurso visual, se perderia parte da performance do entrevistado, suas reações, gestos, suspiros, pausas e silêncios.

Ricardo Santhiago e Valéria Barbosa de Magalhães (2020, p. 2) entendem que a eclosão da pandemia da COVID-19 acelerou as discussões sobre a revisão das entrevistas *online* no meio acadêmico.

Para Leland McCleary (2011, p. 96), a implementação de novas tecnologias abre o campo para história oral, pois amplia as possibilidades para gerar novos documentos a partir da experiência de vida de pessoas que não compõem a malha documental produzida pelos mecanismos canônicos institucionalizados. O autor ainda discute sobre a tensão que o espaço acadêmico encontra-se entre o avanço do conhecimento e da preservação do mesmo, adquirindo um aspecto progressista e conservador simultaneamente (2011, p. 95): “Aqui, o olhar para trás

é tão importante quanto olhar para frente. O novo emerge a partir do velho, e o velho é revisto a partir do novo” (McCLEARY, 2011, p. 95).

Santhiago e Magalhães (2020) compreendem que as novas tecnologias não devem ser ignoradas, principalmente quando consistem na única forma de viabilização da pesquisa. O uso das plataformas online deve ser entendido como uma ferramenta que aproxima o entrevistador e o entrevistado (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2020, p. 11). Seu uso é necessário e frutífero desde que se discuta metodologicamente as condições de sua produção e os impactos no resultado final do relato (2020, p. 15).

Leland McCleary complementa:

A transformação possibilitada pelos avanços tecnológicos não é substitutiva, é aditiva. As possibilidades de uso do vídeo e da internet para veicular histórias de vida não inviabilizam as transcrições e versões escritas publicadas em papel: complementam-nas (McCLEARY, 2011, p. 120).

A pandemia do COVID-19 representa um marco na história da humanidade, sendo capaz de provocar mudanças nas estruturas da sociedade mundial. Seu efeito nos obrigou a pensar em novas formas de cuidado, repensar as relações de trabalho, pensar em alternativas para situações que permaneciam invariáveis. Nesse sentido, rever os meios pelos quais a metodologia da história oral é empregada possibilita que novos olhares sejam lançados na relação entre entrevistador e entrevistado.

As entrevistas aconteceram entre os anos de 2020 e 2021, com exceção das entrevistas realizadas com a minha avó Ana <sup>23</sup>. As sugestões de possíveis pessoas para participar da pesquisa transcorreram de formas diversificadas. As recomendações aconteciam por meio de indicações nas redes sociais; durante uma negociação bancária; através de um curso sobre benzimentos; por meio de um encontro de benzedoiras; através de mães que levam seus filhos para serem benzidos; e até mesmo durante as entrevistas de história oral, os benzedores indicavam outros benzedores conhecidos. Depois de um contato inicial a entrevista era agendada, ou ela acontecia mesmo após o primeiro contato com o(a) entrevistado(a). Quando essa situação se desenrolava, havia uma preparação prévia da pesquisadora, o gravador de áudio, o roteiro de perguntas, caderno de campo e o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)<sup>24</sup> estavam sempre presentes durante o trabalho de campo. Percorrer a cidade, conhecer outras histórias escondidas entre as esquinas, vivenciar encontros e desencontros, reencontrar

---

<sup>23</sup> As entrevistas com Ana de Jesus Rodrigues aconteceram nos anos de 2015 e 2016.

<sup>24</sup> O termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) é um documento no qual se explicita a natureza da pesquisa, e resguarda os direitos do participante. Ver em: <<https://www.ufmg.br/bioetica/coep/tale/>> Acesso em: 28 out. 2020.

lembranças e memórias fazem parte da pesquisa em História Oral. São esses aspectos que contribuem para acentuar a característica mais relevante dessa metodologia, possibilitar que outras narrativas não evocadas pela historiografia tenham espaço para além dos muros da academia.

As entrevistas foram realizadas em São João del-Rei, MG (presencial e virtualmente); Santa Cruz de Minas<sup>25</sup>, MG (presencialmente); e Barbacena<sup>26</sup>, MG (virtualmente). O recorte espacial da pesquisa se limita à cidade de São João del-Rei, contudo, a entrevista realizada com um entrevistado em Santa Cruz de Minas e com uma entrevistada em Barbacena são com pessoas que trabalham e atuam em São João del-Rei. Dessa forma, foram realizadas 18 entrevistas, das quais 17 pessoas foram entrevistadas, sendo que 6 foram à distância pela plataforma digital, e 11 foram realizadas presencialmente.

A composição das fontes orais utilizadas na pesquisa é constituída pelas narrativas de benzedoras, benzedores, consulentes e de pessoas que estão envolvidas com o universo da benzedura. Os 17 entrevistados foram divididos em 4 grupos. O primeiro grupo é formado por benzedores mais velhos que exercem e/ou exerceram a prática da benzedura por longo tempo. Esse grupo é composto por seis pessoas residentes em São João del-Rei, das quais eu traço e analiso seu perfil no primeiro capítulo. São eles: minha avó Ana; D. Teresa; D. Léa; seu Gelson; D. Maria Helena e seu Gilmar. Realizei duas entrevistas com a minha avó Ana. Mas ainda assim eu tive a necessidade de complementar alguns dados a respeito de sua vida, e deste modo, também entrevistei meu tio-avô Antão, e meus tios José Ciríaco e Geraldo Moacir.

O segundo grupo é representado por Angélica Matos e Stella Mirtes, as duas entrevistadas são consulentes de D. Maria Helena e D. Teresa, respectivamente. Além disso, as consulentes conviveram com familiares que também eram benzedores. Mas, apesar da crença na prática da benzedura e do contato com esse universo, as entrevistadas não manifestaram interesse em aprender esse ofício de família. O terceiro grupo é formado por três entrevistados que estão envolvidos com cursos de benzimentos e encontros de benzedores que aconteceram na região. São eles: Rafael Costa, Bruno Munhoz e Conceição Maria do Carmo de Souza Costa, conhecida como Tutuca.

O último grupo é composto por três entrevistados: Alessandro, Valéria e Soraia. Eles representam a geração que está dando continuidade ao ofício da benzedura de suas famílias.

---

<sup>25</sup>Ver em: Prefeitura Municipal de Santa Cruz de Minas. Disponível em: <<http://www.santacruzdeminas.mg.gov.br/pagina/3586/Hist%C3%B3ria>>. Acesso em: 08 nov. 2020.

<sup>26</sup>Ver em: INSTITUTO ESTRADA REAL - **Barbacena**. Disponível em: <<http://www.institutoestrada-real.com.br/cidades/barbacena/4>>. Acesso em: 08 nov. 2020.



Vale ressaltar que tanto Alessandro como Valéria já atuam como benzedores em São João del-Rei. Valéria começou a realizar os benzimentos recentemente, de forma *online* durante a pandemia. Soraia é neta de D. Teresa e está no processo de iniciação do ofício da benzedura. Alessandro, apesar de já atuar como médium e se identificar como benzedor em um centro de umbanda, decide participar de um curso de benzimento oferecido na cidade pelos terapeutas Rafael Costa e Bruno Munhoz. Denomino esse grupo como novos benzedores por incorporarem novos métodos de aprendizagem e de benzimentos diferentes do que seus familiares aprenderam. Dessa forma, eu não os listo no perfil dos benzedores apresentado no primeiro capítulo.

A realização das entrevistas com os participantes da pesquisa aciona memórias, vivências e experiências de vida dos benzedores. Desse modo, os fatos, as lembranças que remetem a sua prática de benzedura perpassam pela sua infância, juventude e/ou velhice. Suas memórias são sempre acionadas no presente. O recorte temporal da pesquisa não se enquadra de forma rígida, por se tratar de uma História do Tempo Presente. Segundo François Dosse, “a noção de história do tempo presente reside na espessura temporal do espaço de experiência e no presente do passado incorporado” (DOSSE, 2012, p. 6). Essa distância temporal até então considerada uma desvantagem se transforma e expande em sucessivas camadas de sentido (DOSSE, 2012, p. 11-12). Portanto, a História do Tempo Presente e a História Oral se destacam pela importância de construir fontes históricas através da transmissão de depoimentos de testemunhas vivas.

### **Estrutura narrativa**

Para o desenvolvimento da pesquisa, o trabalho se orientará pela retomada de conceitos e noções sobre memória e identidade analisados por Jöel Candau (2005; 2012); carisma proposto por Max Weber (1999; 2000); dádiva/dom apresentada por Marcel Mauss (2003); representação; prática e apropriação expostos por Roger Chartier (1990; 1991), e as categorias espaço de experiência e horizonte de expectativa empregadas pelo historiador Reinhart Koselleck (2007); e o conceito de modernidade religiosa estabelecido por Danièle Hervieu-Léger (2015).

O conceito de *memória* é essencial para os trabalhos desenvolvidos através da metodologia da História Oral. A construção da memória se manifesta na relação do presente com o passado. Ao lidar com memórias individuais, constituímos um terreno rico para trabalhar a subjetividade, as vivências e emoções desses personagens. Os conceitos de memória e

identidade são discutidos pelo antropólogo Jöel Candau, a partir da compreensão da relação indissociável (2012, p. 19). De acordo com o antropólogo:

A memória ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa (CANDAU, 2012, p. 16).

A partir dessa relação indissociável, podemos analisar como a memória atua no processo de formação da identidade individual e coletiva dos benzedores. Candau classifica as diferentes manifestações da memória individual em três níveis: a protomemória, memória e metamemória. A primeira, também denominada memória de baixo nível, estaria relacionada aos hábitos. A protomemória estaria tão incorporada que esta memória seria imperceptível, se manifestando sem a tomada de consciência, através de práticas e códigos implícitos, sendo manifestada através do corpo, dos gestos, da linguagem (CANDAU, 2012, p. 22-23). A protomemória também é denominada memória procedural e é transmitida socialmente por meio de repetições, práticas e costumes.

A memória ou a memória de alto nível, está relacionada com a memória propriamente dita, no qual as recordações, as lembranças involuntárias, saberes, crenças, experiências e sentimentos vivenciados no passado são evocados no presente.

A metamemória seria a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, está associada às formas de vinculação do indivíduo a seu passado. Desse modo, sendo uma memória reivindicada, a metamemória torna-se “uma dimensão essencial da construção da identidade individual ou coletiva” (CANDAU, 2005, p. 100).

O antropólogo ainda classifica o conceito de memória em memória forte e memória fraca, no qual sua diferença está ligada à delimitação dos marcos temporais, que permanecem sólidos a partir de memórias organizadas, fortes, que organizam e reforçam a crença de uma origem de um grupo. Quanto mais diluído e esparso forem os marcos temporais, mais a memória de um grupo se mantém fragilizada, refletindo, dessa forma, na identidade do grupo (CANDAU, 2012, p. 77). Nesse sentido, a partir dos conceitos apresentados por Candau, podemos compreender a relação que se faz entre a memória e identidade entre os benzedores.

Por conseguinte, o conceito de carisma proposto por Max Weber (1864-1920) refere-se a uma qualidade pessoal em que se atribui a uma pessoa poderes, qualidades heroicas, sobrenaturais, sobre-humanas, ou a manifestação divina, em virtude de uma vocação, tarefa ou missão de vida. Apesar do autor apontar o carisma como um aspecto individual, a existência do mesmo é constituída a partir do reconhecimento mediante “provas”, do seu “dom” pelo seu

público, (WEBER, 2000). Dessa forma, a crença na legitimidade de seu “dom” irá caminhar junto ao reconhecimento de seus seguidores, de sua comunidade. A partir desse conceito, podemos compreender a relação estabelecida entre os benzedores e seus consulentes.

Também apoiamos no conceito de dádiva/dom proposto por Marcel (2003) para compreender o sistema de trocas da vida social, que se baseia nas relações que envolvam a doação, o recebimento e a retribuição. A partir desse conceito podemos entender a dinâmica estabelecida entre Deus, os benzedores e os consulentes.

A figura dos benzedores está vinculada ao imaginário popular, suas orações e rituais permeiam um universo representativo criado por diversas influências culturais. Apoiamos no conceito de *representação* proposto por Roger Chartier para entender o universo simbólico que envolve a prática de benzedura. O autor propõe que a representação pode ser compreendida a partir de dois pontos principais que se mostram contraditórios, seria pela *presença* de algo que está *ausente*, essa presença seria representada pela exibição de uma imagem ou objeto “capaz de repô-lo em memória e de “pintá-lo” tal como é” (CHARTIER, 1991, p. 184).

A imagem formada de um benzedor fomenta uma identidade que os representa diante de sua comunidade, através da *prática*, o benzedor representa uma figura intermediária que recebe o poder divino para aplicá-lo nas pessoas que o procuram a fim de se curar.

Apontamos também a noção de *apropriação*, no repertório de rezas dos benzedores são recorrentes as orações de quebranto, cobreiro, ventre-virado, entre outras, esse compartilhamento de orações é comum a esse grupo. A apropriação resulta na resignificação das práticas de benzedura, ou seja, os benzedores, mesmo com o repertório de orações semelhantes, abrangem novas leituras por meio de devoções particulares e religiosidades em sua prática de cura. Dessa forma, acreditamos que na prática da benzedura apresenta-se através da relação particular, da leitura que cada benzedor tem com o catolicismo ou com outras religiões e crenças.

A análise das entrevistas irá se ater também à perspectiva futura da prática de cura para esses benzedores. Para tanto, propomos uma discussão que envolva as categorias históricas de espaço de experiência e horizonte de expectativa, apresentadas pelo historiador Reinhart Koselleck (2007), a fim de compreender como os benzedores entendem a experiência da prática de benzedura ao longo do tempo. Para o historiador:

Todos os testemunhos atestam a maneira como a experiência do passado foi elaborada em uma situação concreta, assim como a maneira pela qual expectativas, esperanças e prognósticos foram trazidos à superfície da linguagem. De maneira geral, [...] investigar a forma pela qual, em um determinado tempo presente, a dimensão

temporal do passado entra em relação de reciprocidade com a dimensão temporal do futuro (KOSELLECK, 2007, p. 15).

De acordo com Koselleck, a categoria espaço de experiência está relacionada com a formação da experiência que elaboramos sobre o passado de forma racional ou inconsciente. E a categoria horizonte de expectativa relaciona-se com a perspectiva futura realizada no presente. (2007, p. 309-310). As duas categorias não são conceitos opostos, mas a tensão gerada entre elas indica “uma diferença temporal no hoje, na medida em que entrelaçam passado e futuro de maneira desigual” (KOSELLECK, 2007, p. 313-314). Dessa forma, quanto mais próximas as categorias estiverem, mais elas estarão embasadas na experiência do passado. E, quanto mais afastadas, elas se baseiam nas expectativas futuras. Assim, a perspectiva futura que os benzedores têm sobre o universo da benzedura irá se manifestar pela percepção de proximidade ou afastamento dessas duas categorias históricas.

A socióloga Danièle Hervieu-Léger (2015), a partir do conceito de modernidade religiosa, analisa como a crise da transmissão geracional atua na liberdade de escolha relacionada à religião. Com base nesse conceito, podemos compreender as dificuldades vinculadas à transmissão da prática da benzedura.

A estrutura narrativa será dividida em três capítulos que terão como eixo norteador as memórias relacionadas com as práticas de benzedura da minha avó Ana de Jesus Rodrigues. No primeiro capítulo, iremos abordar a inserção dos benzedores no universo das práticas de cura, buscando compreender como o ambiente familiar contribui para esse processo através da transmissão desse conhecimento e como essa tradição oral está relacionada com as memórias dos benzedores. Em seguida, traçaremos um breve perfil dos benzedores tendo como base as entrevistas de história de vida. A partir de seus depoimentos iremos relacionar, ou melhor, coser as conexões, semelhanças, correspondências e contrastes na trajetória de vida e no processo de aprendizagem dos entrevistados. Para a discussão do capítulo, apresentaremos as contribuições de Verena Alberti (2005); Walter Ong (1998); Myriam Lins de Barros (1989); Amadou Hampaté Bâ (2010); Paul Zumthor (1997; 2007), entre outros autores, para analisar como a tradição oral contribui para a permanência e continuidade da prática de cura.

O segundo capítulo será dedicado às narrativas dos próprios benzedores sobre sua experiência e à prática da benzedura. Busca-se analisar os processos de apropriação da prática da benzedura, as vivências religiosas que influenciam a prática de cura e sua relação com o sagrado. Ainda neste capítulo, iremos identificar as principais doenças e males que afligem os consulentes, buscamos compreender como as enfermidades vinculadas à prática da benzedura adquirem um sentido próprio que estabelece uma ligação entre o benzedor e seu público.

Empregamos na discussão desse capítulo os autores: Alberto Manuel Quintana (1999); Edmilson de Almeida Pereira e Núbia Pereira de Magalhães Gomes (2018); e Elda Rizzo de Oliveira (1983).

Por último, o terceiro capítulo dará seguimento às questões levantadas em relação à perspectiva futura da prática de cura para esses benzedores. Seguiremos discutindo sobre novas formas de transmissão e propagação dos benzimentos, abordando como esses outros formatos ressignificam a permanência dessa prática e evidenciam o resgate dos laços de afeto com algum familiar, bem como a reconexão com seu passado a partir da noção de amparo ancestral adotada por John Kotre (1997; 2013).

Assim, o presente estudo visa fornecer um panorama sobre a prática da benzedura em São João del-Rei-MG, permitindo que se conheça mais sobre a história desses personagens, dos seus ofícios e de seus benzimentos.

## CAPÍTULO I

### 1. Memórias, tradições e trajetórias: a transmissão oral da prática da benzedura no ambiente familiar

#### 1.1. A oralidade como guia que atravessa as gerações

(Ana): Papai benzia, mamãe benzia e minha avó também benzia.

(Tayane): Então, a sua avó ensinou pra sua mãe?

(Ana): Hein?

(Tayane): A sua avó passou pra sua mãe?

(Ana): É todos esses que passou pra mim, foi ensinado pra mim<sup>27</sup>. E *comodou* com eles, e *prende* com eles e ensinou<sup>28</sup>.

Em uma tradição cuja origem se perde no tempo, a benzedura se mantém em uma trilha que ecoa através das gerações. A tradição oral das práticas de cura tem como base difusora a rede familiar, a partir dela os conhecimentos são transmitidos de forma direta ou indiretamente para a geração seguinte. De acordo com a historiadora Myriam Lins de Barros:

A transmissão de bens simbólicos às gerações seguintes situa a família como o lugar dessa passagem, fazendo de cada descendente, o alvo e ao mesmo tempo o veículo da preservação dos valores familiares. Em torno dessa ideia de transmissão de valores está presente a noção de um tempo que se repete, de um tempo cíclico. Para essas pessoas, preocupadas em marcar seu lugar social e sua identidade pela inserção na grande família, o tempo do ciclo dessa grande família é a referência temporal (BARROS, 1989, p. 36).

Sendo a família o lugar em que os processos cíclicos identitários são elaborados, a oralidade tem um papel essencial na transmissão desses valores e conhecimentos, pois corresponde ao caminho pelo qual os benzedores ingressam por esse ofício de fé. Os benzimentos são enunciados, a voz se torna um instrumento de ação quando seu intuito é a promoção e estabelecimento da cura. A transmissão desse conhecimento é a chave que perpetua memórias, saberes e identidades. A base familiar reforça um sentimento de pertencimento àquele grupo.

Verena Alberti (2005, p. 24-25) afirma que, de acordo com a definição da Enciclopédia Britânica, a tradição oral está relacionada com práticas que “contribuem para a continuidade de um grupo social e ajudam a formar sua visão de mundo. Ou seja, trata-se de um patrimônio que o grupo detém e que é uma parte importante de sua identidade” (ALBERTI, 2005, p. 24).

<sup>27</sup> Minha avó Ana aponta para si mesma.

<sup>28</sup> Minha avó Ana aponta para si mesma. Entrevista concedida por Ana de Jesus Rodrigues a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira em 15/11/2015. Os trechos das transcrições serão apresentados conforme a fala dos entrevistados.

No entanto, vale ressaltar que essa identidade está em constante processo de negociação entre os membros do grupo (ALBERTI, 2005, p. 25). A tradição oral na prática de benzedura se realiza pelas orações que são constantemente repetidas, mas que estão fortemente carregadas de sentido e de uma fé herdeira de devoções passadas que curam e protegem dos males, das invejas e das dificuldades diárias.

De acordo com Verena Alberti (2005, p. 17-18), a tradição oral apresenta duas premissas:

1. Os objetos (canções, ditos populares, rezas, mitos, etc.) transmitidos pela tradição oral não são imutáveis.
2. A tradição oral, como as tradições de modo geral, está calcada na repetição.

Em princípio, ambas as premissas são contraditórias, pois se a repetição é fundamental para fixar uma prática, mas como fazê-la se está sempre sendo reinventada? “O fato de se tratar de um patrimônio coletivo comum, que, no entanto, não existe sem a ação permanente daqueles que o repetem e, portanto, o transformam” (ALBERTI, 2005, p. 17-18).

Walter Ong (1998) vincula a noção de “oralidade primária” à tradição oral de sociedades sem escrita. Para o autor, os povos orais comumente consideram que as palavras são dotadas de grande poder e de uma potencialidade mágica. Nesse sentido, todo som - especialmente a enunciação oral, que vem de dentro dos organismos vivos - é "dinâmico" (ONG, 1998, p. 43). Para o escritor Amadou Hampaté Bâ (2010), a fala é a manifestação da exteriorização das vibrações das forças, a sua movimentação desprende-se do estado estático, gerando assim a reprodução da essência do ritmo. Para o escritor, pode se dizer que: “nas canções rituais e nas fórmulas encantatórias, a fala é, portanto, a materialização da cadência” (BÂ, 2010, p. 174).

Ong resalta ainda que:

Numa cultura oral primária, para resolver efetivamente o problema da retenção e da recuperação do pensamento cuidadosamente articulado, é preciso exercê-lo segundo padrões mnemônicos, moldados para uma pronta repetição oral. O pensamento deve surgir em padrões fortemente rítmicos, equilibrados, em repetições ou antíteses, em aliterações e assonâncias, em expressões epítéticas ou outras expressões formularias, em conjuntos temáticos padronizados [...]. O pensamento prolongado, quando fundado na oralidade, até mesmo nos casos em que não se apresenta na forma de versos, tende a ser altamente rítmico, pois o ritmo auxilia na recordação (ONG, 1998, p. 45).

A fala é o fio condutor da relação do homem com seu mundo. As benzeduras expressam um ritmo próprio, quando são proferidas em voz alta ou murmuradas, acompanhadas pelo sinal da cruz, ou pelo uso de plantas ou não, e com a invocação dos santos e entidades de devoção. O ritmo, as repetições auxiliam na memorização das orações. Nesse sentido, Candau estabelece

que a transmissão protomemorial e/ou memorial se constitui pela inscrição no corpo, agindo de maneira involuntária (2012, p. 119). A manifestação da memória protomemorial ocorre inconscientemente, sendo transmitida socialmente através das práticas, das repetições e dos costumes. Ecléa Bosi também evoca essa forma de manifestação de memória “o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da memória-hábito, memória dos mecanismos motores” (BOSI, 1994, p. 48). Esse suporte mnemônico contribui para a preservação da tradição oral.

De acordo com Bâ (2010, p. 168), o desenvolvimento da função da memória nas sociedades orais também está fortemente ligado à relação que o homem tem com a palavra. Por não se pautarem na escrita, a palavra é muito valorizada e respeitada, sendo capaz de se tornar o eixo de coesão da sociedade.

Em comunidades sem escrita, em que a tradição oral é o cerne da sociedade, principalmente em tradições africanas, a palavra se torna algo sagrado, pois está vinculada à criação divina. De acordo com Alexandre von Saenger:

Durante a Palavra, a palavra deixa o domínio do vulgar para tornar-se um verdadeiro condensador de energia. É um som mágico. Pois, quando alguém pronuncia certas palavras, em público ou reservadamente, em certas condições, é levado a agir com a potência do Criador (SAENGER, 2006, p. 54).

A enunciação dos benzimentos, assim como nas sociedades orais está vinculada ao sagrado. A cura é realizada pela intermediação divina. Apesar de serem procurados para realizar as benzeduras, vale ressaltar que, para os benzedores, Deus é o responsável pela cura do consulente. De acordo com o depoimento da benzedora D. Teresa: “A moça falou que eu benzo e tal, eu não. Foi Deus que curou, quem sou eu, minha filha? Eu só peço a permissão dele lá em cima, e Ele me atende. Graças a Deus!”<sup>29</sup>. Nesse trecho, D. Teresa afirma que a cura de sua consulente foi promovida pela intervenção divina e minimiza sua atuação no processo de cura quando diz “quem sou eu, minha filha?”<sup>30</sup>, ao não tomar os créditos pela recuperação da saúde da consulente.

Mesmo com a intercessão “dos céus”, a providência divina só se manifesta através do pedido da benzedora, de sua crença e fé em Deus para realizar seus benzimentos. Como nos mostram Pereira e Gomes, “o poder das palavras é determinado pelo mistério que as envolve e pela confiança que nelas se deposita, isenta de questionamentos. Queremos dizer que o benzedor é, antes de tudo, alguém que acredita e faz acreditar nas benzeções que anuncia” (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 35).

---

<sup>29</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

<sup>30</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis a Tayane Oliveira em 29/08/2020.



A tradição oral está ligada à manifestação de palavras que se originam de um poder sagrado, essa sacralidade também está vinculada à ancestralidade. A pensadora Leda Maria Martins compreende que:

[...] e é pela palavra ritual que se fertiliza o ciclo vital fenomenológico, consenso dinâmico entre o humano e o divino, os ancestrais, os vivos, os infantes e os que ainda vão nascer, num circuito integrado de complementaridade que assegura o próprio equilíbrio cósmico e telúrico. Por isso, a palavra, como sopro, dicção, não apenas agencia o ritual, mas é, como linguagem que encenam a palavra, espacial e atemporalmente, aglutinando o pretérito, o presente e o futuro, voz e ritmo, gesto e canto, de modo complementar. Oferecida ‘à posteridade como ideal cultural do grupo’, a palavra proferida produz eficácia do rito, pois ‘o medicamento verdadeiro advém da palavra, legada pelo ancestral’ (MARTINS, 1997, p. 148).

Como nos mostra Amadou Hampaté Bâ (2010), as palavras transmitidas por ancestrais ou pessoas idosas se sustentam no respeito que as sociedades prezam pela sua herança ancestral. Ecléa Bosi (1994, p. 18) nos explica que a função que o velho desempenha dentro da sociedade é de lembrar e aconselhar, unindo o começo e o fim, e estabelece, dessa forma, uma ligação do passado com o amanhã.

A relação com o sagrado e a ancestralidade pode ser compreendida nos valores religiosos que são passados para as gerações seguintes. “O apego religioso ao patrimônio transmitido exprime-se em frases como: ‘Aprendi com meu Mestre’, ‘Aprendi com meu pai’, ‘Foi o que suguei no seio de minha mãe’” (BÂ, 2010, p. 174).

De acordo com Bâ (2010, p. 183), é no seio da família que a educação tradicional se inicia, os familiares são responsáveis em transmitir para os mais novos o ensino esotérico por meio de lendas, fábulas, provérbios e experiências de vida. Nesse caminho, Barros (1989, p. 40) entende que a criança torna-se marco referencial ao sintetizar a imagem da família, e “através dela, fala-se de tradição e de renovação, de laços de sangue e de afeto” (BARROS, 1989, p. 40).

A transmissão da prática da benzedura tem plena abrangência na estrutura familiar. Por meio de avós, dos pais, dos tios ou pessoas do convívio diário, esse conhecimento é disseminado para a geração seguinte. No entanto, para se ter contato com os benzimentos é necessário, primeiramente, ter uma base religiosa que os ampare na prática da benzedura. As orações oficiais da Igreja Católica costumam ser adicionadas pelos benzedores como recurso complementar para realizar uma benzeção. De acordo com Edimilson de Almeida Pereira e Núbia Pereira de Magalhães Gomes:

Em algumas ocasiões o benzedor utiliza orações oficiais, tais que a ave-maria, o pai-nosso, o credo, a salve-rainha, como recursos complementares: após a recitação da fórmula específica, vale-se das “rezas do padre”. É uma espécie de reforço, através do prestígio da religião institucionalizada (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 26).

Através de orações católicas, como Pai-Nosso, Ave-Maria, Credo, por exemplo, os pais dos benzedores iniciam seus filhos na vida religiosa. D. Teresa e minha avó Ana, respectivamente, relatam sobre a condução religiosa que seus pais lhes ensinavam.

(Tayane): Quais foram as orações que a senhora aprendeu com seu pai?

(Teresa): As orações são... A primeira oração que nós temos, a verdadeira é o Pai Nosso, a única oração verdadeira é essa. Agora, reza Salve Rainha, Creio em Deus Pai, Ave-Maria. Aí, varia as orações. O que eu aprendi desde menina é a mesma. O que manda na benzeção é a fé. Se a pessoa tem a fé a gente se salva<sup>31</sup>.

No depoimento de minha avó Ana:

(Ana): Agora, o movimento da oração, isso foi com mamãe, ela que me ensinou... é Pai-Nosso, essas Ave-Maria.

(Tayane): Aprendeu com a mãe da senhora?

(Tayane): A senhora falou que o pai da senhora benzia também, né.

(Ana): Benzia.

(Tayane): Ele te ensinou alguma oração, alguma oração pra benzer?

(Ana): Se ele me ensinou?

(Tayane): É.

(Ana): Não. Ele me ensinou foi só os movimentos da casa.

(Tayane): Como é que é isso?

(Ana): Isso, ele me ensinou muito, muito.

(Tayane): A senhora pode explicar?

(Ana): Hein?

(Tayane): A senhora pode explicar pra mim como são os movimentos da casa?

(Ana): Os movimentos da casa,<sup>32</sup> então você vai contando é o Pai-Nosso, a Ave-Maria, já foi dois, né<sup>33</sup>.

Os ensinamentos religiosos se iniciam com a orientação dos pais, nos dois trechos dos depoimentos citados podemos perceber que os pais de Ana e D. Teresa são benzedores, contudo, no depoimento de Ana, seu pai não a ensinou a benzer, mas lhe ensinou as orações católicas, assim como sua mãe. Percebe-se em seu relato que as orações também estão relacionadas com a rotina diária da casa, quando ela menciona sobre os “movimentos da casa”. Os primeiros contatos com o catolicismo vinculam-se no interior da vida familiar, não se reservam apenas para manifestações externas como, por exemplo, as missas. Os pais ensinam seus filhos nessas orações para iniciá-los nos preceitos cristãos. Nesse ambiente, os valores familiares se entrelaçam com os valores religiosos adotados pelas famílias. A rotina religiosa por meio da repetição das preces auxilia na memorização dessas orações católicas.

A tradição oral empregada na prática de benzedura representa um vínculo afetivo com a pessoa que ensinou aos benzedores o ofício da cura. Representa o vínculo com o passado, com os costumes, mas também com sua identidade. A forma de transmitir a prática da

<sup>31</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

<sup>32</sup> Ana conta na ponta dos dedos.

<sup>33</sup> Entrevista concedida por Ana de Jesus Rodrigues a Tayane Oliveira em 15/11/2015.

benzedura reflete na relação que os benzedores têm com o passado, com seus instrutores e com sua forma de ser e vivenciar a prática da benzedura.

A partir da tradição oral compreendemos que a fala tem força e ritmo, a palavra emana energia cadenciada para realizar a cura. No entanto, o silêncio também é sagrado para as tradições orais. Saber para quem se transmite um conhecimento é uma forma de dar autenticidade à transmissão e continuidade à tradição. De acordo com Bâ, os conhecimentos relacionados aos ritos de iniciação, principalmente os religiosos, não devem apresentar uma dimensão apenas explicativa, mas devem estar ligados a experiência e integrados à vida do aprendiz (2010, p. 182). Na entrevista realizada com minha avó, a questiono sobre os ensinamentos que sua avó lhe transmitiu.

(Tayane): Conta pra mim?  
 (Ana): Ah... isso aqui não vou contar não.  
 (Tayane): Não? [risos]  
 (Ana): Mas aí não, não tem nada pra contar, porque, ela já foi, né.  
 (Tayane): A senhora falou que ela te ensinou, mas que não era pra senhora falar, né? A senhora pode contar mais ou menos como é que foi isso?  
 (Ana): Falar o quê?  
 (Tayane): Que a senhora estava comentando que ela te ensinou a benzer, mas que era pra não ficar falando.  
 (Ana): Ah é! Isso ela falou?  
 (Tayane): O que ela falou?  
 (Ana): Sim, ela falou muitas e muitas coisas. Conforme, eu estou aqui te explicando, conforme, eu expliquei você aqui, a princípio. Ih! Foi muita coisa.  
 (Tayane): Para a senhora não falar em vão, não é?  
 (Ana): Hein?  
 (Tayane): Não é pra senhora falar a oração em vão, né?  
 (Ana): É, não era pra falar não. Aí conforme, eu expliquei, expliquei. Duas vezes, né. Agora, conforme eu tô te contando, que eu não expliquei *procê, porque eu não podia explicar. Você tá entendendo, tá? Pois é, foi isso aí*<sup>34</sup>.

Minha avó Ana se nega a contar sobre as orações que sua avó lhe ensinou, bem como enfatiza que não teria nada para contar porque sua avó “já foi”, ou seja, não está mais presente, seu conhecimento findou com o falecimento de sua avó. A sua recusa em responder às questões sobre as orações que sua avó lhe ensinou revela que “existem coisas que não ‘se explicam’, mas que se experimentam e se vivem” (BÂ, 2010, p. 182).

De acordo com Bonvini:

O tempo é apreendido na sua dimensão de atualidade e em relação ao futuro. A memorização do passado é apenas uma centralização no presente e no futuro do grupo. A palavra é força, ela tem valor de ato e engaja o grupo. Entretanto, ela só se manifesta e se revela numa busca de tipo iniciático. Os textos orais dizem e não dizem, eles mais velam do que revelam. Sob a cintilação das imagens, eles convidam a descobrir um sentido que permanece oculto. Eles convidam a partilhar com o outro a procura do sentido. Sua estrutura é essencialmente de tipo dialógico: uma palavra sempre

<sup>34</sup> Entrevista concedida por Ana de Jesus Rodrigues a Tayane Oliveira em 15/11/2015.

partilhada. O vivido do grupo está ligado a essa palavra. Um implica o outro: o vivido precisa ressoar na palavra e esta, proferida, deve repercutir no vivido. Repercussão e vivido são duas dimensões fundamentais da oralidade. Eis o jogo da vida e da sobrevivência do grupo e também o sentido profundo da proferição, o sentido que é necessário atribuir aos diferentes textos em situação de oralidade: provérbios, adivinhações, contos, máximas, nomes próprios, cantos, etc., todos esses textos estão a serviço da memória coletiva e da transmissão da experiência do grupo (BONVINI, 2016, p. 6-7).

Apesar de contraditório, o silêncio, os segredos de ofício, também fazem parte da composição e manutenção da tradição oral. O repasse desse conhecimento não deve ser realizado de forma banal. A transmissão oral carrega uma responsabilidade, que envolve a continuidade dos saberes e conhecimentos do grupo.

Dessa forma, entendemos que a voz, a força das palavras só consegue ser manifestadas através das orações quando são proferidas por um indivíduo que acredita neste poder e vivencia as dimensões desse sentido.

## **1.2. Perfil dos benzedores**

A fala exerce um papel essencial para a tradição oral da prática da benzedura. No entanto, só é possível de ser manifestada a partir da condução dos benzedores. Sem esse condutor, o sentido atribuído a oração nos benzimentos se esvazia. “Na verdade, um ‘texto’ oral não existe por si mesmo, sem performance: a presença mesma do apresentador, do contador de história, do cantor – sem o qual literatura oral não pode ao menos existir” (SCHIPPER, 2016, p. 11). De acordo com Zumthor, “o intérprete é o indivíduo de que se percebe, na performance, a voz e o gesto, pelo ouvido e pela vista” (ZUMTHOR, 1997, p. 225).

Para compreender a relação que os benzedores têm com seu mundo, é necessário delinear a partir de suas histórias de vida, os pontos que os ligam a essa prática oral de fé e cura. Começo a elencar os benzedores a partir do perfil de minha avó Ana de Jesus Rodrigues. Entrevistei 7 pessoas em São João del Rei, todas moradoras da cidade. Nesse item me dedico a apresentar um breve perfil dos benzedores entrevistados.

### 1.2.1. Ana de Jesus Rodrigues

Ana<sup>35</sup> nasceu em 1924, no povoado de Ramos<sup>36</sup> em Resende Costa,<sup>37</sup> Minas Gerais. Filha de Francisco Basílio dos Santos e Maria Simplícia da Conceição, Ana é uma mulher negra, e a sexta filha do casal, que teve nove filhos. De acordo com minha avó Ana, seu pai benzia, mas ela aprendeu o ofício da benzedura com sua avó paterna, sua mãe e com sua irmã mais velha Geralda na infância. Ana aprendeu a benzer de quebranto, ventre-virado. Já adulta, minha avó casou-se com meu avô Vicente José Rodrigues, tiveram quatro filhos - meus tios -, em Resende Costa, José Ciríaco, João, Vicente e Geraldo.

Vicente recebeu uma proposta de emprego do seu irmão José Rodrigues para trabalhar em uma fazenda em Goiás. O casal decidiu mudar de estado, venderam boa parte do que tinham para realizar a viagem, que durou três dias e duas noites. Minha avó Ana, vô Vicente e meus tios estabeleceram em uma fazenda no município de Carmo do Rio Verde<sup>38</sup> (GO). Permaneceram por cerca de um ano na fazenda. Enquanto meu avô trabalhava na fazenda, minha avó lavava e passava roupa, além de vender quitutes.

No fim desse período, decidiram voltar para Minas Gerais, a família ficou hospedada por um tempo na casa de José Rodrigues, na Vila Santo Antônio, localizada no bairro Matosinhos, em São João del-Rei, cidade próxima a Resende Costa.

Com o dinheiro reunido dos meses de trabalho, Ana e Vicente negociaram um terreno e construíram sua casa no bairro Vila Nossa Senhora de Fátima na década de 1960, sendo um dos primeiros moradores da localidade. Em São João del-Rei, Vicente exercia a profissão de pedreiro e Ana trabalhava como lavadeira. Eles tiveram mais uma criança, uma menina chamada Rosa, que nasceu na casa em que o casal estava construindo. Dessa última criança nascida do casal, eu sou sua segunda filha.

O ofício da benzedura se intercalava entre uma trouxa de roupa e outra. Ana benzia seus filhos, e dos outros também, às vezes com a desaprovação do marido.

Com o transcorrer do tempo passou a benzer os seus netos - “os seus de casa” - dos males que costumam atingir as crianças. As benzeduras se tornaram menos frequentes. A idade

---

<sup>35</sup> Informações de conhecimento prévio da pesquisadora e de familiares. Entrevista concedida por Ana de Jesus Rodrigues em 15/11/2015, e em 25/01/2016. Entrevista concedida por Geraldo Moacir Rodrigues a Tayane Oliveira em 20/09/2020. Entrevista concedida por Antão Sebastião dos Santos a Tayane Oliveira em 30/09/2020. Entrevista concedida por José Ciríaco das Mercês a Tayane Oliveira em 15/10/2020.

<sup>36</sup> Ver em Prefeitura Municipal de Resende Costa. Disponível em: <[http://www.resendecosta.mg.gov.br/?Meio=mostranoticia&INT\\_NOT=8577](http://www.resendecosta.mg.gov.br/?Meio=mostranoticia&INT_NOT=8577)>. Acesso em: 07 nov. 2020.

<sup>37</sup> Ver em Prefeitura Municipal de Resende Costa. Disponível em: <<http://resendecosta.mg.gov.br/>>. Acesso em: 07 nov. 2020.

<sup>38</sup> Ver em: Prefeitura Municipal de Carmo do Rio Verde. Disponível em: <<http://www.carmodorioverde.go.gov.br/pagina/29>> Acesso em: 07 nov. 2020.

avançada e as enfermidades que tomaram conta de seu corpo dificultavam a permanência da prática de cura. Ana de Jesus Rodrigues fez a passagem em 28 de janeiro de 2017.

Figura 4: Benzedeira Ana de Jesus Rodrigues



Foto: Tayane Oliveira. São João del-Rei 17/02/2015.

### ***1.2.2. Teresa Augusta dos Reis***

Dona Teresa<sup>39</sup> tem 92 anos, nasceu no município de Conceição da Barra de Minas (MG)<sup>40</sup>. Ela é uma mulher negra, e estudou até o segundo ano primário<sup>41</sup>. O interesse pela prática de benzedura começou na infância, aprendeu a benzer aos 12 anos, ouvindo seu pai Pedro Augusto dos Reis benzer as pessoas, além de ser benzedor era também congadeiro, devoto de Nossa Senhora do Rosário. Dona Teresa relata que realizou sua primeira benzeção em uma criança que estava de ventre-virado. Além dessa benzedura, aprendeu a benzer de quebranto, erisipela, jeito e aguamento.

<sup>39</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

<sup>40</sup> Ver em: Município de Conceição da Barra de Minas - Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.cbm.mg.gov.br/>>. Acesso em: 07 nov. 2020.

<sup>41</sup> O segundo ano primário corresponde hoje ao segundo ano do Ensino Fundamental I (anos iniciais), de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ver em: BRASIL/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **O ensino fundamental no contexto da educação básica.** Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental>> Acesso em 09 ago. 2022.

D. Teresa mudou-se para São João del-Rei com 21 anos, exercia a profissão de doméstica. Casou com Antônio Inácio dos Reis, aos 22 anos de idade, seu relacionamento com seu marido gerou 12 filhos, sendo 7 homens e 5 mulheres. Mora há mais de 70 anos no bairro São Geraldo, ela é testemunha do crescimento do bairro, ficou conhecida como Teresa Carijó, por causa do apelido do marido. D. Teresa relata que durante o casamento foi proibida por seu esposo de benzer, suas benzeções ficaram reservadas apenas para os filhos. Com a morte de seu marido há 49 anos, voltou a exercer a prática da benzedura para a comunidade externa. D. Teresa é reconhecida como benzedeira, e tem muito prestígio entre moradores do bairro<sup>42</sup>.

Figura 5: D. Teresa ao lado de seus santos de devoção



Foto: Soraia Geralda Santos. São João del-Rei, 29/08/2020.

---

<sup>42</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

### 1.2.3. Léa das Graças Silva

Dona Léa<sup>43</sup> é a filha primogênita de D. Teresa. Ela é uma mulher negra, tem 69 anos. Nasceu em 1951, em São João del-Rei, no bairro São Geraldo, na rua Uriel Pio. Estudou até o quarto ano primário<sup>44</sup>.

Mesmo sua mãe sendo benzedeira, não foi com ela que D. Léa aprendeu a benzer. D. Léa era doméstica, trabalhava para uma vizinha, uma senhora negra que se chamava Maria Cassiana. Com ela, Léa aprendeu a benzer de cobreiro e a costurar jeito. Vale ressaltar que mesmo não ensinando Léa a benzer, D. Teresa a indicou para uma vizinha que estava com um problema no pé e por causa disso não conseguia andar direito. D. Léa relata que realizou a benzeção de jeito, e deu tudo certo no final. De certa forma, mesmo D. Teresa não ensinando a benzer, ela participa da iniciação de sua filha como benzedeira ao indicá-la.

D. Léa mora no bairro São Geraldo, e desde que nasceu, relata que foi porta-estandarte da Escola de Samba São Geraldo<sup>45</sup>. Trabalhava na igreja do bairro e ajudava nos preparativos das barraquinhas. Conta que auxiliava na organização do congado na Festa do Rosário no bairro, ficava responsável por providenciar o café para os congadeiros. Durante as missas celebradas na festa, entrava vestida a caráter com vestidos e turbantes carregando uma cestinha de flores, cantando “Tá caindo flor, tá caindo flor”.

D. Léa pretende ainda aprender com a mãe as outras benzeções, pois considera importante conhecê-las em caso de necessidade.

---

<sup>43</sup> Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Oliveira em 03/10/2020.

<sup>44</sup> O quarto ano primário corresponde hoje ao quinto ano do Ensino Fundamental I (anos iniciais), de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ver em: BRASIL/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **O ensino fundamental no contexto da educação básica**: Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental>> Acesso em 09 ago. 2022.

<sup>45</sup> G.R.E.S. São Geraldo foi fundada em 1978. Ver em: <<https://www.facebook.com/people/Gres-S%C3%A3o-Geraldo/100009382515436>>. Acesso em: 08 nov. 2020.



Figura 6: Benzedeira Léa das Graças Silva



Foto: Soraia Geralda Santos. São João del-Rei, 03/10/2020.

#### ***1.2.4. Gelson Aparecida de Faria***

Seu Gelson<sup>46</sup> mora no bairro São Geraldo, também nasceu em São João del-Rei, na rua Uriel Pio e tem 62 anos de idade. Estudou até o quarto ano primário na Escola Estadual Ministro Gabriel Passos<sup>47</sup>. Trabalha com a fabricação e venda de pastéis no bairro. Em sua certidão de nascimento consta como pardo, mas se autodeclara como homem negro.

Seu Gelson se considera um católico praticante, já foi ministro extraordinário da comunhão por 8 anos, participava de grupos de orações da paróquia. O despertar para o ofício da cura ocorreu há 15 anos, foi um dom que Deus lhe deu, segundo seu depoimento. Aprendeu a benzer com a tia do seu pai, D. Mariquinha, uma senhora já com a idade avançada. De acordo com seu Gelson, a partir da convivência com a tia de seu pai, ela notou que ele tinha o dom para benzer, assim, D. Mariquinha lhe ensinou as orações para mau-olhado, quebranto e ventre-virado. Ele começou a praticar com os filhos e netos.

<sup>46</sup> Entrevista concedida por Gelson Aparecida de Faria a Tayane Oliveira em 14/09/2020.

<sup>47</sup>Ver em: MINAS GERAIS. **Escola Estadual Ministro Gabriel Passos**. Ver em: [https://www.mg.gov.br/instituicao\\_unidade/escola-estadual-ministro-gabriel-passos-0](https://www.mg.gov.br/instituicao_unidade/escola-estadual-ministro-gabriel-passos-0)>. Acesso em: 14 out. 2021.

Seu Gelson relata que muitas pessoas iam até a sua casa para benzer as crianças de aguamento, mas as dispensava porque não tinha uma oração específica para esse mal. Para não deixar de atender as pessoas que o procuravam, pediu para D. Teresa que lhe ensinasse. Gelson mantém um convívio com a família de D. Teresa desde a infância, tanto que o contato próximo com ela o fez convidá-la para ser madrinha do seu casamento. Por estar no grupo de risco da pandemia do COVID-19, devido à sua idade avançada, D. Teresa também indica o Sr. Gelson para as pessoas se benzerem.

Figura 7: Benzedor Gelson Aparecida de Faria



Foto: Tayane Oliveira. São João del-Rei, 14/09/2020.

### 1.2.5. *Maria Helena Nascimento*

A entrevista com D. Maria Helena<sup>48</sup> aconteceu de forma inusitada, pois ocorreu no nosso primeiro contato, eu fui até a sua casa acompanhada por Angélica Aparecida de Matos Silva<sup>49</sup> que havia indicado D. Maria Helena como benzedeira, para falar sobre a pesquisa. Ela concordou em conceder a entrevista, que se realizou presencialmente, mas devido a pandemia do COVID-19, realizamos a entrevista com um grande distanciamento social entre nós. Maria Helena ficou sentada na garagem de sua casa e eu sentada no passeio da calçada.

Maria Helena Nascimento nasceu na cidade de Bananal<sup>50</sup> (SP), tem 76 anos de idade e é viúva há 18 anos. Seus pais são naturais de São João del-Rei e tiveram 22 filhos. A família morou em vários lugares, devido a dificuldades financeiras seus pais resolveram voltar para a cidade natal. Maria Helena estava com 13 anos de idade quando voltou para Minas. Seu pai não permitia que as mulheres da sua casa soubessem ler, a educação mesmo que limitada ficava reservada apenas para os seus irmãos. Sua mãe lhe ensinou apenas a escrever seu nome. Depois que casou, aprendeu um pouco com o marido a ler e a escrever.

Sua mãe lhe ensinou benzer quando tinha 12 anos de idade, transmitiu esse conhecimento para que quando tivesse filhos pudesse benzê-los em caso de necessidade. Sua mãe ensinou a benzer ventre-virado, mau-olhado, coser jeito, queimadura, cobreiro, além de orações católicas. D. Maria Helena comenta que sua mãe aprendeu a benzer com o avô dela, que era *índio*, ela diz que ele foi encontrado na estrada, na Serra de Tiradentes quando era bebê. Seu bisavô chamava Antônio, ele tratava as pessoas fazendo vidrinhos de homeopatia para curar febre, dor de cabeça, dor de barriga, segundo ela.

D. Maria Helena casou aos 19 anos de idade. Mora há mais de trinta anos no bairro Fábricas, na rua Angélico Benfenatti. Trabalhou em vários lugares como em hotéis, fábricas, na roça e como doméstica também.

Apesar de ter aprendido a benzer com 12 anos de idade com a mãe, D. Maria Helena só começou a praticar as benzeduras depois que seus filhos nasceram. Sua primeira benzeção foi em sua filha que estava com 6 meses de vida, D. Maria Helena recorda que quando morava no Elvas<sup>51</sup>, foi levar sua filha para vacinar na cidade, quando entrou no ônibus para retornar para

---

<sup>48</sup> Entrevista concedida por Maria Helena Nascimento a Tayane Oliveira em 10/09/2020.

<sup>49</sup> Angélica é moradora do bairro Vila Nossa Senhora de Fátima, ela costuma levar sua filha para D. Maria Helena benzer.

<sup>50</sup> Ver em: Prefeitura Municipal de Bananal. Disponível em: <<https://www.bananal.sp.gov.br/?pag=T1RjPU9EZz1PVFU9T0dVPU9HST1PVEE9T0dFPU9HRT0=&idmenu=214>>. Acesso em: 28 nov. 2020.

<sup>51</sup> Elvas é uma localidade que fica entre as cidades de São João del-Rei e Barroso, na BR-265.

sua casa, uma mulher viu sua filha e disse de forma acentuada, que ela era muito linda. Depois disso, sua filha começou a chorar desesperadamente, D. Maria Helena começou a tirar a roupa da filha por causa do calor que estava fazendo, mas a menina não cessava o choro, fazendo com que o motorista do ônibus parasse seu trajeto para ver o que estava acontecendo com a criança. Ele viu a menina, e falou para Maria Helena para levar a criança para benzer, pois ela estava chorando sem nenhuma lágrima. Maria Helena não tinha atinado para isso, acomodou a menina e começou a benzer, logo sua filha parou de chorar e se acalmou.

D. Maria Helena, além de ser conhecida como benzedeira no bairro, é reconhecida por ser dizimista e por ser *procuradora do quilo*<sup>52</sup> no Centro Comunitário Dom Bosco, auxilia também na limpeza da Igreja do Dom Bosco. Além disso, D. Maria Helena participa de outros grupos ligados à Igreja Católica como o Apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus<sup>53</sup>.

D. Maria Helena comenta que ensinou os três filhos a benzer quando eram pequenos, assim como a sua mãe, fez isso para que quando tivessem seus filhos pudessem benzê-los em caso de necessidade. Seus filhos benzem apenas para a família. Ela fala ainda que há pouco tempo, ensinou Maria, sua vizinha de 11 anos a benzer. A mãe de Maria a levava para D. Maria Helena a benzer. As idas para sua casa fizeram com que a menina se interessasse pela prática de benzedura. D. Maria Helena relata que Maria levou um caderninho para anotar as orações. A menina disse para a benzedeira que ela já estava “de idade” e quando morresse assumiria seu lugar. D. Maria Helena fica feliz em ter alguém para seguir seus passos no ofício de cura.

---

<sup>52</sup> Os procuradores do quilo recolhem alimentos que serão distribuídos para famílias carentes.

<sup>53</sup> SILVEIRA, Lucas. **Você sabe o que é o Apostolado da Oração?** Diocese de São João del-Rei. [23/03/2017]. Disponível em: <<https://diocesedesaojoaodelrei.com.br/voce-sabe-o-que-e-o-apostolado-da-oracao/>>. Acesso em: 09 nov. 2020.

Figura 8: Benzedeira Maria Helena Nascimento



Foto: Tayane Oliveira. São João del-Rei, 10/09/2020.

### ***1.2.6. Gilmar das Neves Souza***

Seu Gilmar<sup>54</sup> nasceu em São João del-Rei, tem 66 anos de idade. Estudou até o quarto ano primário na Escola Municipal Maria Teresa<sup>55</sup>. Gilmar é aposentado, mas exerce a profissão de vendedor, vendendo sabão em pó e em pedra e óleo para fazer biodiesel. Mora há mais de trinta anos no bairro Vila Maria. Gilmar é conhecido em toda cidade por reciclar óleo, relata que reciclou mais de 22 mil litros de óleo em 2019. Como benzedor diz não ser tão conhecido, por não comentar com as outras pessoas, e porque nem todos acreditam na prática de benzedura. Relata ainda, que faz orações para outros sem eles saberem, por medo de ser mal recebido.

---

<sup>54</sup> Entrevista concedida por Gilmar das Neves Souza a Tayane Oliveira em 28/07/2020.

<sup>55</sup> Ver em: ESCOLA MUNICIPAL MARIA TERESA – SÃO JOÃO DEL-REI. **Breve histórico da Escola Municipal Maria Teresa**. [28/06/2012]. Disponível em: < <http://emmariateresa.blogspot.com/>> . Acesso em: 16 mai. 2021.

Seu Gilmar diz ser um “católico misto”, em que tenta conciliar os ensinamentos católicos e evangélicos na sua vivência religiosa. Ele comenta que dificilmente frequenta missas nas igrejas, mas participa de cultos evangélicos na casa de uma vizinha. Seu Gilmar gosta de escutar o programa da rádio do padre Reginaldo Manzotti<sup>56</sup> e assistir às missas pela TV Campos de Minas<sup>57</sup>. Quando ouve a programação religiosa na rádio, seu Gilmar costuma colocar a água para ser benta pelo padre, tem hábito de aspergir a água benta nos cômodos da casa e no próprio corpo.

Menciona ainda que tem apreço a todos os santos de devoção, mas em suas benzeduras apenas invoca Jesus Cristo, por ser o intermediador direto de suas preces. Afirma ainda, que modificou a forma de benzer ao entrar em contato com os preceitos evangélicos. Deixou de benzer na intenção de São Cosme e Damião e passou a benzer em nome de Jesus.

Seu Gilmar comenta que sua avó Maria Carolina benzia de mau-olhado com brasa e no copo d’água, mas não aprendeu com ela porque não tinha interesse na época. Aos 18 anos de idade, morava na rua Bica da Prata no bairro Senhor dos Montes, quando sofria de algum jeito, frequentava a casa do senhor Joaquim para ser benzido. A convivência com ele fez com que ele assimilasse esse conhecimento. No entanto, o despertar para o início de sua caminhada como benzedor ocorreu quando seu Gilmar estava nadando e destroncou o pé, como não tinha ninguém que o socorresse ou abençoasse, decidiu se benzer. Para o ele, foi Deus que deu o entendimento para aprender a benzer, foi um “despertar espiritual”<sup>58</sup>.

---

<sup>56</sup>Ver em: ASSOCIAÇÃO EVANGELIZAR É PRECISO - **Reginaldo Manzotti**. Disponível em [https://www.padrereginaldomanzotti.org.br/padre/?gclid=Cj0KCOiA7qP9BRCLARIsABDaZzhNXWJIHb\\_LM\\_MwJZi\\_G6pH5Z3Qni4cBPH1Pi1JYo-CD5VnWPeSe5qgaAq7aEALw\\_wcB](https://www.padrereginaldomanzotti.org.br/padre/?gclid=Cj0KCOiA7qP9BRCLARIsABDaZzhNXWJIHb_LM_MwJZi_G6pH5Z3Qni4cBPH1Pi1JYo-CD5VnWPeSe5qgaAq7aEALw_wcB). Acesso em 09 nov. 2020.

<sup>57</sup> A TV Campos de Minas (canal 11), é uma emissora de televisão afiliada à Rede Minas, com sede em São João del-Rei. Sua cobertura abrange uma significativa porção do Campo das Vertentes. Ver em: <https://br.linkedin.com/company/tv-campos-de-minas>. Acesso em: 09 nov. 2020.

<sup>58</sup> Entrevista concedida por Gilmar das Neves Souza a Tayane Oliveira em 28/07/2020.

Figura 9: Benzedor Gilmar das Neves Souza



Foto: Tayane Oliveira. São João del-Rei, 28/07/2020.

### 1.3 Pontos de costura de uma prática de cura

Com base no perfil dos benzedores, podemos traçar aspectos que conectam suas trajetórias de vida. A partir do quadro 1 apontaremos as principais características desse grupo de benzedores.

**Quadro 1: Dados gerais sobre os benzedores**

Nome	Idade	Gênero	Cor	Estado Civil	Escolaridade	Profissão	Religião
Ana	92*	Feminino	Preta	Viúva	Não frequentou a escola	Pensionista (lavadeira)	Católica
Teresa	92	Feminino	Preta	Viúva	2º Ano Primário	Aposentada (empregada doméstica)	Católica
Léa	69	Feminino	Preta	Viúva	4º Ano	Aposentada	Católica

					Primário	(empregada doméstica)	
Gelson	62	Masculino	Preta	Casado	4º Ano Primário	Pasteleiro	Católica
Maria Helena	76	Feminino	Branca	Viúva	Ensino Fundamental incompleto	Aposentada (empregada doméstica)	Católica
Gilmar	66	Masculino	Moreno	Solteiro	4º Ano Primário	Vendedor	Católica e Evangélica

Fonte: Entrevistas concedidas a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. São João del-Rei. 2015 a 2021.

\* Idade correspondente aos anos de 2015 e 2016, quando foram realizadas as entrevistas com minha avó Ana de Jesus Rodrigues.

O perfil dos benzedores se caracteriza pela predominância de pessoas adultas com idade superior a 60 anos<sup>59</sup> de idade, variando entre 62 a 92 anos, correspondendo ao grupo da terceira idade. Sendo a mais avançada a idade de 92 anos, correspondendo à minha avó Ana e de D. Teresa.

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA<sup>60</sup>, as projeções populacionais indicam uma aceleração do envelhecimento da população brasileira<sup>61</sup>. Para Nádia Marota Minó e Rita Márcia Andrade Vaz de Melo (2021, p. 266-267), a representação social da velhice é associada a aspectos negativos e positivos. Negativo, no sentido de ser uma fase identificada pela inatividade, declínio físico e mental, e positivo por apresentar aspectos relacionados ao autoconhecimento, experiência, afeto e suporte familiar. As mudanças demográficas lançam novos olhares para o crescimento da longevidade, nos quais se destacam os cuidados com a saúde, a preocupação de ter uma vida mais ativa e participativa no qual as relações intergeracionais também são estabelecidas.

<sup>59</sup> A classificação etária de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), nos países em desenvolvimento é considerado idoso aquele que tem 60 ou mais anos de idade. Ver em: WHO. **Active Ageing: A Policy Framework**. Disponível em: <<https://extranet.who.int/agefriendlyworld/wp-content/uploads/2014/06/WHO-Active-Ageing-Framework.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2021.

<sup>60</sup> Ver em: INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. O Ipea - Quem Somos. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1226&Itemid=68](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=1226&Itemid=68)>. Acesso em: 17 nov. 2021.

<sup>61</sup> Ver em: INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Projeções indicam aceleração do envelhecimento dos brasileiros até 2100**. [13/10/2021]. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=38577&catid=10&Itemid=9](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=38577&catid=10&Itemid=9)>. Acesso em: 17 nov. 2021.



Em relação aos benzedores, a idade avançada desloca o aspecto negativo que a velhice é associada na nossa sociedade. De acordo com Ariadne Messalina Batista Meira, Cristina Ruan Ferreira de Araújo e *et.al*<sup>62</sup>:

A benção, diante do que se coloca, se encontra na contramão dessa lógica, funcionando, portanto, enquanto sustentáculo para localizar esses sujeitos no mundo sob o signo da inclusão, dando-lhes um lugar subjetivo positivo, que promove a sensação de pertencimento e de serem detentoras de um saber único e sagrado (MEIRA; ARAÚJO *et.al*, 2015, n.p.).

A idade tem um grande peso no processo de formação de identidade dos benzedores, quanto mais avançada denota uma maior credibilidade. A velhice proporciona atributos de experiência, conhecimento e sabedoria, aspectos que conferem domínio sobre a prática de benzedura, reforçando a ideia de conhecimento acumulado ao longo do tempo.

Em relação ao gênero, dos 6 benzedores entrevistados, quatro são mulheres e dois são homens. Ao tratar sobre o universo das práticas de benzedura, a associação geral sobre o sujeito que realiza os benzimentos está atrelada à imagem da mulher, principalmente a mulher com idade avançada. Pereira e Gomes apontam que:

A princípio não há dificuldades em associar as benzedoras aos arquétipos da mãe provedora ou da anciã que ensina os caminhos de bem-estar e equilíbrio. Esses aspectos constituem o perfil da iniciada que oferece suas habilidades aos necessitados e doa-lhes o seu tempo a fim de que através dela reencontrem a estabilidade da vida (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 137).

A imagem formada pela benzedora carrega aspectos vinculados ao cuidado com o outro e com a sabedoria de vida. Mas também a imagem de mulheres que estão ligadas às práticas curativas também se associa ao estereótipo relacionado às bruxas e feiticeiras, procedente desde o período medieval, que carregam uma visão depreciativa sobre essas mulheres, vinda principalmente dos homens. De acordo com o historiador Jean Delumeau, “a atitude masculina em relação ao ‘segundo sexo’ sempre foi contraditória, oscilando da atração à repulsão, da admiração à hostilidade” (DELUMEAU, 2009, p. 462). A percepção negativa das mulheres que possuíam o conhecimento sobre o manuseio de ervas medicinais, o entendimento sobre o corpo humano, mas também sobre a liberdade que tinham sobre seus próprios corpos desperta a natureza misteriosa da mulher - ao ponto de serem consideradas agentes de Satã (DELUMEAU, 2009) - essa condição feminina reduzia simbolicamente o poder exercido pelos homens, o que gerava medo e resultava na ampliação e enrijecimento do controle

---

<sup>62</sup> MEIRA, A. M. B.; ARAÚJO, C. R. F.; *et al.* Resignificando o lugar da velhice através da benção: a valorização da tradição e do saber popular. **Anais IV CIEH**. Campina Grande: Realize Editora, v. 2, 2015. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/12778>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

sobre elas. No entanto, a permanência dessa representação das mulheres inseridas nesse universo mágico de cura no qual o cuidado, afeto e sabedoria vai ao encontro com a forma como elas criam estratégias e se adaptam ao sistema. Esses aspectos envolvem elementos femininos que colaboram para a percepção das agentes de cura.

Em se tratando do estado civil, seu Gelson é casado e seu Gilmar é solteiro, todas as quatro benzedoras são viúvas. Um ponto que evidencia a narrativa das benzedoras é a relação da prática da benzedura com seus maridos. D. Léa e D. Maria Helena relatam que seus maridos não se importavam de realizarem os benzimentos. De acordo com D. Léa:

(Tayane): E deixa eu te perguntar, você falou que é viúva, né? E o que o seu marido achava de a senhora benzer?

(Léa): Ele não importava não. Os outros chegava aqui, ele atendia a porta, ‘Léa tá te chamando’. Aí eu vinha rezava os *outro*. Nem aqui na sala pra ver o que eu estava fazendo, ele não vinha não. Mas não importava não. Que depois, o parabéns, ele também gostava, que ele gostava muito de ajudar os outros<sup>63</sup>.

Dona Maria Helena comenta que seu marido até a indicava para as pessoas irem se benzer.

(Maria Helena): Ligava não. Importava não, falava nada. [pausa] Ele às vezes ainda mandava. ‘Tá chorando muito? Vai lá, manda benzer que acaba’<sup>64</sup>.

Percebe-se que os maridos de D. Léa e D. Maria Helena reconhecem as duas como benzedoras. E, não impedem ou atrapalham o atendimento realizado por elas, até as recomendam para as pessoas. De certa forma, os maridos acabam sendo motivados a ajudar os outros através do reconhecimento de suas esposas como benzedoras.

Entretanto, com D. Teresa e minha avó Ana, seus maridos se incomodavam ou desaprovavam a realização da prática em suas casas. D. Teresa relata que durante o casamento foi proibida por seu esposo de benzer, e assim suas benzeções ficaram reservadas apenas para os filhos. D. Teresa comenta sobre o assunto:

(Tayane): A senhora falou que não benzeu durante o período em que foi casada, porque o marido da senhora não gostava. Como foi isso pra senhora?

(Teresa): Uai, eu tinha vontade de benzer, mas não podia, então eu fiquei quieta. Benzia só meus filhos. Aí, depois que ele morreu comecei a benzer as pessoas. Porque, vem um, vem outro, eu comecei, e fiquei até hoje, desde o dia de hoje eu tô, aí. Pra mim foi muito feliz.

(Tayane): Mas como a senhora se sentia não podendo benzer?

(Teresa): Ah... Eu ficava, ficava sentido, sabe. Pedir pra benzer, tudo, mas não podia fazer nada. Porque, você já viu, né. Pra evitar caso de confusão, eu não benzia ninguém. Aí, depois que ele faleceu comecei a rezar assim para as pessoas<sup>65</sup>.

<sup>63</sup> Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Oliveira em 03/10/2020.

<sup>64</sup> Entrevista concedida por Maria Helena Nascimento a Tayane Oliveira em 10/09/2020.

<sup>65</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

Nota-se que D. Teresa foi proibida de benzer pelo seu cônjuge. No entanto, sua filha, Léa não vivencia a mesma experiência que sua mãe. Podemos pensar que as ideias e atitudes tomadas pelos maridos das mesmas se inserem através de questões geracionais. De acordo com Kátia Jane Chaves Bernardo:

Quando falamos das relações intergeracionais, vamos buscar respostas nas dimensões socioculturais da vida social, ou seja, o indivíduo deve ser compreendido como ser social inserido em determinado grupo com o qual comunga valores, modos de pensar e agir na sociedade. Trata-se, portanto, da interpretação dos símbolos e dos significados construídos pelas sociedades e expressos nas formas de pensar e agir sobre as diferentes fases da vida e das relações intergeracionais (BERNARDO, 2005, p. 75).

A forma como D. Teresa e D. Léa relacionam sua prática de benzedura junto ao casamento, traz à tona as percepções sobre os papéis sociais ocupados pelas mulheres na sociedade brasileira ao longo do tempo. Dona Teresa relata que não exercia os benzimentos enquanto era casada com seu marido. Essa obediência termina com o falecimento de seu companheiro, sua morte sinaliza para a emancipação de D. Teresa como benzedeira. Ela fica livre para realizar os benzimentos, prática que exerce há mais de 50 anos no bairro São Geraldo para qualquer pessoa que a procure.

Já no relato de minha avó Ana:

(Ana): Conforme eu benzo, assim, conforme gente que vem benzer, comunicar a pessoa, isso vinha muito mesmo, vinha durante o dia, vinha durante a noite. Vicente falava ainda assim: ‘Vocês vêm cedo, mas não deixa pra de tarde’.

(Tayane): Mas se viesse à noite a senhora benzia também?

(Ana): Benzia também. Porque esse passo de benzer de noite, eu benzia, né. Mas agora, benzer era criança, assim conforme uma criança... Que vinha benzer, eu benzia, né. Gente pra benzer, eu benzia, mas agora de tarde, quando era de noite, que vinha pra eu benzer, eu não benzia. Eu falava: ‘Vem amanhã’<sup>66</sup>.

Minha avó menciona sobre o grande fluxo de pessoas que procuravam se benzer tanto de dia como à noite. Mesmo atendendo, principalmente crianças à noite quando era solicitado, minha avó Ana e meu avô Vicente tentavam estipular e limitar um horário para a realização dos benzimentos para não interromper a rotina da casa, principalmente à noite, no momento de descanso da família.

De acordo com Taisa Lewitzki (2019) a casa da benzedeira representa o “espaço de produção e reprodução da prática do benzimento” (LEWITZKI, 2019, p. 50). A casa da benzedeira se torna um lugar marcado pela sociabilidade. O reconhecimento das benzedeiros pela comunidade faz com que sua casa seja um lugar conhecido e frequentado, fazendo com

---

<sup>66</sup> Entrevista concedida por Ana de Jesus Rodrigues a Tayane Oliveira, em 25/01/2016.

que se altere, por vezes, a rotina habitual da casa. O reconhecimento da comunidade mediante as práticas de benzedura dessas mulheres também subverte a ordem patriarcal. Segundo Pereira e Gomes:

O discurso das benzedoras desenha uma rota particular nesse cenário, pois embora não promova a mudança da realidade social, estabelece um *locus* de poder ao qual todos, mulheres e homens indistintamente, têm de recorrer no momento de solucionar certas necessidades (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 137).

O incômodo ou proibição apresentados pelos maridos reflete nas relações de gênero que a prática de benzedura traz na figura da mulher. A partir do conceito de gênero apresentado pela historiadora Joan Scott (1995), podemos compreender que as diferenças estabelecidas entre os sexos femininos e masculinos são constituídas pelas relações sociais e, como tal, as relações de gênero estão pautadas nas relações de poder. O ofício da benzedura desloca o papel exercido pela mulher na sociedade, lhe oferece uma identidade que movimentada as relações de gênero, seja pelo reconhecimento de seu “poder” pelos companheiros e/ou comunidade, seja pelo incômodo ou tentativa de anulação do mesmo, não há como invisibilizar e restringir as ações exercidas por elas. Pereira e Gomes discorrem a respeito:

As benzedoras abrem fissuras nessa ordem social, pois insinuam nas histórias de vida e de iniciação outro conceito de estabilidade: primeiro, pela proposta da diferença, fazendo ver que no interior da lógica patriarcal se insurgem vozes distintas que interpretam o sagrado e através dele as relações sociais; segundo, pela afirmação da diferença, visto que na oferta do sagrado as benzedoras representam uma alternativa para o devoto que não deseja valer-se de um benzedor; terceiro, pela formação de um corpus discursivo que delinea uma identidade feminina. Nesse corpus, a oração iniciática “eu sou a mulher a benzedora” indica uma apropriação do sagrado como atributo feminino, na medida em que a função (benzedora) identifica o gênero e é identificada por ele. Trata-se de um procedimento estratégico que rompe o silêncio imposto às mulheres e lhes permite tecer um discurso que influencia a esfera pública do grupo, embora esteja permeado de referências ao mundo privado, tais como as ocupações domésticas e as aspirações pessoais. O discurso das benzedoras contesta o domínio patriarcal por ser articulado como alternativa de sentido para a realidade (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 139).

Como nos mostra Scott, “o gênero, então, fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana” (SCOTT, 1995, p. 89). Sendo benzedoras, essas mulheres extrapolam seu lugar social, se tornando algo além do papel de esposa e de mãe.

No que se refere à cor da pele, D. Maria Helena se autodeclarou como branca e o seu Gilmar como moreno. Quatro benzedores se declararam negros. D. Teresa, D. Léa e o seu Gelson mesmo com o registro na certidão de nascimento, identificando-os como morenos ou pardos, eles se autodeclararam como negros.

A classificação relativa à cor ou raça adotada pelo IBGE (2013) estabelece as seguintes categorias branco; negro; pardo; indígena e amarelo<sup>67</sup>. Como relatado por D. Teresa, D. Léa e seu Gelson, a identificação de sua cor da pele foi registrada em suas certidões em discordância com a atribuição que os mesmos fazem de si. A heteroatribuição de pertença é um método de identificação racial, no qual a raça ou cor da pele é atribuída por outra pessoa - como por exemplo, o agente recenseador -, ela se baseia na objetividade se pautando nos fenótipos (IBGE, 2013).

Num país como o Brasil que apresenta uma conturbada história de miscigenação, se autodeclarar pode gerar incertezas sobre a raça ou cor da pele. Ao ser perguntado sobre sua cor, seu Gilmar se declarou como moreno. De acordo com José Luís Petrucelli<sup>68</sup>: “a categoria morena, desprovida de significado étnico-racial e remetendo apenas a uma caracterização neutra de aparência cromática na qual podem se ver incluídas pessoas portadoras de variadas identidades” (PETRUCCELLI, 2013, n.p.).

A autodeclaração estabelece que o próprio sujeito se enquadre no grupo racial em que se considera pertencente, os fatores como a origem e a ancestralidade estão presentes na sua escolha (PETRUCCELLI, 2013). Vale ressaltar que a narrativa de vida desses sujeitos e a forma como eles são lidos pela sociedade também colabora para sua escolha.

De acordo com o IPEA:

[...] o aumento proporcional da população negra (preta e parda) no país. Em 1995, 44,9% dos brasileiros declaravam-se negros e, em 2009, este percentual subiu para 51,1%; enquanto a população de brancos caiu de 54,5% para 48,2% no mesmo período. Em 2009, entre os homens, o percentual de brancos é de 47%, e o de negros, 52%; por sua vez, o percentual entre mulheres brancas e negras é de 49,3% e 49,9%, respectivamente. Entretanto, evidências mostram que este aumento populacional não ocorre em razão do aumento da taxa de fecundidade da população negra, mas pela mudança na forma como as pessoas se veem, as quais passam a se autodeclarar como pertencentes a tais grupos de cor/raça (RETRATO DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO E RAÇA, IPEA, 2011, p. 17).

A mudança na autodeclaração da raça ou cor é muito significativa dentro de uma sociedade com estruturas racistas<sup>69</sup> que, infelizmente, demarcam e determinam a ocupação dos

<sup>67</sup> IBGE. **Estudos e análises: Informação demográfica e socioeconômica - número 2: Características Étnico-raciais da população brasileira.** Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <[http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/GT\\_Igualdade\\_Racial/Artigos\\_Estudos/Caracter%C3%ADsticas\\_%20%C3%89tnico-Raciais%20da%20Popula%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira.pdf](http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/GT_Igualdade_Racial/Artigos_Estudos/Caracter%C3%ADsticas_%20%C3%89tnico-Raciais%20da%20Popula%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira.pdf)>. Acesso em 23 Dez 2021.

<sup>68</sup> PETRUCCELLI, José Luís. Autoidentificação, identidade étnico-racial e heteroclassificação. In: IBGE. **Estudos e análises: Informação demográfica e socioeconômica - número 2: Características Étnico-raciais da população brasileira.** Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <[http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/GT\\_Igualdade\\_Racial/Artigos\\_Estudos/Caracter%C3%ADsticas\\_%20%C3%89tnico-Raciais%20da%20Popula%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira.pdf](http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/GT_Igualdade_Racial/Artigos_Estudos/Caracter%C3%ADsticas_%20%C3%89tnico-Raciais%20da%20Popula%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira.pdf)>. Acesso em 23 Dez 2021.

<sup>69</sup> Racismo estrutural é o conceito cunhado pelo professor Sílvio de Almeida (2018, p. 15-16), no qual aborda que o racismo não se manifesta somente de forma individual sendo apresentado como fenômeno patológico ou

lugares sociais. Os benzedores que se reconhecem como negros rompem com esses limites predeterminados, o que faz com que eles possam entrar em contato com sua ancestralidade e afirmar sua identidade negra.

Sobre sua cor da pele D. Teresa comenta:

(Tayane): Em relação à cor da pele, dona Teresa. Como a senhora se autodeclara?  
 (Teresa): Morena.  
 (Soraia): Não é negra?  
 (Teresa): Na minha coisa tá morena.  
 (Soraia): Na certidão, mas a senhora se declara negra?  
 (Teresa): Sim. Sou bastante...[inaudível] Nossa Senhora Aparecida é preta.  
 (Tayane): Aí, seria negra?  
 (Teresa): No papel é morena, mas eu me sinto negra.  
 (Tayane): Mas a senhora se considera negra?  
 (Teresa): Considero<sup>70</sup>.

Em relação às mulheres, das quatro benzedoras entrevistadas, três são mulheres negras. Como mencionado anteriormente, na certidão de nascimento de D. Teresa consta que sua cor da pele é morena. No trecho acima D. Teresa confirma a descrição do documento, mas a partir da indagação de sua neta, Soraia, sobre ser negra, D. Teresa reafirma sua identidade negra. Vale ressaltar que Soraia também é uma mulher negra, tem 43 anos de idade e é adepta ao candomblé, sendo filha-da-casa da Associação Afro-brasileira Casa do Tesouro - *Egbe Ile Omidewa Ase Igbolayo*<sup>71</sup>. Podemos compreender que as percepções sobre a negritude perpassam sua vida. Se enxergar como uma pessoa negra não se baseia somente na tonalidade da pele, mas também a outros aspectos como: as experiências de vida, o convívio com familiares, o pertencimento e a vivência religiosa dentro de uma religião de matriz africana, o seu lugar de fala, por exemplo. Assim, a indagação de Soraia para a sua avó traz à tona essas referências. O fato de a descrição da cor da pele ser morena na certidão de nascimento mostra uma formalidade legal, mas não expressa a forma como D. Teresa se auto identifica: “No papel é morena, mas eu me sinto negra”<sup>72</sup>.

D. Teresa também relaciona sua cor da pele com a cor de Nossa Senhora Aparecida. A referência à santa traz uma identificação com a cor da pele fazendo com que D. Teresa se reconheça nessa divindade negra, feminina e sagrada.

---

anormal. O racismo está presente em toda estrutura política e econômica da sociedade, operando de forma lógica ao dar sentido às desigualdades e violências sofridas pela população negra. Ver em: ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

<sup>70</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis e Soraia Geralda Santos a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

<sup>71</sup> Associação Afro-brasileira Casa do Tesouro - *Egbe Ile Omidewa Ase Igbolayo* funciona na Rua Vereador Vicente Cantelmo, 875, bairro Guarda Mór, em São João del-Rei.

<sup>72</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis e Soraia Geralda Santos a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

A aparição da santa aconteceu em 1717, durante o período colonial escravagista. De acordo com o historiador Lourival dos Santos (2006), a imagem de Nossa Senhora da Conceição seria branca<sup>73</sup>, devido ao tempo em que ficou imersa no rio; e a fumaça das velas que eram acendidas em sua homenagem e intercessão, a imagem foi sofrendo um escurecimento do material feito de terracota, no entanto, além dessa modificação física, o processo de enegrecimento da imagem também se deve ao olhar de quem se identifica com ela. O historiador prossegue:

Tendo essas observações em conta e o brutal tratamento a que foram submetidos os ex-escravos no Brasil, pode-se situar melhor a importância que o enegrecimento da mãe de Jesus teve para os afro-brasileiros. Tratou-se de reabilitar o imaginário sobre a mulher mãe-negra que passou do status de submissão e humilhação para a condição de mãe de Deus e dos homens (SANTOS, 2011, p. 6).

As aparições de Nossa Senhora pelo mundo têm como atributo se manifestarem a partir das características da população que está passando por dificuldades e sofrimentos em determinado período. No México, por exemplo, Nossa Senhora de Guadalupe apresenta traços indígenas<sup>74</sup>. A face de quem mais sofre desigualdades na nossa sociedade é a da mulher negra. Segundo o IPEA (2017), as mulheres negras estão na base da hierarquia social, são as que mais sofrem vulnerabilidades<sup>75</sup>. Segundo a pesquisa do IPEA:

Em 2009, a mulher branca correspondia 55% da renda média dos homens brancos; para os homens negros, o percentual foi de 53%. No entanto, as mulheres negras, em que pese o aumento da renda e a redução da desigualdade, permanecem bem isoladas na base da hierarquia social (sua renda média equivalia a 18% dos rendimentos percebidos pelos homens brancos, em 1995, e chega a 30,5% em 2009) (RETRATO DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO E RAÇA, IPEA, 2011, p. 35).

Como observado na pesquisa do IPEA, mesmo com o aumento na renda e a diminuição das desigualdades entre os anos de 1995 a 2009, as mulheres negras constituem o grupo social com menor renda entre os homens e mulheres brancos; e homens negros. Além de possuírem a menor renda, as mulheres negras enfrentam discriminações tanto relativas ao gênero como a raça e a sexualidade.

<sup>73</sup> Ver em: ALMEIDA, Marina. **Africanização da Padroeira do Brasil por devotos negros não teve influência da Igreja**. [10/02/2006]. Disponível em: <<http://www.usp.br/agen/repgs/2006/pags/015.htm>>. Acesso em: 27 nov. 2021.

<sup>74</sup> Ver em: MARTINS, Rui Jorge. **Virgem de Guadalupe: Rosto moreno, cultura indígena e imagem que a ciência não sabe explicar**. [12/12/2015]. Disponível em: <[https://www.snpcultura.org/Virgem\\_guadalupe.html](https://www.snpcultura.org/Virgem_guadalupe.html)>. Acesso em: 27 nov. 2021.

<sup>75</sup> Ver em: IPEA. **Ipea apresenta dados de vulnerabilidade social por cor, sexo e domicílio**. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=30790&catid=1&Itemid=7](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30790&catid=1&Itemid=7)>. Acesso em 27 nov. 2021.

Em termos de escolaridade, os entrevistados de forma geral possuem o ensino básico incompleto. A minha avó Ana e D. Maria Helena não frequentaram a escola na infância, mas conseguiram aprender a escrever o nome e ter algumas noções de leitura. Nas suas famílias, a educação escolar estava direcionada para educação masculina. Segundo D. Maria Helena:

(Maria Helena): [...] Nesse ponto meu pai era muito correto, graças a Deus! Não deixava faltar nada pra família. **Não dava luxo não!**<sup>76</sup> E, muito sistemático, não deu aula para mim, só deu aula *pros menino*. A professora só dava aula só *pros menino*, para mim não. Diz que ‘mulher não precisava aprender’<sup>77</sup> (grifo meu).

D. Maria Helena, após a aposentadoria, decidiu voltar a estudar junto com uma amiga, de acordo com a benzedeira, ambas participaram do programa MOBREAL<sup>78</sup>, que acontecia em Santa Cruz de Minas. As aulas aconteciam à noite, apesar de ter gostado de voltar a estudar, as duas frequentaram a escola apenas por 15 dias por medo da insegurança.

D. Teresa estudou até o segundo ano primário em Conceição da Barra de Minas. Segundo ela: “Nossa, estudei até o segundo ano. Nós morava na roça, não tinha nada disso não [risos]”<sup>79</sup>. Sua filha Léa, seu Gelson e seu Gilmar estudaram até o quarto ano primário, em São João del-Rei.

A área profissional em que os benzedores se enquadram divide-se em dois tipos: comercial e doméstico. Os dois benzedores entrevistados, seu Gelson e seu Gilmar produzem e vendem pasteis e óleo reciclado, respectivamente. Desempenham um trabalho voltado para um público externo, mas seus empreendimentos são realizados em suas residências. O que permite uma flexibilidade no tempo de trabalho garantindo, dessa forma, uma maior disponibilidade para ter o contato com seus consulentes.

As mulheres entrevistadas apesar de estarem aposentadas ou não estarem no mercado de trabalho, suas antigas atividades profissionais estão relacionadas com trabalhos domésticos, trabalhos na roça e serviços gerais. As benzedeiros exerciam as funções de doméstica, lavadeira, arrumadeira, passavam roupas. Funções exercidas para um público interno, ou seja, trabalhavam em casas de família, em hotéis ou cumpriam determinada atividade. A baixa

<sup>76</sup> D. Maria Helena diz com ênfase esse trecho.

<sup>77</sup> Entrevista concedida por Maria Helena Nascimento a Tayane Oliveira em 10/09/2020.

<sup>78</sup> MOBREAL foi o programa do governo federal implementado durante a ditadura militar, em 1970. O programa tinha como objetivo erradicar o analfabetismo entre jovens e adultos no país, no período de dez anos. Contudo, as metas estabelecidas não foram alcançadas. A proposta pedagógica adotada foi condenada por se preocupar apenas que o aluno saiba ler e escrever, não priorizando a formação do homem como sujeito. Ver em: MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. *Verbete Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil*. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<https://www.educabrazil.com.br/mobral-movimento-brasileiro-de-alfabetizacao/>>. Acesso em: 09 de nov. 2020.

<sup>79</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis a Tayane Oliveira em 29/08/2020.



escolaridade também configura e corrobora como fator para atuarem no trabalho doméstico. Juliana Teixeira, Luiz Saraiva e Alexandre Carrieri nos mostram que:

Em termos de hierarquias profissionais e sociais, há que se destacar, em primeiro lugar, a própria condição de desigualdade em que se encontram as mulheres no mundo privado e também do trabalho. Nesse sentido, o próprio fato da maioria de trabalhadores domésticos serem do sexo feminino já nos diz a quem é atribuído, socialmente, o lugar e as tarefas domésticas. Além dessa própria condição de gênero, o trabalho das empregadas domésticas dentro da hierarquia profissional pode nem mesmo ser considerado uma profissão, se levarmos em conta as perspectivas funcionalistas da sociologia das profissões (TEIXEIRA; SARAIVA; CARRIERI, 2015, p. 164).

As atividades do serviço doméstico, comumente, são associadas ao trabalho exercido pelo gênero feminino e, principalmente, estão vinculadas ao trabalho exercido por mulheres negras. Esse aspecto ocorre sobretudo durante o período do pós-abolição, o serviço doméstico, no qual se baseia principalmente na troca de benefícios como ter cama e comida, por exemplo, se tornou para as ex-escravizadas a principal fonte de emprego (TEIXEIRA; SARAIVA; CARRIERI, 2015, p. 163). Além disso, essa atividade doméstica dificilmente possibilita uma mobilidade social, apresentando, por vezes, um caráter hereditário para essas mulheres negras.

Para pensar a respeito das desigualdades, discriminações e violências que a mulher negra sofre, a intelectual Kimberlé Crenshaw (2002) nos apresenta o conceito de interseccionalidade. A partir dele é possível identificar os entrecruzamentos de opressões a que estão submetidos uma pessoa ou grupo social. No depoimento abaixo, D. Léa relata o episódio de racismo que sofreu junto com seu marido.

(Tayane): Dona Léa, a senhora já sofreu discriminação por benzer?  
 (Léa): Não, por benzer eu não sofri não, só pela minha cor.  
 (Soraia): Ah, a senhora já. Nossa, tia  
 (Tayane): E como é que foi?  
 (Soraia): Fala, senhora.  
 (Léa): Ah, já tem muitos anos atrás, eu saí com meu marido, a gente foi no cinema, quando a gente saiu do cinema, um soldado passou a mão no meu braço, eu falei: ‘Oh, sem graça’. Aí ele falou: ‘Posso passar a mão *no*ê, onde que eu quiser, eu sou branco’.  
 (Soraia): Oh.  
 (Léa): Aí eu fiquei sem graça. Aí, deu, deu problema.  
 (Soraia): Quantos anos já tem isso?  
 (Léa): Já sofri muito...Essas coisas, isso não acaba não,  
 (Soraia): Também acho que não.  
 (Léa): Não acaba não.  
 (Soraia): Nossa. Eu sinto muito...  
 (Léa): Eu era negra, meu marido era mais escuro que eu, que... Que ele podia fazer o que ele quisesse, né?  
 (Tayane): Nossa, eu sinto muito a senhora ter passado por isso.  
 (Léa): É, sente sim. É desse jeito, a gente sente mesmo. Aonde que tem muito branco *nos* lugar, eu evito o máximo, porque a gente já foi humilhada uma vez, pode ser duas, três. E a gente que humilha a pessoa assim não pensa pra falar não. Dessa vez, até o sargento falou assim: ‘A senhora vem aqui amanhã, que a gente vai resolver esse problema aí, capaz de ser até mandado embora do quartel’. Aí meu marido pensou

bem falou: ‘Léa, não vamos fazer isso não, que às vezes ele é um coitado qualquer, que é uma pessoa que faz isso não é gente humana não. Vamos ignorar o fato’. Aí a gente largou pra lá, mas por causa de deixar pra lá, muitos vem fazendo, aproveitando o irmão.

(Soraia): Verdade.

(Léa): Exatamente, que é uns largar pra lá, o outro não larga, né? Aí você vê que agora, é macaco, é aquilo, ele joga casca de banana nos outros, faz um monte de gracinha, né? Isso vem de longe.

(Tayane): Nossa, eu sinto muito pela senhora ter passado por isso, viu? Mas acho que a gente tá se fortalecendo, né?

(Léa): Agora ainda tem lei pra isso, né? Antigamente deixava correr. A gente já era humilhado, ficava por isso mesmo<sup>80</sup>.

Quando perguntei a D. Léa se já havia sofrido discriminação por benzer, foi com surpresa e tristeza que ouvi a sua resposta, que um momento de descontração e divertimento com seu marido foi transformado em uma experiência traumática ao ser abordada de forma tão desrespeitosa. Percebe-se que a associação desse sistema discriminatório opera nos silenciamentos e vulnerabilidades dos grupos sociais e desencadeia o “desempoderamento” (CRENSHAW, 2002) desses grupos. Contudo, a consciência sobre as questões raciais se intensifica contribuindo para que as denúncias sejam realizadas com o respaldo da lei, garantindo que atos discriminatórios e racistas sejam denunciados e punidos.

Questiono aos benzedores se eles já sofreram discriminação por benzer, todos relatam que não. De acordo com o depoimento de seu Gelson:

(Gelson): Não. Não. Eu nunca sofri discriminação por benzer não. E mesmo se me discriminarem, eu não ligo, né. Porque, é uma coisa que eu tô fazendo de coração. Eu tô ajudando as pessoas que me procuram. E também se discriminarem eu não ligo. Então quem quiser criticar que critique, eu não tô nem aí [risos]. Eu quero fazer a minha parte, que eu faço de coração, né. E as pessoas que me procuraram até hoje, não tem reclamado. Ninguém tem falado mal, ninguém tem jogado né... me falado nada então, eu creio que está sendo eficaz, né<sup>81</sup>.

Vale ressaltar que os benzimentos não são realizados somente por benzedores que seguem uma linha católica. As práticas de cura estão inseridas dentro das religiões afro-brasileiras, de matriz africana, nos rituais indígenas até mesmo nas religiões evangélicas. Seu Gelson comenta a respeito:

(Tayane): O senhor comentou que... Eu queria que o senhor falasse sobre como o senhor percebe, você percebe que as práticas de benzedura existem em outras religiões?

(Gelson): Eu creio que sim, porque, né. Assim, como eu falei pra você, cada um tem a sua fé, né. Outros procuram as pessoas que mexe com Umbanda, né. Prática espírita, outros procuram outras pessoas, como tem os evangélicos que não creem muito em Nossa Senhora, em santos, mas eles têm os pastores lá que fazem as orações para eles,

<sup>80</sup> Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Oliveira em 03/10/2020.

<sup>81</sup> Entrevista concedida por Gelson Aparecida de Faria a Tayane Oliveira em 14/09/2020.

que eles creem também. Então, eu acho que cada um dentro da sua religião, dentro da sua fé<sup>82</sup>.

Os benzedores acreditam que a prática de benzedura possui influências afro-brasileiras e indígenas. D. Maria Helena, por exemplo, comenta que sua mãe aprendeu a benzer com o avô dela, que era *índio*. Ela diz que ele foi encontrado na estrada, na Serra de Tiradentes, quando era bebê. Seu bisavô chamava Antônio, ele tratava as pessoas fazendo vidrinhos de homeopatia para curar febre, dor de cabeça, dor de barriga, segundo ela<sup>83</sup>. A origem das práticas curativas parte dos saberes e conhecimentos dos povos indígenas, africanos e de seus descendentes. D. Léa, D. Teresa e seu Gelson comentam a respeito:

(Tayane): A senhora acha que essas práticas que a senhora aprendeu, as práticas dos benzedores em geral, elas têm influências de origem indígena, de origem africana?

(Léa): Ah, eu acho que tem origem indígena, é mais pra índio, né. Que o índio é mais raizeiro, ele acredita mais<sup>84</sup>.

(Tayane): A senhora acha que algumas dessas práticas que a senhora aprendeu tem influências de origem afro-brasileira ou indígena?

(Soraia): A senhora acha que essa prática da benzeção tem a ver com negro ou com índio?

(Teresa): Eu acho que tem mais a ver com os índios, né. Porque, o índio tem mais certeza, né [risos]. Eles faz os remédios dele lá, eles mesmo. Eu acho que a benzeção vem deles

(Tayane): Por causa da questão das ervas?

(Teresa): É, porque tudo enquanto erva do mato eles conhecem. Eu também tive... agora não, porque agora eu não vou no mato, mas quando eu ia, catava muita erva, era muita coisa pra casa. Mas agora, eu não saio mais<sup>85</sup>.

(Tayane): O senhor aprendeu benzer e esse conhecimento é muito antigo...

(Gelson): Sim, sim.

(Tayane): Você teria ideia de onde e como surgiu a benzeção e por quais influências ela teria passado?

(Gelson): Olha, tem uma história que eu ouvi muito, que eu ouço muito às vezes que a benzeção vem do tempo dos escravos, né. Do tempo dos quilombos, dos escravos que vieram para o Brasil, né. E começaram com a benzeção, e isso foi passando de geração a geração, né, e as orações também da Igreja Católica já venham muitos anos é mais de dois mil anos atrás, né. Então, quer dizer que cada um tem a sua prática e cada um leva o seu jeito. Eu creio na benzeção, porque, eu desde pequeno, desde a minha infância, eu sempre ouvi dizer que existe benzeção, e que surte muito efeito, surte muito efeito, né. É como eu disse hoje, a ciência está avançada tem muitos medicamentos, muitas vacinas, muitas coisas que curam realmente. Mas, no passado não tinha nada disso, né. E muitas pessoas eram curadas através de orações e benzeções. Porque, eu lembro que antigamente de até tinha benzeção para caxumba, né. Tinha benzeção de sarampo, que não tinha medicamento na época, não tinha medicamento próprio. Então, sempre recorriam os benzedores. Então, desde pequeno, eu acredito nisso e continuo acreditando, que ela é muito eficaz a oração e a benzeção, é muito eficaz.

(Tayane): Além dessa influência que você falou de origem africana, que veio dos escravizados. Você acha que essa origem poderia ser também de origem indígena?

<sup>82</sup> Entrevista concedida por Gelson Aparecida de Faria a Tayane Oliveira em 14/09/2020.

<sup>83</sup> Entrevista concedida por Maria Helena Nascimento a Tayane Oliveira em 10/09/2020.

<sup>84</sup> Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Oliveira em 03/10/2020.

<sup>85</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis e Soraia Geralda Santos a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

(Gelson): Creio que sim, creio que sim, porque como se fala também que até hoje, a gente sabe que tem muitas tribos indígenas que mesmo com a tecnologia avançada, que eles têm os medicamentos, eles ainda praticam os rituais deles de benzeção, de orações, não é. Eles acreditam muito nisso ainda também. Que são passados pelos antepassados, agora que vão passa de geração a geração<sup>86</sup>.

As influências afro-brasileiras e indígenas nos rituais de cura; os conhecimentos sobre ervas e raízes revelavam um cenário favorável para o desdobramento de múltiplas e diversas trocas culturais que são herdadas e passadas de geração em geração.

Os benzedores relatam que não sofreram discriminação por causa dos benzimentos, contudo, a partir de suas narrativas é possível identificar como sua prática pode ser julgada e mal vista. Conforme apontam os dados do Quadro 1, os benzedores entrevistados têm como base religiosa o catolicismo. Além de se declararem católicos, alguns benzedores também participam da estrutura organizacional das igrejas que costumam frequentar. Seu Gelson foi durante 8 anos ministro extraordinário da eucaristia, distribuía a comunhão durante a missa e participava de grupos de oração em sua paróquia. D. Maria Helena é procuradora do quilo no Centro Comunitário Dom Bosco. E também integra ao grupo Apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus<sup>87</sup>, assim como a minha avó Ana<sup>88</sup>, que integrava ao grupo na paróquia de Bom Jesus de Matosinhos, além de ser dizimista, ela participou por um determinado tempo da Associação Damas Salesianas<sup>89</sup> na paróquia do Dom Bosco. D. Léa e D. Teresa participavam da organização de festas na capela de São Geraldo. Apesar de estarem inseridos e ativos dentro desse ambiente institucional religioso, a realização da prática da benzedura pode despertar a atenção do setor clerical. Seu Gelson comenta a respeito da conversa que teve com seu pároco sobre seus benzimentos.

(Gelson): Olha, eu vou dizer para você com sinceridade, eu já procurei o meu pároco, já conversei com ele sobre isso. Eu falei: ‘olha, eu faço oração para as pessoas. Muitos dizem que é benzeção, eu considero como oração’. E, o meu pároco falou para mim: ‘Olha, você tem fé no que você faz? Você acredita no que você tá fazendo?’ Falei: ‘Acredito!’ ‘Então, não tem pecado, não tem pecado nisso. Se você acredita que você tá fazendo alguma coisa para fazer...para ajudar o próximo sem interesse algum, sem cobrar nada, você tá fazendo de coração, não é pecado’. Isso, meu pároco falou para mim, que eu posso continuar fazendo as minhas orações para as pessoas que não tem

<sup>86</sup> Entrevista concedida por Gelson Aparecida de Faria a Tayane Oliveira em 14/09/2020.

<sup>87</sup> SILVEIRA, Lucas. **Você sabe o que é o Apostolado da Oração? Diocese de São João del-Rei.** [23/03/2017]. Ver em: <<https://diocesedesaojoaodelrei.com.br/voce-sabe-o-que-e-o-apostolado-da-oracao/>>. Acesso em: 09 nov. 2020.

<sup>88</sup> Informações de conhecimento prévio da pesquisadora e de seus familiares.

<sup>89</sup> A Associação Damas Salesianas reúne mulheres dispostas a desenvolverem ações junto à comunidade mais carente, além de se dedicarem às atividades da Igreja Católica. Ver em: SALESIANOS: INSPETORIA SALESIANA DE NOSSA SENHORA AUXILIADORA. **Associação Damas Salesianas.** [25/03/2013]. Disponível em: <<https://salesianosp.org.br/associacao-damas-salesianas/>>. Acesso em: 13 nov. 2021.

nada contra. Agora, tem muitos, né mais antigos que não aceitavam muito esse tipo de coisa, né. Mas, agora pelo menos meu pároco, ele me deu total apoio<sup>90</sup>.

Seu Gelson relata sobre o apoio de seu pároco, que o aconselhou a dar continuidade aos benzimentos, uma vez que estará ajudando as pessoas. Contudo, como menciona seu Gelson, nem todos os padres aceitam essa prática. A partir das narrativas de D. Léa e D. Maria Helena é possível identificar como a prática de benzedura pode ser confundida com a “macumba” sendo referenciada de forma depreciativa. No relato de D. Léa:

(Tayane): O que que a senhora acha que a Igreja, os padres acham sobre a prática da benzedura?

(Léa): Ah, eles não... Não condena, não critica, e nem coisa, eles não... Eles não falam nada. Igual, esse eu admirei porque ele vem lá de Curvelo e acreditou, mas os daqui, não sei se muito acredita não, em benzedeira, não. Tem uns padre que não acredita não, né Soraia?

(Soraia): Tem uns que confunde, acha que é outra religião.

(Léa): É, é, pensa que, acha que benzer é macumba. Macumba é uma coisa, e rezar é outra coisa.

(Tayane): É, e pra senhora, o que seria a macumba?

(Léa): A macumba é canjerê<sup>91</sup>, [inaudível], é batuque, roda de tudo, cachimbo, charuto. Essas coisas, que tudo que gasta na macumba, né. Porque na Igreja não gasta essas coisas, gasta o incenso, a gente podendo incensar é muito bom. O incenso cura... tira muito carga negativa. Que não precisa ser só na igreja não. Centro também incensa.

(Soraia): É amor.

(Léa): Tira a carga negativa.

(Tayane): Também acho que na umbanda e no candomblé também se utiliza a defumação, né?

(Léa): Utiliza. É em todo lugar, todo lugar, seja na igreja, todo lugar, o incenso tem essa utilidade. Todo lugar tem carga negativa, até na igreja<sup>92</sup>.

A referência depreciativa às práticas de benzedura está associada ao racismo religioso que as religiões afro-brasileiras, religiões de matriz africana e também as crenças indígenas sofrem, como nos mostra Sidnei Barreto Nogueira:

O racismo religioso condena a origem, a existência, a relação entre uma crença e uma origem preta. O racismo não incide somente sobre pretos e pretas praticantes dessas religiões, mas sobre as origens da religião, sobre as práticas, sobre as crenças e sobre os rituais. Trata-se da alteridade condenada à não existência. Uma vez fora dos padrões hegemônicos, um conjunto de práticas culturais, valores civilizatórios e crenças não pode existir; ou pode, desde que a ideia de oposição semântica a uma cultura eleita como padrão, regular e normal seja reiteradamente fortalecida. É provável que o termo ‘intolerância’ seja mais aceito por conta dos mitos da democracia racial e da democracia religiosa (laicidade). No Brasil tudo o que coloca o povo brasileiro em uma posição cordial será mais aceito do que qualquer noção que confrontá-lo ou que pode colocá-lo na posição de extremista, excludente e violento (NOGUEIRA, 2020, p. 47).

<sup>90</sup> Entrevista concedida por Gelson Aparecida de Faria a Tayane Oliveira em 14/09/2020.

<sup>91</sup> Canjerê: “Reunião de pessoas para rituais de religiões afro-brasileiras. Pode designar o local onde se dá tal reunião”. Ver em: DICIONÁRIO INFORMAL. **Canjerê**. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/canjer%C3%AA/>>. Acesso em: 30 nov. 2021. D. Léa faz um movimento com os braços, como se estivesse dançando.

<sup>92</sup> Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Oliveira em 03/10/2020.

Como colocado por Nogueira, a ideia de intolerância religiosa ameniza um debate mais profundo sobre as implicações do racismo na sociedade brasileira. Ofensas, discursos de ódio, invasões e ataques a templos e terreiros são direcionados a religiões de matriz africana que ocorrem em todo país. Em São João del-Rei, por exemplo, a Tenda Espírita Pai Joaquim de Angola<sup>93</sup> foi invadida, depredada e teve objetos roubados. Desse modo, o termo racismo religioso é mais pertinente por ampliar a discussão de forma estrutural.

D. Maria Helena relata que foi denunciada por alguém para o padre de sua paróquia, sendo acusada de estar fazendo “macumba”, segundo ela:

(Maria Helena): Aí um dia o padre Gregório, estava aqui fazendo isso igual a você está fazendo<sup>94</sup>. Porque deram o nome lá na igreja que eu estava fazendo macumba. Falei: ‘O padre, a minha macumba é muito importante é muito importante, vem cá, senta aqui’. Ele sentou na cadeira, nessas cadeiras [inaudível] Ele sentou, eu sentei: [inaudível] aí, ele perguntou. Aí, eu rezei tudo pro padre Gregório. ‘Olha, padre Gregório, o senhor vê se eu posso continuar ou não? Porque, a minha mãe é que me ensinou, ela aprendeu com o avô dela que era índio, pegado no mato, né’ [...].

(Tayane): Mas o padre falou mais alguma coisa?

(Maria Helena): Não, falou que eu posso continuar, que podia continuar. Que isso era uma coisa boa, muito boa. Eu rezei as minhas oração tudo, o que eu sabia eu rezei pra ele.

(Tayane): E se ele falasse que não? O que a senhora ia fazer?

(Maria Helena): Não ia benzer mais. Nunca mais eu rezava.

(Tayane): Não ia?!

(Maria Helena): Não ia não. Se ele falasse assim: ‘Não pode’. Nunca mais eu rezava. Mas, ele falou que eu podia continuar, que podia continuar, rezava, benzia as crianças de mau-olhado, de ventre-virado, coser jeito, cobreiro<sup>95</sup>.

A visita do padre para averiguar se D. Maria Helena estava fazendo “macumba” ou não; o julgamento negativo referente aos benzimentos das vertentes religiosas de matriz africana aciona para um controle de uma hegemonia religiosa cristã sobre as diferentes formas de expressão religiosa. No caso de D. Maria Helena, esse controle faz com que a possível desaprovação de um sacerdote institucionalizado ultrapasse e elimine a tradição de sua família que foi passada por gerações. Verifica-se, dessa forma, que o apoio dos padres sobre a prática de benzedura representa uma espécie de aprovação para os benzedores que os legitimam enquanto tais.

Seu Gilmar, no entanto, se denomina como “católico misto”, sua vivência religiosa é marcada por relacionar tanto ensinamentos católicos quanto preceitos evangélicos na sua prática religiosa. Mesmo não frequentando as missas presenciais, seu Gilmar assiste pela

<sup>93</sup>Ver em: RÁDIO SÃO JOÃO DEL-REI. **Terreiro de umbanda é alvo de ataques no bairro Caieiras**. [24/02/2022]. São João del-Rei. Disponível em: <<http://radiosaojoaodelrei.com.br/2022/02/24/terreiro-de-umbanda-e-alvo-de-ataques-no-bairro-caieiras/>>. Acesso em: 08 mar. 2022.

<sup>94</sup> D. Maria Helena se refere às perguntas.

<sup>95</sup> Entrevista concedida por Maria Helena Nascimento a Tayane Oliveira em 10/09/2020.

televisão e costuma ouvir a programação do padre Reginaldo Manzotti. Os meios de comunicação se tornam um recurso pelo qual os benzedores experienciam sua fé. Os programas religiosos transmitidos pela televisão, rádio e internet abrangem um público maior, expandindo-se para além de suas paróquias e congregações locais. Segundo Pedro Gilberto Gomes:

Dada a complexidade e a vastidão do mundo contemporâneo, os locais acanhados dos templos limitam a proclamação do Evangelho a todos os povos e regiões. Logo, os modernos meios de comunicação representam um instrumento providencial para ajudar no cumprimento da missão. Eles permitem, inclusive, atingir as pessoas que não se dirigem ao templo para rezar, permanecendo em casa cuidando de seus negócios. Sem pedir licença, eles visitam, via televisão, os lares das pessoas, levando-lhes a mensagem do Evangelho (GOMES, 2004, p. 10).

#### D. Léa também comenta a respeito de sua programação religiosa:

(Tayane): E a senhora costuma ir na missa, a senhora costuma ir em celebrações religiosas?

(Léa): Eu ia na missa todo domingo, agora não tô podendo ir por causa da epidemia, não tô podendo ir. Aí eu só assisto a missa na televisão.

(Tayane): Com que frequência, assim? A senhora assiste pela televisão?

(Léa): É, hoje mesmo eu assisti de manhã, eu assisti de manhã, a da sete na... Rede Vida<sup>96</sup>. Eu assisto a do padre Marcelo<sup>97</sup> amanhã. Depois, eu assisto, eu ouço pelo rádio aqui, porque, a daqui é pelo rádio, né? A gente ouve às *da nove*.

(Tayane): É o que? É a missa, né?

(Léa): É a missa no Dom Bosco, é das nove, aí é só pelo rádio, a gente ouve. Eu participo, eu mando celebrar a missa para os entes *querido*, quase todo domingo eu mando celebrar isso pra vários, dia de segunda-feira.

(Tayane): E a senhora também ouve programação religiosa pelo rádio?

(Léa): Escuto sim.

(Tayane): E quais?

(Léa): A novena da Nossa Senhora das Mercês, eu ouvi a novena todinha pelo rádio, que eu tenho papelzinho da novena que uma colega minha trouxe pra mim da igreja então, eu escuto, eu tava ouvindo pelo rádio e assistindo da Nossa Senhora que passou na televisão na nossa... Campos de Minas<sup>98</sup>, né? Campos de Minas. A da Nossa Senhora das Mercês passou na Campos de Minas, aí eu assisti às sete horas da noite. Aí eu fiz a novena *nos dia* todo da Nossa Senhora das Mercês. Eu aqui e vimos pela televisão. E as outras aqui, a de São Geraldo não vai dá *pra mim* assistir, porque é na internet, aí eu não tenho celular *pra me assistir*, né? Aí eu vou fazer a novena sim, porque eu tenho a novena dele, eu acendo uma velinha lá na minha mesinha lá e rezo pro meu santinho que tá lá<sup>99</sup>.

A transmissão da programação religiosa é incorporada no interior da rotina doméstica. Se torna um hábito acompanhar as missas, novenas, encomendar missas para parentes falecidos, ou colocar copos d'água para garantir a proteção e a cura por meio dos benzimentos realizados

<sup>96</sup> Rede Vida é uma rede de televisão aberta, transmitida para todo território nacional, que tem como público-alvo os telespectadores católicos.

<sup>97</sup> Padre Marcelo Rossi é sacerdote católico, cantor e escritor que ganhou destaque na mídia por evangelizar por meio da participação de programas televisivos ao cantar músicas com referências católicas.

<sup>98</sup> A TV Campos de Minas (canal 11), é uma emissora de televisão afiliada à Rede Minas, com sede em São João del-Rei. Sua cobertura abrange uma significativa porção do Campo das Vertentes. Ver em: <<https://br.linkedin.com/company/tv-campos-de-minas>>. Acesso em: 09 nov. 2020.

<sup>99</sup> Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Oliveira em 03/10/2020.

pelos sacerdotes. Esse hábito se reforça principalmente no momento da pandemia do COVID-19.

A religião católica, mesmo com o número majoritário de católicos no país, vem perdendo espaço para as religiões evangélicas. De acordo com os dados do censo de 2010 realizado pelo IBGE, cerca de 64,6% da população brasileira se declaram católicos e cerca de 22,2% são evangélicos. O número vem crescendo com o passar dos anos. Estima-se que os evangélicos devem ultrapassar o contingente católico em 2032<sup>100</sup>.

Os cultos evangélicos em que seu Gilmar participa na casa de sua vizinha, se coadunam com o quadro de crescimento das igrejas evangélicas no país. De acordo com Orivaldo Pimentel Lopes Jr:

O crescimento dos evangélicos no Brasil traduz-se na proliferação de um imenso número de pontos de reunião e de culto, especialmente nas periferias das cidades. Nesses locais, o número de adesões a essas igrejas é aparentemente maior do que em outras vizinhanças urbanas. Além da maior disposição à adesão por parte das pessoas desses bairros às igrejas, pesa também para essa quantidade diferenciada o fato de o imóvel alugado ou adquirido por essas igrejas ter, nas áreas periféricas, um custo menor em relação ao das chamadas ‘áreas nobres’ (LOPES JR. 2020, p. 67).

O bairro no qual seu Gilmar reside se chama Rio Acima, apesar de ser próximo à Igreja São Francisco de Assis<sup>101</sup> e ao Campus Santo Antônio<sup>102</sup> da Universidade Federal de São João del-Rei, é um bairro afastado do centro histórico. A longa distância entre as igrejas católicas e os bairros mais distantes colabora para a falta de mobilidade dessas comunidades para esses espaços religiosos. Além disso, a facilidade de acesso que grupos evangélicos possuem dentro dessas comunidades, realizando seus cultos em garagens ou leituras bíblicas nas casas dos fiéis, ou mesmo oferecer assistência social a população carente, são fatores que também contribuem para a ocupação e crescimento de segmentos evangélicos em bairros periféricos.

De acordo com Michel de Certeau:

O bairro aparece assim como o lugar onde se manifesta um ‘engajamento’ social ou, noutros termos: uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes) que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição (CERTEAU, 1996, p. 39).

<sup>100</sup> Ver em: ZYLBERKAN, Mariana. **Evangélicos devem ultrapassar católicos no Brasil a partir de 2032**. [04/02/2020]. Revista Veja. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/evangelicos-devem-ultrapassar-catolicos-no-brasil-a-partir-de-2032/>>. Acesso em: 09 dez. 2021.

<sup>101</sup> Ver em: INSTITUTO ESTRADA REAL. **Igreja de São Francisco de Assis – São João del-Rei**. Disponível em: <https://institutoestradaareal.com.br/en/servicos/o-que-fazer/detalhe/igreja-de-sao-francisco-de-assis-sao-joao-del-rei/>>. Acesso em: 08 ago. 2022.

<sup>102</sup> Ver em: UFSJ. **Campus Santo Antônio**. Disponível em: <[https://ufsj.edu.br/campi\\_sao\\_joao\\_del\\_rei\\_sa.php](https://ufsj.edu.br/campi_sao_joao_del_rei_sa.php)>. Acesso em: 01 dez. 2021.



A convivência com os moradores do bairro estabelece uma proximidade que permite gerar reconhecimento social, a partir da relação com esse ambiente. Dessa maneira, as capelas e igrejas tanto católicas quanto evangélicas - por exemplo - inseridas na localidade estabelecem um lugar de sociabilidade para os residentes. D. Teresa é moradora do bairro São Geraldo há mais de 70 anos, ela comenta que além de ser dizimista e frequentar as missas na capela de São Geraldo - antes da pandemia -, exerceu por 50 anos algumas atividades na capela.

(Tayane): A senhora participa de alguma atividade relacionada com a igreja, assim? Antes da pandemia?

(Soraia): Dentro da Igreja, você participa de alguma coisa antes da pandemia?

(Teresa): Não, eu participava muito da igreja quando eu trabalhava mesmo, aqui no São Geraldo, mas agora não, agora eu só dou ajuda, [inaudível] faço a caridade.

(Soraia): Dízimo?

(Teresa): Que é o dízimo só. Que a gente não pode ir na igreja mais por causa da idade. O padre pediu para todo mundo agendar, tem que antes agendar o dia que for na missa. Mas não para as pessoas com mais de 60 anos não pode, eu vou fazer 92 [risos]. Agora tem que ficar quietinha [risos].

(Tayane): Mas antes, o que a senhora fazia dentro da igreja, o que a senhora falou?

(Teresa): Eu arrumava tudo, a igreja, limpava tudo, fazia todos os serviços da igreja. Agora, esse tempo acabou. Ajudei 50 anos, trabalhei na igreja do São Geraldo. É muito ano.

(Soraia): Bastante<sup>103</sup>.

Assim como sua mãe, D. Léa também colaborava nas celebrações da capela de São Geraldo, principalmente nas Festas do Rosário.

(Léa): E participava, trabalhava na igreja, trabalhava na barraquinha, trabalhava em tudo, agora que acabou tudo, [inaudível]. A festa do Rosário, tudo isso.

(Soraia): A senhora fazia junto...

(Léa): A festa do Rosário era eu e minha mãe. Participava da... Menina, do café, o café era meu, a minha parte, fazia lá o *tantinho* de café pro congado.

(Tayane): Olha.

(Léa): E de tarde, eu participava da procissão, saía com as cestinhas de flor, 'Tá caindo flor, tá caindo flor' [risos]. 'Tá caindo flor, tá caindo flor'. Era bom demais.

(Tayane): Essa festa do Rosário, ela é do bairro de São Dimas?

(Léa): Não, era do bairro São Geraldo, começou aqui, né? Quantos anos! Depois foi acabando, acabando. Aqui no movimento *vinha* quinze, vinte ternos de congado, era uma coisa maravilhosa, foi acabando, foi acabando. Depois eles fizeram uma igreja lá no São Dimas, de Nossa Senhora do Rosário. O padre quis que fosse tudo lá, que lá que tem a igreja Nossa Senhora do Rosário. Mas o congado começou aqui no São Geraldo.

[...]

(Tayane): Então, a senhora participa mais ajudando, auxiliando o pessoal com o café, com essas coisas assim?

(Léa): É no café, é na cozinha, mais na festa da igreja, no ofertório da igreja. Eu entro com a turma, sempre entrava com aquele tanto de vestido que eu te dei.

(Soraia): Hã, hã.

(Léa): A gente faz roupa, tudo aqueles vestidos apropriado da Festa, turbante, fica muito legal<sup>104</sup>.

<sup>103</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis e Soraia Geralda Santos a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

<sup>104</sup> Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Oliveira em 03/10/2020.

Nos dois trechos apresentados mostram o contato que D. Teresa e D. Léa têm na organização e nas comemorações da capela do bairro. D. Teresa comenta que ajudou por mais de 50 anos na igreja. Sua filha também mantém uma continuidade com essas atividades. Nesse sentido, Candau nos mostra que:

De fato, cada vez que no interior de um grupo restrito as memórias individuais querem e podem se abrir facilmente umas às outras, como nos casos em que existe uma ‘escuta compartilhada’ visando os mesmos objetos (por exemplo, monumentos, comemorações, lugares que terão o papel de ‘ponto de apoio’, de sementes de recordação’) percebe-se então uma focalização cultural e homogeneização parcial das representações do passado, processo que permite supor um compartilhamento da memória em proporções maiores ou menores (CANDAU, 2011. p. 46).

Essa escuta compartilhada se manifesta não apenas entre D. Teresa e sua filha Léa, mas com toda comunidade que comunga com as mesmas memórias dessas celebrações. José Roberto Gonçalves nos mostra que:

Pertencer a uma cidade, vila ou bairro, não é apenas viver nela, mas sim participar ativamente de suas atividades, de seus ritos e costumes [...]. Construímos nosso sentido de pertencimento a partir de nossas lembranças boas ou ruins, sendo necessário viver uma determinada experiência para podermos recordá-la (GONÇALVES, 2014, p. 23).

D. Teresa consegue, mesmo com a proibição de seu marido para benzer, manter o contato com a comunidade do bairro, a partir das ações que realizava na capela de São Geraldo. Para ela e sua filha D. Léa, a festa do congado, além de fazer parte das manifestações religiosas do bairro em que moram, faz parte de suas vivências religiosas e do seu legado familiar. A herança de D. Teresa e D. Léa de terem o pai e avô congadeiro também é transmitida nas formas de experienciar sua religiosidade, seja auxiliando na capela, ou participando das celebrações do congado que são realizadas dentro e fora da igreja. A vivência religiosa dos benzedores envolve e abrange tanto as estruturas institucionais da Igreja, seja ela católica ou evangélica, quanto aquelas que estão fora delas.

Podemos identificar as interseções que se apresentam nesse grupo de benzedores. A velhice, as relações de gênero, a cor da pele, o nível de escolaridade, o trabalho e a religião atravessam suas histórias e sinalizam para a trajetória das benzedoras negras. De acordo com Flávia Tortul Cesarino: “a experiência religiosa das mulheres negras passa pelo corpo, pela memória e pela oralidade” (TORTUL CESARINO, 2020, p. 140) e também na indissociação dessas categorias na sua prática de cura.

A aprendizagem se torna o ponto de partida para a discussão a seguir. O quadro abaixo traz as seguintes informações sobre a iniciação dos benzedores.

**Quadro 2: Iniciação dos benzedores**

<b>Benzedores</b>	<b>Idade em que aprendeu a benzer</b>	<b>Quem ensinou?</b>	<b>Parentesco ou relação com a pessoa que ensinou a benzer</b>
Ana	Infância (idade incerta)	- Maria; Geralda; (Francisco)*	Avó; Mãe; Irmã; (Pai)*
Teresa	12 anos	Pedro Augusto	Pai
Léa	20 anos	Maria Cassiana; (Teresa)*	Empregadora/Vizinha; (Mãe)*
Gelson	47 anos (aproximadamente)	D. Mariquinha; D. Teresa	Tia; Vizinha e madrinha de casamento
Maria Helena	12 anos	Elzira	Mãe
Gilmar	18/19 anos	Joaquim; (Maria Carolina) *	Vizinho; (Avó)*

Fonte: Entrevistas concedidas a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. São João del-Rei, 2015 a 2021.

\* Familiar que benzia, mas não ensinou a benzer.

Podemos destacar que todos os seis benzedores possuem familiares ou pessoas próximas envolvidos com o universo da benzedura que os incentivaram e influenciaram nessa trajetória. De acordo com Juliani Borchardt da Silva:

É comum haverem [sic] famílias tradicionais na prática dos benzimentos, os quais vão sendo repassados aos filhos e netos, fazendo com que a prática tenha continuidade, onde criam vínculos e consolidam sua identidade perante todos os que acreditam na cura através de rezas e benzimentos (SILVA, 2014, p. 56).

Com a exceção de seu Gelson que começou a benzer por volta dos 47 anos de idade, podemos perceber que a infância e o começo da fase adulta marcam o início da trajetória dos benzedores. A partir do Quadro 2, podemos identificar que minha avó Ana, D. Teresa e D. Maria Helena aprenderam quando crianças. Seu Gilmar começou a benzer entre 18 e 19 anos de idade e D. Léa aos 20 anos.

Pereira e Gomes entendem os processos de iniciação dos benzedores de forma múltipla a partir da diversidade de experiências pessoais, que contribui como elemento recorrente nesse sistema de vida religioso (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 110). Os autores compreendem que a

transmissão do conhecimento para a geração seguinte é realizada de forma geral por pessoas próximas na linha de parentesco e caracterizam “esse processo como iniciação pela experiência após a transmissão pessoalizada do saber” (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 115).

O processo de iniciação se implementa como ponto de chegada e partida, no qual duas gerações se conectam a fim de dar continuidade ao legado da família. Barros salienta “a importância do grupo familiar como fundamental para a reconstrução do passado advém do fato de a família ser, ao mesmo tempo, o objeto das recordações dos indivíduos e o espaço em que essas recordações podem ser avivadas” (BARROS, 1989, p. 33-34).

A partir dos dados do Quadro 2, ressaltamos que o processo de iniciação tem forte presença da participação feminina. Dos 6 benzedores analisados, 4 deles aprenderam a benzer diretamente com mulheres. Sendo que minha avó Ana aprendeu com três mulheres da sua família; seu Gelson com sua tia e D. Teresa, sua vizinha e madrinha de casamento; D. Maria Helena com sua mãe; e D. Léa com sua vizinha. Sendo a mulher, a principal instrutora no ofício da cura. Elza Rizzo de Oliveira nos mostra que “o mais comum na passagem dos conhecimentos e regras referentes à benzeção no contexto familiar, quase sempre traçada pela matrilinearidade contínua, é que a mãe os transmite à filha, a tia materna à sobrinha, às vezes a sogra à nora e a prima materna a outra [...]” (OLIVEIRA, 1983, p. 201).

Sobre sua iniciação na prática da benzedura, minha avó Ana comenta que seu pai benzia, mas ela aprendeu o ofício da benzedura com sua avó paterna, sua mãe e com sua irmã mais velha Geralda na infância. De acordo com seu depoimento:

(Tayane): Como que foi pra senhora? Foi difícil aprender a benzer?

(Ana): Não, não foi difícil não, porque eu não saía da minha avó, né.

(Tayane): Foi sua avó que ensinou?

(Ana): Foi minha avó que me ensinou<sup>105</sup>.

Em outro momento da entrevista minha avó comenta sobre sua mãe ter ensinado a benzedura de ventre-virado para sua irmã Geralda e para ela.

(Ana): Tem a de ventre-virado<sup>106</sup>. A oração dela, ela *panhava* assim. A mamãe ensinou essa.

(Tayane): A madrinha Geralda ou a senhora?

(Ana): Não, a mamãe. A madrinha Geralda perguntava ela a oração, a oração, a oração. Você sabe a oração?

(Tayane): Não.

(Ana): Aí, conforme é oração assim, a gente coloca a mão assim, tá vendo?

(Tayane): Ahã.

<sup>105</sup> Entrevista concedida por Ana de Jesus Rodrigues a Tayane Oliveira em 15/11/2015.

<sup>106</sup> Vento-virado, enfermidade que causa dores abdominais em crianças que tomaram sustos.

(Ana): Pois é, coloca a mão assim. Depois, eu com a... Eu no corpo da gente aqui, coloca no corpo da gente, você tira, arreda a criança. Mamãe é que falava assim com a gente: ‘arreda, criança, que estou tirando o *male* em tudo’<sup>107</sup>.

A oração ensinada pela sua mãe para sua irmã mais velha Geralda - que também era sua madrinha de batismo - foi repassada para Ana. Sua irmã Geralda lhe transmitiu esses saberes. Segundo o trecho abaixo:

(Tayane): Mas assim, oração para quebranto, ventre-virado, ela ensinou?

(Ana): Ensinou também. Agora, esse quebrante, essas coisas assim, a madrinha Geralda, essa que tá lá na Coroas<sup>108</sup>, é que me ensinou a benzer.

(Tayane): Ah é.

(Ana): É. Eu sei benzer por conta dela. Porque ela... ‘O que você tá fazendo aqui minha filha’. Essa é a madrinha Geralda: ‘O que você tá fazendo aí?’ Aí, eu falava: ‘Eu não tô fazendo nada não, eu tô aqui’, ainda fazia assim<sup>109</sup>, ‘eu tô aqui com a mão aberta’. ‘Então, reza aí com a mão, que eu vou rezar aqui’<sup>110</sup>.

Figura 10: Vó Ana com sua irmã Geralda



Foto: Tayane Oliveira. Coronel Xavier Chaves. Ano 2015.

O aprendizado de minha avó sobre a prática de benzedura recebe a instrução e influência desses três personagens femininos, avó, mãe e irmã. A narrativa construída por ela não é

<sup>107</sup> Entrevista concedida por Ana de Jesus Rodrigues em 15/11/2015.

<sup>108</sup> Coroas é o nome popularmente conhecido da cidade de Coronel Xavier Chaves (MG).

<sup>109</sup> Ana mostra as mãos.

<sup>110</sup> Entrevista concedida por Ana de Jesus Rodrigues a Tayane Oliveira em 15/11/2015.

realizada de forma linear, o fio de sua memória enviesa a partir da elaboração de sua narrativa construída no presente. Com base nesse ponto, Barros aborda que é “em meio a um relato em que o presente está constantemente referido a um passado, não um passado relatado linearmente, mas pinçado aos poucos num processo de associações entre hoje e ontem, seja este ontem distante ou não” (BARROS, 1989, p. 34).

Vale ressaltar que parte significativa dos entrevistados da pesquisa se encontram em idade avançada, o ato de relembrar acontecimentos ocorridos há décadas passadas gera por vezes um esquecimento repentino ou não de fatos e lembranças. De acordo com Verena Alberti:

O processo de recordação de algum acontecimento ou alguma impressão varia de pessoa para pessoa, conforme a importância que se imprime a esse acontecimento no momento em que ocorre e no(s) momento(s) em que é recordado. Isso não quer dizer – e as ciências da psique já disseram – que tudo que é importante é recordado; ao contrário, muitas vezes esquecemos, deliberada ou inconscientemente, eventos e impressões de extrema relevância (ALBERTI, 2004, p. 23).

Dessa forma, o que é relevante durante a análise das entrevistas é a reflexão dos dados apresentados no testemunho, e pensar a razão do colaborador conceber o passado desse modo e não do outro e em como sua perspectiva do passado distingue ou não dos outros depoimentos.

Dona Maria Helena e D. Teresa comentam a respeito dos seus aprendizados nos trechos a seguir:

(Maria Helena): Desde pequena minha mãe me ensinou. Minha mãe falava assim; ‘Vou te ensinar você a benzer porque, às vezes, mora em um lugar que não tem ninguém. Você tem que benzer os seus filhos’. Aí, a minha mãe me ensinou. Aprendi com a minha mãe, desde os 12 anos.

[...]

(Tayane): Como ela te ensinava? Ela falava a oração?

(Maria Helena): Não, ela me ensinava assim, igual eu estou falando com você. Ela ia rezando, e eu ia acompanhando até aprender. Com poucos dias eu aprendi [risos]. Todo dia que acabava de arrumar a cozinha do almoço. Ela sentava lá, ‘agora me ensina, mãe’. Ela acendia o cigarrinho dela, ficava fumando, e eu rezando [risos]. E, eu prestando atenção nas palavras. As oração que ela me ensinou foi tudo assim, né<sup>111</sup>.

Dona Teresa prossegue:

(Tayane): A senhora disse que aprendeu a benzer ouvindo ele benzer outras pessoas, né?

(Teresa): Foi.

(Tayane): Como foi pra ele saber que a senhora estava benzendo também?

(Teresa): Ele ficou sabendo porque um dia viu eu rezando, aí ele perguntou: “Como eu podia fazer aquilo?” [risos] Aí eu falei que aprendi com ele: Eu vi o senhor rezando, eu também comecei a rezar.

(Soraia)<sup>112</sup>: A senhora via por debaixo, pela porta?

<sup>111</sup> Entrevista concedida por Maria Helena Nascimento a Tayane Oliveira em 10/09/2020.

<sup>112</sup> Soraia Geralda Santos é neta de Teresa Augusta dos Reis, ela estava presente na entrevista realizada no dia 29/08/2020.

(Teresa): Via debaixo da porta<sup>113</sup>.

(Tayane): Ele benzia em algum lugar separado?

(Teresa): É, ele benzia em um quartinho do lado onde tinha a Santa Rita. Aí ele rezava e eu também ficava olhando [risos]. Mas escondido dele, porque naquela época a gente não podia nem ouvir a voz, quando eles estivessem conversando, né. Com pessoas mais velhas a gente podia nem estar perto, mas eu ficava escondido ouvindo [risos]<sup>114</sup>.

Nos depoimentos apresentados, podemos perceber que a dinâmica de interação entre os adultos e as crianças acontece no interior da casa das benzedoras. D. Maria Helena relata que a forma que sua mãe lhe ensinou a benzer foi através da reincidência das orações. Ao prestar atenção nas palavras, nas repetições, D. Maria Helena consegue aprender em um curto tempo. Vale ressaltar que esse processo de aprendizagem acontece depois que a cozinha estava arrumada após o horário do almoço. Sua mãe a ensinou durante seu momento de descanso. Os ensinamentos sobre a prática da benzedura são interiorizados na rotina familiar. Além do mais, a mãe de D. Maria Helena ao ensinar as orações para sua filha, tem como objetivo transmitir os benzimentos que possam auxiliar sua filha no futuro, quando ela for mãe. E isso ocorre de fato quando D. Maria Helena relata que seu primeiro benzimento foi quando sua filha, ainda uma criança de colo, estava de quebranto.

No caso, de D. Teresa a autoridade estabelecida nas relações familiares impunha uma restrição de ocupação de espaço e de fala para os mais jovens. Os benzimentos em sua casa eram realizados em um cômodo reservado para essas práticas, no qual tinha uma imagem de Santa Rita. Contudo, é preciso evidenciar que D. Teresa cria estratégias para aprender a benzer mesmo com o desconhecimento de seu pai. Ela reforça sua percepção ao usar os sentidos da visão e da audição contribuindo, dessa forma, para o seu processo de aprendizagem. Sobre a relação da fala e da escuta nas tradições orais, a pensadora Leda Maria Martins nos traz os apontamentos da antropóloga Juana Elbein Santos.

Cada palavra proferida é única. A expressão oral renasce constantemente; é produto de uma interação de dois níveis, o nível individual e o nível social, porque a palavra é proferida para ser ouvida, ela emana de uma pessoa para atingir uma ou muitas outras, comunica de boca a orelha a experiência de uma geração à outra, transmite o àse concentrado dos antepassados as gerações do presente (SANTOS, 1988, p. 49 *apud* MARTINS, 1997, p. 147).

Mesmo sem a instrução consciente de seu pai, o aprendizado de D. Teresa não é prejudicado. A oralidade não foi o único caminho pelo qual D. Teresa aprendeu a benzer, a transmissão dos conhecimentos de seu pai se manifesta ao encontrar caminhos para se expressar através do exercício de escuta e visão. Nesse sentido, identificamos que “a oralidade não se

<sup>113</sup> Dona Teresa acena com a cabeça confirmando que olhava escondido seu pai benzendo outras pessoas.

<sup>114</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

reduz à ação da voz. Expansão do corpo, embora não o esgote. A oralidade implica tudo o que, em nós, se endereça ao outro: seja um gesto mudo, um olhar” (ZUMTHOR, 1997, p. 203). Tanto no caso de D. Maria Helena quanto no caso de D. Teresa, assim como nos demais benzedores, a escuta exerce um papel essencial no processo de aprendizagem.

Em relação à sua filha, D. Teresa, não ensinou a D. Léa a benzer. O fato de seu marido tê-la proibido de benzer pode ter contribuído para que D. Léa não tivesse aprendido com sua mãe.

D. Léa aprendeu a benzer de cobreiro e a costurar jeito, aos vinte anos de idade, quando trabalhava passando roupa na casa de sua vizinha, uma mulher negra, chamada Maria Cassiana, D. Léa comenta sobre os ensinamentos de sua instrutora:

(Tayane): E o que ela te ensinou?

(Léa): Ela me ensinou de cobreiro. Costurar, pode ser jeito.

(Tayane): Por que você acha que ela te ensinou a benzer?

(Léa): Porque, eu era curiosa. Eu via ela rezando e ficava perguntando: ‘Como é que é? Como é que é que ela falava?’ Aí ela foi falando pra mim, fui pegando. Aí um dia eu experimentei benzer. Que eu falava as palavras que ela falava: ‘Você oferece as palavras pro santo da sua devoção’. Aí, eu experimentei benzer e deu certo e foi muito bom. Aí, eu fiquei, aprendi<sup>115</sup>.

Assim como sua mãe, a curiosidade foi essencial para despertar o interesse em aprender a benzer. Segundo D. Léa, ao relatar para sua mãe que havia aprendido a benzer com sua vizinha, sua mãe fala com ela: “É, cada uma, cada uma benzedeira, tem o seu jeito de rezar”<sup>116</sup>. Vale ressaltar que mesmo não ensinando D. Léa a benzer, sua mãe a indicou para uma vizinha que estava com um problema no pé e por causa disso, não conseguia andar direito. De acordo com D. Léa:

(Léa): A minha primeira vez foi gente aqui da rua mesmo, a vizinha minha que até já faleceu pouco tempo, ela tava com ela tava assim com febre, não tava aguentando andar, aí ela falou com a minha mãe, essa minha mãe mesmo, minha mãe respondeu pra ela: ‘Cê tá aí, perto da benzedeira, aí. Você tá me chamando pra benzer você?’ Ela falou assim: ‘Quem?’ ‘A Léa. Chama ela aí, que eu sei que ela te benze’. Aí ela falou: ‘Uai, bruaca!’ Ela falou assim comigo: ‘Uai, bruaca! Eu não sabia que você benzia não’. Eu falei: ‘É, porque, eu não conto. As pessoas que te quer, que chega aqui pede pra benzer, eu benzo. Foi bom, daí ela começou vir, veio os netos. Passava, tava com problema, vinha aqui outras pessoas’<sup>117</sup>.

D. Léa relata que realizou a benzeção de jeito e que o benzimento transcorreu bem. De certa forma, mesmo D. Teresa não ensinando a benzer, ela participa do processo de iniciação de sua filha como benzedeira ao indicá-la para sua vizinha. Pereira e Gomes nos mostram que:

<sup>115</sup> Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Oliveira em 03/10/2020.

<sup>116</sup> Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Oliveira em 03/10/2020.

<sup>117</sup> Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Oliveira em 03/10/2020.



Seguramente, o pai tem igual responsabilidade na trama familiar. Mas a conversa entre mulheres acrescenta um fator mítico à relação entre mãe e filha, o que acentua os contornos de uma identidade feminina, ao mesmo tempo em que restringe a pressão do discurso masculino. Nas sagas das benzedadeiras, mãe e filha partilham a perspectiva de serem antecessoras e sucessoras no exercício do sagrado [...] (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 140).

A partir da indicação de sua mãe, D. Léa inicia sua rede de consulentes no bairro São Geraldo, ascendendo dessa forma seu legado como benzedeira e, de certa forma, ela dá continuidade à herança simbólica de sua família.

Para seu Gelson, o despertar para o ofício da cura ocorreu na fase adulta, foi um dom que Deus lhe deu, segundo seu depoimento. Duas figuras femininas acompanham no seu processo de formação de benzedor, D. Mariquinha, a tia do seu pai, que notou que ele tinha o dom para benzer, e dessa forma, lhe ensinou as orações para mau-olhado, quebranto e ventre-virado. E, D. Teresa, por morarem na mesma rua, seu Gelson manteve contato com ela e sua família. Mesmo com o repertório de benzeduras que sua tia lhe ensinara, seu Gelson pede a D. Teresa que lhe ensinasse a benzer aguamento, benzedura muito solicitada pelos pais, mas não sabia benzer. De acordo com Elda Rizzo Oliveira:

Ao atualizar-se, esse saber preserva a sua sacralidade, e, por isso, o seu acesso é limitado. Os valores nele contidos podem solidificar laços sociais já estabelecidos entre parentes consanguíneos e afins, vizinhos e amigos, resultando em relações vivas que passam a se reger por fortes sentimentos de trocas sociais, que no seu limite trazem a própria vida (OLIVEIRA, 1983, p. 205).

Gelson mantém um convívio com a família de D. Teresa desde a infância, tanto que o contato próximo com ela o fez convidá-la para ser madrinha do seu casamento. A convivência diária e o reconhecimento dos saberes sobre a benzedura garantiram que seu Gelson aprendesse o aguamento com D. Teresa. Mas, além disso, firmou laços de afeto e filiação a partir dos benzimentos.

No caso de seu Gilmar, a figura feminina de sua avó, D. Carolina também aparece no seu depoimento, mesmo não tendo aprendido a benzer com ela. Seu Joaquim se torna referência no seu processo de iniciação como benzedor. De acordo com seu Gilmar, a relação com seu Joaquim se estabelece pela convivência também.

(Tayane): Além da oração de jeito, ele ensinou outra oração?

(Gilmar): Não, a oração que ele ensinava era tomar um cafezinho com ele [sorrisos]<sup>118</sup>.

---

<sup>118</sup> Entrevista concedida por Gilmar das Neves Souza a Tayane Oliveira em 29/07/2020.

Apesar da convivência ser um dos fatores que contribuem no processo de formação da identidade dos benzedores, isso, por vezes, não acontece. De acordo com Pereira e Gomes, “a sequência das iniciações não se prende rigorosamente à sucessão em família. A passagem do conhecimento ocorre, também de acordo com as condições de maior ou menor interesse de outras pessoas para assumirem as funções de cura através da palavra” (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 116). No trecho abaixo, D. Maria Helena comenta a respeito:

(Maria Helena): Os meus irmãos, nós é 22. Mas que criou, que criou mesmo foi 18, 18. Mas, eu perdi uma irmã depois de casada, então ficou 17, né. Que sabe rezar dos irmãos, que reza só eu.

(Tayane): A sua mãe só passou para a senhora?

(Maria Helena): Não, passou para os outros também, os outros não ligou, esqueceram. Minha irmã que mora lá naquele morro [inaudível] ela nem liga. Ela fala: ‘Ah, não! Reza pra ninguém não! Rezo só pra mim’ [risos]. É assim. Eu falei: ‘Cada cabeça, é cada cabeça’. Eu gosto de rezar, eu já gosto de rezar<sup>119</sup>.

D. Maria Helena comenta que seus pais tiveram 22 filhos, de acordo com seu depoimento, sua mãe ensinou todos os filhos a benzer, no entanto, nenhum deles seguiu o ofício da benzedura. D. Maria Helena diz ainda que eles não deram importância para a prática ou a esqueceram. De acordo com Candau (2012), o conceito de memória pode ser classificado entre memória forte e memória fraca, no qual sua diferença está ligada à delimitação dos marcos temporais, que permanecem sólidos a partir de memórias organizadas, as fortes são as que organizam e reforçam a crença de uma origem de um grupo. Quanto mais diluído e esparso forem os marcos temporais, mais a memória de um grupo se mantém fragilizada refletindo, dessa forma, na identidade do grupo (CANDAU, 2012, p. 77-78).

Como foi mencionado por D. Maria Helena, seus irmãos esqueceram ou não deram importância para a prática da benzedura ensinada por sua mãe. As memórias de D. Maria Helena referentes aos benzimentos se estruturam de forma mais consistente em relação aos seus irmãos. Dado que a memória e a identidade são indissociáveis para Candau, assim sendo, as memórias fortes afirmam “identidades [que] se mostram seguras delas mesmas, fortes, inabaláveis e compactas” (CANDAU, 2012, p. 78). Para Pereira e Gomes, “o fato de que “benzer não é para qualquer um” indica que para realizar os rituais é necessário apreender, através da iniciação, os procedimentos e os valores que lhe dão sentido simbólico e social” (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 105, grifos do autor).

Como observado nos relatos dos benzedores, as experiências e memórias das práticas de benzedura estão presentes na vida dos familiares dos benzedores. Podemos observar que o

---

<sup>119</sup> Entrevista concedida por Maria Helena Nascimento a Tayane Oliveira em 10/09/2020.

processo de aprendizagem ocorre de diferentes maneiras. Contudo, esse legado não é transmitido de forma automática para a próxima geração. O sociólogo Gérard Mauger (2014) nos mostra que a transmissão do patrimônio cultural de uma família para a próxima geração precisa ser desenvolvida. Segundo Mauger:

A questão da transmissão do capital cultural dos pais aos filhos conduz à transmissão da incorporação do capital cultural pelos herdeiros. Ligado ao corpo, o capital cultural desaparece com a morte da pessoa que o detém. Capital pessoal, ele não pode ser transmitido instantaneamente pelo dom ou pela transmissão hereditária, pela compra ou pela troca (diferentemente dos bens materiais, de uma propriedade ou de um título de nobreza). Sua transmissão exige um trabalho de inculcação e de assimilação, trabalho da pessoa sobre ela mesma que leva tempo (ele se cultiva) (MAUGER, 2014, p. 117).

Dessa maneira, Mauger (2014), a partir dos apontamentos de Bourdieu (1975) compreende que “o patrimônio consegue se apropriar dos proprietários, ao mesmo tempo dispostos e aptos a entrar em uma relação de apropriação recíproca, somente se *a herança herda o herdeiro*” (BOURDIEU, 1975 *apud* MAUGER, 2014, p. 118).

Em outras palavras, a hereditariedade simbólica da prática da benzedura não garante de forma imediata, a transmissão desse dom para os filhos e filhas. Nessa perspectiva, Mauger reitera que é preciso ter “por parte do herdeiro, um trabalho de apropriação, de incorporação, de assimilação, trabalho pessoal que não pode ser feito por procuração” (MAUGER, 2014, p. 118). Deste modo, como nos mostra Candau, “transmitir uma memória e fazer viver, assim, uma identidade não consiste, portanto, em apenas legar algo, e sim uma maneira de estar no mundo” (CANDAUI, 2012, p. 118).

## CAPÍTULO II

### **2. A benzedura: sentidos e devoções compartilhados em torno de uma prática de fé e cura**

#### **2.1. Sentidos e representações na prática de cura**

Eu estava ajudando a minha mãe com os preparativos do almoço, eu tinha 14 ou 15 anos de idade na época. Lembro que fiquei surpresa com a visita de uma parente na minha casa, ao recebê-la, eu disse de forma despreziosa: “Uai, o que você está fazendo aqui?” Eu não percebi que a visita tinha demonstrado insatisfação com a forma que a recebi. Minha mãe me advertiu por isso. Eu comi algumas balas que a visita tinha oferecido, lembro da minha mãe me aconselhando para não comê-las, mas ignorei seu conselho. Eu senti uma dor de cabeça muito forte, logo após ter comido as balas. Tomei remédio, mas a dor não passava, então minha mãe falou que eu poderia estar com mau-olhado, e que era para eu ir me benzer com a minha avó. Ouvei o conselho de minha mãe, fui até a minha avó, e relatei o que tinha acontecido. Nós estávamos sentadas em um sofá preto de três lugares que ficava na cozinha de sua casa. Ela falou para eu colocar a cabeça no seu colo, fiz o que pediu. Minha avó começou a me benzer com um terço, ela murmurava trechos de orações enquanto fazia o sinal da cruz várias vezes. Consegui ouvir um trecho da oração da Salve-Rainha, e outro trecho em que ela falava sobre “levar para ondas do mar sagrado”. A cada palavra que ela murmurava sentia a dor indo embora, como mágica. Imaginava como aquilo podia ser possível. Quando ela terminou de me benzer, percebi que ela estava com um semblante fechado, minha avó disse que tinha sentido a minha dor. Sinto que eu fui a última pessoa em que ela realizou uma benzedura.

Início o segundo capítulo com uma memória minha em que fui acometida de um mal conhecido como mau-olhado. Por meio do benzimento realizado pela minha avó Ana, a dor de cabeça que eu estava sentindo foi eliminada. A busca para compreender as razões pelas quais sentimos dor e o porquê de ficarmos doentes vem desde o princípio dos tempos. Como nos mostra o historiador Jacques Le Goff:

Da mais remota Antiguidade, donde surgem os ainda espantosos documentos da Babilônia, até ao bloco operatório mais futurista, as atitudes face às doenças em nada se alteram. Por um lado, a ardente pesquisa do saber científico e de uma prática médica que não cessa de alcançar grandes vitórias, da trepanação pré-histórica às vacinas, soros, antibióticos, etc., dos tempos modernos. Por outro, a crença inveterada na eficácia da magia (orações ou ervas) e nos mágicos (bruxas, milagreiros, curandeiros de toda a espécie). E mesmo hoje será fácil estabelecer a fronteira? (LE GOFF, 1985, p. 7).

Independentemente da época e do caminho pelo qual se buscam sanar as “feridas” do corpo e da alma, a cura é sempre almejada por quem deseja o restabelecimento da saúde. Para Alberto Manuel Quintana (1999), a ligação da doença com o social se verifica pela busca de uma explicação do que gera a doença, a qual consiga dar conta dos componentes biológicos, e principalmente, dos elementos socioculturais. A doença não pode ser vista como um processo isolado do seu contexto social, há sempre uma necessidade de conhecer a causa do mal e, fundamentalmente, as circunstâncias que possibilitaram sua existência (QUINTANA, 1999, p. 27). Segundo Jean-Claude Sournia, “as doenças têm apenas a história que lhe é atribuída pelo homem. A doença não tem existência em si, é uma entidade abstrata à qual o homem dá o nome” (SOURNIA, 1985, p. 343).

De acordo com (MENDEZ; MENDES, 1994), “o corpo, da mesma forma que qualquer outro objeto, somente adquire existência para o ser humano quando faz parte de um conjunto de representações”. (QUINTANA *apud* 1999, p. 44-45) O corpo não é percebido apenas na sua dimensão biológica, ele possui uma dimensão simbólica, o corpo é uma construção social. O historiador português Francisco Bethencourt<sup>120</sup> ressalta ainda que:

O corpo era, antes de mais nada, vivido como um instrumento produtor e reprodutor sujeito às transformações constantes impostas pela alimentação deficiente, a ausência de condições sanitárias, a guerra, a briga, a gravidez e o parto. Contudo, as agressões visíveis, que determinavam uma vida precária e efêmera, eram enquadradas por uma mentalidade predominante religiosa e mágica, em que a doença era concebida como um aviso ou um castigo divino diante do relaxamento dos cuidados com a alma, como uma manifestação de espíritos diabólicos ou como o resultado de uma agressão mágica (mau-olhado, sortilégios, feitiço de malquerença) (BETHENCOURT, 2004, p. 73-74).

Bethencourt (2004, p. 74) menciona ainda que o corpo era sentido como algo exposto, sendo objeto da intromissão de forças ocultas, o corpo vai ser concebido como um microcosmo diretamente ligado ao universo visível e invisível. Dessa forma, era preciso negociar e manter, sob vigilância permanente, um frágil e delicado equilíbrio entre o corpo e o mundo exterior.

A doença causadora de infortúnios está associada em algumas culturas à falta de proteção divina e ancestral. O historiador africanista James Sweet (2007, p. 167) aponta que as doenças, os infortúnios e a fraqueza física para os africanos raramente eram interpretados como o resultado de circunstâncias naturais, acreditava-se que o declínio físico e a morte eram causados por forças espirituais destrutivas que podiam ter a sua origem no mundo dos vivos ou

---

<sup>120</sup> O historiador português Francisco Bethencourt em “O imaginário da magia: feitiçarias, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI” aborda uma visão mágica do mundo, destacando o significado simbólico e social da feitiçaria e das práticas mágicas em Portugal no século XVI. BETHENCOURT, Francisco. **O imaginário da magia: Feitiçarias, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI**. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

no mundo dos mortos, e constituíam o sintoma de uma ruptura entre o indivíduo e a sua comunidade ou entre o indivíduo e seus antepassados. A forma encontrada para restaurar o equilíbrio e a harmonia, necessários ao bem-estar individual e comunitário, era recorrer a uma série de adivinhos e curandeiros, que determinavam a causa da doença e prescreviam o remédio adequado.

Dessa forma, as doenças que afligem o corpo, assim como as práticas curativas destinadas a combatê-las também apresentam caráter social. De acordo com Quintana:

Se a doença é caracterizada pela desordem, falta de significação, a cura, por sua vez, vai procurar uma reordenação, uma ressignificação. Esta não poderá ser obtida remetendo-se a doença meramente a uma causa determinada, é necessário que seus sintomas sejam articulados a um todo, a um sistema de significações (QUINTANA, 1999, p. 46).

Dessa maneira, a partir desse sistema de significações, sobressaem pessoas reconhecidas socialmente, que através dos rituais de cura encontram uma explicação para os males de outrem. Assim, se estabelece a relação entre benzedores e consulentes, a partir de um compartilhamento social de sentidos, de doenças e crenças. Como apontado por seu Gelson:

(Gelson): [...] E, a gente faz a oração com fé. E, geralmente as pessoas que procuram a gente também é porque tem fé na oração que a gente faz, porque se a pessoa não tiver fé também não adianta a oração, certo. Tudo que a gente vai fazer tem que fazer com fé, se não tiver, não adianta procurar<sup>121</sup>.

Para os benzedores a cura não parte somente de sua intervenção é necessário que o consulente também tenha fé e acredite que será curado. Os benzimentos não são elaborados apenas no momento da prática da benzedura, eles também são concebidos no momento da recepção. Desse modo, para que a cura se efetue é necessária uma ação prática conjunta que comungue a visão de sentidos estabelecida entre consulentes, benzedores e até de Deus (CHARTIER, 1990).

A dinâmica estabelecida a partir do compartilhamento social de sentidos entre os benzedores e consulentes também se estrutura a partir da relação que os benzedores estabelecem com o poder de Deus. De acordo com o trecho do depoimento de D. Teresa:

(Tayane): O que a senhora entende como doença?  
(Teresa): Doença é com Deus, né. [risos] Deus é que dá, mas aí, Ele já dá a doença, mas, já dá o jeito pra curar. Dá a cura também, né, pra quem quer, pra quem quer fazer. Porque, às vezes, tem umas pessoas que a gente fala para fazer, a pessoa não faz. Enquanto, tiver a pessoa muito carregado, com qualquer problema. Evita, pede para evitar de comer coisas que a pessoa ganhar, e tudo. Para evitar, e a pessoa não evita, cair naquela, e acaba ficando mal por causa disso.

<sup>121</sup> Entrevista concedida por Gelson Aparecida de Faria a Tayane Oliveira em 14/09/2020.

(Tayane): A senhora falou que Deus é quem dá a doença, como a senhora relaciona essas doenças com a prática da benzedura?

(Teresa): Uai.

(Soraia): O que a senhora vê de semelhante às doenças do mundo com a benzeção?

(Teresa): Então, tudo que dá é Deus, né. Ele que faz essas doenças todas, Ele dá e tira, aí a gente fica com aquela fé<sup>122</sup>.

D. Teresa entende que quem concede as doenças, assim como a cura das mesmas, é Deus. E esta só se realiza para quem quer ser curado e para quem deseja realizá-la. Dessa forma, a benzedora ou benzedor se tornam um agente intermediário da ação divina. Em outro trecho da entrevista, ela menciona:

(Teresa): Eu estou muito bem, sou muito feliz com a minha benzeção. Toda vida, porque só do pessoal me agradecer, só isso eu fico muito feliz. Tem que pôr na cabeça de quem cura não é eu, é Deus. Mas, eles não acreditam nisso [risos]. As pessoas pensam que é a gente, a gente pede a Ele, pede com fé que Ele aceita as oração que a gente faz os pedidos<sup>123</sup>.

D. Teresa reafirma que mesmo realizando os benzimentos, a ação de cura é promovida por Deus. Para o historiador Roger Chartier, o conceito de *representação* pode ser compreendido a partir de dois pontos principais que se mostram contraditórios, seria pela *presença*, pela exibição de uma imagem, valor simbólico ou objeto, de algo que está *ausente*. Nesse caso, a ação de cura de Deus se “ausenta” para os consulentes na presença da intermediação, no dom de cura e na fé dos benzedores no momento do benzimento (CHARTIER, 1991, p. 184).

Seu Gelson também reafirma sua posição intermediária em relação às orações que realiza e destaca a centralidade do papel de Deus nos seus benzimentos.

(Gelson): Então, esse dom me apareceu como um dom de Deus. Lembro que eu sempre gostei de ajudar as pessoas, né. E, igual a gente fala: ‘a gente tá aqui para servir e não para ser servido’. Então, com esse dom que Deus me deu, eu faço as orações para as pessoas que me procura tanto faz para criança como pra adulto. Eu me sinto muito bem ao fazer isso, né. Que é um dom que Deus me deu de graça e de graça a gente tem que repassar esse dom que eu tenho, que Deus me deu e que eu agradeço muito por isso, por estar ajudando o próximo. E essa experiência aconteceu comigo há uns 15 anos atrás, que até então isso eu não tinha, não tinha noção de nada, mas vai despertando em mim essa vontade de fazer orações para os outros, né. E daí vem despontando, muitas pessoas me procuram. Muitos pais com crianças com aguentamento, com quebrando, vento-virado. Alguns adultos pedem orações também, né. E a gente faz a oração, mas, a cura quem faz é Deus, certo<sup>124</sup>.

Vale ressaltar que mesmo aprendendo as orações para os benzimentos com sua tia Mariquinha e D. Teresa, para seu Gelson, - assim como para os outros benzedores - o dom para

<sup>122</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

<sup>123</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

<sup>124</sup> Entrevista concedida por Gelson Aparecida de Faria a Tayane Oliveira em 14/09/2020.

realizar os benzimentos foi concedido por Deus. De acordo com Marcel Mauss<sup>125</sup> (2003), o dom ou a dádiva podem ser entendidos como sistema de trocas da vida social, no qual se baseiam nas relações de dar, receber e retribuir. Como podemos observar na fala de seu Gelson, ele evidencia o dom agraciado por Deus, e por ter recebido esse dom divino da cura, seu Gelson procura ajudar as pessoas que lhe pedem assistência. A reciprocidade marca a dinâmica desse sistema de troca. Como dito por seu Gelson: “a gente tá aqui para servir e não para ser servido. Então, com esse dom que Deus me deu, eu faço as orações para as pessoas que me procura tanto faz para criança como pra adulto”<sup>126</sup>. Assim como nos mostra Mauss:

Compreende-se logicamente, nesse sistema de ideias, que seja preciso retribuir a outrem o que na realidade é parcela de sua natureza e substância; pois aceitar alguma coisa de alguém é aceitar algo de sua essência espiritual, de sua alma; a conservação dessa coisa seria perigosa e mortal, e não simplesmente porque seria ilícita, mas também porque essa coisa que vem da pessoa, não apenas moralmente, mas física e espiritualmente, essa essência, esse alimento, esses bens, [...] esses ritos ou essas comunhões, têm poder mágico e religioso sobre nós. Enfim, a coisa dada não é coisa inerte (MAUSS, 2003, p. 200).

Nesse sentido, a relação de retribuição apontada por Mauss pode ser compreendida a partir da fala de seu Gelson.

(Gelson): Olha, é simplesmente sempre fui católico, eu sempre participei da Igreja Católica, sempre fui uma pessoa religiosa, né. E, isso veio surgindo assim, como que sem perceber, né. Começava a fazer oração em casa, comecei a fazer orações para os meus netos né, meus filhos quando pequeno. E graças a Deus sempre deu resultado. Porque quando a gente vai praticando, vai fazendo e sem perceber a gente já se torna um benzedor, né. E, eu tô, eu sou dessa forma que aconteceu comigo. No nosso interesse, eu sempre tive, não sabia a oração alguma coisa para fazer a oração para as pessoas, para ajudar alguém. E esse meu dom surgiu assim como que do nada, né. É pela a graça pela graça de Deus, como eu estou falando, me apareceu pela graça de Deus, o dom, e eu estou passando para frente o que o posso fazer para ajudar as pessoas<sup>127</sup>.

À medida que seu Gelson foi despertando a vontade de realizar as orações, ele pratica seus benzimentos, primeiramente no seu núcleo interno, entre seus familiares, e depois expande seu público, fazendo com que as pessoas o procurem. Além de saber as orações e possuir o dom que é concedido por Deus, para se tornar um benzedor é necessário que o dom seja desenvolvido e retribuído para aqueles que o procuram. Através do exercício da prática da benzedura é que é

<sup>125</sup> O antropólogo e sociólogo francês Marcel Mauss (1872–1950), em “Ensaio sobre a dádiva” (1923), obra de grande referência para a teoria antropológica analisa as características dos sistemas de troca das sociedades da Polinésia, Melanésia e noroeste americano. A partir do princípio da dádiva, o autor exemplifica esses sistemas de trocas com base nas relações da obrigação de dar, receber e retribuir. Mauss compreende que essa lógica também é adotada nas sociedades ocidentais. Ver em: SERTÃ, Ana Luísa; ALMEIDA, Sabrina. Ensaio sobre a dádiva. In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia [02/05/2016]. Disponível em: <<https://ea.fflch.usp.br/obra/ensaio-sobre-dadiva>>. Acesso em: 14 dez. 2021.

<sup>126</sup> Entrevista concedida por Gelson Aparecida de Faria a Tayane Oliveira em 14/09/2020.

<sup>127</sup> Entrevista concedida por Gelson Aparecida de Faria a Tayane Oliveira em 14/09/2020.



possível se tornar um benzedor, uma benzeadeira. Dessa maneira, a retribuição desse dom manifesta-se por meio da *prática* da benzedura. Segundo Chartier:

[...] as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de estar no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais ‘representantes’ (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpetuado a existência do grupo, da classe ou da comunidade (CHARTIER, 1990, p. 23).

A imagem formada de um benzedor ou benzeadeira fomenta uma identidade que os representa diante de sua comunidade, através da *prática*, os benzedores representam uma figura intermediária que recebe o poder divino para aplicá-lo nas pessoas que os procuram a fim de se curar. Muito além de repetir as fórmulas das benzeduras, a *prática* está relacionada com os valores que os benzedores trazem consigo. A forma como reconhecem, sustentam, retribuem e representam o poder divino que lhes foi dado por meio de sua prática de cura é a forma pela qual eles dão sentido ao mundo.

## **2.2. Os aspectos que envolvem o ritual da benzedura**

### ***2.2.1. Diálogo***

De acordo com Quintana (1999, p. 56), o processo ritual da prática de benzedura é formado basicamente em três momentos: o diálogo, a bênção e a prescrição. No *diálogo*, o processo se inicia com a chegada do consulente que solicita a intervenção do benzedor. No entanto, antes de iniciar o processo do ritual da benzedura, o contato com os benzedores se faz a partir do conhecimento prévio da comunidade local, por terceiros ou quando os consulentes não conseguem ser tratados por meio da medicina institucional.

Os consulentes vão até aos benzedores por já conhecerem a sua reputação por meio de vizinhos e de pessoas que passaram pelo processo de cura, ou se orientam a partir de indicações de desconhecidos.

Por vezes, não é com placas que se encontra uma benzeadeira, um benzedor, é por meio de uma rede de indicações que te encaminha para os pontos de referência, “vira na primeira rua à direita”, “ela mora naquela casa verde”, “é logo ali, descendo à ponte dos cachorros”, “ele mora perto da distribuidora de gás”. O sociólogo Mark Granovetter (2000, p.45), nos mostra o princípio da *força dos vínculos fracos*, no qual pessoas que se encontram ocasionalmente estão mais propensas a estipular uma maior circulação de informações em círculos diferentes dos seus. Assim, o contato inicial de muitos consulentes com os benzedores se faz por meio da

difusão de referências e memórias de pessoas integradas a essa rede de vínculos sociais. São pelos caminhos da oralidade que são encontrados os benzedores, nos bairros periféricos, em ruas não tão conhecidas da cidade de São João del-Rei. A indicação é o cartão de visitas desses agentes da cura.

D. Maria Helena comenta sobre seu público de consulentes:

(Maria Helena): [...] que nem aqui na rua, lá no Elvas, eu benzia muitas crianças lá. A gente morava lá no Elvas, né. Depois vim pra cá<sup>128</sup>. Aí, a Sebastiana morava ali embaixo, ela era lá do Elvas, casou com um viúvo aqui, veio e mudou pra cá. Ela trazia os vizinhos tudo pra eu benzer. ‘A Maria Helena tá morando ali’. Através dela vem gente de lá daquele morro,<sup>129</sup> vem gente lá do Matosinhos<sup>130</sup>, vem gente de lá de cima, vem gente lá do Tejuco<sup>131</sup> benzer de mau-olhado. Benzo também, muito jovem que vai fazer prova, e tá com a cabeça ruim, aí vem benzer de mau-olhado<sup>132</sup>.

Por meio da indicação de sua vizinha Sebastiana, a rede de consulentes de D. Maria Helena se amplia. Para tanto, a indicação e a procura por esse contato se faz a partir do reconhecimento do dom e das práticas da benzedeira. Esse reconhecimento não se restringe somente às pessoas do bairro como de outros bairros da cidade, bem como às pessoas de outros círculos sociais. D. Maria Helena comenta que até estudantes em período de provas a procuram para aliviar a ansiedade e pressão que esse momento exerce nos alunos.

Como mencionado anteriormente, os consulentes também recorrem aos benzedores quando seu adoecimento ou mal-estar relacionado com o universo da benzedura não resulta na cura através da medicina institucional. D. Teresa comenta a respeito.

(Tayane): Por que a senhora acha que as pessoas vão te procurar mesmo quando recebem atendimento médico?

(Teresa): Porque, eles não é curado lá com o médico, e eles acha que vindo aqui cura. Foi como de fato, as coisa que não é pra médico, chega aqui, eu rezo e sara. Eu peço com fé.

(Soraia): E a senhora é muito conhecida aqui, né. Desde ...

(Teresa): Graças a Deus, com todo mundo.

(Soraia): Como benzedeira.

(Teresa): Não é só aqui não.<sup>133</sup> Fora daqui, as pessoas liga pra mim rezar, e de tarde eles me liga agradecendo, entendeu. Eles são de outro lugar, que a gente faz o pedido, Ele atende, com a fé! O que manda é a fé.

(Tayane): O que a senhora acha desse reconhecimento das pessoas? Da senhora ser benzedeira? De te reconhecerem como benzedeira?

(Teresa): Aí, eu fico muito satisfeita, né. De Deus me dá essa graça, porque fazer o bem para os outros, é muito bom, a gente fazer o bem. A coisa melhor que tem é você fazer uma pessoa feliz, chega com a dor e você tira ela. É a coisa melhor que tem<sup>134</sup>.

<sup>128</sup> D. Maria Helena refere-se ao bairro Fábricas onde mora atualmente.

<sup>129</sup> D. Maria Helena aponta para frente.

<sup>130</sup> Bairro da cidade de São João del-Rei.

<sup>131</sup> Outro bairro da cidade de São João del-Rei.

<sup>132</sup> Entrevista concedida por Maria Helena Nascimento a Tayane Oliveira em 10/09/2020.

<sup>133</sup> Dona Teresa refere-se ao bairro São Geraldo.

<sup>134</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

Como mencionado por D. Teresa: “as coisa que não é pra médico, chega aqui, eu rezo e sara. Eu peço com fé”<sup>135</sup>. Vale ressaltar que cobreiro<sup>136</sup>, erisipela<sup>137</sup>, jeito<sup>138</sup> entre outros males relacionados à prática da benzedura são doenças reconhecidas e tratadas pelo corpo médico. O fato de a medicina tradicional não conseguir tratar certas enfermidades relacionadas ao mundo da benzedura pode corresponder ao não compartilhamento de sentidos e referências relacionadas a esse universo. Seu Gelson comenta sobre isso:

(Gelson): Então, essas doenças que são doenças, que não são medicinais, né. Não são doenças medicinais. Igual, o aguamento, o aguamento é uma coisa que uma criança, às vezes, vê uma coisa de alimento que não pode comer, às vezes, não têm no momento para comer, às vezes, é um parente, alguma pessoa que a pessoa é a apegada se ausenta, elas também sente falta e passa seu aguamento, né. Então, isso aí eu não sei te explicar um específico disso. Se você queria as coisas, acontece assim. Trago de pequeno, eu conheço esse tipo de coisa, desde quando eu era criança também, porque, muitas vezes, eu fui rezado por isso, né. Então, é uma coisa que às vezes não é uma doença medicinal. Muitas vezes, a pessoa leva ao médico, toma um medicamento, o médico receita que é uma profissão deles, é o serviço dele, mas, que muitas vezes não dá o resultado, a não ser a de benzeção.

(Tayane): E o senhor falou que essas doenças não são medicinais, né?

(Gelson): Eu creio que não, né.

(Tayane): Elas seriam assim o quê...

(Gelson): Espiritual.

[...]

(Gelson): É veja, é igual eu estou te falando, é isso é realmente uma doença espiritual que tem alguma... É igual, eu estou te falando, não é que o médico seja incompetente, de forma alguma. Os médicos são muito competentes, mas realmente muitos não levam a sério, né. Não acreditam na benzeção, né. A maioria não acredita em benzeção, não acredita em oração. Então, muitas vezes, a pessoa vai, procura e não consegue e através da oração a gente consegue atender eles. Mas igual, eu tô dizendo para você, a gente faz a oração, a gente faz a intercessão, mas quem cura é Deus<sup>139</sup>.

Segundo seu Gelson, as doenças do universo da benzedura não estão associadas ao campo da medicina, essas doenças apresentam caráter espiritual. Dessa forma, mesmo com a prescrição da receita, os medicamentos não surtem efeito nos pacientes, por não corresponderem à área especializada dos benzedores.

<sup>135</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

<sup>136</sup> Conhecido cientificamente como herpes-zoster, cobreiro, é uma infecção viral provocada pelo mesmo vírus da catapora. Ver em: <<https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/herpes-zoster-cobreiro/>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

<sup>137</sup> Erisipela é um processo infeccioso que acontece na pele, que pode atingir a gordura do tecido celular, causado por uma bactéria que se propaga pelos vasos linfáticos. Nomes populares: espiral, mal-da-praia, mal-do-monte, maldita, febre-de-santo-antônio. Ver em: BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE - MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Erisipela**. [fev. 2012]. Disponível em: <<https://bvsms.saude.gov.br/erisipela/#:~:text=Erisipela%20%C3%A9%20um%20processo%20infeccioso,das%20veias%20dos%20membros%20inferiores.>> Acesso em: 21 abr. 2021.

<sup>138</sup> Torção muscular.

<sup>139</sup> Entrevista concedida por Gelson Aparecida de Faria a Tayane Oliveira em 14/09/2020.

Essas doenças que se limitam a ação de cura dos benzedores, proporcionam ao consulente, o benefício econômico, por não serem práticas remuneradas. De acordo com seu Gilmar:

(Gilmar): Às vezes, a pessoa pensa que é coluna, e não é. Você benze, a pessoa sara. Tem um cara aqui na BR, ele mexia com lavagem, isso há seis anos atrás. Ele tava assim: ‘Vem cá que vou coser você’. Così ele, outro dia...passou uns dias. Ele falou assim: ‘Bem que você falou para eu não ir no médico. Se eu fosse no médico eu ia gastar oitenta reais. Sarei com a benzeção sua’. É a fé, aquele pedacinho de duas letra: ‘F’ e ‘E’. Fé e esperança<sup>140</sup>.

Além do não compartilhamento de sentidos, também pode ser observado nesse “campo de cura”, as “lutas de representações” (CHARTIER, 1990), no qual o interesse pela manutenção e controle do discurso médico giram em torno de disputas que envolvem as percepções sobre a doenças, a desconsideração da bagagem sociocultural do paciente, e isso pode se manifestar, principalmente, durante uma consulta médica<sup>141</sup>. As lutas de representações se desenrolam na formação de uma clientela, assim como nas relações entre o saber científico e o saber popular/religioso. De acordo com Chartier:

Uma dupla via é assim aberta: uma que pensa a construção das identidades sociais como resultando sempre de uma relação de força entre as representações impostas por aqueles que têm poder de classificar e de nomear e a definição, submetida ou resistente, que cada comunidade produz de si mesma, a outra que considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito concedido à representação que cada grupo faz de si mesmo, portanto a sua capacidade de fazer com que se reconheça sua existência a partir de exibição da unidade (CHARTIER, 1991, p. 183).

As lutas de representações visam a ordenação da estrutura social, através delas as identidades são constituídas. Dessa maneira, quando há o reconhecimento da identidade e dos sentidos atribuídos à prática da benzedura por parte dos médicos, os mesmos encaminham ou indicam os pacientes para uma benzeadeira ou benzedor. E o contrário também pode acontecer quando o benzedor recomenda a visita ao médico. D. Teresa, seu Gelson e minha avó Ana falam a respeito.

<sup>140</sup> Entrevista concedida por Gilmar das Neves Souza a Tayane Oliveira em 28/07/2020.

<sup>141</sup> Ver em: CORREIO BRAZILIENSE. **Médico debocha de paciente na internet e é afastado de hospital**. [29/07/2016]. Correio Braziliense. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2016/07/29/interna-brasil.542340/medico-debocha-de-paciente-na-internet-e-e-afastado-de-hospital.shtml>>. Acesso em: 14 jan. 2022. Ver como complemento a matéria: BOTTREL, Fred. **“Existe peumonia”, diz médica mineira, em resposta ‘lacradora’ para polêmica**” [30/07/2016]. EM. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/07/30/interna\\_gerais.789264/peumonia-medica-mineira-resposta.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/07/30/interna_gerais.789264/peumonia-medica-mineira-resposta.shtml)>. Acesso em: 14 jan. 2022.

(Teresa): O médico mesmo manda procurar a benzedeira. É. [risos]<sup>142</sup>

(Gelson): [...] as pessoas procuram a gente, mas não especifica assim se já procuram médico ou se vão procurar médico. Muitas vezes a gente fazendo a oração, às vezes até a gente indica para as pessoas que a gente faz a oração. A gente fala para as pessoas: ‘Olha, eu tô fazendo oração, mas, se aquilo não resultar em alguma coisa, você procura um médico, um especialista, ou psicólogo, ou um clínico geral’. A gente indica, manda procurar o médico. Muitas das vezes, a gente manda a pessoa próprio procurar, né<sup>143</sup>.

(Ana): Não precisava voltar não. Conforme eu rezava pra eles, servia pra eles, aí servia pra eles, e agora, assim eu falava com eles. Agora, se ele não melhorar dessa benzeção, ‘vocês evita de outra coisa’, eu falava assim com eles. Agora se não tá sentindo... outra coisa era para evitar o *male* que ia cair nele, assim que eu falava. Depois que vinha aquela montoeira de gente, eu falava: ‘o sentido de voltar aqui, não melhorou, você volta no médico e pede outra benzeção’<sup>144</sup>.

Independentemente das práticas e recursos utilizados, podemos perceber que o propósito dos diferentes agentes de cura é a promoção da saúde dos seus pacientes/consultentes. A benzedura e a medicina podem operar de forma complementar a partir do desejo do consultente, do médico e também do benzedor: “você volta no médico e pede outra benzeção”<sup>145</sup>. Sem dúvidas, curar uma enfermidade da qual um médico responsável não consegue tratar seu paciente, ou mesmo a indicação de um médico para procurar outro “especialista” faz com que o reconhecimento do benzedor ou benzedeira aumente, proporcionando credibilidade e notoriedade a esses agentes da cura.

Como podemos perceber, a capacidade de reunir pessoas diversas que reconhecem e legitimam o dom da benzedura pode ser compreendido a partir do conceito de *carisma* empregado pelo sociólogo Max Weber (1999; 2000) como uma qualidade pessoal que evidencia atributos distintos como qualidades heroicas, sobre-humanas, sobrenaturais, ou como uma manifestação divina, em virtude de uma vocação, tarefa ou missão de vida. O carisma ainda que saliente o aspecto individual de seu portador, faz com que a sua natureza estabeleça uma relação com o outro, para tanto, é necessário que se prove o seu *poder*, sem esse componente avaliativo, não há como legitimar o dom do benzedor. Dessa forma:

Se aqueles aos quais ele se sente enviado não reconhecem sua missão, sua exigência fracassa. Se o reconhecem, é o senhor deles enquanto sabe manter seu reconhecimento mediante ‘provas’. Mas, neste caso, não deduz seu ‘direito’ da vontade deles, à maneira de uma eleição; ao contrário, o reconhecimento do carismaticamente qualificado é o dever daqueles aos quais se dirige sua missão (WEBER, 1999, p. 324).

<sup>142</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

<sup>143</sup> Entrevista concedida por Gelson Aparecida de Faria a Tayane Oliveira em 14/09/2020.

<sup>144</sup> Entrevista concedida por Ana de Jesus Rodrigues a Tayane Oliveira em 25/01/2016.

<sup>145</sup> Entrevista concedida por Ana de Jesus Rodrigues a Tayane Oliveira em 25/01/2016.

A partir desse conceito podemos compreender a relação estabelecida entre os benzedores e seus consulentes. Dessa forma, a crença na legitimidade de seu “dom” irá caminhar junto ao reconhecimento de seus seguidores e de sua comunidade. Com base nesse reconhecimento, são abertos caminhos para a procura dos benzedores.

Retomando Quintana (1999, p. 56-57), durante o *diálogo* o consulente relata os principais sintomas de sua queixa ou da pessoa que está acompanhando - lembrando que muitas mães levam seus filhos para serem benzidas. Além do mal-estar relatado pelo consulente, a benzedora ou benzedor também consegue sentir o mal que o consulente está sentindo. D. Teresa comenta a respeito:

(Teresa): O bom que a pessoa chega perto de você, e você já sabe que é olho-gordo. Porque você começa abrir a boca, e tudo isso. Aí, você reza um Pai Nosso, uma Ave-Maria<sup>146</sup>.

Vale ressaltar que durante a pandemia da COVID-19, muitos benzedores, como D. Maria Helena e D. Léa, deixaram de benzer presencialmente em suas casas, devido a sua idade e por estarem no grupo de risco da doença.

Figura 11: D. Maria Helena ao lado de um aviso anunciando que devido a pandemia não benzeria até que a situação esteja normalizada



Foto: Tayane Oliveira. São João del-Rei, 10/09/2020.

<sup>146</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

Figura 12: Aviso anunciando que D. Teresa deixará de benzer por tempo indeterminado devido a pandemia

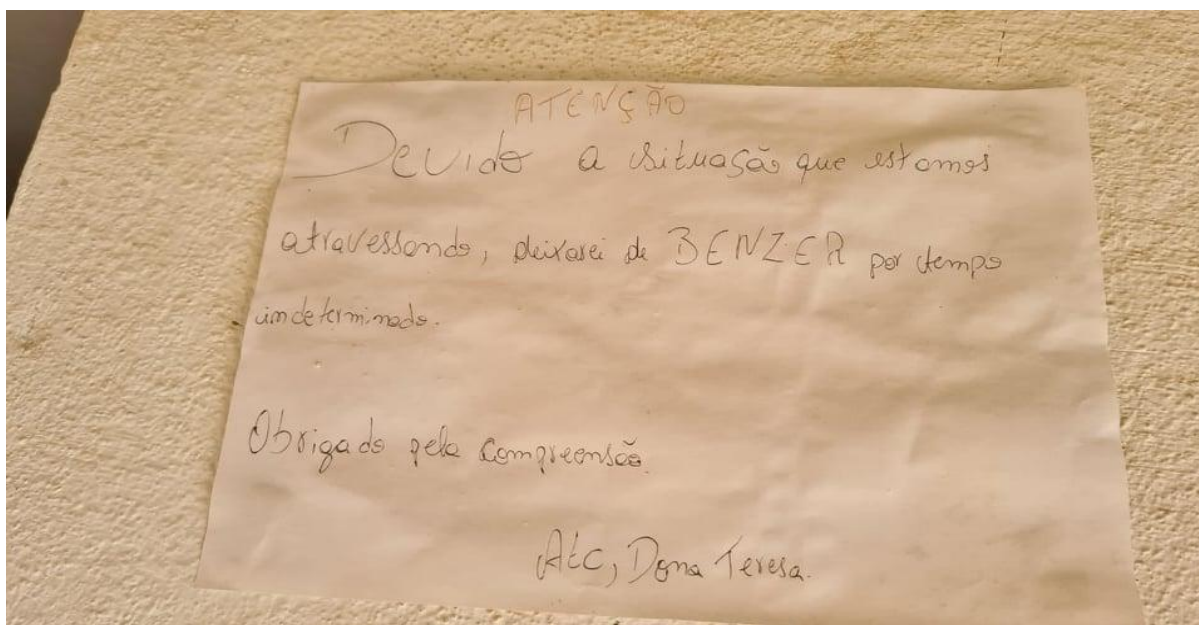


Foto: Soraia Geralda Santos. São João del-Rei, 29/08/2020.

D. Teresa também deixou de benzer presencialmente, em sua casa ela fixou um aviso dizendo o seguinte: “Atenção! Devido a situação que estamos atravessando, deixarei de benzer por tempo indeterminado. Obrigado pela compreensão. Atc, Dona Teresa.” No entanto, ela recebe ligações para realizar os benzimentos. De acordo com ela:

(Tayane): Dona Teresa, como está sendo pra senhora benzer durante esse contexto da pandemia do Coronavírus?

(Teresa): Bom, agora eu não estou rezando as pessoas vindo aqui em casa não. Mas, eles pedem pelo telefone, eu rezo, que vale do mesmo jeito, quem tem fé.

(Tayane): Mas as pessoas vem, batem na porta da senhora?

(Teresa): Eles bate, mas eu não posso atender, porque se eu rezar um, tem que rezar outro. Então, agora nesse meio tempo, eu não tenho rezado muito não, mas pelo telefone eu rezo. E a hora que eu vou fazer minhas orações de tarde eu rezo para todo mundo, peço para todos os que me pediu, eu já deixo escrito os nomes pra rezar<sup>147</sup>.

Com base na informação dada pelo consulente seja presencialmente, pelo telefone ou até mesmo sentida pelo benzedor o ritual da benzedura se inicia.

### 2.2.2. *Bênção*

A partir das queixas relatadas pelos consulentes, os benzedores se preparam para iniciar o ritual. Os benzimentos costumam ser realizados na casa dos benzedores. Pereira e Gomes nos mostram que

<sup>147</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis e Soraia Geralda Santos a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

O exercício de cura dentro da casa demonstra a relação entre a terapia e os valores do espaço pessoalizado, ou seja, a prática da benzeção pertence a um universo privado onde se destacam a discricção da vivência religiosa, o trabalho para a subsistência, os vínculos com a família e a vizinhança, e o interesse de partilhar recursos materiais e espirituais (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 117-118).

Os benzimentos acontecem, principalmente, na sala de estar da casa dos benzedores. De acordo com D. Léa e D Teresa.

(Léa): Não, benzo aqui mesmo na sala, as pessoas chega, precisa de rezar, eu rezo aqui, eles vão embora. Não tem como separar aqui não<sup>148</sup>.

(Tayane): Dona Teresa, a senhora benze em algum lugar específico também como o seu pai ou não?

[...]

(Teresa): Eu, eu gosto de benzer de frente a porta, né. Senta no sofá benze em frente a porta. Porque, o que tiver na pessoa sai pra porta da rua.

(Teresa): Então, não tem como... [inaudível]<sup>149</sup>.

A sala de estar da casa dos benzedores representa um espaço privado e público, no qual se revela um lugar de reunião e lazer da família e ao mesmo tempo constitui um espaço de atendimento aos consulentes. É um lugar que representa a ligação do mundo interior com o exterior. Dessa maneira, a recepção de pessoas nessa sala/consultório requer precauções e cuidados também. “Eu, eu gosto de benzer de frente a porta, né. Senta no sofá benze em frente a porta. Porque, o que tiver na pessoa sai pra porta da rua”<sup>150</sup>.

---

<sup>148</sup> Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Oliveira em 03/10/2020.

<sup>149</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

<sup>150</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis a Tayane Oliveira em 29/08/2020.



Figura 13: Porta da entrada da casa de D. Teresa



Foto: Soraia Geralda Santos. São João del-Rei, 29/08/2020.

Figura 14: Entrada da casa do benzedor Gelson



Foto: Tayane Oliveira. São João del-Rei, 14/09/2020.

Figura 15: Entrada da casa do benzedor Gelson



Foto: Tayane Oliveira. São João del-Rei, 14/09/2020.

Nesse espaço, as portas, as paredes e as estantes são ornamentadas com referências sagradas para os benzedores. A exposição de quadros e imagens de santos, velas, orações, assim como CD's e DVD's com temática católica formam verdadeiros altares e painéis domésticos. A sala apresenta elementos que compõem a vivência religiosa dos benzedores, e que auxiliam na proteção da casa e dos familiares. Nas imagens abaixo, temos a sala de estar e parte da estante com imagens católicas do benzedor seu Gelson.

Figura 16: Benzedor seu Gelson na sua sala de estar



Foto: Tayane Oliveira. São João del-Rei, 14/09/2020.

Figura 17: Estante da sala de estar da casa de seu Gelson



Foto: Tayane Oliveira. São João del-Rei, 14/09/2020.

Vale ressaltar que os benzimentos também podem ser realizados na casa do consulente, na rua ou podem ser realizados em lugares inusitados, como relata D. Léa:

(Léa): Inclusive uma vez, a gente tá fazendo novena. Ela<sup>151</sup> falou que: ‘o padre estava com muita dor nas costas, de jeito’. Ela pediu pra *mim* rezar o padre. Eu fiquei sem graça, falei: ‘Que isso, Teresa! Eu vou rezar o padre!’ E ela falou: ‘O que tem você rezar’. Eu falei: ‘Sabe lá se ele vai querer?’ Aí ele falou: ‘Eu acredito. Você querendo rezar, vamos ali na sacristia’. Aí eu rezei ele, aí eu achei estranho, eu rezando o padre, mas tá dentro da sacristia [risos]. E ele é de Curvelo [risos]. O padre veio lá de Curvelo. E ele acreditou, porque ele deixou rezar três dias<sup>152</sup>.

<sup>151</sup> Vizinha de D. Léa.

<sup>152</sup> Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Oliveira em 03/10/2020.

A casa dos benzedores é o espaço mais comum para realizar a benzedura, no entanto, a realização de sua prática pode ultrapassar fronteiras institucionais como relatado por D. Léa. Apesar da hesitação em realizar a benção dentro da igreja, o fato de o padre acreditar em benzeduras e permitir que sejam realizadas durante três dias, na sacristia atribui legitimidade à prática de cura de D. Léa.

De acordo com Quintana (1999, p. 56), após o diálogo entre o consulente e o benzedor, a *benção* corresponde ao segundo momento do processo ritual, que seria a benzedura propriamente dita. É nesse momento que a benzedora ou benzedor procuram reequilibrar a energia do consulente lhe livrando do mal.

No quadro abaixo estão listadas as principais benzeduras executadas pelos benzedores e os suportes que costumam utilizar nos seus benzimentos.

**Quadro 3: Benzedura e suportes utilizados**

<b>Benzedores</b>	<b>Benzedura</b>	<b>Suportes utilizados</b>
Ana	Quebranto; Ventre-virado;	Terço; Mãos;
Teresa	Ventre-virado; Quebranto; Jeito; Erisipela; Aguamento;	Mãos; Terço; Aguilha, linha e patuazinho; Pena ou lâ; Três ramos;
Léa	Jeito; Cobreiro;	Aguilha, linha e pano; Talo de mamona;
Gelson	Mau-olhado; Quebranto; Ventre-virado; Aguamento;	Terço; cruz de São Bento Três ramos, terço; Três ramos; Três ramos;
Maria Helena	Ventre-virado; Mau-olhado; Coser jeito; Queimadura; Cobreiro;	Porta; Terço; voz e mãos; Aguilha, linha e pano; Sopro; Talo de mamona;
Gilmar	Jeito; Cobreiro; Aguamento;	Mãos; Talos de mamona; Leite de cabra;

Fonte: Entrevistas concedidas a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. São João del-Rei. 2015 a 2021.

A partir do levantamento dos dados podemos identificar as principais benzeduras realizadas por esse grupo de benzedores. Abordaremos os principais benzimentos e a forma como são realizados pelos benzedores. Podemos perceber que quebranto, cobreiro, ventre- virado e coser jeito são as benzeduras que esse grupo de benzedores mais realiza.

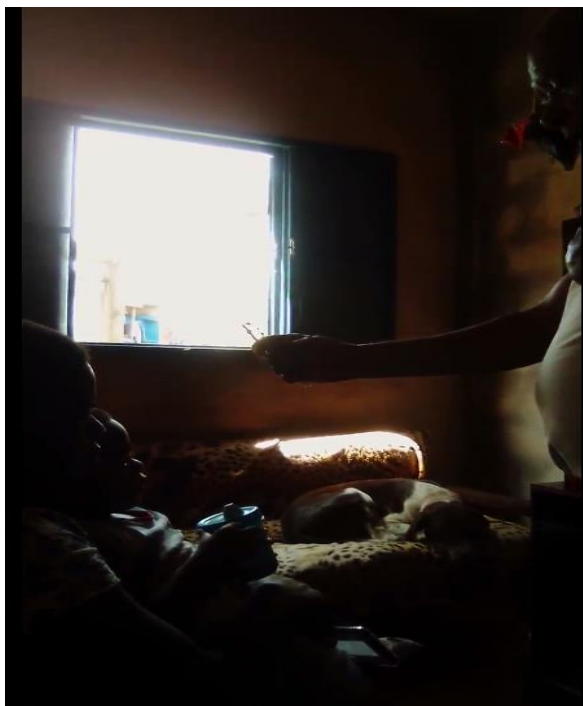
De forma geral, essas benzeduras são bastantes recorrentes no repertório de rezas dos benzedores. Compreendemos que as benzeduras são orações, fórmulas que são pronunciadas ou murmuradas por benzedores e benzedadeiras, que tem como objetivo a remoção do mal, das enfermidades que afligem o corpo e o espírito em virtude da restauração do equilíbrio que foi perdido.

A prática realizada se manifesta a partir das representações que os benzedores assimilam para si. Ou seja, mesmo com o repertório de benzeduras semelhantes, cada benzedor ou benzedeira irá agregar a sua prática de cura a forma como dão sentido ao mundo. Dessa maneira, podemos perceber a pluralidade de leituras através das orações realizadas pelos benzedores.

#### ***2.2.2.1. Quebranto e Mau-olhado***

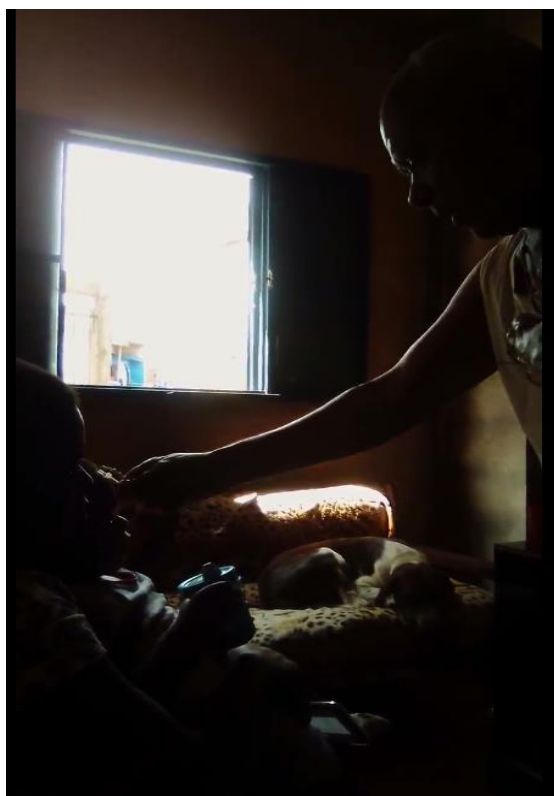
O quebranto é um mal que também é conhecido como quebrante e atinge principalmente as crianças. O quebranto seria um olhar atravessado de inveja, desejo, fascinação, raiva ou maldade para outra pessoa, ele pode ocorrer com ou sem intenção do “agressor.” Quando não há intenção, o quebranto acontece nas crianças quando alguém - parentes ou não - as elogia ou acham graça dela. Os principais sintomas do quebranto são olho moiteiro, bambeza no corpo, bocejos, cair com frequência e chorar sem motivo. Nas imagens abaixo, temos seu Gelson benzendo meu sobrinho Thales de quebranto.

Figura 18: Seu Gelson benzendo de quebrante meu sobrinho Thales (1)



Fonte: Tayane Oliveira. São João del-Rei. 10/09/2020.

Figura 19: Seu Gelson benzendo de quebrante meu sobrinho Thales (2)



Fonte: Tayane Oliveira. São João del-Rei. 10/09/2020.



O quebranto também é conhecido como mau-olhado, olho-gordo, olho-ruim. As orações destinadas a esse mal não se diferenciam. Como podemos perceber na oração de quebranto que D. Maria Helena rezou pra mim:

(Maria Helena): E mau-olhado é assim... Eu benzo todo mundo de mau-olhado. Vou benzer você. Como você chama?

(Tayane): Tayane.

(Maria Helena): Tayane! Tayane, com dois, te puseram, com três, eu retiro em nome das três pessoas da Santíssima Trindade. Eu tiro quebrante, mau-olho, mau-olhado, inanição, inveja, olho-gordo, olho-mau, olho-comprido, olho travessado. Todo tipo de mau-olhado, inveja que está com a Tayane e manda para as profundezas do mar sagrado onde não vê galo cantar e nem menino chorar, nem bafo de criatura humana. As pessoas da Santíssima Trindade são Três, que é Pai, Filho e Espírito Santo. Amém. Essa é o mau-olhado [risos]. Que eu rezo.

(Tayane): Agradecida! [risos]

(Maria Helena): Benzi você [risos]<sup>153</sup>.

No entanto, há uma diferenciação entre quebranto e mau-olhado, de acordo com Pereira e Gomes (2018), o quebranto seria um mal que se manifesta em crianças e o mau-olhado aconteceria em pessoas adultas, ainda assim os dois males apresentam o mesmo sentido. Vale ressaltar que plantas e animais também estão sujeitos a “pegar” mau-olhado. De acordo com Pereira e Gomes:

[...] é o olhar o responsável pela deflagração das forças negativas: nele reside a fascinação que debilita aquele que o recebe. De outro modo, apanhar quebranto é ser envolvido pela força do olhar - ou pela simples presença - de uma pessoa que assim ‘quebra’ nossas defesas naturais. É uma força estranha que em alguns indivíduos mantém vibrações capazes de afetar os seres vivos, independente da vontade da pessoa que possui o ‘mau-olhado’ (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 160).

A oração realizada pela D. Maria Helena estabelece a retirada dos diferentes males que a pessoa possa ter, e os transfere para as “profundezas do mar sagrado”. E, “por isso, degredá-los é mergulhar novamente nas águas da vida, reintegrando o homem a natureza num momento único de harmonia” (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 167). O mar, dessa forma, corresponde ao lugar longínquo, no qual as energias negativas são enviadas para serem neutralizadas e restauradas.

Na benzeção de mau-olhado que D. Maria Helena realizou em mim, ela fazia o sinal da cruz com as mãos repetidas vezes. Nessas orações para quebranto e mau-olhado é comum o uso de terços, ramos de folhas ou outros objetos, os benzedores utilizam esses objetos fazendo o sinal da cruz durante o benzimento. Vale ressaltar que as benzeções costumam iniciar com o

<sup>153</sup> Entrevista concedida por Maria Helena Nascimento a Tayane Oliveira em 10/09/2020.

sinal da cruz, que representam os princípios da Santíssima Trindade, da encarnação de Jesus e de sua paixão e morte<sup>154</sup>.

De acordo com o relato de seu Gelson:

(Tayane): Quando o senhor estava benzendo o Thales<sup>155</sup>, o senhor fez o sinal da cruz assim em vários momentos, tem um número específico?

(Gelson): Não, não tem um número específico. É igual eu falo, meu jeito de fazer oração é esse. Eu rezo em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo e peço igual eu falei para você, né. Que cura o mau-olhado, quebrado, ventre-virado, aguamento em nome de Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo. Amém. Então, essa oração eu faço três vezes, então, durante as três vezes, eu faço a oração de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, faço essa oração da Ave Maria, Santa Maria e o Pai Nosso, né. E faz a oração do Creio, do Credo depois da bênção final, eu também faço o sinal da cruz<sup>156</sup>.

Seu Gelson costuma benzer com o terço ou a cruz de São Bento, ele não especifica em quais situações ele usa a cruz de São Bento, mas podemos deduzir que seja nas orações de quebranto e mau-olhado. Seu Gelson comenta:

(Gelson): [...] vamos supor que você esteja com mau-olhado, você está com o corpo ruim, você está com uma dor de cabeça mais forte. Então, eu tô fazendo a oração para você. Agora, eu disse para você, a gente sente quando está fazendo a oração, a gente sente se você realmente está médio, tá bem, se está bem, se está médio, se está forte, o seu estado, entendeu. Isso é um dom que Deus dá para gente, a gente sente. Então, através desse sentimento é que você vê se você vai precisar fazer uma oração a mais, uma invocação a mais, entendeu. O sentimento que a gente tem quando a gente tá fazendo as orações. Por isso, que eu falo para você que o dom de Deus é dado é por isso. Porque a pessoa contrai o dom, realmente, quando está fazendo a oração, fazendo a benzeção como dizem, ela sente realmente o que a pessoa tem<sup>157</sup>.

Como mencionado por seu Gelson, dependendo da pessoa que o procura para benzer, ele consegue sentir o mal que o consulente está sentindo. A partir dessa sensação ele analisa que orações serão necessárias para realizar o benzimento. Seu Gelson atribui esse sentimento de empatia ao dom de Deus. O uso da cruz de São Bento nos benzimentos deve ocorrer quando ele percebe que o quebranto ou mau-olhado estão muito “carregados” no corpo do consulente. A cruz de São Bento pode ser apresentada como um crucifixo contendo no eixo de intercessão uma medalha com uma cruz ao centro que apresenta inscrição nas suas hastes e ao redor dela, as letras iniciais da oração de São Bento em latim. Que seria: “A Cruz Sagrada seja a minha

<sup>154</sup> Ver em: PEREIRA, Elenildo. **Qual é o verdadeiro significado do sinal da cruz?** Canção Nova. Disponível em: <<https://formacao.cancaonova.com/igreja/catequese/qual-e-o-verdadeiro-significado-do-sinal-da-cruz/>>. Acesso em: 12 jan. 2022.

<sup>155</sup> Meu sobrinho.

<sup>156</sup> Entrevista concedida por Gelson Aparecida de Faria a Tayane Oliveira em 14/09/2020.

<sup>157</sup> Entrevista concedida por Gelson Aparecida de Faria a Tayane Oliveira em 14/09/2020.

luz, não seja o dragão o meu guia. Retira-te, satanás! Nunca me aconselhes coisas vãs. É mau o que tu me ofereces, bebe tu mesmo os teus venenos!”<sup>158</sup>.

A própria oração reafirma o poder da Cruz Sagrada como luz a ser seguida e ordena a retirada das forças malignas. O uso dessa oração, juntamente com os sinais da cruz nas benzeduras de quebranto e mau-olhado expressam a proteção contra o mal e o seu afastamento.

Vale ressaltar que durante os benzimentos, mesmo com o auxílio desses objetos, a carga de energia causada pelo mal é sentida, por vezes, pelos benzedores se manifestando por meio de bocejos, arrepios, lacrimação e dores no corpo. Minha avó Ana relata a respeito.

(Tayane): E aqui, vó. Às vezes, quando a pessoa vinha aqui, pra senhora benzer ela, e estava com quebrante, a senhora ia rezar... A senhora já sentiu alguma coisa enquanto benzia?

[...]

(Ana): Sentia.

(Tayane): O que a senhora sentia? A senhora sentia a dor da pessoa? O mal...

(Ana): Tudo aquilo que ele estava sentindo, eu sentia em mim. Me dava aquele peso aqui, e aí assim, eu ficava, eu ficava... teve um dia aqui, que eu deitei aqui em casa, que eu jurei que não ia levantar, aqui em casa. Depois, eu fui, jurei aqui, que aquele *male* que estava passando pra mim, que tirasse de mim, aquele *male* que tava passando pra mim, agora quando eu for benzer as crianças que não sentir nada esperando nada daquilo, aí passa aquele seco, depois passa aquele, aquele costume, aqui tá sem, parece que a gente tá tremendo, assim que eu fico.

(Tayane): A senhora nunca quis parar por causa disso não? A senhora nunca quis parar de benzer por causa disso não? Ficar sentindo esse mal?

[...]

(Ana): Não, não porque isso é [inaudível] a benzedura, né. Nunca quis parar.

(Tayane): Não? A senhora nunca se sentiu cansada por benzer?

(Ana): Já, agora isso, eu sinto. Eu sinto, e eu sinto. E agora... Você é porque não benze, mas você benzer, acostumar e ter aquele costume, você vai sentir [Pausa]. Mas a gente rezar assim: Ave-Maria, Santa-Maria, essas rezas que a gente vê o padre rezar lá no altar, a gente sente ela lá, a gente ensina ela lá, a gente pode pedir a benção [pros outros] e pra você também, se quiser rezar, pode rezar também<sup>159</sup>.

#### 2.2.2.2. *Cobreiro*

O cobreiro é conhecido cientificamente como herpes-zoster, é uma infecção viral provocada pelo mesmo vírus da catapora<sup>160</sup>. Para os benzedores, o cobreiro acontece quando algum animal peçonhento entra em contato com o corpo ou com as roupas do consulente. As referências a esses animais são incorporadas nas benzeduras para cobreiro. A oração de seu Gilmar é exemplo disso.

<sup>158</sup>Ver em: MOSTEIRO DE SÃO BENTO DO RIO DE JANEIRO. **Medalha de São Bento**. Disponível em: <<https://www.mosteirodesaobentorio.org.br/espiritualidade/medalha-de-sao-bento/>>. Acesso em: 12 jan. 2022.

<sup>159</sup> Entrevista concedida por Ana de Jesus Rodrigues a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira em 25 jan. 2016.

<sup>160</sup> Ver em: BRUNA, Maria Helena Varella. Doenças e Sintomas: **Herpes-zóster (cobreiro)** [13/04/2011]. Drauzio <<https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/herpes-zoster-cobreiro/>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

(Gilmar): Cobreiro, você pega um galho de mamona, três galhinhos e corta. Cobreiro bravo, aranha, aranhinha, aranhão. Cobra, cobrinha, cobraão. Bicho de toda nação. Você corta os três dias, fala três vezes. Aí a pessoa sara. Porque tem o cobreiro que coça e o cobreiro que não coça. A oração do cobreiro aprendi assim, é bichinho que passa na roupa da gente, você não sabe o que que é<sup>161</sup>.

Um dos sintomas mais comuns do cobreiro é a formação de vesículas com líquidos que aparecem de um lado só do corpo. Para evitar que o cobreiro contorne o corpo do consulente é necessário que se corte o cobreiro em três partes. Segundo Pereira e Gomes:

Cortar cobreiro é impedir que a moléstia siga seu curso, isto é, que a área afetada pela lesão cutânea aumente: o benzedor corta, num corpo intermediário, o malefício. Como existe a convicção de que a disseminação da dermatose não pode atingir um órgão por inteiro - o que causaria a morte, já que o pescoço e o rabo se uniriam, completando o círculo - é preciso cortá-la em três partes (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 185).

O corte no cobreiro é essencial para que a cabeça não se encontre com o rabo, pois nesse caso não há como curar o cobreiro<sup>162</sup>. D. Léa e D. Maria Helena explicam como realizam sua benzedura para cobreiro.

(Léa): Então, eu falo: ‘O que tens, Pedro?’, ‘Cobreiro, Senhor’. Aí eu... Depois, eu pego as três pontinha de mamona e venho com a faca cortando, ponho em cima de um lugarzinho, dou três *taios*. Aí eu te pergunto, aí eu te pergunto: ‘O que corta?’ Aí você responde: ‘Cobreiro’. Aí eu rezo a minha oração de Ave Maria, entregando pro santo. Quando falar, eu corto de novo, aí você fala: ‘Cobreiro’. Aí torna a continuar a oração, depois eu, a última vez que eu corto aqui, eu falo: ‘Corto’. Você que tá com cobreiro, que responde: ‘Cobreiro’. E aí eu torno a cortar, aí eu paro de fazer minha oração, rezo um Pai-Nosso, uma Ave Maria. E entrego para as três pessoas da Santíssima Trindade. Aí quando, no outro dia, o mesmo procedimento, no outro dia o mesmo procedimento, ali vou juntando três, seis, nove, né? Aí vou juntar naquele, naqueles canudinhos ali, *na onde* pode secar, depois eu ponho fogo. Aí, na hora que eu vou por ele no fogo, o cobreiro já melhorou.

(Tayane): Por que são três vezes, são três dias seguidos que a pessoa tem que tem que ir até a senhora pra poder benzer?

(Léa): Porque eu tenho que cortar, você tem que tá bem pra falar. Você tem que responder.

(Tayane): Sim, mas por que são três dias?

(Léa): Porque, é o tempo que a gente, que todas benzedeira tem os três dias. Esse, só vem uma vez quando você tá com quebrante, né? Quebrante uma vez só se rezou, pronto, passou, mas o resto não<sup>163</sup>.

(Maria Helena): O que eu corto? Cobreiro. De quem? Fulano de tal. Eu corto a cabeça, o tronco e o rabo. Você corta a mamona em três vez. A ponta, o meio e o rabo. São nove talhinhos da mamona. Aí você corta, no final reza Salve Rainha e pede pra secar. A hora que secar queima. Porque se jogar na encruzilhada, igual antigamente, lá na roça podia jogar. Porque se você passa no lugar em que você jogou, o cobreiro volta. Aí é mais fácil queimar. Queima pronto<sup>164</sup>.

<sup>161</sup> Entrevista concedida por Gilmar das Neves Souza a Tayane Oliveira em 29/07/2020.

<sup>162</sup> Entrevista concedida por Maria Helena Nascimento a Tayane Oliveira em 10/09/2020.

<sup>163</sup> Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Oliveira em 03/10/2020.

<sup>164</sup> Entrevista concedida por Maria Helena Nascimento a Tayane Oliveira em 10/09/2020.

Nas orações de cobreiro de D. Léa e D. Maria Helena se realizam com a participação do consulente, quando o mesmo responde qual o mal que lhe aflige. Após a resposta a benzedeira pergunta o que corta, ele novamente responde dizendo cobreiro, nesse momento, a benzedeira corta com a faca o talo de mamona, ela continua oferecendo uma oração ao seu santo de devoção. A benzedura é repetida três vezes por três dias seguidos.

Vale ressaltar que o número três é recorrente nas práticas de cura, seja no número de vezes em que se reza as orações, no número de cortes no talo da mamona, ou no número de dias em que a benzedura deve ser feita. Segundo Bethencourt:

Em primeiro lugar aparece-se nos os três (tanto nas devoções, ordenando o número de candeias acesas, de orações e de missas, como nos ligamentos, ordenando o número de nós e de passagens pela porta, como nos conjuros e encantamentos), que simboliza a superação da rivalidade latente contida no número dois, exprimindo a síntese, a ordem espiritual em Deus, no cosmo e no homem. O Deus trinitário cristão, que surge como o referente mais próximo das práticas recenseadas, simboliza justamente a perfeição da unidade divina (BETHENCOURT, 2004, p. 136).

O número três na tradição cristã representa a unidade divina - Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo - simbolizando a perfeição divina. Em algumas orações a referência esse número está ligada à retirada do mal: “com dois te botaram, com três eu retiro”. Pereira e Gomes salientam que:

As benzeções geralmente se destinam a tipos especiais de doenças, cujo ciclo tem uma duração específica. Como a repetição faz parte do processo - e é quase sempre necessário repetir a benzeção três vezes, durante um dia determinado da semana - a cura se liga ao próprio tempo de desaparecimento normal da enfermidade (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 30).

Como comentado por D. Léa, cada benzeção tem um tempo certo de atuação para cura. Podemos entender, dessa forma, que a retirada do mal se faz a partir dessa referência ao número três.

Alguns objetos servem como *metáfora do corpo intermediário*, como sugerem Pereira e Gomes (2018, p. 61), para a extinção do mal e o restabelecimento do equilíbrio, as benzeções necessitam de um corpo intermediário, no qual a doença e o sofrimento possam ser transferidos e retirados. Como observado no uso do talo da mamona.

(Léa): [...] todos, todos os cobreiros se usa mamona, pra cortar as... Dá três... Dá três cortes no talo de mamona, depois põe pra secar no lugar, seca ali depois, enquanto aquilo tá secando, o problema do cobreiro tá secando no corpo da pessoa. E não pode ficar molhado, o cobreiro se molhar, não sara, ele mela.  
(Tayane): E depois o que faz com esse, essa mamona?

(Léa): Depois que ele secar com calma, você joga ele no fogo, mas ele tem que secando por si, pra secar o problema da sua pele<sup>165</sup>.

Para a benzedura surtir efeito é necessário que os talos cortados sequem e não entrem em contato com a água, pois isso reverteria o processo de cura. Quando os talos estiverem secos, outra medida tomada para finalizar o processo de cura do cobreiro, é a queima dos talos de mamona. O fogo ao ser empregado nesse processo de cura traz aspectos negativos e positivos, ao ser um elemento destruidor e ao mesmo tempo purificador. “O fogo simboliza a iluminação e a purificação e, por irradiar a luz e calor, é símbolo da força e do poder divino, usados para separar o bem do mal” (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 40).

### 2.2.2.3. *Coser jeito*

A benzedura de coser jeito é realizada quando acontece alguma torção muscular ou fraturas no corpo do consulente. De acordo com as benzeduras de D. Léa e D. Teresa:

(Léa): O jeito também tem que ser três dia, tem que ser a pessoa que você vai costurar o jeito, ali na onde que tá a dor. Você põe a almofadinha em cima da dor pra costurar. Aí você faz benzendo longe, não tem como.

(Tayane): A senhora pode me falar a oração do jeito também, como é que a senhora realiza?

(Léa): É, o jeito é: ‘Coso, nervo torto, osso rendido, carne quebrada, junta desconjuntada, assim mesmo eu coso’. Ofereço as três pessoas da Santíssima Trindade.

(Tayane): E vai falando essa oração...Como que fala? Usando a agulha, né? Agulha e linha.

(Léa): Isso! Na medida que eu falo uma coisa, vou costurando.

(Tayane): E o que que a senhora faz depois com esse pedacinho de pano, com a agulha e linha?

(Léa): Não, ele sempre fica guardadinho, só pra aquilo. A agulha, a almofadinha só pra só pra isso.

(Tayane): A senhora utiliza essa agulha depois?

(Léa): Não, não se você tiver outra agulha, a agulha você pode usar pra qualquer coisa. Mas, só que eu já deixo uma agulha só pra isso, mas não tem ‘*portância*’ nela não<sup>166</sup>.

(Teresa): Tem um patuazinho que a gente vai cosendo, e dizendo as palavras. Quando uma pessoa tem uma torção, pega o patuazinho, vai costurando e falando pra pessoa aquilo: Que coso? Osso torto, junta desconjuntada, osso rendido, veia rebentada. Assim mesmo, eu coso. Então, a gente fala isso três vezes, e fica enfiando a agulha e cosendo pra chegar no lugar<sup>167</sup>.

Na benzedura de coser jeito são utilizados pano, agulha ou linha, esses objetos também se estabelecem como metáfora do corpo intermediário, no qual cumprem o papel de representar por meio do tecido ou patuazinho a costura energética da lesão. À medida em que a benzedora pronuncia a benzedura enquanto envia a agulha com a linha no tecido, ela vai unindo os pontos energéticos que foram arrebatados com o ferimento.

<sup>165</sup> Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Oliveira em 03/10/2020.

<sup>166</sup> Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Oliveira em 03/10/2020.

<sup>167</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

Nas benzeções de coser jeito, há uma preocupação de reservar os suportes apenas para esse determinado fim. D. Maria Helena, por exemplo, depois da benzedura guarda em um lugar reservado por nove dias, a agulha que utilizou no benzimento. E utiliza em suas benzeduras de jeito, um “paninho virgem”<sup>168</sup>. De acordo com Pereira e Gomes:

Para a eficácia das benzeduras, recomenda-se sempre o uso de objetos não tocados (virgens), os quais deverão ser inutilizados após o rito - ou então somente empregados para novas etapas do mesmo processo. O tabu da virgindade floresce em todas as civilizações, no sentido de caracterizar a ausência de forma, a não revelação, a possibilidade de fecundação: o corpo virgem - como objeto intocado - contém o germe da vida plena. [...] Os objetos inviolados se prestam a servir de instrumento sagrado pela força latente que neles residem: ainda não se gastaram e contém, no vazio, a possibilidade de acolher a energia celeste que lhes é transferida pela mão do benzedor (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 88).

D. Teresa na sua benzeção de jeito se refere ao patuazinho, suporte que utiliza na sua benzeção. Comumente, o patuá é conhecido por ser uma bolsa feita de couro ou tecido usada em torno do pescoço, no qual contém em seu interior elementos relacionados à cultura afro-brasileira. O patuá adquire diversas funções sendo utilizado, principalmente para proteção cotidiana. No benzimento que D. Teresa realiza, o patuazinho serve para restaurar os ligamentos da torção.

Seu Gilmar realiza a benzeção de jeito de outra forma:

(Tayane): O senhor pode me falar essa oração de jeito?  
 (Gilmar): Posso. O que coso? Carne quebrada, nervo torto, osso rendido, veia ofendida. Assim mesmo eu coso, em nome do Senhor Jesus Cristo.  
 (Tayane): E essa oração é só o senhor que fala ou a pessoa também responde?  
 (Gilmar): Eu faço sozinho, a pessoa... tem uns que responde, tem outros que nem responde, só com a fé dele. Aí vai da vontade da pessoa.  
 (Tayane): E essa de jeito, o senhor reza quantas vezes?  
 (Gilmar): Eu rezo na pessoa... Eu coso nove vez. Falo ela nove vez. Porque é os três dias. Não tem nada de benzer de noite, não. Senão a gente não podia nascer, tinha que nascer só de noite. Eu benzo qualquer hora. Cheguei aqui tá sentindo mal. É a fé da pessoa.  
 (Tayane): Então, essa de jeito, antigamente era feita em três dias seguidos?  
 (Gilmar): Isso.  
 (Tayane): E o benzedor, ele rezava três vezes. Então, o senhor já reza uma vez só, as nove vezes.  
 (Gilmar): Isso! Eu já rezo... Depois se a pessoa precisar de um reforço, a gente faz de novo<sup>169</sup>.

Mesmo com a fórmula da oração semelhante à das demais benzedeadas, seu Gilmar benze jeito apenas utilizando as suas mãos<sup>170</sup>, supomos que pelo fato de seu Gilmar benzer “na rua, em qualquer lugar”<sup>171</sup> e trabalhar recolhendo e vendendo óleos para reciclagem, não tem

<sup>168</sup> Entrevista concedida por Maria Helena Nascimento a Tayane Oliveira em 10/09/2020.

<sup>169</sup> Entrevista concedida por Gilmar das Neves Souza a Tayane Oliveira em 28/07/2020.

<sup>170</sup> Entrevista concedida por Gilmar das Neves Souza a Tayane Oliveira em 28/07/2020.

<sup>171</sup> Entrevista concedida por Gilmar das Neves Souza a Tayane Oliveira em 28/07/2020.

como o benzedor guardar com ele, a agulha, linha e pano a todo momento. Além do mais, ele benze de jeito apenas uma vez, mas sua benzedura corresponde aos três dias adotados para essa prática. A forma como seu Gilmar pratica a benzedura nos mostra que as adaptações que foram realizadas estão relacionadas com sua disponibilidade de tempo. Ainda que reduza os dias do processo de benzeção, seu Gilmar não altera o sentido da benzedura, ele só agrega uma nova forma de se realizar a prática (CHARTIER, 1990).

#### 2.2.2.4. *Ventre-virado*

O ventre-virado, também conhecido como vento-virado e bucho-virado, enfermidade gerada por sustos tomados por crianças. Seus indícios principais são dores abdominais, cólicas, constipação ou com alguma distensão.

De acordo com D. Teresa e minha avó Ana:

(Teresa): A oração de ventre-virado é muito fácil. A oração de ventre-virado é só pegar a criança e rezar, juntar as juntas, puxar os dedinhos um por um do pé e rezar. E virar três vezes, virar a criança três vezes. Aí, benze três vezes, três dias seguidos.

(Tayane): E por que são três vezes. E por que são três dias seguidos?

(Teresa): É porque não pode cortar a benzeção. Três dias seguidos, vem três dias a criança. É rezado os três dias<sup>172</sup>.

(Ana): Tem a de ventre-virado A oração dela, ela *panhava* assim. A mamãe ensinou essa.

(Tayane): A madrinha Geralda ou a senhora?

(Ana): Não, a mamãe. A madrinha Geralda perguntava ela a oração, a oração, a oração. Você sabe a oração?

(Tayane): Não.

(Ana): Aí, conforme é oração assim, a gente coloca a mão assim, tá vendo?

(Tayane): Ahã.

(Ana): Pois é, coloca a mão assim. Depois, eu com a... Eu no corpo da gente aqui, coloca no corpo da gente, você tira, arreda a criança. Mamãe é que falava assim com a gente: ‘arreda, criança, que estou tirando o *male* em tudo’<sup>173</sup>.

O sintoma mais comum dessa enfermidade é notado quando há uma diferença de tamanho no comprimento das pernas da criança. A benzedora verifica se a criança está com ventre-virado colocando-a de bruços no seu colo, estica as pernas dela e compara o tamanho. Outra forma de verificar o ventre-virado com a criança de bruços, é analisar as medidas da mão direita com o pé esquerdo e vice-versa (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 158). Atrelado a esse sintoma, essa diferença nas pernas causaria na criança quedas frequentes. Dessa forma, é necessário que, durante o benzimento, se puxe as falanges dos dedos das mãos e dos pés para as pernas da criança voltar ao tamanho normal.

<sup>172</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

<sup>173</sup> Entrevista concedida por Ana de Jesus Rodrigues em 15/11/2015.



D. Maria Helena relata uma forma de benzer diferente que aprendeu com a mãe.

(Maria Helena): Desde pequena a minha mãe me ensinou. Ela falava assim: ‘Vou te ensinar você a benzer, porque, às vezes, mora em lugar que não tem ninguém. Você tem que benzer os seus filhos’. Aí, a minha mãe me ensinou, aprendi com minha mãe, desde os doze anos. Aprendi a benzer ventre-virado à moda antiga. Benze na porta. E benze à moda antiga. Eu não aprendi com o rosário não, porque minha mãe não sabia. Tem uns que benze com rosário, né. A minha mãe não sabia isso não. Ela sabia benzer, era assim: Pega o pezinho da criança, pé direito, pé esquerdo, depois o pé direito outra vez, faz a cruz na porta.

(Tayane): Aí seria... Você pega a criança e benze perto da porta?

(Maria Helena): Põe o pé na porta assim oh. Pé direito e fala: Assim como Nossa Senhora defumou seu filho para cheirar, eu desviro o meu para sarar. Fala três vezes. Depois rezar o Pai-Nosso, a Ave-Maria à Nossa Senhora e a Santíssima Trindade. Aí benze de ventre-virado, né<sup>174</sup>.

A benzedura que aprendeu com sua mãe de ventre-virado à moda antiga, segundo D. Maria Helena, tem a porta como elemento principal. De acordo com Pereira e Gomes “a porta acompanhada da simbologia do número três: é o mal sendo mandado embora, deixando sã a criança no interior da casa, no seio familiar” (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 158). Na benzedura que D. Maria Helena realiza, ela pega o pé direito da criança, coloca na porta, reza a oração, e faz o sinal da cruz. Depois coloca o pé esquerdo, e novamente o pé direito repetindo o processo três vezes. Na oração de ventre-virado, D. Maria Helena profere: “Assim como Nossa Senhora defumou seu filho para cheirar, eu desviro o meu para sarar”<sup>175</sup>. No processo desta oração, D. Maria Helena não coloca a criança de bruços e não faz os procedimentos de medição e não repuxa os dedos dos pés e das mãos, como praticado em outras benzeduras. Nessa oração chama atenção pelo comando de poder da palavra feita pela benzedeira, “eu desviro” com a finalidade de “sarar”. Como abordado no primeiro capítulo a fala exerce grande poder de manifestação. Na benzedura de D. Maria Helena, assim como nas benzeduras dos demais benzedores, as palavras murmuradas ou pronunciadas ditam o ritmo da cura. De acordo com Bâ:

Do mesmo modo, sendo a fala a exteriorização das vibrações das forças, toda manifestação de uma só força, seja qual for a forma que assuma, deve ser considerada como sua fala. É por isso que no universo tudo fala: tudo é fala que ganhou forma (BÂ, 2010, p. 172).

A oração de ventre-virado tem como característica principal ser uma benzedura destinada a crianças. A oração realizada por D. Maria Teresa chama atenção por se tratar de duas mães, Nossa Senhora e a benzedeira que estão zelando pelos seus filhos. O fato da mãe de

<sup>174</sup> Entrevista concedida por Maria Helena Nascimento a Tayane Oliveira em 10/09/2020.

<sup>175</sup> Entrevista concedida por Maria Helena Nascimento a Tayane Oliveira em 10/09/2020.

D. Maria ter ensinado as orações para ela na infância, para quando ela tiver seus filhos e não ter a quem recorrer quando precisasse, demonstra um sentimento de cuidado e afeto.

### 2.2.2.5. *Aguamento*

O aguamento é um padecimento que tem como principal alvo as crianças. Seu Gelson explica os motivos pelos quais o aguamento acontece com elas.

(Gelson): [...] o aguamento é uma coisa que uma criança, às vezes, vê uma coisa de alimento que não pode comer, às vezes, não têm no momento para comer, às vezes, é um parente, alguma pessoa que a pessoa é a apegada se ausenta, elas também sentem falta e passa seu aguamento, né<sup>176</sup>.

O aguamento é atribuído a uma falta ou vontade de alguém ou de ter algo. Essa escassez geraria na criança um sentimento de desamparo e privação que resultaria na perda de apetite e fraqueza. Seu Gelson aprendeu a benzedura de aguamento com D. Teresa. Ele relata os motivos pelos quais buscou por esse benzimento, e relata ainda a forma como o realiza.

(Tayane): A dona Teresa... O senhor que pediu a oração ou...

(Gelson): Não é, essa de aguamento, né. Foi ela que me ensinou, porque, eu pedi. Essa eu pedi pra ela porque, muita gente me procurava pra benzer de aguamento, e eu não tinha uma oração específica de aguamento, né. Então, ela me passou o que ela sabia, ela passou para mim, a oração. E, eu venho praticando em cima dessa oração que ela me ensinou, que é muito boa, né. Que surte bastante efeito, graças a Deus.

(Tayane): O senhor poderia falar para mim?

(Gelson): A oração é muito simples, a oração é muito simples. É assim: a gente pega três ramos de folha, três ramo. Três galinhos com folha e reza assim: Santa Iria sentou na pedra fria e perguntou para Maria o que cura o aguamento? Ela respondeu: um ramo com folha e três Ave-Maria. Essa é a oração do aguamento, certo. A gente faz essa oração, reza-se primeiro pedindo pro dom do Espírito Santo, né. A gente pede ajuda do Espírito Santo, faz as orações, que é as orações do Pai-Nosso, Ave-Maria, né. E, simplesmente repete essas frases que a gente fala e pede para o Espírito Santo para interceder pela pessoa. Essa é a oração que a gente faz, né. De aguamento, de ventre-virado também torna-se quase que a mesma só que a gente pede, ao invés de pedir para aguamento, a gente pede para vento-virado, pede para quebrando.

(Tayane): Aí seria a mesma oração?

(Gelson): É a mesma oração. A oração que eu faço é essa, né. Então, quer dizer, não tem nada além disso, é a mesma oração. E o Pai-Nosso, Ave-Maria e o Credo, que a gente reza logo que a gente termina as orações. E alguma oração que a gente quer introduzir, né<sup>177</sup>.

Na oração de aguamento realizada por seu Gelson, temos como suporte na benzeção o uso de três ramos de planta, que servem como metáfora do corpo intermediário (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 61). Em relação aos ramos de folhas que utiliza no benzimento, seu Gelson fala a respeito:

(Gelson): É as folhinhas que eu falo, mas aí não tem folha específica, não. Pode ser de arruda, pode ser uma outra planta, mas que tenha um galhinho, tenha as folhas.

<sup>176</sup> Entrevista concedida por Gelson Aparecida de Faria a Tayane Oliveira em 14/09/2020.

<sup>177</sup> Entrevista concedida por Gelson Aparecida de Faria a Tayane Oliveira em 14/09/2020.

(Tayane): Por que o senhor acha que é usado esses ramos?

(Gelson): Olha, eu aprendi desta forma que tem que usar o galinho, né. Com certeza deve ser porquê... Eu acho na minha concepção, acho porque o ramo é uma coisa que foi abençoada por Deus, né. As plantas, né. Eu tenho certeza que é abençoada por Deus. Não acho não, tenho certeza! Então, o ramo é uma coisa que é da natureza e que muitas vezes, muitas plantas, muitas folhas, às vezes, são plantas curativas, são remédios, né. Então, nós temos diversos sentidos, diversas coisas que podem servir. E, eu acho que uma folhinha nessa benzeção do aguamento é como se fosse o ramo que Jesus abençoou para poder cortar aguamento. Na minha concepção<sup>178</sup>.

Para seu Gelson, os ramos utilizados na benzeção não precisam ser específicos, ele alega que por serem da natureza, muitas dessas plantas têm características curativas, e que quando são utilizadas nos benzimentos são abençoados por Deus. A oração por sua vez, desempenha a função de indicar a forma de cura para o aguamento: “um ramo com folha e três Ave-Maria”<sup>179</sup>. A recomendação do procedimento de cura inserida na oração reforça a promoção do tratamento curativo ao ser pronunciada e ser gesticulada. O aguamento, dessa forma, é curado quando se transfere para os ramos de folha. “A inserção da natureza nas fórmulas das benzeções deixa entrever [...], sua função de reorganizadora do homem diante de si mesmo e do mundo” (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 63).

A oração de aguamento que aprendeu com D. Teresa apresenta uma característica versátil, pois possibilita que uma mesma oração seja decomposta, a partir da alteração do mal que aflige o consulente. Seu Gelson realiza o mesmo processo em outras benzeduras.

(Gelson): É o aguamento, o mau-olhado, o ventre-virado que eles fala quebranto, né. Que eles fala quebranto. Aí a oração que eu faço é justamente a parte que eu coloco é sobre a oração que eu coloco os três, as três coisas de uma só vez. Então, eu peço pela intercessão de São Miguel, São Gabriel, São Rafael pela intercessão da Virgem Maria Santíssima que seja curado o mau-olhado, quebrando, ventre- virado e aguamento. Em Nome de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Esta é a oração. E, como eu disse para você, rezo o Pai-Nosso, a Ave-Maria e o Credo. E quando a gente sente que precisa rezar uma oração a mais a gente pede a intercessão de São Bento, continua pedindo a intercessão dos anjos, né. São Francisco de Assis, São Lázaro. Eu gosto de diversos santos e segue de acordo com a crença de cada um<sup>180</sup>.

Dessa maneira, seu Gelson além de benzer aguamento, benze de ventre-virado e quebranto utilizando a mesma benzedura.

Seu Gilmar também cura o aguamento, porém, ele não denomina essa prática como um benzimento, mas sim como uma simpatia.

(Gilmar): De aguamento? Aguamento, a pessoa tem que fazer simpatia em três Marias. Aí eu descobri o leite de cabra. Aliás, descobri não! Eu já sabia. Vou comprar o leite de cabra. Aqui!<sup>181</sup> Lá no Bahamas vende o leite de cabra. Aí, o litro de leite, eu

<sup>178</sup> Entrevista concedida por Gelson Aparecida de Faria a Tayane Oliveira em 14/09/2020.

<sup>179</sup> Entrevista concedida por Gelson Aparecida de Faria a Tayane Oliveira em 14/09/2020.

<sup>180</sup> Entrevista concedida por Gelson Aparecida de Faria a Tayane Oliveira em 14/09/2020.

<sup>181</sup> Seu Gilmar foi buscar na cozinha a caixa de leite de cabra, e me mostra a embalagem.

costumei os outro, que a gente também pega aguamento. Você passa perto de uma casa, você vê uma comida cheirosa. Você não pode entrar pra comer, você não pode pedir, você não sabe a reação da pessoa. A gente fica [suspira] aqui no gogó<sup>182</sup>.

O aguamento também pode ser curado através de simpatias. Pereira e Gomes fazem uma diferenciação entre a benzeção e a simpatia. A benzeção é uma linguagem “orogestual” em que pessoas detentoras de um poder especial são capazes de controlar as forças que desarmonizam a vida do homem. O ato de benzer busca restaurar a normalidade desejada e conter o mal (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 24). A simpatia também tem a capacidade de evitar o mal, mas ela corresponde a uma prática de “livre acesso” podendo ser executada por qualquer pessoa, enquanto as benzeções necessitam desse agente intermediário que intercede para combater o mal e estabelecer a ordem harmônica (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 24).

Seu Gilmar ao falar sobre a simpatia do aguamento faz referência à três Marias. Essa simpatia<sup>183</sup> tem como princípio pedir para a “criança aguada” um pouco de comida durante três sextas-feiras na casa de três mulheres que tenham o nome de Maria. Ao fim desse período a criança estaria curada.

Seu Gilmar não especifica a forma como realiza o aguamento, mas utiliza leite de cabra em suas simpatias. Esse tipo de leite é muito utilizado para crianças em fase de amamentação como substituto<sup>184</sup> do leite materno ou do leite de vaca. Ao fazer as referências às simpatias em que é preciso ir na casa de três Marias e se utiliza do leite de cabra, podemos associá-las ao leite da Virgem Maria. De acordo com Pereira e Gomes:

Como alimento primordial, o leite contém em si os germes da nutrição do crescimento, da fecundidade - o que lhe dá virtudes curativas. Conserva ainda a força do corpo de onde se desprende, sendo portador da energia feminina. Nas tramas da religiosidade popular, o leite de Maria está ligado à concepção divina de Jesus [...]. O leite da Virgem é milagre e em seu nome serão curadas enfermidades dos homens. O exemplo da Mãe de Deus torna sagrado o leite das Marias: é comum que a cura do aguamento se dê pela utilização do leite de três mulheres com o nome da Virgem (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 58).

Seu Gilmar acredita ainda que o aguamento não se reserva somente para crianças, as pessoas adultas também podem padecer desse mal ao sentirem vontade de algo e não conseguirem desfrutar do seu querer.

<sup>182</sup> Entrevista concedida por Gilmar das Neves Souza a Tayane Oliveira em 29/07/2020.

<sup>183</sup> Ver em: RECANTO DAS LETRAS; EXDRÚXULA ESTRANHA. **Benzimentos, Simpatias e Outras Mandingas - Da Capanga da Velha Mandraqueira II**. [06/08/2010] Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/pensamentos/2422147>>. Acesso em: 3 de jan. 2022.

<sup>184</sup> CAPRILAT. **Leite de Cabra Para Crianças: Tudo o Que Você Precisa Saber Sobre Ele**. Disponível em: <<https://caprilat.com.br/saude-e-nutricao/leite-de-cabra-para-criancas-tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-ele/>>. Acesso em: 03 jan. 2021.

### 2.2.2.6. *Queimadura*

As queimaduras são ferimentos causados por fogo ou pelo excesso de calor que provocam lesões na pele.

D. Maria Helena relata como realiza essa benzeção:

(Maria Helena): [...] E minha mãe ensinou tudo que ela sabia para mim. Entendeu, ensinou... ela ensinou a benzer criança, por exemplo, queima um braço, aí a pessoa tá sentindo aquela dor, né. Aí a gente vai soprando devagarinho, assim oh<sup>185</sup> [sopro]. Sofia tinha três filhas, uma benzia, uma cosia e a outra rezava. E sopra. Três também, acalma a pele<sup>186</sup>.

Segundo Pereira e Gomes (2018, p. 290), os benzimentos para queimadura têm como forma exemplar recorrente a narrativa de Santa Sofia, com as filhas exercendo as funções domésticas básicas como cozinhar, fiar, tecer, lavar, assim como curar. Em sua benzedura D. Maria Helena, as filhas de Santa Sofia desempenham as funções de benzer, coser e rezar, dessa forma, cada filha atua na promoção da cura.

De acordo com a hagiografia, Santa Sofia era viúva e vivia com suas três filhas: Fé, Esperança e Caridade na Itália. A conversão ao cristianismo fez com que ela e suas filhas fossem perseguidas e torturadas durante o governo do imperador Adriano (117-138)<sup>187</sup>. O martírio sofrido por ela ao ver as filhas sendo torturadas e mortas fez com que se tornasse a protetora das mães e das viúvas<sup>188</sup>. A imagem da santa é apresentada com suas três filhas ao seu lado. Além disso, Santa Sofia também é a intercessora contra as doenças da pele. Possivelmente a relação se dá devido às torturas causadas por materiais que provocavam queimaduras nas suas filhas<sup>189</sup>.

Um aspecto importante na oração de D. Maria Helena é o sopro que realiza durante a benzeção.

O elemento ar está simbolicamente associado ao vento e ao sopro, sendo uma representação sensível da vida invisível. A substância interna dos seres - a alma ou espírito - tem sido relacionada ao ar, elemento sutil, intermediário entre o céu e a terra. Esse ar insuflador da vida, é o sopro de Deus, sopro cósmico e vital. Nos domínios da cultura popular se estabelece claramente a ligação entre ar/alma/vida, através do processo respiratório (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 42).

<sup>185</sup> D. Maria Helena sopra devagar seu braço.

<sup>186</sup> Entrevista concedida por Maria Helena Nascimento a Tayane Oliveira em 10/09/2020.

<sup>187</sup> ECCLEIA BRASIL. **Santa Sofia e suas três filhas: Fé, Esperança e Caridade**

Disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/hagiografia/s\\_sophia.html](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/hagiografia/s_sophia.html)>. Acesso em: 18 abr. 2022.

<sup>188</sup> CRUZ TERRA SANTA. **Santos e ícones católicos: História de Santa Sofia**. Disponível em: <<https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-sofia/108/102/>>. Acesso em: 18 abr. 2022.

<sup>189</sup> VELHARIAS. **Santa Sofia e as suas três filhas: fé, esperança e caridade**. [20/12/2016].

Disponível em: <<http://velhariasdoluis.blogspot.com/2016/12/santa-sofia-e-as-suas-tres-filhas-fe.html>>. Acesso em: 18 abr. 2022.

O sopro de acordo com a benzedeira D. Maria Helena tem o poder de acalmar a pele, mas também, “soprar alguém é transferir-lhe a força vital - como fez o Criador com o ser criado” (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 42).

### 2.2.2.7. *Erisipela*

A erisipela é uma doença reconhecida pela sociedade médica denominada como um processo infeccioso da pele causado por uma bactéria que se propaga pelos vasos linfáticos, podendo atingir a gordura do tecido celular<sup>190</sup>. A erisipela é uma doença que causa vermelhidão, inchaço e dores na pele, principalmente nas pernas e nos pés. Na prática da benzedura essa enfermidade também é conhecida como zipra, zipela, espiral, mal-da-praia, mal-do-monte, maldita, febre-de-santo-antônio.

D. Teresa realiza a benzeção de erisipela da seguinte forma:

(Teresa): Erisipela, quando dá a ferida na perna. Mas a erisipela a gente tem que benzer ou com pena de galinha ou lã e com azeite doce. A gente benze erisipela.

[...]

(Teresa): A oração de erisipela tem que benzer com São Pedro e São Paulo pedindo eles para curar aquela pessoa. E na hora que você estiver benzendo você tem que fazer sete cruzeiros ao redor da ferida ou do corte da perna ou seja aonde for. Aí, você faz assete cruzeiros, vai fazendo e rezando. Mas pode rezar mesmo só o Pai-Nosso e a Ave-Maria e oferecer para o santo que for da sua devoção e daquela pessoa, vai fazendo as cruzeiros.

(Soraia): Mas aí a cruz é na frente e atrás?<sup>191</sup>

(Teresa): Na frente e atrás. Faz em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo<sup>192</sup>.

(Tayane): A senhora falou que usa pena de galinha ou lã para erisipela. Por que a senhora usa esses dois objetos?

(Teresa): É porque a erisipela dá na pele é preciso ser benzido com azeite doce. A pena de galinha tem que ser mole para não passar com a mão. Ou então, a lã. Você pega um pedacinho da lã molha no azeite doce, faz as sete cruzeiros e vai rezando, só isso.

(Tayane): Como é feito esse azeite doce? A senhora prepara?

(Teresa): O azeite doce é o azeite que você compra para fazer salada.

(Tayane): Ah sim. Depois que a senhora benze, a senhora joga fora essa pena ou a utiliza de novo?

(Teresa): Não, todo dia de benzer, todos os três dias, cada hora você troca, e vai juntando aquilo em algum lugar, num pires você põe nos três dias você põe pra benzer, você joga na água corrente.

(Tayane): A pena?

(Teresa): É<sup>193</sup>.

D. Teresa inicia a benzedura de erisipela na intenção de São Pedro e São Paulo. Nas benzeções de erisipela é comum nas orações a inserção dos dois apóstolos que encontram com

<sup>190</sup> BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE - MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Erisipela**. [fev. 2012]. Disponível em: <<https://bvsmis.saude.gov.br/erisipela/#:~:text=Erisipela%20%C3%A9%20um%20processo%20infeccioso,das%20veias%20dos%20membros%20inferiores.>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

<sup>191</sup> Soraia faz sinal da cruz na testa.

<sup>192</sup> Dona Teresa faz o sinal da cruz e fala em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo em voz baixa.

<sup>193</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis e Soraia Geralda Santos a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

Jesus pelo caminho. Ao avistá-los, Jesus pergunta de onde estão vindo. Eles respondem que estão vindo de Roma. Jesus pergunta o que se passa por lá, e os apóstolos respondem: muita erisipela. Jesus orienta para que retornem para Roma e cure os doentes utilizando objetos como ramos, lã ou azeite (PEREIRA; GOMES, 2018).

O benzedor, ciente dos incômodos causados pela erisipela, busca nas histórias exemplares o poder para exterminá-los. Toda força curativa contida nos modelos míticos é invocada, de tal forma que se reatualiza a Pessoa milagrosa do Cristo, que ensina aos homens - seus discípulos - como livrar-se do mal. Nessa solução mítica vêm relacionadas as providências a serem tomadas, bem como os ingredientes a serem utilizados contra a erisipela: folhas de palma benta e de oliveira, azeite de oliva, lã de ovelha viva. Como podem observar, são ingredientes que remetem à trajetória do próprio Cristo e, por isso mesmo são considerados sagrados e imbuídos da força regeneradora do cordeiro que se deixou imolar para a salvação dos homens (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 202).

D. Teresa, ao rezar o Pai-Nosso e a Ave-Maria, faz sete cruzeiros ao redor da perna do consulente, utilizando uma pena de galinha ou pedaço de lã. Por ser uma doença que causa dores e vermelhidão na perna, o contato com a pele deve ser realizado de maneira delicada, por isso o uso da pena ou da lã durante a benzeção. O azeite doce também é usado nesse processo. O azeite é um óleo utilizado em rituais religiosos como a unção dos enfermos realizado nas igrejas católicas e pentecostais<sup>194</sup>. A unção tem como princípio o trecho da carta do apóstolo Tiago<sup>195</sup>: “[...] alguém dentre vós está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja para que orem sobre ele, unguendo-o com óleo no nome do Senhor. A oração feita da fé salvará” (Tg 5, 13-15). Assim como nos rituais das igrejas, o uso do azeite em rituais de benzedura também tem como princípio a cura do doente.

### 2.2.3. Prescrição

O último momento apontado por Quintana (1999, p. 65-66) é a *prescrição*, que consiste nas condutas de como os consulentes devem agir depois da benzedura para que o tratamento não seja anulado.

Como já mencionado, alguns benzedores recomendam que o benzimento seja realizado durante três dias consecutivos. Outros indicam também tomar um chá ou banho de alguma erva medicinal para reforçar o processo de cura. D. Teresa e Soraia comentam sobre o uso do cipó-mil-homens.

<sup>194</sup> Ver em: MAJEWSKY, Rodrigo Gonçalves. **Unção de enfermos com óleo pelos presbíteros: uma análise de Tiago 5. 14, 15.** Disponível em: <<https://teologiabrasileira.com.br/uncao-de-enfermos-com-oleo-pelos-presbiteros-uma-analise-de-tiago-5-1415/>>. Acesso em: 16 jan. 2022.

<sup>195</sup> Ver em: PRADO, Márcio do. O que é a unção dos enfermos e quando deve ser concedida? Canção Nova. Disponível em: <<https://formacao.cancaonova.com/igreja/doutrina/o-que-e-uncao-dos-enfermos-e-quando-deve-ser-concedida/>>. Acesso em: 16 jan. 2022.

(Soraia): E o mil-homens,<sup>196</sup> vó?  
 (Teresa): O mil-homens é muito abençoado.  
 (Soraia): Ela utiliza muito o mil-homens, Tayane.  
 (Tayane): O que é isso?  
 (Teresa): É encontrado na...  
 (Soraia): É tipo uma raiz né, vó?  
 (Teresa): É. Um cipó.  
 (Soraia): Um cipó tipo.  
 (Teresa): É um cipó, ele é uma beleza. Cura muita coisa.  
 (Soraia): É para olho-gordo, energia pesada.  
 (Tayane): É, isso você toma ou toma um banho?  
 (Teresa): Pode tomar e pode tomar banho, assim. Ele tira qualquer coisa que a pessoa está com ele no corpo.  
 (Tayane): Dona Teresa, como a senhora aprendeu sobre esse cipó?  
 (Teresa): Isso é porque é coisa dos ‘antigos’ mesmo, né. Meu pai ia no mato catava essas ramas, as folhas. Trazia, aí eu ouvia o que ele falava para o que era, e para o que não era [risos]. Então, a curiosa, pois se não fosse isso, eu não teria aprendido [risos]. O que é pra banho, tudo, o que a gente tem as coisas. Eu tenho lá um tanto de folha em casa, raiz, essas coisas tudo aqui em casa. Às vezes, as pessoas falam: ‘não conheço’, aí eu pego e dou para tomar banho, né. Graças a Deus...  
 (Tayane): A senhora indica também chás e banhos para as pessoas?  
 (Teresa): Sim, também. Eu dou os ramos para o banho, para fazer chá. Isso aí.  
 (Tayane): E o que elas mais procuram quando vão até a senhora?  
 (Teresa): Hein?  
 (Soraia): O que elas mais procuram de banho, chá?  
 (Teresa): Mais procuram esse mil-homens e chá do campo que a gente também pega lá para tomar banho, tá com a pele toda ouriçada. Eles chamam sabão gentio, eles vêm muito aqui em casa buscar. Meus filhos vão lá no campo, traz, eu guardo deixo secar na sombra, porque não pode secar no Sol também tem que secar na sombra. E aí, depois vai fazendo chá, fazendo banho e toma.  
 (Soraia): Isso é verdade, desde pequena que, tipo assim, quando eu tive catapora, aí minha avó me dava esse banho com sabão gentio para secar as feridas<sup>197</sup>.

De acordo com D. Teresa, a indicação para o uso de ervas medicinais se deve ao contato que ela teve com os “mais velhos” e com a natureza. Estar aberta a esses saberes desde a infância a possibilita ter um conhecimento vasto sobre as plantas medicinais e, conseqüentemente, conhecer e ter mais controle sobre o próprio corpo.

O cipó mil-homens<sup>198</sup> (*Aristolochia triangularis Cham. Et Schl.*) mencionado por D. Teresa e Soraia é utilizado em chás e banhos. Sua eficácia é muito grande, de acordo com D. Teresa, pois “tira qualquer coisa do corpo”<sup>199</sup>. O cipó mil-homens tem como uma de suas propriedades curativas a ação antiofídica<sup>200</sup>, ou seja, consegue neutralizar o veneno de cobras.

<sup>196</sup> Cipó-mil-homens.

<sup>197</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis e Soraia Geralda Santos a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

<sup>198</sup> Ver em PLANTAS MEDICINAIS/IFSULDEMINAS. **Cipó mil-homens**. Disponível em: <[<sup>199</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis e Soraia Geralda Santos a Tayane Oliveira em 29/08/2020.](https://www2.muz.ifsulde Minas.edu.br/plantasmedicinas/p40.html#:~:text=%2D%20Cultura%20popular%3A%20antiof%C3%ADica%2C%20emenagoga,%C3%BAtil%20nas%20afec%C3%A7%C3%B5es%20da%20pele.>. Acesso em: 12 jan. 2022.</a></p>
</div>
<div data-bbox=)

<sup>200</sup> Ver em: PLANTAS MEDICINAIS/IFSULDEMINAS. **Cipó mil-homens**. Disponível em: <



Segundo Soraia, o cipó é utilizado para olho-gordo e energia pesada. Assim, dessa forma, o cipó mil-homens, dentro do universo da benzedura, tem como poder representativo prender o mal (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 50).

D. Teresa e Soraia comentam ainda sobre o sabão gentio (*Sapindus saponaria L.*), também conhecido como saboneteira e sabão-soldado. O nome da planta se deve aos frutos possuírem saponina, substância que apresenta propriedades semelhantes ao sabão<sup>201</sup>. O sabão gentio é utilizado em infecções de pele (GRANDI *et.al*, 1989, p. 209). Tal como mencionado por Soraia, sua avó usava a planta para curar as feridas causadas pela catapora.

A prescrição para o consulente também está associada ao que o benzedor sente quando faz as orações. De acordo com D. Léa:

(Tayane): Você sente alguma coisa quando benze, dona Léa?

(Léa): Ah, quando tem carga muito negativa, então dá uns calafrios no corpo da gente, que a coisa fica feia. Você sente arrepiar todo, aí você vê que o negócio não é só aquele machucado simples, porque foi coisa simples que machucou, na verdade foi algum ‘empurrãozinho’, né.

(Tayane): E o que a senhora faz quando sente esses calafrios assim?

(Léa): Ué, eu faço a benzeção normal, um banho de... Porque sempre toma banho de... Como é que chama Soraia? Não... Manjericão! Manjericão é próprio pra quando tá assim, que a gente sente essa carga negativa assim, aí toma banho com manjericão. Tu pega e faz ele frio...

(Tayane): A senhora indica pra pessoa tomar banho de manjericão?

(Léa): Indico. Quando eu vejo que a coisa não tá boa, eu falo ou quando é inchaço no pé, que eu vejo também o balde. Tomar um banho de conta-de-lágrima que é bom pra desinchar as perna. Só que o remédio do campo agora também tá difícil de achar. Não tá achando mais remédio não. Tá acabando tudo.

(Tayane): O que a senhora mais indica, assim, de chá, de banho?

(Léa): Chá, por exemplo, para acalmar, tem que ser erva-cidreira, né. E não cozida, batida no liquidificador, você toma como suco pra acalmar a pessoa. Agora, os banho também, quando vai tomar um banho de... Pra desinchar de inchaço mesmo normal, aí você faz o banho e, você põe a água pra ferver, você põe a folha ali, e tampa, não deixe ferver não, deixa aqui o vapor tira o sumo das folha, pra você fazer um banho pra doença, assim, de inflamação, essas coisas.

(Tayane): E qual planta aqui é dona Léa?

(Léa): Pra inchaço, conta de lágrima<sup>202</sup>.

Ao benzer o consulente algumas sensações podem ser sentidas pelo benzedor como calafrios, bocejos, arrepios, dor de cabeça. Essas sensações indicam que a benzedura precisa ser reforçada, seja por orações como o Credo ou pela ação de ervas curativas. D. Léa ressalta o uso de três plantas medicinais que costuma indicar em seus benzimentos quanto é necessário. D. Léa ressalta a importância do manjericão, da conta-de-lágrima e da erva-cidreira no preparo de banhos e chás.

<sup>201</sup>Ver em: ESALQ/USP. **SABOEIRO.** Disponível em: <<http://www.esalq.usp.br/trilhas/medicina/am08.htm#:~:text=A%20casca%2C%20a%20raiz%20e,propriedades%20similares%20%C3%A0s%20do%20sab%C3%A3o>>. Acesso em: 14 jan. 2022.

<sup>202</sup> Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Oliveira em 03/10/2020.

O uso do manjeriço (*Ocimum basilicum L.*) não se restringe apenas à culinária, a erva pode ser utilizada em tratamentos contra a gripe, tuberculose, afecções da boca e garganta (EMBRAPA, 2001). Quando se trata da parte espiritual, o manjeriço tem propriedades de descarregar e banir as energias negativas, assim como reforçar a proteção espiritual<sup>203</sup>.

Normalmente, os banhos com ervas são realizados com a finalidade de proteção, atrair algo como prosperidade, amor, abrir os caminhos e recarregar as energias. De acordo com Abi Rajahn, o uso das plantas em banhos costuma ser realizado da seguinte maneira:

Um banho com ervas exige um certo ritual e implica determinadas regras, para que que tenha os efeitos esperados. Primeiro, ferve-se a água e só depois é que se coloca o vegetal dentro. Deve-se deixar a água amornar antes de tomar o banho. Antes de banhar-se com essa água energizada pela flora será preciso que a pessoa já esteja com o corpo limpo. Isso equivale a dizer que é necessário tomar um banho normal antes do banho de ervas. A água do banho de ervas deverá ser lançada de um balde da direita para a esquerda e geralmente do pescoço para baixo. Finalmente, é forçoso que a água seque naturalmente, ou profundamente na pele e revestirá a pessoa das forças contidas no vegetal que foi utilizado (RAJAHN, 2004, p. 33).

A conta-de-lágrima (*Coix lacryma-jobi L.*) é também conhecida como lágrima-de-nossa-senhora, conta-milagrosa, cordão-de-nossa-senhora. A referência ao nome da planta está ligada à confecção de rosários e terços a partir de suas sementes<sup>204</sup>. O uso da planta e suas sementes em chás, escalda-pés e banhos é empregada nos tratamentos diuréticos, dores musculares e edemas<sup>205</sup>. Assim como mencionado por D. Léa: “tomar um banho de conta-de-lágrima que é bom pra desinchar as perna”<sup>206</sup>.

Por sua vez, o chá da erva-cidreira (*Lippia alba N.E. Br.*) age como calmante natural, além disso, têm propriedades digestivas, analgésicas, antitérmicas, entre outras<sup>207</sup>.

Outra forma de proteção recomendada pelos benzedores para os consulentes é manterem uma ligação com o sagrado, independentemente do que acreditam. De acordo com D. Léa:

(Léa): Ah, sim, a pessoa que não reza sofre muito imprevisto, tudo enquanto carga negativa, carrega com eles. E, eles traz a carga negativa com ele, se você ficar perto, parece que a carga negativa, vai passando pra gente. A gente sente muito mal. Às vezes, coisas que você não sentia, você passa a sentir. É a carga negativa do outro.  
(Tayane): E o que as pessoas têm que fazer pra se proteger, então?

<sup>203</sup> Ver em: RAÍZES ESPIRITUAIS. **Manjeriço – uma das mais poderosas e mais usadas ervas da umbanda**. Ver em: <<https://www.raizesespirituais.com.br/manjericao/>>. Raízes Espirituais. [24/06/2021]. Acesso em: 15 jan. 2022.

<sup>204</sup> Ver em: A PLANTA DA VEZ. **Conta-de-lágrima (Coix lacryma-jobi L.)**. Disponível em: <<https://www.aplantadavez.com.br/2015/06/conta-de-lagrime-coix-lacryma-jobi-l.html>>. [21/06/2015]. Acesso em: 15 jan. 2022.

<sup>205</sup> Ver em: CEPLAMT-UFGM. **Conta-de-lágrima**. Disponível em: <<https://www.ceplamt.org.br/bancodeamostras/conta-de-lagrime/>>. Acesso em: 15 jan. 2022.

<sup>206</sup> Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Oliveira em 03/10/2020.

<sup>207</sup> Ver em: PLANTAS MEDICINAIS/IFSULDEMINAS. **Erva-cidreira**. Disponível em: <<https://www2.muz.ifsuldeminas.edu.br/plantasmedicinas/p46.html>>. Acesso em: 13 jan. 2022.

(Léa): Eu acho que a pessoa tem que ter muita fé, pegar com Deus mesmo e benzer o seu corpo, andar com uma coisa de proteção no corpo, um tercinho, pode andar com um tercinho, depende da sua religião, você anda com ele. Faz um patuá, uma coisa assim, se você é de outra religião, que eu ando com meu tercinho. Eu tenho meu tercinho, que é de andar com ele, que é pequenininho, eu ando com ele aqui no peito, né? Cada um que tem a sua religião protege do jeito que puder, né?

(Tayane): É. A senhora usa o patuá também?

(Léa): Não, eu uso meu tercinho, eu tenho um tercinho pequeno que é de andar comigo. Anda comigo pra todo lado que eu vou.

D. Léa recomenda estreitar os laços com Deus para evitar pegar “cargas negativas”. Para D. Léa, é preciso se auto benzer para proteger o corpo. Para isso, é necessário também o uso de objetos de proteção, sejam eles terços ou patuás. Independente das crenças que as pessoas acreditam, para D. Léa é preciso ter esses amuletos de defesa. O poder de proteção atribuído a esses objetos irá funcionar de acordo com as práticas e representações que são produzidas a partir das necessidades e motivações desses sujeitos (BARROS, 2005, p. 139).

#### ***2.2.4. Pontos finais do processo da prática da benzedura***

Ao fim do processo ritual da prática da benzedura, os benzedores se despedem dos consulentes ou os esperam no dia seguinte para dar continuidade ao benzimento. Além da comprovação da cura dos consulentes pelos benzedores, outra forma de afirmar a legitimidade do carisma dos benzedores é a não cobrança pelos benzimentos. Weber afirma que:

Em sua forma ‘pura’, o carisma jamais é para seus portadores uma fonte de ganhos privados, no sentido da exploração econômica realizada como troca de certas prestações e contraprestações, nem na forma de uma remuneração de serviços, e ele também não conhece nenhuma ordem tributária para satisfazer as necessidades objetivas de sua missão. Ao contrário, quando sua missão é de natureza pacífica, recebe os recursos econômicos necessários de patrocinadores individuais ou na forma de doações honoríficas, contribuições e outras prestações voluntárias por parte daqueles aos quais se dirige, ou então - como no caso dos heróis de guerra carismáticos - constitui o espólio, ao mesmo tempo, uma das finalidades e a base material da missão (WEBER, 1999, p. 325).

A prática de não cobrar pela benzedura evidencia a representação da imagem da benzedora e do benzedor, acentuando esse ofício como missão de vida. Não cobrar pelos benzimentos reafirma a lógica da concessão divina. Deus concede o dom, e esse deve ser praticado, retribuído sem nenhuma remuneração monetária. Exercer a benzedura por meio do cumprimento dessas “regras” estabelece e fortalece o contato com o divino. Tendo Deus como exemplo a ser seguido, os benzedores negam a cobrança da prática. De acordo com o trecho da entrevista com D. Léa:

(Tayane): A senhora cobra pela benzedura?

(Léa): Não, a gente, ninguém cobra. A benção pra ser boa, ela não pode ser cobrada. Deus, que te ajude, amém!

(Tayane): Por que não, dona Léa?

(Léa): Nosso Senhor quando benzeu, Ele não cobrou do mundo, né? Porque, o que a gente vai cobrar deles então? Um Deus que ajuda muito mais<sup>208</sup>.

Dona Teresa complementa:

(Teresa): Não! Não cobro não porque quem cura não sou eu, quem cura é Deus, né. Deus não cobrou nada quando Ele andava pelo mundo. Toda cura Ele não cobrou de ninguém. Então, também eu não cobro não. Mas, às vezes as pessoas trazem alguma coisa pra mim, um presente, uma coisinha assim, eu aceito. Porque, é obrigação da gente, e a gente não pode fazer feio pra ninguém, né. Mas de rezar, eu não cobro de ninguém. Nada! E quem cura é Deus e não sou eu. Eu agradeço a Ele toda hora, porque eu sou muito feliz, graças a Deus<sup>209</sup>.

Como demonstrado por D. Teresa, a cobrança pelos benzimentos é vista com maus olhos: “Porque, é obrigação da gente, e a gente não pode fazer feio pra ninguém, né”<sup>210</sup>. D. Teresa reafirma que a ação de cura é realizada por Deus. Assim sendo, ela evita tomar os créditos dessa ação e, conseqüentemente, não cobra pela benzedura. Vale ressaltar que não é incomum, os consulentes como forma de agradecimento presentear os benzedores com algum tipo de cortesia. Minha avó, por exemplo, ganhou uma televisão quando curou uma criança. Contudo, a doação desses presentes costuma estar relacionada com artigos religiosos - imagens de santos, terços, velas, entre outros. Outra forma que os consulentes agradecem é através de orações em prol dos benzedores. De acordo com seu Gelson:

(Gelson): Então, a gente faz, não cobra nada. Faz gratuitamente, né. A gente só pede aos que vem aqui né, para continuar orando para gente, fazendo orações para que a gente continuar tendo forças para poder ajudar as pessoas que precisam<sup>211</sup>.

Assim como os outros benzedores, seu Gelson não cobra pela benzedura, no entanto, solicita para os consulentes que orem por ele. Para os benzedores pedir para rezar por eles, é uma forma de contribuição para a renovação dos laços, do dom e da dádiva estabelecidos com Deus para dar continuidade ao seu ofício de cura.

### **2.3. “Meu santo me ajuda!”: a vivência religiosa a partir da devoção na prática da benzedura**

A fé é algo que atravessa a vida dos benzedores, eles se apoiam nas suas devoções e crenças para realizar os benzimentos. Santos católicos como: Nossa Senhora, Santo Antônio, São Lázaro, Jesus Cristo, a Santíssima Trindade, assim como os orixás servem de suporte

<sup>208</sup> Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Oliveira em 03/10/2020.

<sup>209</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

<sup>210</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

<sup>211</sup> Entrevista concedida por Gelson Aparecida de Faria a Tayane Oliveira em 14/09/2020.

espiritual, e são a base significativa na trajetória de vida dos benzedores. A partir das devoções apresentadas, iremos analisar as relações estabelecidas com seus protetores divinos.

Durante os benzimentos, as orações realizadas pelos benzedores costumam ser oferecidas para seus santos de devoção, como observado no trecho abaixo da entrevista com D. Léa:

(Léa): Não, a de cobreiro, é só assim, reza um Pai-Nosso, uma Ave-Maria, você entrega pro santo da sua devoção, por exemplo, minha devoção é as três pessoas da Santíssima Trindade. Aí eu acabo de rezar, e ofereço, rezo a Santíssima Trindade pra ajudar que aquilo sara depressa. E aí, se você tem devoção com outro santo pede pra ele<sup>212</sup>.

Oferecer as orações de Ave-Maria e Pai-Nosso para os santos de devoção é uma forma de troca simbólica entre os benzedores e as entidades. As orações em troca do pedido a ser alcançado reforçam o vínculo estabelecido com os santos. Nesse sentido, quanto mais se reza em sua intenção, mais rápido se alcança o pedido, e se agradece por ele. A reciprocidade se evidencia nesse sistema de trocas e de afetividades (MAUSS, 2003).

De acordo com D. Teresa:

(Teresa): Cada um reza de um jeito, [inaudível] cada um tem seu santo da sua devoção para fazer aquela oração. E, aí, o meu santo que eu estou acostumada é meu Santo Antônio, pois ele trabalha, ele trabalha bonitinho [risos]<sup>213</sup>.

Algumas devoções se iniciam ou se fortalecem através do recebimento de alguma graça ou em casos de proteção atribuída à divindade, como no caso de D. Léa:

(Léa): As pessoas agora, parece que tá muito sem fé, eu tenho muita fé, porque eu tô aqui por causa da fé na minha Santíssima Trindade. Porque, há muitos anos atrás um raio caiu aqui em casa e, eu tava aqui dentro da casa. E, eu não morri, né. Então, minha filha...foi muita... porque quando eu gritava, as pessoa da Santíssima Trindade, ela clareava onde que eu ia pôr a mão e, onde que eu ia pôr a não só tinha fio, não tinha mais tomada. Quando eu cheguei no, no... eu falei: 'Eu vou desligar o padrão da Cemig'. O padrão era dentro de casa, que eu fui desligar o padrão, deu aquele relâmpago clarinho, os fios estavam tudo para o lado de fora, tudo pro lado de fora, se eu fosse pôr a mão ali, eu tinha torrado. Então, a Santíssima Trindade ela me acompanha muito tempo. Aí eu falei, não, eu fazia uma coisa, tudo que eu faço eu penso ela. As três pessoas da Santíssima Trindade são um só Deus<sup>214</sup>.

No caso relatado por D. Léa, ela atribui a devoção à Santíssima Trindade, a proteção que a divindade lhe proporcionou durante a tempestade de raios. Segundo D. Léa, ao falar o nome da Santíssima Trindade, ela “clareava” o local onde estava o padrão de energia, e com isso pode ver que os fios estavam soltos e que teria sido eletrocutada caso colocasse as mãos no padrão.

Carlos Brandão discutindo sobre os usos da fé a partir do milagre nos mostra que:

<sup>212</sup> Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Oliveira em 03/10/2020.

<sup>213</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

<sup>214</sup> Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Oliveira em 03/10/2020.

Entre os dogmas católicos e as profissões de fé dos protestantes, o milagre é um acontecimento de plena prova do poder absoluto e da vontade soberana de Deus. É um tipo de ocorrência extraordinária, por meio da qual a divindade quebra o curso da 'ordem natural das coisas', em nome de seu amor por um fiel, ou por um grupo deles, com o uso do poder total de sua palavra.

Ao contrário, entre os agentes e os fiéis [...] o milagre convive até com as segundas-feiras dos atos de fé. Raro, quando incrível, sazonal ou cotidiano - nos outros inúmeros casos que todos contam - o milagre popular é a mostra de efeitos simples de trocas de fidelidades mútuas entre o sujeito e a divindade, com a ajuda ou não de uma igreja e de mediadores humanos ou sobrenaturais. Ele não é a quebra, mas a retomada 'da ordem natural das coisas' na vida concreta do fiel, da comunidade ou do mundo (BRANDÃO, 1986, p. 131).

Para o fiel, os milagres, as graças, a proteção, os pedidos alcançados acontecem devido a estreita ligação estabelecida com o sagrado. Esta ligação não se manifesta apenas em momentos inesperados como a tempestade de raios que atingiu a casa de D. Léa, mas também em momentos rotineiros. A forma que D. Léa expressa seu agradecimento à Santíssima Trindade se revela a partir das ações que realiza em sua vida, inclusive, na prática da benzedura. A frequência com que os pedidos são atendidos indica a confirmação dessa aliança.

A devoção também pode ser atribuída desde o nascimento, como é o caso de seu Gelson. Seu nome do meio é Aparecida, um nome feminino que faz referência à padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida. Seu Gelson comenta a respeito:

(Tayane): O senhor tem algum santo de devoção?

(Gelson): Assim, agora eu sou muito devoto de Nossa Senhora Aparecida, tem o meu nome de Aparecida, isso é coisa de criança, né. Eu tenho muita devoção a Nossa Senhora Aparecida, né. E ao nosso padroeiro aqui do bairro, que é o São Geraldo, né.

(Tayane): E nas suas orações para benzeção, o senhor invoca a intercessão de Nossa Senhora Aparecida e São Geraldo?

(Gelson): Sim, em todas elas, em todo mundo, eu benzo pela intercessão deles também<sup>215</sup>.

Além da devoção a Nossa Senhora Aparecida, seu Gelson também mantém uma relação de proximidade com São Geraldo, o padroeiro do bairro em que reside. Assim como D. Léa, que mora no mesmo bairro.

(Tayane): Além da Santíssima Trindade, a senhora tem devoção em outro santo?

(Léa): Tem, tenho sim, tenho no meu padroeiro aqui, São Geraldo. Os dois padroeiros São Geraldo e Nossa Senhora Aparecida, os dois também não falha. Eu gosto de todos os santos, todos. A gente tem que escolher um.

(Léa): [...] a [novena] de São Geraldo não vai dar pra mim assistir porque é na internet, aí eu não tenho celular pra me assistir, né? Aí eu vou fazer a novena sim, porque eu tenho a novena dele, eu acendo uma velinha lá na minha mesinha lá e rezo pro meu santinho que tá lá. Eu só tinha tudo pequenininho, miniatura. *Cê viu aí, né?*

(Tayane): Hum, hum.

<sup>215</sup> Entrevista concedida por Gelson Aparecida de Faria a Tayane Oliveira em 14/09/2020.

(Léa): Eles são tudo pequenininho, mas eles têm um coração enorme, viu? [risos]<sup>216</sup>

A devoção ao santo padroeiro do bairro revela uma identificação com a comunidade, sendo uma devoção ou apreço compartilhados com os residentes do local. O contato com as pessoas nas missas, nas celebrações, novenas e festas em homenagem ao santo ou até mesmo homenageá-lo colocando sob a proteção do santo o nome dos estabelecimentos comerciais, reforça um engajamento social estabelecido pela repetição e pela proximidade (CERTEAU, 1996, p. 39).

D. Léa ressalta que deve escolher um santo para a devoção, mas mais do que isso, deve estabelecer uma relação que permite traçar laços de solidariedade entre o plano terrestre e o celeste. Como nos mostra Oliveira e Araújo (2011), entre os seres intercessores, os santos conseguem compreender as aflições mundanas por já terem passado por elas em terra:

Os santos são entendidos como pessoas, isto é, seres individuais dotados de liberdade, vontade e capazes de se relacionarem. São habitantes do céu e, por estarem junto a Deus, gozam de certos poderes sobrenaturais. Eles têm um modo particular de interligar a terra e o céu porque se hoje estão no céu é porque antes se santificaram na terra. Por isso mesmo, ao intercederem pelos que continuam na terra o fazem com conhecimento de causa: tendo vivido aqui, conhecem bem a luta diária, as fragilidades e os dramas da vida humana (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2011, p. 81-82).

---

<sup>216</sup> Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Oliveira em 03/10/2020.

Figura 20: D. Léa com seus santos



Foto: Soraia Geralda Santos. São João del-Rei, 03/10/2020.



Figura 21: Santos de D. Léa



Foto: Soraia Geralda Santos. São João del-Rei, 03/10/2020.

A relação de proximidade possibilita maior intimidade para solicitar aos santos seus pedidos. D. Léa menciona a devoção à Santíssima Trindade, São Geraldo e Nossa Senhora Aparecida, além desses santos de devoção, ela também apresenta outras imagens de santos do seu altar pessoal. D. Léa comenta: “Eu gosto de todos os santos, todos. A gente tem que escolher um”<sup>217</sup>. Em suas benzeduras D. Léa oferece as orações para a Santíssima Trindade, apesar de ter outros santos de devoção, é a Santíssima Trindade que são endereçadas às orações dos benzimentos. Para Menezes (2004, p. 5), a relação devocional que estabelece entre os benzedores e os santos baseia-se na fidelidade. No entanto, esta fidelidade é especial por ser inclusiva, que admite gostar e se dedicar a um ou mais santos. “Eles são tudo pequenininho, mas eles têm um coração enorme, viu?” [risos]<sup>218</sup>.

Os santos de devoção contribuem para o suporte espiritual durante a realização dos benzimentos. Esse amparo espiritual se faz pela identificação que os benzedores têm de seus intercessores. A escolha por um mediador celeste se faz a partir de uma tomada consciente de sua vivência religiosa. No trecho da entrevista com seu Gilmar, podemos identificar a mudança no seu amparo religioso.

(Tayane): E depois que o senhor aprendeu a benzer com seu Joaquim, você modificou a forma de fazer os benzimentos?

<sup>217</sup> Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Oliveira em 03/10/2020.

<sup>218</sup> Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Oliveira em 03/10/2020.

(Gilmar): Eu modifiquei o seguinte: eu frequentava a igreja de crente ali, que isso que eu cosia em nome de São Cosme e Damião, aí nessa época como eu tava de crente, eu passei pra Jesus. Jesus é o mesmo que Cosme Damião. E os *crente* vem pra fazer a oração.

(Tayane): E como é a recepção deles? Assim é, você falou que nem todos aceitam, né? O senhor já foi discriminado assim por benzer?

(Gilmar): Não sou discriminado, sabe por quê? Porque todo mundo que vem já é alguma pessoa que informou. Aí já vem, o fulano faz assim, assim, assim. Foi bom para mim. Então, a pessoa já não chega a me discriminar, porque veio informado, e através de informação<sup>219</sup>.

No trecho de sua entrevista, seu Gilmar diz que depois que passou a frequentar “a igreja dos crentes”<sup>220</sup>, passou a benzer através da intercessão de Jesus Cristo, e não mais para São Cosme e Damião. Seu Gilmar diz que “Deus é um só” e “os dois são a mesma coisa”. E que a partir da mudança do intercessor sagrado, parte dos integrantes evangélicos do grupo do culto, o procuravam para se benzer. Mas outros membros que compartilham dos mesmos preceitos não o procuravam.

Seu Gilmar disse que os santos São Cosme e Damião e Jesus são a mesma coisa. Compreendo o que ele quis dizer com sua fala, que tanto Jesus Cristo como os santos gêmeos são intercessores para as súplicas pedidas pelos consulentes. Entretanto, as três figuras intercessoras não possuem o mesmo sentido, principalmente, nas religiões evangélicas. Jesus Cristo representa o intermediário direto, o pedido chegaria à fonte principal sem precisar de outros mediadores. Outra questão a se destacar é que de acordo com os preceitos evangélicos, a adoração a santos católicos não é bem recebida por essa comunidade religiosa. E o fato de os santos intercessores serem São Cosme e Damião intensifica a recusa pelos benzimentos, por serem santos também associados às religiões de matriz africana. Segundo Lucas Bártolo:

No contexto da diáspora africana nas Américas, o culto aos santos gêmeos foi associado ao culto africano à gemelaridade; destacando-se, em terras brasileiras, a hibridização entre Cosme e Damião e os orixás Ibejis, protetores dos gêmeos na tradição iorubá. Nesse processo de articulação, tanto a função quanto a imagem de Cosme e Damião foram redefinidas. Os santos passam a estar ligados à infância, sendo considerados protetores não só dos gêmeos, mas das crianças de maneira geral (BÁRTOLO, 2018, p. 2).

A devoção a São Cosme e Damião é muito conhecida no Brasil. De acordo com a hagiografia, os dois irmãos eram médicos anárgiros, ou seja, não cobravam pelos seus serviços prestados. Essas ações contribuíram para a conversão de pagãos em cristãos na Síria, no século III. Sua postura foi condenada, e os irmãos gêmeos foram martirizados pelo Império Romano. O culto aos santos se desenvolveu na Europa vinculado às práticas médicas (DIAS, 2014; BÁRTOLO, 2018).

<sup>219</sup> Entrevista concedida por Gilmar das Neves Souza a Tayane Oliveira em 28/07/2020.

<sup>220</sup> Entrevista concedida por Gilmar das Neves Souza a Tayane Oliveira em 28/07/2020.

A festa em homenagem aos santos gêmeos acontece no dia 27 de setembro<sup>221</sup>, o dia é comemorado tanto por pessoas católicas como por umbandistas e candomblecistas. E costuma ser comemorado com a distribuição de doces, guloseimas e brinquedos para as crianças, como pagamento de promessas. Contudo, a doação de doces em homenagem aos santos é demonizada<sup>222</sup> por parte de membros da comunidade evangélica. De acordo com Júlio César Tavares Dias:

Pelo que vimos, há três identificações que foram feitas de Cosme e Damião: a primeira é a do catolicismo que os identifica como santos; a segunda, a do Candomblé e a da Umbanda que assimilam esses personagens e os reinterpreta a partir de suas próprias tradições; a terceira é a visão evangélica que reinterpreta os demais também conforme a própria tradição, ou seja, a tradição cristã, vendo-os como espíritos maus, demônios. Claro que como o Diabo ‘se transforma em anjo de luz’ (2 Co 11,14), orixás, erês ou Cosme e Damião seriam apenas formas diferentes dele se travestir. A recusa evangélica considera a celebração católica como idolatria, ‘adoração de santos’ e a celebração afro-brasileira é considerada como ‘invocação de espíritos’, ‘coisa do diabo’ (DIAS, 2015, p. 21).

A dupla associação: idolatria e demonização relacionada à devoção a São Cosme e Damião afasta parte dos integrantes evangélicos, faz com que não se aproximem de manifestações religiosas ligadas a esses santos e a outros também. Mesmo se considerando um “católico misto”, a mudança na intercessão dos santos na sua prática de benzedura a partir do contato com a religião evangélica se insere em um campo de “lutas de representação” (CHARTIER, 1990, p. 17). Nesse novo contexto, a forma de dar sentido a sua prática de cura também se manifesta e se alinha de acordo com os interesses de seu grupo religioso.

---

<sup>221</sup> De acordo com Júlio César Tavares Dias (2014, p. 41), no calendário litúrgico, o dia de São Cosme e Damião era comemorado no dia 27 de setembro, data da inauguração da basílica que o papa Félix IV mandou erguer para os dois santos em Roma, no ano 500. Em 1969, uma reforma litúrgica transferiu sua comemoração para o dia 26 de setembro, contudo, os devotos ainda celebram a festa no dia 27.

<sup>222</sup> Segundo Dias, a demonização ocorre “quando os elementos de uma tradição religiosa concorrente são vistos unicamente como negativos e ameaçadores” (DIAS, 2015, p. 21).

Figura 22: Benzedor Gilmar com um quadro com a imagem da bíblia atrás dele



Foto: Tayane Oliveira. São João del-Rei, 28/07/2020.

Seu Gilmar ainda no seu depoimento diz que não é discriminado, porque as pessoas já estão informadas de suas práticas de cura, mas algumas não aceitam suas benzeções. Mesmo com a procura de algumas pessoas evangélicas pelos seus benzimentos, não há “uma inauguração de um novo sistema simbólico, mas sim um rearranjo, uma ressignificação de elementos já reconhecidos pelos fiéis dentro do campo religioso brasileiro” (BONFATTI, 1999 *apud* DIAS, 2015, p. 24). Na via dessa formulação, Roger Chartier explica que:

No ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo (CHARTIER, 1990, p. 24).

A escolha de seu Gilmar por Jesus Cristo como intercessor em seus benzimentos se deve ao seu alinhamento com a religião evangélica e ao convívio com sua comunidade religiosa. Esse rearranjo, ou melhor apropriação, faz com que seu Gilmar agregue novos consulentes que compartilham de uma mesma leitura cristã. Desse modo, a recepção sobre sua prática de benzedura também é interpretada a partir desse viés.

D. Teresa revela a devoção a dois santos: Santo Antônio e São Lázaro. Os dois santos lhe dão suporte tanto na vida diária quanto na prática da benzedura. De acordo com Soraia e

D. Teresa, a devoção a Santo Antônio está relacionada com questões cotidianas e a pedidos que trazem a pessoa ao destino desejado.

(Soraia): E ela tem maior poder com Santo Antônio, viu, Tayane.  
 (Tayane): Ohhh! [risos]  
 (Soraia): É terrível!  
 [risos]  
 (Tayane): Dona Teresa, a gente vai conversar com esse Santo Antônio aí. [risos]  
 (Soraia): É, mas teve uma vez, eu acho que ela queria muito que eu viesse aqui, né? Aí não tinha como entrar em contato e tal, eu estava em Tiradentes<sup>223</sup>. Aí de repente, do nada, eu em Tiradentes: ‘Gente, que vontade que eu tô de ver a minha avó’. Aí do nada, eu peguei o ônibus e vim parar aqui, e ela disse: ‘É, meu Santo Antônio não falha não, ele te trouxe’ [risos].  
 (Tayane): Aí, que bom [risos].  
 (Teresa): Meu Santo Antônio já trouxe um rapaz do Acre, aqui pra São João.  
 (Tayane): Nossa!  
 (Teresa): É! A tia dele chegou aqui me pediu pra mim rezar. Eu falei: ‘Espera que é tempo de uma semana ele chega aí’. Eles lá não queriam que ele viesse para cá, hoje ele trabalha no exército aqui de São João. Santo Antônio fez isso pra ela. Ele traz mesmo onde que tiver, traz mesmo. [risos]  
 [risos]  
 (Tayane): Santo Antônio tá muito mensageiro.  
 (Soraia): Nossa Senhora, ele fala tudo pra ela [risos].  
 (Tayane): A senhora costuma fazer alguma simpatia assim, ou é só a reza?  
 (Teresa): Não, é só reza, eu peço a ele, dou o nome da pessoa, ponho embaixo [da imagem do santo] e faço mesmo. [risos]  
 (Tayane): Quando a senhora benze, a senhora pede, invoca também Santo Antônio, São Lázaro durante a benzeção?  
 (Teresa): Depende da benzeção, da pessoa. Porque, às vezes, têm pessoas que não precisa de ser assim, santo forte muito não. A gente reza e tal, mas a pessoa às vezes, está muito agitado, a gente pede esses santos mais fortes para ajudar: Santo Antônio, São Lázaro, São Judas Tadeu. São os santos fortes<sup>224</sup>.

Santo Antônio é um santo muito popular no Brasil, os pedidos direcionados a ele estão relacionados geralmente a questões de relacionamento afetivo, são comuns pedidos e simpatias em que se peça a consolidação do relacionamento amoroso. Santo Antônio também tem a “fama [...] de santo das coisas perdidas, fazendo as vezes de nosso São Longuinho” (KARNAL; FERNANDES, 2017, p. 156). Nos dois casos apresentados, a intercessão de Santo Antônio se manifesta no encaminhamento de pessoas ao destino desejado, além de coisas perdidas, o santo também auxilia quem deseja encontrar os caminhos.

A devoção de D. Teresa dedicada ao santo é forte ao ponto de outra pessoa pedir para que ela interceda em sua causa. De acordo Renata de Castro Menezes:

[...] os pedidos [...] permitem ainda ver como o santo é posto em relação com a vida das pessoas. Pedir ao santo não é apenas um ato religioso stricto sensu: também as relações familiares, de vizinhança, de amizade são ativadas através do pedido, pedindo

<sup>223</sup> Tiradentes é uma cidade vizinha a São João del-Rei.

<sup>224</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis e Soraia Geralda Santos a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

por elas. O santo assim é capaz de se ligar à vida de seus devotos e a todo um conjunto de relações onde eles estão inseridos (MENEZES, 2004, p. 17).

Além das benzeduras que realiza, D. Teresa também é solicitada para realizar pedidos de outrem para Santo Antônio. Segundo Menezes (2004), ter o costume de pedir ao santo e conseguir realizar seu desejo está relacionado com a capacidade de conhecer as formas de direcionar o pedido para o santo certo, o especialista na questão solicitada. É preciso ter conhecimento das particularidades do santo em questão, para poder comovê-lo a realizar o pedido. Dessa maneira, D. Teresa a partir de sua devoção se torna uma mediadora para os familiares, amigos e vizinhos. Sua prática devocional reafirma seu papel intermediário entre o plano físico e espiritual.

No trecho seguinte, D. Teresa aborda sobre sua relação com São Lázaro.

(Tayane): A senhora já foi em uma celebração, em um ritual dentro do candomblé pra ver?

(Teresa): Eu já tive uma vez. Foi cozinhar para eles.

(Soraia): Ela foi para a festa de Oxóssi para fazer um feijão-tropeiro.

(Teresa): Eu faço tudo.

(Soraia): E na feijoada de Preto-Velho né, vó. Ela fez.

(Teresa): Eu gostei deles lá, do trabalho deles muito bonito, tudo certinho. Mas como eu estou te falando cada um na sua religião. Ela tem a fé dela, eu tenho a minha. Mas tudo é a mesma coisa que Deus é um só<sup>225</sup>.

(Soraia): Verdade.

(Tayane): A senhora tá usando uma guia?

(Teresa): Tô<sup>226</sup>.

(Soraia): A Mãe Celina deu pra ela. A Mãe Celina não! Ela que pediu, sabe? Ela pediu pra Mãe Celina, porque ela queria uma guia branca e a outra de São Lázaro. E aí a Mãe Celina fez e consagrou para ela, né? Que a branca é de Oxalá, ele que é o dono de todas as cabeças e essa outra é de São Lázaro que é Omulu.

(Tayane): Por que a senhora escolheu essas duas guias, dona Teresa?

(Teresa): Porque, eu acho que eu tenho que usar, eu não posso deixar de benzer os outros sem a guia. Então, eu escolhi elas, achei melhor. Então, o meu santo me ajuda!

(Tayane): A senhora tem o São Lázaro como santo de devoção, né? Por que a senhora tem essa devoção nele?

(Teresa): Eu tenho devoção com ele porque eu acho que tudo o que eu venho pedindo. Essa benzeção de ferida de pele, essas coisa é com ele, ele que cura. Então, eu tenho muita, muita fé com ele. Eu tenho é muita proteção<sup>227</sup>.

Para compreendermos o contexto deste trecho da entrevista de D. Teresa e sua neta Soraia, é preciso destacar que Soraia é candomblecista. Ela é filha-da-casa da Associação Afro-brasileira Casa do Tesouro - *Egbe Ile Omidewa Ase Igbolayo*<sup>228</sup>, no qual Celina Batalha é a *iyaolorixá*, a mãe-de-santo responsável pelo terreiro. A convite de sua neta, D. Teresa cozinhou nas festas de Oxóssi e dos Pretos-Velhos realizadas na Casa do Tesouro. Em uma das

<sup>225</sup> Dona Teresa volta o olhar para Soraia.

<sup>226</sup> D. Teresa olha para guia, Soraia mexe nela.

<sup>227</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis e Soraia Geralda Santos a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

<sup>228</sup> Associação Afro-brasileira Casa do Tesouro - *Egbe Ile Omidewa Ase Igbolayo* funciona na Rua Vereador Vicente Cantelmo, 875, bairro Guarda Mór, em São João del-Rei.

cerimônias religiosas, segundo Soraia, D. Teresa pede à mãe Celina a confecção de duas guias, uma branca e outra branca levemente rajada de preto de São Lázaro, correspondendo às guias de Oxalá e Omulu, respectivamente.

As guias ou fios-de-contas são objetos sagrados usados nas religiões de matriz africana, representam o elo de ligação com o orixá regente do portador da guia. São usadas tanto por adeptos das religiões afro-brasileiras como por simpatizantes (REZENDE, 2017, p. 87).

O fio-de-contas é emblema social e religioso que marca um compromisso ético e cultural entre o homem e o santo. É um objeto de uso cotidiano, público, situando o indivíduo na sociedade do terreiro. Há critérios que compõem os textos visuais dos fios-de-contas, proporcionando identificação de santos, papéis sociais, rituais de passagem [...] (LODY, 2001, p. 59 *apud* REZENDE, 2017, p. 87-88).

As guias são confeccionadas principalmente com materiais naturais como sementes, madeira, conchas, pedras, miçangas de vidro, metal entre outros. Além de servirem como elo de ligação com os orixás, apresentam também a função de trabalho no qual são usados durante as cerimônias religiosas; e desempenham também a função de proteção (REZENDE, 2017, p. 88).

Soraia salienta que Oxalá seria o dono de todas as cabeças, e que a guia de São Lázaro é de Omulu. As correspondências entre as entidades católicas e afro-brasileiras se devem às associações e identificações que são feitas a partir das semelhanças entre as histórias, mitos e representações que santos católicos e orixás apresentam. Nesse sentido, Oxalá estaria associado à imagem de Jesus Cristo e Omulu à imagem de São Lázaro.

A devoção a São Lázaro está vinculada à identificação que D. Teresa tem com o santo. São Lázaro, o leproso, é representado como um homem mais velho usando vestes desgastadas, seu corpo está coberto de feridas. Devido às feridas, é constantemente rejeitado pelas pessoas, tendo apenas como companhia os cachorros. A história de São Lázaro é citada na parábola que Jesus conta, conforme o evangelho de São Lucas: 16, 19-31. Vale ressaltar que esse São Lázaro é confundido com Lázaro que foi ressuscitado por Jesus<sup>229</sup>. São Lázaro é considerado o protetor dos desamparados, dos animais doentes, e principalmente, dos enfermos que sofrem com doenças de pele<sup>230</sup>.

De acordo com Reginaldo Prandi (2001, p. 215), a base da origem mítica do orixá Omulu está vinculada à rejeição da sua mãe, a orixá Nanã, que o abandonou por causa das

<sup>229</sup> Ver em: CRUZ TERRA SANTA. **Significado e simbolismo de São Lázaro**. Disponível em: <<https://cruzterrasanta.com.br/significado-e-simbolismo-de-sao-lazaro/150/103/>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

<sup>230</sup> TV BAHIA. **Em Salvador, devotos celebram o Dia de São Lázaro, santo protetor dos doentes**. G1. [31/01/2022]. Ver em: <<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2022/01/31/em-salvador-devotos-celebram-o-dia-de-sao-lazaro-santo-protetor-dos-doentes.ghtml>>. Acesso em: 02 fev. 2022.

feridas em seu corpo. Ao ser visto abandonado, a orixá Iemanjá acolhe Omulu, e cura suas feridas. No entanto, as marcas permaneceram no seu corpo fazendo com que Omulu se ornamentasse com palhas que cobrem todo seu corpo, para evitar os olhares em suas cicatrizes. Omulu é um orixá que apresenta várias denominações como: Xapanã e Obaluaiê, este corresponderia a sua versão mais jovem. Omulu também conhecido como “o velho”, a sabedoria, a dor e o sofrimento são características que acompanham a entidade (CAPRARA, 1998, p. 126). “A ancianidade de Omolu deve ser entendida, também, como repositório de sabedoria, associada ao seu poder sobre a vida e a morte” (LEITE, 2019, p. 674).

Omulu é conhecido por ser o orixá da doença e da cura, outros contos míticos apontam para a manifestação de doenças contagiosas nas terras em que não recebiam Omulu adequadamente. As pessoas só seriam curadas depois que fizessem oferendas a Omulu. De acordo com Leite:

Em diversas narrativas mitológicas, a ira de Omolu deve-se à desobediência dos humanos e também à forma pouco respeitosa como foi tratado, ora por seres humanos, ora por orixás. O fato de ter sido preterido, diversas vezes, também o aproxima dos mais pobres, sustentando o título de médico dos pobres, além de médico dos orixás (LEITE, 2019, p. 675).

Vale ressaltar que São Lázaro e Omulu são entidades diferentes, mas apresentam pontos em comum que atravessam suas trajetórias, como as feridas pelo corpo, a rejeição, e principalmente o fato de estarem relacionados à doença e à saúde.

As orações de D. Teresa direcionadas a São Lázaro apresentam intencionalidade quando se trata de benzeduras que envolvem feridas da pele. São Lázaro, por ser o protetor dos enfermos, seria o especialista dessas enfermidades. De acordo com Menezes:

[...] fazer um pedido a um santo ‘especialista’ na proteção de determinada área da vida humana remete-nos à questão de pedir a coisa certa ao santo certo. Para tanto, é preciso conhecer sua vida, seus atributos e suas idiosincrasias, e as pessoas que conseguem manejar essas informações tendem a realizar pedidos mais bem sucedidos que os demais (MENEZES, 2004, p. 5).



Figura 23: Santos, terços e guias: a relação com o sagrado



Foto: Soraia Geralda Santos. São João del-Rei, 29/08/2020.

A devoção a São Lázaro não está vinculada somente à especialidade da sua intercessão a determinadas doenças, mas também está voltada a questões mais profundas. O estudo de Anderson de Oliveira (2008) sobre a devoção de escravizados e seus descendentes vinculados

a irmandades religiosas, a santos negros, nos ajuda a compreender essa relação entre os santos e os devotos.

A devoção negra a determinadas entidades, como Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Mercês e a santos negros, como São Benedito, Santa Efigênia e São Elesbão, se revela como o esteio para resistir ao sistema escravista. A devoção a esses santos demonstra uma identificação dos escravizados e seus descendentes com esses santos através da cor da pele, da trajetória de vida, pelos lamentos e angústias, se reconhecem nessas entidades sagradas. Além do mais, a devoção dedicada a esses santos se realiza também em prol de um resgate de uma memória e proteção ancestral (OLIVEIRA, 2008).

Evidentemente, estes aspectos estariam condicionados pela inserção sociocultural do devoto já que é segundo o seu patrimônio social que ele pode apropriar-se da figura do santo. Nesse sentido a devoção colocar-se-ia também como um dos elementos possíveis da construção de representações sociais, já que cada grupo, ao se estruturar para o culto, nele imprime a sua marca e o faz veículo de suas questões particulares (OLIVEIRA, 2008, p. 251-252).

A identificação com São Lázaro permite o reconhecimento e a representação como agente que trata as doenças e promove a cura. Diante disso, Teresa se considera uma mulher católica, sua vivência religiosa permeia as influências herdadas do congado do seu pai; compreende as benzeduras; está na devoção a Santo Antônio e São Lázaro; está na proteção da guia de Omulu usadas durante os benzimentos, essas influências acompanham e transitam sua vida e convergem na sua prática de cura.

A imagem, as orações endereçadas a São Lázaro, assim como a guia de Omulu compartilham uma perspectiva de sentidos sobre a doença e a cura que estão presentes na prática de benzedura de D. Teresa. Tê-los como representantes, suporte e proteção simboliza e reforça o ofício de vida que decidiu seguir, representam a forma como dá sentido ao que compreende sobre o universo das práticas curativas. “Meu santo me ajuda!”<sup>231</sup>.

---

<sup>231</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

Figura 24: Dona Teresa ao lado de seu altar com santos



Foto: Soraia Geralda Santos. São João del-Rei, 29/08/2020.

Os benzimentos se manifestam a partir do compartilhamento dos sentidos atribuídos às enfermidades associadas a essa prática. A dinâmica que se estabelece nesse processo de cura envolve não só a relação entre os benzedores e os consulentes, mas também as leituras que fazem a respeito da prática de benzedura, da forma como experienciam sua religiosidade, das relações firmadas com seus santos ou entidades de devoção, que os auxiliam não só durante os benzimentos, como nos momentos rotineiros. Os santos de devoção se tornam um amparo espiritual para os benzedores, principalmente quando há uma identificação - seja pela história

de vida, por um milagre alcançado, ou convívio diário com padroeiros da localidade onde moram - com o santo protetor que faz com que seu vínculo se fortaleça de forma constante, na medida em que se intercede por eles e quando se alcança a graça.

A doença e a cura caminham juntas, por meio dos benzimentos é possível que as benzedeiras e benzedores, através da intercessão de seus santos de devoção, promovam o alívio do corpo e da alma.

Sendo os benzedores os agentes intermediários desse processo religioso/curativo, a transmissão dos seus conhecimentos vem atrelada a religiosidade e ao desenvolvimento de sua prática. Passar adiante esses conhecimentos se mostra um desafio que se lança para dar continuidade a essa tradição. No próximo capítulo abordaremos mais a fundo as perspectivas futuras da prática de benzedura para os benzedores, assim como as alternativas que buscam resgatar esse saber ancestral.

## CAPÍTULO III

### 3. “Mas isso vai acabar com o tempo?” - Continuidades, rupturas e reconexões: as percepções sobre o futuro da prática da benzedura

#### 3.1. O futuro incerto de uma prática antiga

A escrita do terceiro capítulo me fez pensar, principalmente, sobre os dois papéis sociais que ocupo nesta dissertação, ser neta de benzedeira e historiadora. Eu tenho a sensação de não ter aproveitado melhor o tempo e os conhecimentos de minha avó Ana. De acordo com a frase atribuída a Amadou Hampâté Bâ “na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima” (BÂ *apud* FARAH, 2003)<sup>232</sup>. Esse sentimento vem ao encontro com meu ofício de historiadora, pois poderia ter abordado melhor suas histórias e experiências de vida nas minhas pesquisas durante a graduação enquanto ela estava viva. E, também me faz questionar o porquê desse conhecimento não ter sido passado adiante na minha família, mesmo com o interesse de alguns familiares. A escolha por um título interrogativo para o terceiro capítulo se deve à questão que muitos benzedores se fazem em relação ao futuro da prática da benzedura, os apontamentos recorrentes, que sempre vem à tona são: “as benzedadeiras, os benzedores estão sumindo”; “isso está acabando”; “não se vê mais”.

Muitos desses benzedores sentem que as pessoas, principalmente, os mais jovens não têm interesse pelos benzimentos. E, isso poderia levar ao fim da prática. Neste capítulo daremos continuidade às questões levantadas para os benzedores, se atendo à perspectiva futura da prática de cura para os mesmos, identificando, dessa forma, os desafios para a continuidade da prática. Buscamos também entender como novas formas de transmissão desses conhecimentos evidenciam o resgate dos laços de afeto com algum familiar, e sua reconexão com seu passado.

Como citado anteriormente, há uma preocupação dos benzedores em relação ao aprendizado e à permanência da prática da benzedura entre as pessoas, principalmente, quando essa tradição não é apreendida pelos membros da família. Nos trechos a seguir, seu Gelson e D. Léa comentam a respeito.

(Tayane): O senhor tem quantos filhos?

(Gelson): Eu tenho um casal de filhos.

(Tayane): O senhor ensinou eles a benzer?

(Gelson): Não, nenhum deles ainda tiveram interesse não, de aprender não.

---

<sup>232</sup> Ver em: FARAH, Paulo Daniel. **Hampâté Bâ leva oralidade africana ao papel**. Folha de São Paulo Ilustrada. São Paulo. [16/09/2003]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1609200312.htm>>. Acesso em: 08 ago. 2022.

[...]

(Tayane): Você passou esse conhecimento adiante, para alguém?

(Gelson): Não, porque como eu tô te falando, ninguém nunca se interessou, ninguém me procurou para querer saber, para querer aprender e até hoje ninguém me procura. Quer dizer, a gente tá pronto pra passar para alguém que se interessa, que queira aprender e que, realmente, queira praticar, né. Como a gente faz com o amor, de coração a gente tá pronto pra passar. Porque hoje em dia tá muito difícil achar alguém que mexe com benzeção, tá acabando essa tradição de benzedura e benzedeiros, tá acabando essa tradição<sup>233</sup>.

(Tayane): A senhora falou que tem uma filha, né?

(Léa): Tenho.

(Tayane): A senhora ensinou ela a benzer?

(Léa): Não, ela não gosta de nada. Nada! Se duvidar nem de fazer comida. [risos] Agora, que ela tá trabalhando, mas ela não gosta dessas coisas não. Não aprende nem como pegar no terço.

(Tayane): A senhora ensinou para alguma pessoa a benzer?

(Léa): Não... Ninguém quer aprender não! Eles perguntam, eu falo a reza que eu falo, eu falo pra eles, mas ninguém quer, só quer saber por curiosidade, não quer aprender. E as pessoas acham que não vão precisar.

(Tayane): Então, mas a senhora passaria, né? Para outra pessoa, sem ser da sua família? A senhora ensinaria benzer, sem ser da sua família?

(Léa): Ah, agora eu tô nesse momento agora, não tem ninguém quer benzer, aprender não. Ninguém quer aprender a benzer, eles vai na casa das pessoas benzer, mas eles não quer aprender. A gente fala assim: 'Eu vou te ensinar, porque você benze, né. Você benze na sua casa alguém'. 'Ah, não! Não tenho jeito pra isso não, não sei fazer isso, não'. Fica por isso mesmo, ninguém quer aprender. É por isso que tá acabando, que a gente não é eterno, os quem vem agora, não quer saber de nada<sup>234</sup>.

Seu Gilmar não tem filhos, mas transmitiria seu conhecimento para quem tivesse vontade de aprender a prática da benzedura.

(Tayane): Mas se o senhor fosse passar esse dom seria para quem?

(Gilmar): Pra quem tivesse vontade, né. Se tiver Deus. Eu falo, ele escreve e *vamo* embora. Não adianta eu querer ir lá passar o dom para a pessoa. Às vezes não tem ninguém que interessa, né, por esse dom que eu tenho. A pessoa procura aqui, vem, conversa, eu passo o que eu sei. Conversa comigo, eu explico. Se pegar pegou, se não pegar. Assim, se a pessoa tiver o dom, num instantinho ela pega.

(Tayane): Então, mesmo se a pessoa não tiver o dom para benzer o senhor passaria?

(Gilmar): Passaria<sup>235</sup>.

Os relatos dos benzedores abrem caminhos para compreender as dificuldades em transmitir seu conhecimento adiante. Na fala de seu Gelson sobressai que não há interesse dos seus filhos e de outras pessoas para aprender a benzer. D. Léa comenta que as pessoas acham que não vão precisar desse conhecimento. E quando a procuram para aprender a benzer é por curiosidade, mas não querem se aprofundar nesse universo. As orações são ensinadas por ela, mas as pessoas não se sentem capazes de realizar os benzimentos.

<sup>233</sup> Entrevista concedida por Gelson Aparecida de Faria a Tayane Oliveira em 14/09/2020.

<sup>234</sup> Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Oliveira em 03/10/2020.

<sup>235</sup> Entrevista concedida por Gilmar das Neves Souza a Tayane Oliveira em 29/07/2020.

Os benzedores compreendem a prática da benzedura como ofício de vida, a dedicação empregada nesse exercício é vista como um compromisso firmado com Deus.

Um dos motivos para o desinteresse das pessoas e dos filhos dos benzedores pela prática pode ocorrer principalmente pela dedicação que deve ser adotada nesse ofício. Os benzimentos costumam ser realizados na casa dos benzedores, a grande procura dos consulentes faz com que se alterne a rotina da casa, impedindo que outras atividades sejam realizadas. E, além da dedicação com os consulentes, é preciso ter comprometimento religioso para realizar os benzimentos e se proteger energeticamente nesse processo. A dificuldade em não conseguir realizar os benzimentos ocorreria por focar somente no pronunciamento das fórmulas das benzeduras, e não ter uma compreensão mais aprofundada sobre esses aspectos da prática. Como ressalta Mauger: “a transmissão exige um trabalho de inculcação e de assimilação, trabalho da pessoa sobre ela mesma que leva tempo (ele se cultiva)” (MAUGER, 2014, p. 117).

Como visto na fala de D. Léa, as pessoas a procuram por curiosidade, mas não se sentem aptas para realizar os benzimentos. O dom para benzer é algo que reincide nos depoimentos dos benzedores. Na seguinte fala de seu Gilmar: “A pessoa procura aqui, vem, conversa, eu passo o que eu sei. Conversa comigo, eu explico. Se pegar pegou, se não pegar. Assim, se a pessoa tiver o dom, num instantinho ela pega”<sup>236</sup>. O dom e o aprendizado parecem criar uma relação de interdependência, pois o dom, mesmo dado por Deus, ele por si só, não se desenvolve sem o aprimoramento dos processos de aprendizagem. E o aprendizado não deve se ater somente à memorização das orações das benzeduras. Ter o dom para os benzimentos possibilita ter uma maior aptidão para aprender e realizar a prática.

Seu Gilmar ressalta ainda que a pessoa poderia escrever suas orações para que esse conhecimento se preserve para além da memória. D. Maria Helena comenta que ensinou dois dos seus três filhos a benzer, assim como sua mãe. Mas apesar dos conhecimentos transmitidos, eles não exercem o ofício, benzem somente para a família quando necessitam. Ela relata ainda que sua vizinha, uma menina chamada Maria, a procurou para aprender a benzer, e para não esquecer as orações, a menina anotou em seu caderno.

(Tayane): A senhora já passou esse conhecimento para alguém?

(Maria Helena): Já! Para essa menina. Minha filha sabe, minha filha, o Joel sabe, o Jeferson nunca quis não. Toda vida não quis, [inaudível] que é esse que saiu de carro aqui.

(Tayane): Mas para os seus filhos a senhora ensinou eles quando, assim?

---

<sup>236</sup> Entrevista concedida por Gilmar das Neves Souza a Tayane Oliveira em 29/07/2020.

(Maria Helena): Quando eles eram pequeno, eles me viam benzer né, aprende. E aí a Joseli quis aprender, aí eu expliquei pra ela como que é. O Joel também quis aprender, eu expliquei para ele. Se você precisou, se os filho precisou, reza. ‘Não precisa rezar para os outros de fora não. Reza pro seus, para a sua família’. Falei pra ele: ‘reza para a sua família’.

(Tayane): Eles benzem outras pessoas?

(Maria Helena): Não, não. Só pra família. Joel meu, é só pra família. A Joseli também, é só pra família.

(Tayane): E essa menina, quantos anos ela tem?

(Maria Helena): A menina tem onze anos, mora lá em cima. Acho que é onze mesmo, que ela veio aqui e eu ensinei, foi nas férias de junho que ela veio aqui com um caderninho. Ano passado, foi em julho. Não, de novembro, dezembro? Dezembro, ela veio aqui, pra eu poder ensinar ela. Eu falei assim: ‘Oh, eu vou falando você vai escrevendo’. Aí eu sentei com ela, ela sentou aqui na mesa. Eu ia falando, ela ia escrevendo. A mãe dela ajudando ela, entendeu. Ela escrevia de um lado e a mãe dela escrevia do outro lado. Porque, o que ela não pegava, a mãe dela já tinha anotado, explicava pra ela. [inaudível]

(Tayane): Mas ela voltou aqui depois? Antes da pandemia?

(Maria Helena): Voltou, voltou. Falou comigo que estava quase acabando de aprender [risos].

(Tayane): E, o que a senhora acha que ela quis aprender a benzedura?

(Maria Helena): Ela acha bonito, ela na cabeça dela. Pensa que acha bonito benzer. Falei: ‘então, aprende’. Ela falou assim: ‘Oh, a senhora já tá de idade, quando a senhora morrer, não vai ficar ninguém no lugar da senhora. Quando a senhora morrer, eu vou ficar no lugar da senhora’. Falei: ‘Isso! [risos]. Isso, mesmo!’ [risos].

(Tayane): Mas, ela convive com a senhora? Vocês têm uma convivência?

(Maria Helena): Não, ela fica lá com a mãe dela. A mãe dela trabalha fora, ela fica como pai. Quando o pai não tá em casa, a mãe está. Eles trocam os horários.

(Tayane): Ela é a sua vizinha?

(Maria Helena): É, mora lá em cima. Bem lá em cima, longe. Que a mãe dela, vieram dois pequenininhos, primeiro eu rezava pra ela, trazia. Ela acostumou, entendeu, eu rezando pra ela. Ela cresceu e falou: ‘Eu queria aprender, mãe, aquelas rezas que a dona Lena reza’. A mãe dela passou aqui e perguntou se eu ensinava. ‘Sim, uai. Tô rezando ninguém agora, pode vir. Fala com ela que pode vir. Se eu tiver rezando para os outros, eu posso ensinar não, mas eu não *tando*, posso ensinar a qualquer hora’. Aí, elas veio cá, as duas... trouxeram os papel [inaudível] vamo embora [risos]

(Tayane): E o que a senhora acha... O que a senhora sentiu quando ela quis aprender com a senhora?

(Maria Helena): Fiquei feliz, uai. Ela aprendeu, as outras não quis, quantas meninas aqui que pegava pra eu ensinar, né. ‘Ah, eu venho, eu venho, eu venho’. Não vem nada! Não querendo, entendeu. Que partindo do coração da pessoa interessar.

(Tayane): Qual o nome dela?

(Maria Helena): A menina, a menina chama Maria. É Maria<sup>237</sup>.

Como observado, o aprendizado sobre a prática de benzedura com D. Maria Helena se inicia na infância de seus filhos, a partir da observação dos frequentes benzimentos dos consulentes iam até ela. D. Maria Helena conseguiu transmitir seus conhecimentos sobre a benzedura para os filhos, mesmo que não sejam realizados de forma externa por eles, para um público mais amplo, os membros da família podem receber os benzimentos quando necessário. De certa forma, esse conhecimento ainda se mantém presente na sua família, mesmo que de forma privada.

<sup>237</sup> Entrevista concedida por Maria Helena Nascimento a Tayane Oliveira em 10/09/2020.



D. Maria Helena relata que a mãe de Maria levava seus filhos para benzerem com ela. A convivência com a menina e o compartilhamento de sentidos em relação à benzedura influenciaram Maria a querer aprender a benzer com D. Maria Helena. E tomar o seu lugar quando não mais estivesse presente, seguindo seus passos como benzedeira. Assim fala a D. Maria Helena: “Oh, a senhora já tá de idade, quando a senhora morrer, não vai ficar ninguém no lugar da senhora. Quando a senhora morrer, eu vou ficar no lugar da senhora”<sup>238</sup>. Mesmo ensinando Maria a benzer, D. Maria Helena considera que se não houver uma continuação nesse processo, a prática da benzedura irá acabar, principalmente porque os benzedores mais velhos estão morrendo.

(Tayane): A senhora acha que essa prática vai resistir ao tempo?

(Maria Helena): Ah, eu acho que os mais velhos que sabem, vai morrendo. Aqui, oh, quando eu mudei pra aqui, tinha a dona Conceição, tinha a dona Conceição. Nessa rua debaixo aqui, tinha a dona Geraldina que também rezava muito bem. Já levei meu neto lá na casa dela, a minha neta. Quando o meu marido morreu, eu não tinha cabeça pra nada, leva, leva, leva pra Geraldina que ela reza.

[...]

(Maria Helena): Oh, minha filha, isso aí... A Maria aprendeu, se ela passar para outras pessoas. Ou se alguém que quer vir cá, para mim ensinar enquanto eu estiver em vida, eu penso que ainda vai, né. Mas se não for, vai acabar, vai acabar. E não é qualquer gente que quer aprender<sup>239</sup>.

D. Léa comenta sobre o fim da prática está relacionado com a ruptura na transmissão dos conhecimentos, e também aborda sobre as dificuldades de se encontrar benzedores na cidade:

(Léa): Ah, se depender da geração que vem agora, minha filha. Acho que não vai ter ninguém que vai benzer, mas pra lá não, porque ninguém quer aprender, porque você tem que aprender pra você ir passando, eles não querem.

(Tayane): Pra senhora, qual é o motivo desse desinteresse em aprender a benzer?

(Léa): Ah, eu acho que eles pensam que não vão precisar. Tem gente que vem de longe que veio, sai de um lugar, tem gente que sai às vezes até lá da Colônia, né? Pra vim procurar a gente aqui em cima, porque lá pro lado da Colônia, para aqueles lado de lá, não tem mais gente que benza, os que acreditava já foi embora, e os outros não acreditam e precisa. Aqui, perto de mim tem também uma dona que benzia, dona Maria. Agora, já não tá benzendo mais não, parece que ela não tá bem da cabeça, parou de benzer.

(Soraia): Qual Maria?

(Léa): A Maria, mãe da Rosária, ela parou de benzer. Então, as pessoas tão, tão acabando [pausa]. Inclusive, as minhas irmãs, as minhas irmãs, nenhuma delas não benze não. Nenhuma quis não, eu ainda benzo só duas coisas, mas ainda benzo. Não, ninguém benze<sup>240</sup>.

<sup>238</sup> Entrevista concedida por Maria Helena Nascimento a Tayane Oliveira em 10/09/2020. Sobre a menina Maria, D. Maria Helena não soube me responder em que local ela morava pra que eu pudesse realizar uma entrevista com ela.

<sup>239</sup> Entrevista concedida por Maria Helena Nascimento a Tayane Oliveira em 10/09/2020.

<sup>240</sup> Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Oliveira em 03/10/2020.

D. Léa menciona que não se encontram nos bairros em que os consulentes residem, benzedores, sendo preciso ir em outros lugares para encontrar alguém que realize os benzimentos. D. Léa cita ainda sua vizinha, uma benzedeira chamada Maria que deixou de benzer por motivos de saúde. E ressalta que é a única que sabe benzer entre as suas irmãs.

Além do desinteresse dos mais jovens, principalmente dos descendentes dos benzedores, não podemos descartar que outros fatores também somam para a descontinuidade da prática da benzedura, como a velhice, as doenças e a mortalidade também são fatores que demonstram um aspecto de rompimento da prática de benzedura, contudo outros fatores demográficos podem exercer grande influência na formação de novos benzedores. A diversificação religiosa e de crenças, diminuição do catolicismo, a desvinculação com ideais propostos pelas instituições religiosas.

Dona Teresa comenta sobre quem deve passar pelo processo de transmissão da prática de benzedura.

(Tayane): Dona Teresa, para que tipo de pessoa esse conhecimento da benzeção deve ser passado?

(Soraia): Para quem a senhora acha que deve ser passado o ato de benzer?

(Teresa): Pra quem eu acho?

(Soraia): É!

(Teresa): Ah... tem que passar para uma pessoa de casa, mas eles não quer. Não adianta. A pessoa tem que ter vontade de querer fazer aquilo, não tendo, não pode fazer, porque não tem fé, né. Porque o que manda na benzeção é a fé. A pessoa não tem fé, vai fazer aquilo, não adianta querer. Eu não tenho ninguém que quer. Só a Soraia mesmo que quer.

(Soraia): [risos].

(Tayane): A senhora prefere que esse conhecimento seja passado para alguém da família e não para alguém de fora?

(Teresa): Não, pode ser alguém de fora. Aqui, ninguém quer, porque ninguém quer ter responsabilidade, né.

(Soraia): A senhora não ensinou o...

(Teresa): Eu acho que é o dom da pessoa mesmo, porque não tendo o dom pra aquilo, não faz não. Tem que ter o dom mesmo.

(Soraia): A senhora não ensinou o seu afilhado Gelson?

(Teresa): Ensinei, mas ele já tinha, ele já estava rezando.

(Soraia): Ah... tá!

(Teresa): Ele só não sabia de vento-virado, essas coisas ele não sabia. Ele pediu, eu ensinei. Mas, depende muito da vocação mesmo, se a pessoa querendo aprender, aprende, mas não tendo aquela inclinação de benzeção, a pessoa não aprende. Não entra na cabeça não. Porque já veio uma moça aqui, me pediu, eu ainda firmei aqui no santo, duas guias para ela de Santo Antônio, mas ela não conseguiu não. Isso aí depende mesmo da vocação da pessoa.

(Tayane): A senhora descobriu essa vocação quando, dona Teresa?

(Teresa): Quando eu comecei, quando eu comecei a rezar, eu achei que tinha que continuar, e continuei até hoje [risos].

(Tayane): A senhora acha que essa prática de benzedura vai resistir no tempo? Ela vai continuar com o passar do tempo?

(Teresa): Com certeza vai. Aparece ainda muita gente que benze, aparece muita gente que benze. Mas, agora, esses novo agora, não quer aprender não. Nem na missa eles quer ir [risos].

(Tayane): A senhora falou que nem vão na missa, a benzedura, ela tá muito relacionada com a religião, com o envolvimento com a religião, a pessoa precisa ter um certo comprometimento, ser religioso para ser benzedor?

(Teresa): Tem que ser, uai. Tem que ter o catolicismo mesmo, ser católico mesmo para poder benzer, porque não sendo, não adianta ter fé. Se não tiver fé naquilo que está fazendo, você não pode fazer, tem que ter a fé. Qualquer coisa que você for fazer, se você for fazer uma comida, você tem que ter fé que aquilo vai dar certo, mas você tem que ter fé naquilo que você está fazendo. É por isso que as pessoas... não é qualquer pessoa que serve para benzer, que não confia no que vão fazer. A gente tem que confiar naquilo que está fazendo.

(Tayane): Mesmo se a pessoa não for católica, mas ela tiver fé que pode servir de instrumento para cura, a senhora acha que essa pessoa consegue benzer?

(Teresa): Consegue, a fé que manda. Tudo o que você for fazer, tem que ter a fé. Se tiver fé, tá certo. Se não tiver, não adianta nada. Você pode rezar, quatro, cinco terço que não vale nada. Você pode rezar um Pai-Nosso com Ave-Maria com fé, vale. Religião é uma disciplina<sup>241</sup>.

No trecho da entrevista realizada por D. Teresa há uma preocupação em ter na família alguém que siga os caminhos dos benzimentos. D. Teresa mesmo se disponibilizando a ensinar outras pessoas fora do seu convívio familiar, tem o interesse que a tradição da prática da benzedura continue nos membros de sua família, ela até cita sua neta, Soraia, para dar continuidade ao legado. Para D. Teresa a responsabilidade é fundamental nesse processo de formação da identidade de benzedores.

D. Teresa além de ensinar orações de benzedura de vento-virado para seu Gelson que já sabia benzer, ela também ensinou uma moça. Nesse processo de aprendizagem, a benzedeira comenta que até firmou duas guias de Santo Antônio para a aprendiz, mas a moça não conseguiu prosseguir com os ensinamentos. D. Teresa reforça que precisa de ter uma vocação para exercer a prática da benzedura. O insucesso desse aprendizado pode ser atribuído à falta de dom da moça para realizar os benzimentos. Como mencionado pelos benzedores, o dom da benzeção é algo dado por Deus. Mas é necessário que o despertar desse dom seja desenvolvido por meio da prática, que não se resume somente no momento da benzeção.

Em relação ao futuro da prática de benzedura, D. Teresa se mostra ser mais positiva em relação aos outros benzedores, entende que novas pessoas irão exercer esse ofício, mas para isso é necessário que expressem sua fé. A relação da juventude com as práticas religiosas é evidenciada por ela: “Mas, agora, esses *novo* agora, não quer aprender não. Nem na missa eles quer ir”<sup>242</sup>. D. Teresa, assim como os outros benzedores, ressalta que não há entusiasmo ou disposição dos mais jovens para acompanhar os rituais religiosos como a missa ou até mesmo com outros rituais, conforme D. Léa: “[...] não gosta dessas coisas não. Não aprende nem como pegar no terço”<sup>243</sup>. O desenvolvimento da prática da benzedura precisa ser nutrido a partir da

<sup>241</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis e Soraia Geralda Santos a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

<sup>242</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis e Soraia Geralda Santos a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

<sup>243</sup> Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Oliveira em 03/10/2020.

vivência religiosa. D. Teresa diz que: “religião é uma disciplina”. A prática da benzedura se manifesta com a constante experiência da fé, por meio da participação dos rituais religiosos que os benzedores vivenciam dentro e fora de suas comunidades religiosas. A fé em Deus, em si próprio, e na forma como conduzem sua prática reforça o comprometimento com seu ofício da cura. Dessa forma, a prática da benzedura deve estar atrelada a manifestação da fé do benzedor.

A transmissão é o caminho pelo qual os benzedores dão continuidade à tradição da prática de benzedura. Através da oralidade, dos gestos, das orações enunciadas a transmissão perpetua esses saberes. Como observado nos relatos anteriores, a percepção dos benzedores é a de que não há por parte dos filhos dos benzedores e nem por parte de terceiros o interesse de se tornar um benzedor. Para os benzedores, esse desinteresse ocorre, principalmente, por não haver comprometimento religioso necessário para seguir nesse ofício. A socióloga francesa Danièle Hervieu-Léger (2015) nos chama atenção para o conceito de modernidade religiosa, no qual compreende que há uma desvinculação da geração anterior com a geração mais nova em relação a religião, não há uma obrigatoriedade em seguir a mesma religião que a dos seus pais e avós. De acordo com a socióloga:

A religião deixa de fornecer aos indivíduos e grupos o conjunto de referências, normas, valores e símbolos que lhes permitiam dar um sentido à sua vida e às suas experiências. Na Modernidade, a tradição não constitui mais um código de sentido que se impõe a todos. [...]

Esse ‘jogo com o código’ constitui a dinâmica da tradição e sua capacidade de se transformar no tempo. O que é especificamente ‘moderno’ não é o fato de os homens ora se aterem ora abandonarem a religião, mas é o fato de que a pretensão que a religião tem de reger a sociedade inteira e governar toda a vida de cada indivíduo foi-se tornando ilegítimo, mesmo aos olhos dos crentes mais convictos e mais fiéis. Nas sociedades modernas, a crença e a participação religiosa são ‘assunto de opção pessoal’: são assuntos particulares, que dependem da consciência individual e que nenhuma instituição religiosa ou política pode impor a quem quer que seja (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 34).

Hervieu-Léger (2015) aborda que os efeitos da modernidade religiosa geram desregulação identitária nas instituições tradicionais, desestruturação da memória coletiva religiosa e dificuldade de transmitir valores religiosos para a próxima geração. Tendo como base o conceito de modernidade religiosa de Hervieu-Léger, podemos compreender a crise da transmissão geracional da prática de benzedura, muitos desses filhos não se veem obrigados a seguir essa prática como ofício de vida. Mesmo que a benzedura seja algo realizado com frequência pelos benzedores e essa memória esteja presente e viva em suas vidas. A autora indica que:

A ruptura entre a crença e a prática constitui o primeiro índice do enfraquecimento do papel das instituições guardiãs das regras da fé. Mas o aspecto mais decisivo desta ‘perda de regulamentação’ aparece principalmente na liberdade com que os indivíduos ‘constroem’ seu próprio sistema de fé, fora de qualquer referência a um corpo de crenças institucionalmente validado (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 42).

A individualização e a subjetividade marcam a forma como esses indivíduos experienciam seu sistema de fé, fazendo com que se apropriem de crenças que lhe dão sentido na sua vivência religiosa.

Por conseguinte, durante o desenvolvimento da pesquisa tive a oportunidade de entrevistar Angélica Aparecida de Matos Silva e Stella Mirtes Gomes Louvera, as duas entrevistadas estão habituadas com o universo da benzedura e, além disso, elas têm familiares que foram e são benzedores.

Angélica foi a pessoa que me apresentou D. Maria Helena. Angélica é uma mulher negra, tem 28 anos de idade e ensino médio completo, ela tem uma filha de três anos de idade. Ela é católica, mas não frequenta as cerimônias religiosas. Angélica é neta da benzedeira D. Francisca Belavina Matos, conhecida no bairro Vila Nossa Senhora de Fátima. Angélica cresceu convivendo com pessoas que iam até a sua casa benzer de cobreiro ou procurar a sua avó para indicar algum remédio feito de ervas medicinais. Sua avó deixou de benzer por causa de problemas de saúde que a debilitaram deixando acamada. Angélica comenta ainda que sua mãe recentemente começou a benzer de cobreiro, benzimento que foi ensinado pela sua avó. No entanto, quando suspeita que sua filha está com ventre-virado ou quebrante procura outras benzedoiras. Ela foi até a D. Maria Helena através de uma indicação de uma vizinha.

Sobre o futuro da prática da benzedura, Angélica acredita que a prática continuará, mas “não como antigamente”<sup>244</sup>, a prática será reduzida porque as pessoas não acreditam tanto nos benzimentos ou têm preferência em ir ao médico.

Sobre aprender a benzer, Angélica diz o seguinte:

(Tayane): Você viu a sua avó benzendo, agora a sua mãe, você nunca teve interesse em aprender a benzer também?

(Angélica): Não, eu prefiro ir só lá levar mesmo. Mas assim pra mim fazer isso, não tenho essa vontade não. Pelo menos não por enquanto.

(Tayane): Por que, assim?

(Angélica): Uai, acho que... não sei, Tayane. Eu não tenho essa **vontade**<sup>245</sup> não. Eu acredito nas outras pessoas fazendo. Eu não tenho esse dom ainda não<sup>246</sup> (grifo nosso).

<sup>244</sup> Entrevista concedida por Angélica Aparecida de Matos Silva a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira em 12/07/2021.

<sup>245</sup> Angélica fala com ênfase.

<sup>246</sup> Entrevista concedida por Angélica Aparecida de Matos Silva a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira em 12/07/2021.

Stella é uma mulher negra, tem 50 anos de idade, é formada em Educação Física, trabalha como técnico administrativo na Unidade de Pronto Atendimento - UPA em São João del-Rei. Antes da pandemia da COVID-19, costumava ir até a D. Teresa para se benzer, principalmente, quando sentia que estava cansada e esgotada. Ela conheceu D. Teresa através de sua neta Soraia, quando as duas jogavam handebol na adolescência. Stella é católica, ela nasceu em uma família, na qual os pais eram umbandistas e cujos membros possuem mediunidade. Ela comenta que seus pais também realizavam benzimentos. Ela relata que seu pai benzia de espinhela-caída<sup>247</sup> quando ela sentia alguma dor nas costas. De acordo com Stella, seus pais criaram todos os filhos na Umbanda. Com o falecimento deles durante sua infância e adolescência, os irmãos seguiram para a religião católica. Stella acredita em pretos-velhos, nos orixás, e tem Iansã como protetora. Stella tem grande devoção a Nossa Senhora do Carmo, que a intercedeu em questões de saúde. Além de Nossa Senhora do Carmo, Stella é devota de Santa Bárbara, São Sebastião e São Jorge. Ela tem o costume de fazer novenas a esses santos e rezar o terço. Stella acompanha ainda o programa do padre Reginaldo Manzotti. Apesar do seu histórico familiar e de acreditar no poder das benzeções, Stella nunca pensou em ser benzedeira, de acordo com ela:

(Tayane): Você já pensou em ser benzedeira?

(Stella): Não, eu não. Eu nunca pensei nisso. Eu não sei se eu tenho esse dom para benzer. A gente também tem que sentir né que consegue. Eu acho que não. Eu sou muito mole [risos]. Eu choro demais, eu fico nossa.... eu acho que eu ia adoecer muito rápido para ajudar os outros. Porque, eu já adoço, só de ver eu já adoço, imagina. Ai, sei lá. Deus sabe, Deus sabe escolher. Sabe as pessoas certas, eu acho [pausa]. Tem que ter muita dedicação, a pessoa tem que se dedicar. Dedicar mesmo<sup>248</sup>.

Nos dois casos apresentados tanto Angélica como Stella tiveram convívio com as práticas de cura e acreditam no poder dos benzimentos. Angélica é católica, mas não é praticante, no momento parece estar desvinculada dos ritos religiosos, mas não descarta a possibilidade de um dia aprender a benzer. Como pontua Hervieu-Léger, torna-se corriqueiro em uma sociedade “crer sem aderir a uma Igreja ou a uma instituição” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 51). Nesse caso, a prática da benzedura também.

<sup>247</sup> Espinhela-caída também é denominada por peito aberto ou arca-caída. Cientificamente é conhecida como lumbago. A espinhela-caída acontece quando há um desvio ósseo no apêndice xifoide localizado no osso esterno devido a algum esforço repetitivo. A espinhela-caída causa dores na boca do estômago, costas e pernas. Para verificar se a pessoa está com espinhela-caída costuma-se medir com barbante o comprimento dos braços para ver se estão iguais. Se a pessoa estiver com o comprimento dos braços desiguais, ela está com espinhela-caída. Ver em: WIKIPÉDIA. **Espinhela**. Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Espinhela>>. Acesso em: 10 fev. 2022.

<sup>248</sup> Entrevista concedida por Stella Mirtes Gomes Louvera a Tayane Oliveira em 01/07/2021.

Stella, por sua vez, apresenta uma vivência religiosa mais diversa e desenvolvida, sua religiosidade transita pela devoção aos santos católicos e entidades das religiões afro-brasileiras. Como nos indica Hervieu-Léger, a individualização e a liberdade de escolha contribuem para a constituição dos sistemas de fé, o que gera a bricolagem das crenças.

Os indivíduos fazem valer sua liberdade de escolha, ‘cada qual retendo para si as práticas e as crenças que lhe convêm’. O significado atribuído a essas crenças e a essas práticas pelos interessados se afastam, geralmente, de sua definição doutrinal. Elas são triadas, remanejadas e, geralmente, livremente combinadas a temas emprestados de outras religiões ou de correntes de pensamento de caráter místico ou esotérico (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 43).

Um ponto que alinha as narrativas de Angélica e Stella é o fato ambas não consideram que tenham o dom para exercer a prática da benzedura, sendo este um dos motivos para não exercer esse ofício. Candau nos mostra que “todo ato de ruptura deliberada com a tradição, toda recusa de transmissão, é ainda um reconhecimento da ação que essa memória exerce no grupo” (CANDAU, 2012, p. 130).

Além do comprometimento religioso, ter o dom é compreendido como outro elemento essencial para que o ofício da benzedura se manifeste. Podemos observar isso nas narrativas dos benzedores. De acordo com seu Gelson e minha avó Ana:

(Tayane): Então, mas para que tipo de pessoa esse conhecimento tem que ter passado?

(Gelson): Não tem uma pessoa específica não. Igual, eu estou dizendo para você, se a pessoa está de coração aberto, tá pronta para fazer o bem e tem o desejo de aprender, a gente passa as orações, a gente passa o ensinamento. Agora se a pessoa, realmente tem o dom e quer praticar, ela vai seguir em frente, né. É como dizem, não basta você querer saber, o dom também conta muito.

(Tayane): Então, é necessário ter o dom e a fé para benzer?

(Gelson): O dom e a fé para fazer a benzeção, realmente<sup>249</sup>.

(Tayane): É, a senhora acha que pra benzer, você precisa ter um dom ou a pessoa precisa ter só a fé?

(Ana): Não, tem que rezar pelo menos uma Ave-Maria.

(Tayane): Então, assim a benzedeira, as pessoas que benzem, elas têm um dom ou elas só precisam ter a fé?

(Ana): Não, ela tem a fé e o dom. O dom é de rezar pra aquilo que tá pedindo, entendeu?

(Tayane): Esse dom vem de Deus?

(Ana): Pois é! É sim. Porque o dom que Deus te deu. Nós não pode de dar não. É Deus é que te dá, entendeu?

(Tayane): Entendi<sup>250</sup>.

A relação do dom divino e do aprendizado no ofício da benzedura ocorre através do desenvolvimento das práticas religiosas em seu amplo sentido. Seu Gelson nos mostra no seu relato que não existe uma pessoa específica para passar seus ensinamentos sobre a benzedura,

<sup>249</sup> Entrevista concedida por Gelson Aparecida de Faria a Tayane Oliveira em 14/09/2020.

<sup>250</sup> Entrevista concedida por Ana de Jesus Rodrigues em 25/01/2016.

mas ele evidencia que ter o dom contribui para dar prosseguimento nesse ofício. Mesmo transmitindo os ensinamentos para quem deseja aprender a benzedura, é necessário a manifestação do dom divino para iniciar nesse ofício de cura, e esse dom, vocação ou inclinação não pode ser concedido por eles. Os benzedores compreendem que o dom é algo que está fora de suas instâncias, é algo que não podem doar ou ensinar. Mas para Deus isso é possível. Nas palavras de minha avó: “Pois é! É sim. Porque o dom que Deus te deu. Nós não pode dar não. É Deus é que te dá, entendeu?”<sup>251</sup>

*O saber sagrado como herança e missão se desenha dentro de um universo regido pelos valores rituais. Isto é, cada elemento do mundo natural e sobrenatural possui um sentido que se originou numa fonte superior. É de Deus, o Criador, que procede o sentido das coisas, pessoas animais e plantas: enfim, tudo está inserido numa hierarquia divina. Os iniciados se distinguem porque reconhecem uma trama de relativização nessa hierarquia, ou seja, se Deus está acima de todos, os demais componentes dos mundos natural e sobrenatural dividem entre si as possibilidades de estarem ora acima, ora abaixo nas relações de influência (PEREIRA; GOMES, 2018, p. 115-116, grifo dos autores).*

Assim, o que é tangível para os benzedores e aspirantes ao ofício da benzedura está relacionado à vivência da prática religiosa e a responsabilidade com o ofício. Sem esse envolvimento não há como se desenvolver no processo de formação de identidade do benzedor ou benzedeira.

A continuidade desse ofício se relaciona com a percepção do tempo passado, presente e futuro. A experiência e a expectativa sobre a prática de benzedura são uma condição prévia compartilhada na vida dos benzedores (KOSELLECK, 2007, p. 308).

O historiador Reinhart Koselleck propõe as categorias de espaço de experiência e horizonte de expectativa como categorias meta-históricas de análise do tempo histórico. Koselleck nos indica que a categoria espaço de experiência está relacionada com a formação da experiência que elaboramos sobre o passado de forma racional ou inconsciente pelos indivíduos, instituições e gerações, seria a forma como se presentifica o passado através de comportamentos e memórias. E, a categoria horizonte de expectativa relaciona-se com a perspectiva futura realizada no presente, ou seja, lança no presente uma projeção futura (KOSELLECK, 2007, p. 309-310). As duas categorias não são conceitos opostos, mas a tensão gerada entre elas indica “uma diferença temporal no hoje, na medida em que entrelaçam passado e futuro de maneira desigual” (KOSELLECK, 2007, p. 313-314). Dessa forma, quanto mais próximas as categorias estiverem, mais elas estarão embasadas na experiência do passado. E, quanto mais afastadas, elas se baseiam nas expectativas futuras.

---

<sup>251</sup> Entrevista concedida por Ana de Jesus Rodrigues em 25/01/2016.



Nesse sentido, a percepção do horizonte de expectativa e espaço de experiência se manifestam no campo religioso dos benzedores a partir de sua prática de cura. Como ressaltado no primeiro capítulo, o grupo de benzedores entrevistados está inserido na terceira idade, com a idade variando entre 62 anos e 94 anos de idade, e é majoritariamente católico. Tendo como base a idade dos benzedores e sua vivência religiosa podemos relacionar a “crise de transmissão” apontada por Hervieu-Léger (2015) com as mudanças nas dinâmicas das filiações religiosas na sociedade brasileira. Esses benzedores passaram por um longo período de suas vidas, no qual a experiência religiosa predominante em suas comunidades era o catolicismo. Visto que a religião católica, segundo o IBGE, representasse mais de 90% da população brasileira até a década de 1970, o número de adeptos diminuiu chegando a 64,7% no censo de 2010<sup>252</sup>. De acordo com Faustino Teixeira:

Os últimos censos realizados no Brasil apontam para esse enfraquecimento ou mesmo declínio da figura do praticante católico. Fala-se hoje no catolicismo como ‘doador universal’, na medida em que ‘se tornou o principal celeiro no qual outros credos arrematam adeptos’ (TEIXEIRA, 2009, p. 23).

Esse declínio pode ser observado a partir de duas grandes linhas, de acordo com José Eustáquio Diniz Alves (2018)<sup>253</sup>, o progressivo crescimento do número de pessoas filiadas à religião evangélica, na década de 1970 correspondiam a 5,2% da população, no censo de 2010 saltaram para 22,2%<sup>254</sup>. E o aumento da pluralidade religiosa e das pessoas “sem religião”, em relação ao número de cristãos, aqui entendidos como a somatória de católicos e evangélicos sendo que “o percentual de cristãos [caiu] de 97% em 1970, para 89,3% em 2000 e para 86,8% em 2010” (ALVES, J; *et. al*, 2017, p. 217).

Sobre os indivíduos denominados “sem-religião”, Ariana Rumstain e Ronaldo de Almeida nos mostram que:

O universo dos sem religião é variado: ateus, indiferentes à religião e sobretudo católicos não praticantes. [...] Se existe algo de geral que possa definir o ‘sem-religião’ é de que se trata de uma figura sem vínculo institucional estável. Entre os indivíduos que se declaram como ‘sem-religião’ pode se observar a nítida dissociação entre

---

<sup>252</sup> AZEVEDO, Reinaldo. **O IBGE e a religião — Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%**. [31/07/2020]. <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>>. Acesso em: 09. dez. 2021.

<sup>253</sup> ALVES, José Eustáquio Diniz. **Transição Religiosa – Católicos abaixo de 50% até 2022 e abaixo do percentual de evangélicos até 2032**. [05/12/2018]. EcoDebate. Ver em: <<https://www.ecodebate.com.br/2018/12/05/transicao-religiosa-catolicos-abaixo-de-50-ate-2022-e-abaixo-do-percentual-de-evangelicos-ate-2032-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>>. Acesso em: 10. dez. 2021.

<sup>254</sup> AZEVEDO, Reinaldo. **O IBGE e a religião — Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%**. [31/07/2020]. <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>>. Acesso em: 09 dez. 2021.

filiação e identidade religiosas, de um lado, e crenças e práticas, de outro (RUMSTAIN; ALMEIDA, 2009, p. 48).

A leitura da configuração da sociedade a partir da mobilidade religiosa permite compreender as dinâmicas estabelecidas pelos sujeitos sociais. Os benzedores, nesse processo social, podem ser definidos como sujeitos “praticantes”, como nos indica Hervieu-Léger:

[...] a figura emblemática do “praticante” é a que manifesta no dia a dia o vínculo existente entre a crença e à permanência das comunidades no seio das quais essas identidades se transmitem e se exprimem. É este ideal da participação religiosa que, hoje, se confronta com a mobilidade das pertenças, com a desterritorialização das comunidades, com a desregulação dos procedimentos da transmissão religiosa e com a individualização das formas de identificação (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 85).

Vale ressaltar que a maioria dos benzedores analisados iniciaram no ofício da benzedura na infância e no início da fase adulta, percebe-se que a vivência religiosa está fortemente vinculada com sua prática de cura, essa relação faz parte de sua identidade. Como nos relata seu Gelson:

(Tayane): Como o senhor relaciona a sua religião com essa prática de benzedura?  
 (Gelson): O relacionamento com a benzeção e com a oração é a mesma, né. Porque, através da minha oração né, da minha fé católica é que eu pratico a benzeção, né. Que eu falo, que todos falam benzeção, mas eu considero como oração, eu faço oração para as pessoas intercedendo aos santos, aos anjos, né. E aí os ensinamentos que eu aprendi<sup>255</sup>.

Se o processo de formação de identidade dos benzedores está vinculado a sua vivência religiosa, perceber que não há uma mesma noção de fé, crença nos aspirantes ao ofício da benzedura rompe com o legado dessa tradição, fazendo com que muitos benzedores desacreditem na continuidade da prática. Assim, para esses benzedores as categorias de espaço de experiência e horizonte da expectativa se distanciam, estabelecendo uma noção pautada nas experiências do passado, em que a projeção do futuro é vista de forma negativa. O “prognóstico” dos benzedores lançado sobre o horizonte de expectativa em relação à tradição da prática da benzedura não corresponde ao seu passado vivenciado, assim, “[...] o que se espera para o futuro está claramente limitado de uma forma diferente do que foi experimentado no passado” (KOSELLECK, 2007, p. 311).

---

<sup>255</sup> Entrevista concedida por Gelson Aparecida de Faria a Tayane Oliveira em 14/09/2020.

Koselleck (2007, p. 308) ressalta que as duas categorias “entrelaçam passado e futuro”, mas não há “um único tempo histórico, mas sim de muitos, sobrepostos uns aos outros” (KOSELLECK, 2007, p. 14). Dessa forma, os prognósticos lançados e as concepções temporais não condicionam a experiência de forma fixa e inalterada, o espaço de experiência também pode despertar para novas expectativas. De acordo com o autor:

Mas os prognósticos também são determinados pela necessidade de se esperar alguma coisa. Voltada para um campo de ação mais amplo ou mais estreito, a previsão libera expectativas, a que se misturam também temor ou esperança. As condições alternativas têm que ser levadas em conta, pois sempre entram em jogo possibilidades que contêm mais do que a realidade futura é capaz de cumprir. Assim, um prognóstico abre expectativas que não decorrem apenas da experiência. Fazer um prognóstico já significa modificar a situação de onde ele surge. Noutras palavras: o espaço de experiência anterior nunca chega a determinar o horizonte de expectativa. Por isso não se pode conceber uma relação estática entre espaço de experiência e horizonte de expectativa. Eles constituem uma diferença temporal no hoje, na medida em que entrelaçam passado e futuro de maneira desigual. Consciente ou não, a conexão que criam, modificando-se, possui uma estrutura de prognóstico. Talvez tenhamos ressaltado uma característica do tempo histórico que pode indicar sua capacidade de se modificar (KOSELLECK, 2007, p. 313-314).

Dessa maneira, podemos compreender que a expectativa dos benzedores lançada sobre o futuro da tradição da prática de benzedura situa-se em um tempo com camadas sobrepostas nas quais a tensão estabelecida entre o passado e o futuro gera no presente a reflexão, não somente da continuidade da tradição para próxima geração, assim como sua própria existência no tempo.

### **3.2. Reinvenção da transmissão: novos caminhos para prática da benzedura**

A transmissão da prática da benzedura se realiza através da oralidade, e tem na base familiar sua forma de perpetuação. Como observado, o horizonte de expectativa sobre a prática se mostra de forma negativa, devido à crise da transmissão. Hervieu-Léger nos mostra que:

De modo geral, a transmissão regular das instituições e dos valores de uma geração a outra é, para toda sociedade, a condição de sua sobrevivência no tempo. Nas sociedades tradicionais, rituais de iniciação marcam solenemente a entrada dos jovens na comunidade dos adultos. Ao mesmo tempo em que esses ritos efetuam e significam a incorporação social e simbólica dos novos iniciados no grupo, eles conferem aos jovens a responsabilidade de assegurar por sua vez essa continuidade, de geração em geração. Entendemos bem, todavia, que ‘continuidade’ não significa ‘imutabilidade’. Em outras sociedades, a continuidade é garantida sempre na e pela mudança. E essa mudança coloca inevitavelmente as novas gerações em oposição às antigas (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 57).

De uma forma contrastante, a permanência de uma tradição decorre através da realização de mudanças e transformações que impedem que a transmissão desse conhecimento

se mantenha inerte no tempo. Se a transmissão dos conhecimentos não ocorre através da família - seja por diferentes motivos como: desinteresse, incapacidade, questões de saúde, mortalidade, crenças religiosas diferentes ou outras razões - o resgate a esses saberes sobre a prática da benzedura acontece a partir da criação de cursos de benzimento ou mesmo através da realização de eventos, como encontros de benzedores em que compartilham suas experiências de vida. Durante o desenvolvimento do percurso da pesquisa, tive o conhecimento de dois eventos que aconteceram em São João del-Rei e Tiradentes<sup>256</sup>.

Em São João del-Rei, no Espaço Holístico “Rafael Costa - Terapias Naturais”<sup>257</sup>, no dia 13 de julho de 2019, foi realizado o curso “Benzimento - Tradição Milenar”<sup>258</sup>, que foi ministrado pelo terapeuta Bruno Munhoz<sup>259</sup>. Eu fiquei sabendo do curso através do *Facebook*. Eu entrei em contato com o terapeuta Rafael Costa, um dos organizadores do evento, falei sobre o que se tratava a minha pesquisa, e disse que tinha o interesse de entrevistá-lo, assim como ao terapeuta Bruno, responsável pelo curso. Tanto Rafael como Bruno concordaram com a entrevista. O curso tinha um investimento, mas consegui uma bolsa com os organizadores para poder participar das atividades.

Rafael Costa tem 39 anos de idade, é terapeuta holístico e professor de terapias naturais, tem graduação em Filosofia pela UFSJ. Trabalha, principalmente, com a criação de cursos ligados à área holística e energética. Rafael começou a atuar nesta área realizando cursos como expansão do trabalho espiritual que já realizava, ligado a Umbanda, em que trabalha com uma Vovó<sup>260</sup>. Ele alugava salas na UFSJ para ministrar seus cursos referentes às práticas integrativas, principalmente, relacionadas ao *reiki*<sup>261</sup> e a homeopatia<sup>262</sup>. Em 2017, conseguiu

<sup>256</sup> Tiradentes é uma cidade vizinha a São João del-Rei. Ver em: PREFEITURA DE TIRADENTES. Disponível em: <<https://www.tiradentes.mg.gov.br/pagina/6427/Hist%C3%B3ria%20e%20Turismo>>. Acesso em: 10 mai. 2021.

<sup>257</sup> O espaço Rafael Costa - Terapias Naturais fica localizado no bairro Rio Acima, na Rua Maria Leocádia da Silva Rosa, s/n.

<sup>258</sup> Curso Milenar de Benzimento. Ver em: <<https://www.facebook.com/events/sao-joao-del-rei-minas/curso-milenar-de-benzimento-s%C3%A3o-jo%C3%A3o-del-rei-mg/401671950423712/>>. Acesso em: 06 nov. 2020.

<sup>259</sup> Bruno Munhoz. Ver em: <[https://munhozholismoquantico.com/?page\\_id=7](https://munhozholismoquantico.com/?page_id=7)>. Acesso em: 08 nov. 2020.

<sup>260</sup> Vovó é uma das denominações das entidades espirituais da Umbanda conhecidas como pretos-velhos.

<sup>261</sup> O *reiki* é uma prática espiritual de origem japonesa caracterizada pela imposição das mãos com o objetivo de restabelecer o equilíbrio da mente e do corpo. Ver em: FREITAG, Vera Lucia; ANDRADE, Andressa de; BADKE, Marcio Rossato. **O reiki como forma terapêutica no cuidado à saúde: uma revisão narrativa da literatura.** Revista Enfermería Global. Universidad de Murcia, v. 14, n. 38, 2015. Disponível em: <<https://revistas.um.es/eglobal/article/view/200511/174261>>. Acesso em: 14 set. 2021.

<sup>262</sup> A homeopatia é um tratamento médico de caráter holístico, que tem como base de atuação no paciente em sua integralidade, diferente da prática médica alopata que foca no tratamento da doença. Outra característica da homeopatia é o uso do princípio ativo da medicação em quantidades muito diluídas para que estimular a autocura no organismo, e não o agredir com uma dosagem elevada. Ver em: BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE - MINISTÉRIO DA SAÚDE. **21/11 – Dia Nacional da Homeopatia.** Disponível em: <<https://bvsm.sau.de.gov.br/21-11-dia-nacional-da-homeopatia-2/>>. Acesso em: 22 fev. 2022.

inaugurar o Espaço Holístico em Carrancas (MG), mas as dificuldades de deslocamento do pessoal que participava das aulas e a situação econômica dificultaram a permanência no local<sup>263</sup>.

Figura 25: Rafael Costa: terapeuta holístico



Fonte: Rafael Costa. São João del-Rei, s/d<sup>264</sup>.

O curso de benzimento marcou a inauguração do Espaço Holístico em São João del-Rei, o espaço visa a realização de cursos todo final de semana, não só ministrados por Rafael como por outros professores de áreas afins. Sobre o curso de benzimento, Rafael fala sobre a iniciativa de oferecê-lo no Espaço:

(Rafael): Sim, então esse curso quem me apresentou ele pela primeira vez foi uma aluna do curso que a gente deu de Fitoterapia lá em Carrancas. E aí ela me falou desse curso do Bruno. A princípio, eu fiquei meio receoso, benzimento, eu não conhecia o Bruno também, e fiquei com várias dúvidas, até entrar em contato com o Bruno. E aí conversei com ele, ele esclareceu vários pontos. E aí, realmente, eu concordei com a ideia dele de que realmente, esse foi um conhecimento que ao longo do tempo tem se perdido né, seja de uma forma ou de outra. Aí, eu convidei ele para poder dar o curso lá em Carrancas, então o curso de benzimento lá, foi o curso que deu mais público, tivemos 18 alunos. Foi muito bom, e esse ano resolvi chamar ele para inaugurar o Espaço Holístico, aqui com esse curso. Eu acho que, realmente, a gente não pode

<sup>263</sup> Entrevista concedida por Rafael Costa a Tayane Oliveira em 13/07/2019.

<sup>264</sup> Ver imagem em: <<https://rafaelcostaterapias.com.br/>>. Acesso em: 18 fev. 2022

deixar isso morrer. É, eu sei que tem várias questões ligadas a isso, mas, nós isso... O nosso foco é tentar não deixar isso morrer, seja da forma que for. Então, a iniciativa foi essa, né. Tentar resgatar tanto esse curso de benzimento, como outras, outros conhecimentos que tem se perdido ao longo do tempo. Então, o curso de ‘Plantas medicinais’, de ‘Raízes’ são cursos que a gente tenta colocar aqui também, trazer pra cá, pra poder tá resgatando isso de uma forma ou mantendo esse conhecimento vivo de alguma forma<sup>265</sup>.

Bruno Munhoz nasceu em Belo Horizonte (MG). Tem 39 anos de idade, possui licenciatura em Física, mas atua como terapeuta holístico em vários segmentos espirituais como: *reiki*, cromoterapia<sup>266</sup>, numerologia<sup>267</sup>, runas<sup>268</sup> entre outras práticas<sup>269</sup>. Bruno relata que sua vivência religiosa se inicia com o catolicismo, mas a partir do ano 2004 a 2005, a religião católica começou a não responder certas questões. Bruno se tornou umbandista, ele participou de dois centros de Umbanda e trabalhou num centro espírita<sup>270</sup>. Ele comenta ainda que: “Hoje, eu sou e me considero espiritualista universalista, se assim se pode dizer que sou teísta, acredito em Deus e tudo que está entre Ele e eu”<sup>271</sup>. Em seus benzimentos ele invoca somente o nome de Deus e do Filho, porque segundo ele: “são elementos do Criador e da Criação. Criador aquele que tudo cria e da Criação, que seria a materialização desse Criador”<sup>272</sup>. Ademais, Bruno relata que quando benze manifestam dentro do seu campo psíquico duas entidades da Umbanda: Mãe Lígia de Angola e Pedro de Minas, uma preta-velha<sup>273</sup> e um boiadeiro<sup>274</sup> que o protegem durante os benzimentos.

A relação de Bruno com as religiões caminha em direção ao pensamento de Hervieu-Léger (2015) sobre o surgimento de dois sujeitos, que retratam a modernidade religiosa: “as

<sup>265</sup> Entrevista concedida por Rafael Costa a Tayane Oliveira em 13/07/2019.

<sup>266</sup> A cromoterapia é um tratamento que se baseia no uso das cores para estabelecer a harmonia entre corpo, mente e emoções. Cada cor tem uma especificidade que quando acionadas atuam nos chacras e nos órgãos estabelecendo seu equilíbrio. Ver em: PERSONARE. **O que é cromoterapia?** Disponível em: <<https://www.personare.com.br/conteudo/o-que-e-cromoterapia-2-m6751>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

<sup>267</sup> Numerologia corresponderia ao estudo dos significados e da influência dos números na vida das pessoas. Ver em: FOLHA/UOL. **O que é numerologia?** Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/webstories/cultura/2020/12/o-que-e-numerologia/>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

<sup>268</sup> Runas é um método de adivinhação composto por 24 peças feitas de madeira ou ossos com inscrições de letras do alfabeto nórdico. As peças também são utilizadas como amuletos de proteção. Ver em: TESTONI, Marcelo. **O que significam e como jogar as runas nórdicas.** Super Interessante [17/04/2018]. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-significam-e-como-jogar-as-runas-nordicas/>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

<sup>269</sup> Ver em: <[https://munhozholismoquantico.com/?page\\_id=7](https://munhozholismoquantico.com/?page_id=7)>. Acesso em: 08 nov. 2020.

<sup>270</sup> Entrevista concedida por Bruno Munhoz de Sá a Tayane Oliveira em 13/07/2019.

<sup>271</sup> Entrevista concedida por Bruno Munhoz de Sá a Tayane Oliveira em 13/07/2019.

<sup>272</sup> Entrevista concedida por Bruno Munhoz de Sá a Tayane Oliveira em 13/07/2019.

<sup>273</sup> Entidade espiritual ligada às religiões afro-brasileiras representam a linha dos pretos-velhos, entidades com perfil associado a pessoas negras idosas que foram escravizadas. Costumam ser procurados nos terreiros para aconselhar e realizar benzimentos.

<sup>274</sup> Boiadeiro é uma entidade ligada às religiões afro-brasileiras. Os boiadeiros representam a figura mística do peão sertanejo, são vistos como resistentes às adversidades, colaboram nas curas espirituais quebrando energias negativas. Ver em: O TEMPO. **Os boiadeiros. Fé. Figura representa o peão sertanejo.** Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/o-tempo-contagem/os-boiadeiros-1.27075>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

duas figuras típicas do “peregrino” e do “convertido” nos permitem descrever a cena religiosa contemporânea como uma cena em movimento. Elas também têm a capacidade de destacar que é o indivíduo que, na verdade, está no centro” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 139). De acordo com Hervieu-Léger (2015), os convertidos são divididos em três tipos, o convertido na modernidade religiosa não é somente aquele sujeito que pertencia a uma religião e se converte para outra; os sujeitos conhecidos como os “sem-religião” que não estão inseridos em uma comunidade religiosa, se convertem quando participam de uma religião de forma inaugural. No terceiro tipo, Hervieu-Léger ressalta ainda que essa conversão pode ocorrer dentro da mesma religião de origem, quando há uma reafirmação da fé, das práticas e dogmas religiosos. O peregrino, como indica a autora, seria o sujeito em movimento, que adota vários elementos que lhe dão sentido para sua vivência religiosa. Nesse caso, Bruno que era católico se converte a Umbanda, mas também segue outros preceitos religiosos, incorpora outras crenças, terapias e práticas de origens nórdicas, ocidentais e orientais na trajetória de sua vida, ele se considera agora um “espiritualista universalista”. Hervieu-Léger nos mostra que:

[...] a ‘condição de peregrino’ se define essencialmente a partir desse trabalho de construção biográfica - mais ou menos elaborada, mais ou menos sistematizada - efetuado pelo próprio indivíduo. Essa construção narrativa de si mesmo é a trama das trajetórias de identificação percorridas pelos indivíduos. Existe formação de uma identidade religiosa quando a construção biográfica subjetiva se encontra com a objetividade da linhagem de crença, encarada em uma comunidade na qual o indivíduo se reconhece. Esclareçamos, imediatamente, que essa referência nem sempre implica a adesão completa a uma doutrina religiosa, tampouco a incorporação definitiva em uma comunidade, sob o controle de uma instituição que fixa as condições de pertença. Muito mais frequentemente, ela se insere nas operações de bricolagem que permitem ao indivíduo ajustar suas crenças aos dados de sua própria experiência. Cada um assume a responsabilidade pessoal de dar forma à referência à linhagem com a qual se identifica (HERVIEU-LÉGER 2015, p. 89).

A representação do peregrino condiz com a vivência espiritual de Bruno, seu “movimento religioso” flui de forma holística.

Figura 26: Bruno Munhoz ministrando curso de benzimento



Foto: Giana Gianasi/ Casa Versa. São João del-Rei, 13/07/2019<sup>275</sup>.

Em relação aos benzimentos, Bruno comenta que desde pequeno foi levado algumas vezes para ser benzido, e isso despertou o interesse em aprender a benzer. Na fase adulta, ele já pesquisava a respeito da prática. Em 2012, teve a oportunidade de participar de um curso de benzimento realizado por Acenyr Matos<sup>276</sup>, fundadora da fraternidade que frequentava em Belo Horizonte. A partir do curso, ele começou a benzer, sentiu que esse também era um dos seus chamados. Bruno conta que mantinha uma relação amistosa com Acenyr, ao ponto de ela considerá-lo seu filho. E além disso, os dois costumavam conversar a respeito dos cursos de benzimento. Bruno relata ainda que acreditava que estava inaugurando essa tradição na sua família, e que no futuro passaria esse conhecimento para seus filhos caso desejassem. Mas sua mãe, que não convive com ele, em uma viagem para visitar a família, comentou que sua bisavó espanhola era benzedeira, mas ele desconhece se o conhecimento dela foi transmitido para sua avó e seus tios-avôs<sup>277</sup>.

<sup>275</sup>Ver imagem em:

<<https://www.facebook.com/rafaelcostaterapiasnaturais/photos/pcb.1285271078305151/1285270828305176>>.

Acesso em: 25 fev. 2022.

<sup>276</sup> De acordo com Bruno Munhoz, Acenyr Matos faleceu em 2020. Ela trabalhava no serviço público. Foi responsável por fundar o terreiro Tsara de Oração Sol e Lua em Belo Horizonte. Informações obtidas através da rede social *Instagram* em 19 abr. 2022.

<sup>277</sup> Entrevista concedida por Bruno Munhoz de Sá a Tayane Oliveira em 13/07/2019.



Sobre a iniciativa de realizar cursos voltados para as terapias holísticas, ele diz o seguinte:

(Bruno): Aí em diante de 2012 até mais ou menos 2017, eu só estava benzendo. Em 2017, eu tive um problema que eu perdi meus dois empregos, todos como professor de Física, e tive que atuar mais profissionalmente nas terapias holísticas. E nessa época, eu resolvi que eu também queria dar cursos, e me voltei a pergunta: ‘Curso de quê?’ E um dos cursos que me veio à mente foi o curso de benzimento, e a justificativa é porque não estava tendo mais facilidade de acesso a população ao benzedor. Eles estavam ficando cada vez mais escassos e diria mais entrando em processo de extinção. Porque aqueles que podem receber por linhagem não estavam querendo ou esses benzedores estavam deixando pra transmitir o dom mais pra frente na vida e acabava adoecendo e morrendo sem transmitir esse dom<sup>278</sup>.

A partir de um problema sério como a falta de seus dois empregos como professor, Bruno viu uma oportunidade de atuar profissionalmente com as terapias holísticas e desenvolver cursos nessa área. A criação de um curso voltado para os benzimentos se deve a dificuldade na transmissão desse conhecimento para a população. De fato, podemos também apontar para o interesse pelos benzimentos desde a infância, por ter descoberto que na sua família sua bisavó também benzia, e ter tido a experiência de participar de um curso de benzimento colaboraram em sua escolha de se dedicar a essa área. A transmissão de seus conhecimentos se pauta, dessa forma, nas experiências que Bruno presenciou e nas memórias familiares que não vivenciou.

Bruno ressalta ainda sobre a elaboração do curso de benzimento:

[...] o que nós estamos nos propondo enquanto uma... não uma criação de uma nova tradição, mas de um resgate do acesso ao benzimento, enquanto facilidade. O nosso curso, e aí eu falo nosso, e não só minha pessoa, mas todo mundo que dá curso, não é substituir o benzedor clássico, o nosso curso não é resgatar a tradição, mas é resgatar o acesso ao benzedor, é isso que a gente faz. Porque resgatar a tradição do benzimento seria pedir que cada benzedor elegesse novos benzedores para as gerações seguintes. Isso não... isso seria um... forçar a barra, não é isso que a gente quer. Nós só quer que o acesso a essa dívida do benzimento seja universal como era antes<sup>279</sup>.

De fato, a tradição da prática da benzedura se mantém a partir da transmissão oral de orações, rezas e principalmente pela forma particular de compreensão do mundo. Bruno ressalta que o objetivo do curso não é criar uma “nova tradição” e nem “substituir o benzedor clássico”, podemos compreender que a imagem do “benzedor clássico” projeta uma identidade que carrega o espaço de experiência, essa projeção legitima o passado a ponto de retomar seu acesso a ele. As orações, os preceitos e procedimentos apreendidos no curso, não diferem tanto dos apreendidos com “benzedores clássicos”, mas a forma de transmissão apesar de também se

<sup>278</sup> Entrevista concedida por Bruno Munhoz de Sá a Tayane Oliveira em 13/07/2019.

<sup>279</sup> Entrevista concedida por Bruno Munhoz de Sá a Tayane Oliveira em 13/07/2019.

realizar através da oralidade, não estabelece memórias do cotidiano familiar sobre a prática. No entanto, o curso oferece uma oportunidade para ter acesso a esse conhecimento, principalmente para geração que mesmo tendo o contato com os benzedores não aprendeu a benzer.

Sobre o curso realizado em São João del-Rei, a ementa consistia em abordar sobre a história do benzimento e como ele é visto dentro da sociedade. Se discutiu sobre o poder da palavra. Quais são e como funcionam as rezas; quais são os preceitos para realizar a benzedura; e quais objetos são utilizados nesse processo. A carga horária do curso foi de 6 horas e houve emissão de certificado.

O curso contou com a participação de 11 pessoas, sendo 10 mulheres e 1 homem. Bruno comenta que pessoas que procuram o curso de benzimento pertencem a todas classes sociais, e ressalta ainda que oferece bolsas para quem realmente deseja fazer.

Figura 27: Curso de Benzimento



Foto: Giana Gianasi/Casa Versa. São João del-Rei, 13/07/2019<sup>280</sup>.

---

<sup>280</sup>Ver imagem em:

<<https://www.facebook.com/rafaelcostaterapiasnaturais/photos/pcb.1285271078305151/1285270668305192/>>.  
Acesso em: 25 fev. 2022.

Para os participantes, foi oferecido como material didático para cada aluno, um kit contendo: um novelo de linha, agulha e um pedaço de tecido branco para confeccionarmos um patuá e treinarmos o benzimento de coser jeito<sup>281</sup>.

Figura 28: Objetos usados no curso de benzimento



Foto: Giana Gianasi/Casa Versa. São João del-Rei, 13/07/2019<sup>282</sup>.

E foi entregue ainda aos participantes uma apostila em arquivo PDF, que continha informações a respeito dos procedimentos para realizar a prática da benzedura, várias orações, além de informações sobre ervas medicinais e seus usos para banhos e defumações. Bruno ressalta que apenas o uso da apostila não garante o completo entendimento sobre a prática de cura. De acordo com ele:

(Bruno): [...] então, ele pode ter o acesso aquela apostila, mas sem entender completamente o que aquela apostila fala. Somente quem faz o curso, da mesma forma que as pessoas podem aprender algumas rezas de tanto ouvir o benzedor falando, mas não entende o mecanismo que aquela reza fala<sup>283</sup>.

<sup>281</sup> Vídeo sobre o benzimento de coser jeito. Ver em:

<<https://www.facebook.com/rafael.terapiasnaturais.3/videos/2520332028196627>> Acesso em: 25 fev. 2022.

<sup>282</sup> Ver imagem em:

<<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1285270948305164&set=pcb.1285271078305151>>. Acesso em: 25 fev. 2022.

<sup>283</sup> Entrevista concedida por Bruno Munhoz de Sá a Tayane Oliveira em 13/07/2019.

Memorizar as orações pronunciadas repetidas vezes pelos benzedores, assim como a estudar as benzeduras através da apostila sem ter apreendido os sentidos atribuídos a esse conhecimento banaliza e promove um esvaziamento desse ofício. Candau nos mostra que:

Se as sociedades modernas demonstram tendência a privilegiar os aspectos técnicos da transmissão, não é seguro que apenas o domínio de receitas, de doutrinas pedagógicas e um didatismo genuíno sejam suficientes para ‘fazer uma memória’. Temos muitos exemplos, nas sociedades tradicionais, da transmissão de saberes tomando outros caminhos tais como ritos de iniciação, as visões, a aprendizagem por impregnação, imitação etc. [...]. O simples conhecimento das regras, das ervas, dos ritos e dos objetos não serve para nada sem a visão e o poder que ele deve aguardar, sozinho [...]. Transmitir uma memória e fazer viver, assim, uma identidade não consiste, portanto, em apenas legar algo, e sim uma maneira de estar no mundo (CANDAU, 2012, p. 118).

Deste modo, no que se refere às diferenças no processo de transmissão do conhecimento e da formação da identidade dos benzedores, tanto os tradicionais, citado por Bruno, quanto aos que se formam através dos cursos, Bruno ressalta o seguinte:

(Bruno): Então, a tradição da benzedura é feita de uma forma muito iniciática. Ele tem um... a pessoa que é benzedor tradicional, ele tem alguns requisitos para que ele possa passar essa tradição. Que pode ser para uma linhagem familiar direta, por exemplo, mãe, filha, neta ou filho também direto. Pode ser saltando uma geração, por exemplo, de avó para neta ou de avô para neto. E, ela pode ser que seja como de mãe para filho sem ter muito compromisso. E acaba sendo muito exclusivista nesse sentido, que recebe o dom, é uma pessoa só da família. Então, digamos que seja uma tradição passada de mãe pra filha, quem vai receber isso no geral é sempre a filha mais velha, então os outros filhos que desejam receber essa benzeção, receber essa autorização para o benzimento. Mas, formalmente, dizendo o dom, é somente uma pessoa. As outras pessoas, elas não poderiam, elas não teriam a autorização para fazer o benzimento porque, não receberam aquele dom. Então, o que eu vejo é que se torna iniciático, porque você inicia outra pessoa nisso. Então, acaba que o benzedor, ele não consegue passar para mais pessoas, porque, uma pessoa só passa somente para uma pessoa. E acaba que algumas vezes, quer dizer algumas vezes não, a maioria das vezes aqueles que podem receber isso, que tem uma linhagem tradicional acaba não recebendo por uma questão de preconceito interno, fala que ‘é coisa de velho’, ‘coisa de gente da roça’, pra usar esse termo: ‘coisa de gente antiga, que não tem lugar no mundo’. E acaba perdendo. E no geral aqueles que desejam receber no lugar dessa pessoa não recebem porque, a tradição não permite. Então, acaba tendo essa perda do benzedor tradicional, dentro das tradições dele, porque ele não encontra segundo as regras dele, outros para receber esse dom. E, o que nós vemos enquanto pessoas que transmitem isso na forma de curso, que o dom é inerente ao ser humano, porque a conexão com Deus já está dentro de nós. Deus habita dentro de nós. Então, basta que as pessoas tenham amor pelo outro para que possam benzer. E aí, nós temos que impactar mais pessoas com o curso e formar mais benzedores, mas como eu falei, o benzedor, ele não é formado em linha de montagem, quem faz o curso nem sempre se sente tão preparado para se pôr para benzer. Então, acaba fazendo o curso, se reconhecendo como benzedor, mas não achando que é responsável suficientemente para benzer. E aí, tem isso, mas não benze, então quem faz o curso, no geral, falando por minha pessoa e por outros que tenho acesso só 30% dos formados que se abrem a isso, se põe para benzer. Então, nesse ponto que eu falo que a gente não tá formando pessoas em linha de montagem, a gente tá dando uma oportunidade no entendimento da conexão divina que tá dentro dela. Agora, se ele vai ou não se sentir pronto para isso, vai muito do coração dele. Então, acaba tendo essa diferença entre a linhagem tradicional e aquilo que estamos propondo agora. Mas no fundo o que todos nós

queremos, seja benzedores tradicionais ou seja por essa nova abordagem de trabalhar o benzimento é que o benzimento seja acessível a todos que procuram, independentemente de qualquer raça, classe, condição social ou religião, que seja aberto, que aí pode receber essa bênção de novo<sup>284</sup>.

Bruno ressalta a diferença entre as transmissões realizadas pelo benzedor tradicional. Segundo ele, a forma de transmissão, por vezes, exclusivista limita a difusão do conhecimento da benzedura para outras pessoas da família, uma vez que em uma linhagem direta, na qual um membro da geração anterior transmite somente para um membro da geração seguinte.

A partir dessas análises, podemos compreender que a aprendizagem da prática da benzedura se inicia normalmente no seio familiar como pode ser observado no primeiro capítulo. Citamos, como exemplo, a mãe de D. Maria Helena que ensinou todos os vinte dois filhos a benzer, mas somente uma pessoa despertou para esse ofício. O caráter exclusivista que a prática da benzedura apresenta na formação da identidade dos benzedores é o resultado do aprimoramento interno no qual os ensinamentos apreendidos, a religiosidade, espiritualidade, bem como o dom para benzer precisam ser desenvolvidos. Isso tanto na forma tradicional como nas novas alternativas de transmissão desse conhecimento.

De acordo com Bruno, o curso de benzimento é uma forma para ter acesso aos saberes da benzedura e de ter uma conexão com o divino, não é montar uma linha de montagem. Em relação à recepção da herança cultural, Candau nos mostra que:

[...] a transmissão é tanto emissão quanto recepção. A eficácia dessa transmissão, quer dizer, a reprodução de uma visão de mundo, de um princípio de ordem, de modos de inteligibilidade da vida social, supõe a existência de ‘produtores autorizados’ da memória a transmitir: família, ancestrais, chefe, mestre, preceptor, clero etc. Na medida em que estes serão reconhecidos pelos ‘receptores’ como os depositários da ‘verdadeira’ e legítima memória, a transmissão social assegurará a reprodução de memórias fortes. Ao contrário, quando os guardiões e os lugares de memórias tornam-se muito numerosos, quando as mensagens transmitidas são inúmeras, o que é transmitido torna-se vago, indefinido, pouco estruturante, e os ‘receptores’ possuem uma margem de manobra muito maior que lhes irá permitir lembrar ou esquecer à sua maneira (CANDAU, 2012, p. 124-125).

Como mencionado por Bruno, apenas o uso dos recursos didáticos não garante o entendimento da prática da benzedura. A facilidade de ter acesso a esses materiais produziria memórias fracas incapazes de dar sentido ao ofício da benzedura, e por sua vez formar novos benzedores. Como ele mesmo relata que somente 30% dos alunos que participam do curso são capazes de se abrir para esse ofício e se tornar benzedores de fato.

Os alunos que se interessam em participar dos cursos de benzimento podem ser vistos como peregrinos, de acordo com Hervieu-Léger (2015, p. 89). Independente da capacidade de

---

<sup>284</sup> Entrevista concedida por Bruno Munhoz de Sá a Tayane Oliveira em 13/07/2019.

se despertar para esse ofício ou não, o movimento em direção a essa prática curativa é gerado. De acordo com a socióloga:

O peregrino emerge como uma figura típica do religioso em movimento, em duplo sentido. Inicialmente ele remete, de maneira metafórica, à fluência dos percursos espirituais individuais, percursos que podem, em certas condições, organizar-se como trajetórias de identificação religiosa. Em seguida, corresponde a uma forma de sociabilidade religiosa em plena expansão que se estabelece, ela mesma, sob o signo da mobilidade e da associação temporária.

A condição moderna se caracteriza [...], pelo imperativo que se impõe ao indivíduo de produzir ele mesmo as significações de sua própria existência através da diversidade das situações que experimenta, em função de seus próprios recursos e disposições. Por isso, ele deve interpretar essa sucessão de experiências contraditórias como um caminho que tem um sentido. Isto implica particularmente que ele consiga reconstituir sua própria trajetória pela meditação de um relato (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 89).

Desse modo, o caminho a ser trilhado por esses alunos corresponderá as vivências religiosas, experiências, conhecimentos que praticam e experienciam, assim como, os sentidos atribuídos ao ofício da benzedura.

Como visto anteriormente, os benzedores, mesmo estando abertos para ensinar a prática da benzedura a outras pessoas, acreditam que o dom é dado por Deus. O benzedor se torna um escolhido. Desse modo, o ofício da benzedura se mostra como uma atividade restrita. Para Bruno, seu entendimento difere dos outros benzedores. Pois para ele, o dom é atribuído ao amor incondicional, ele seria inerente ao ser humano, dessa forma, toda pessoa o possui, mas nem sempre consegue manifestá-lo para realizar os benzimentos. Como observado por ele, a transmissão desses conhecimentos através do curso possibilita a ampliação do acesso ao dom para a benzedura. Essa diferença observada por Bruno entre os “benzedores tradicionais” e os “mais novos” demonstra a centralidade do benzedor em relação ao seu dom. Nesse sentido, podemos observar que há uma inversão na forma como se manifesta esse poder. A percepção da conexão com Deus muda entre essas gerações, o dom deixa de ser algo centrado na ação divina direta, externa e seletiva, e passa a ter um caráter colaborativo, no qual há um compartilhamento interno da ação curativa entre os benzedores e os intercessores divinos. O dom para realizar os benzimentos está disponível a todos, mas ainda assim é necessário que haja dedicação e prática para fortalecer essa conexão divina para a cura.

Rafael Costa, um dos organizadores do evento, também participou do curso de benzimento, mas não se considera um benzedor. De acordo com seu relato:

(Tayane): Você participou do curso de benzimento também?

(Rafael): Sim, lá em Carrancas, sim. Eu participei indiretamente por tá organizando, né. Mas, eu até quando o pessoal me pergunta, eu falo, ontem eu até falei: ‘Eu não sou benzedor não’. ‘Você é benzedor’. ‘Porque, eu não sou’. ‘E ele [Bruno]: ‘Não, porque você é benzedor sim’. ‘Não, eu não sou, você é que é’. Mas quando precisa, eu benzo

sim, e também como eu te falei já fazia um trabalho espiritual antes, ligado a Umbanda, então eu trabalho com uma Vovó, que ela benze, mas eu realmente, não, não. Não sei benzer, mas fiz o curso, também aprendi, mas não considero assim um benzedor, considerar assim, você tem que tá ativo nessa experiência. Falar que é benzedor só porque fez o curso acho que não é válido. Então, como eu não tenho essa experiência da benzeção, eu não tenho um dia específico que eu fico ali atendendo todo mundo que chega. Eu não me considero, apesar, de que uma vez ou outra se a pessoa pede socorro, eu atendo usando às vezes a benzeção ou *reiki* de acordo com a crença da pessoa, né.

(Tayane): Isso que eu ia te perguntar. Se você era benzedor mesmo?

(Rafael): É não, então, igual eu falei, eu realmente não, não me considero benzedor, mas quando precisa muitas pessoas vêm procurar a Vovó, aí as pessoas procuram ela, aí eu como trabalho com ela, sento, ela benze. Mas eu, realmente, assim, eu, Rafael, não costumo benzer. Quando as pessoas vêm me pedir benzeção, eu faço *reiki*, que aí já tá dentro da minha prática<sup>285</sup>.

É interessante, aliás, notar a forma como Rafael Costa compreende a construção da identidade do benzedor. Mesmo sendo o organizador do curso de benzimento realizado no seu espaço e ter participado do mesmo em outro momento, Rafael entende que apenas a participação no curso não transforma o participante em benzedor. Para isso é necessário que se vivencie essa experiência. Ser benzedor está relacionado com comprometimento e a ação prática. Ele relata ainda que realiza trabalhos espirituais através da incorporação de uma Vovó<sup>286</sup>. Vovós, vovôs, pais e mães são algumas das denominações que são utilizadas para identificar a linhagem dos pretos-velhos, que são entidades espirituais ligadas à Umbanda.

Os pretos-velhos são conhecidos pelo passado associado a escravidão, são entidades que carregam a sabedoria de uma vida sofrida e o acolhimento afetuoso para os consulentes que os procuram a fim de sanar suas problemas e dificuldades. De acordo com Lívia Lima Rezende:

[...] questões de saúde parecem ser as principais demandas direcionadas aos pretos-velhos. Se exus e pombagiras concentram o desembaraço de dificuldades amorosas e financeiras e os caboclos cuidam da defesa, desmanchando demandas, os pretos-velhos garantem o restabelecimento da saúde dos consulentes e de seus familiares (REZENDE, 2017, p. 129).

Quando são incorporados pelos médiuns, os pretos-velhos “trabalham” dando conselhos aos frequentadores e promovendo a cura física e espiritual através do “passe”, que seria o ritual no qual ocorre a transferência de energias entre a entidade e o consulente através da imposição das mãos, pelo uso dos terços e rosários ou pela fumaça exalada dos cachimbos dos pretos-velhos. Nesse âmbito, Rezende (2017, p. 132) observa ainda a relação de proximidade entre os pretos-velhos e a imagem dos benzedores. As formas de operar a cura, promover os benzimentos e até mesmo aconselhar assemelham essas duas figuras a partir das práticas adotadas e do propósito de possibilitar a cura e fazer o bem. Um ponto que os diferenciam é

<sup>285</sup> Entrevista concedida por Rafael Costa a Tayane Oliveira em 13/07/2019.

<sup>286</sup> O nome da entidade que Rafael incorpora é Vovó Mariana. Informações obtidas pelo *Instagram* em 20/03/2022.

que os benzedores e benzedoras não costumam benzer em transe, mesmo esses sendo adeptos às religiões de matriz africana.

Rafael é médium, mas não se considera um benzedor, mesmo incorporando uma preta-velha, para ele é ela quem benze. A sua não identificação como benzedor se deve por não manifestar regularmente uma frequência para realizar os benzimentos, ele não se mostra ativo nessa prática.

Rafael comenta ainda que o *reiki* é a terapia curativa que costuma utilizar nos pacientes que o procuram. Ele fala a respeito das semelhanças entre terapias holísticas e os benzimentos:

(Tayane): Eu queria que você falasse da relação dos tratamentos terapêuticos como o *reiki* e a homeopatia com o benzimento. Você consegue enxergar as semelhanças e diferenças entre eles?

(Rafael): Ah sim. Boa pergunta essa. Na verdade, eu costumo falar nos cursos que a base de toda terapia alternativa é a força vital. É a filosofia de todo ser vivo, ele é possuidor de energia imaterial, que a gente chama de força vital ou inteligência vital. Então, por natureza nós seres humanos emanamos essa energia. Então, o ser humano, ele é igual... Ele é um, vamos dizer assim um magneto vivo, né. Como se fosse a Terra com os polos magnéticos, todo ser vivo também tem sua polaridade magnética. Então, o magnetismo animal, ele é inerente a todo ser vivo, todos nós expelimos energia, emitimos energia, transmitimos e recebemos energia a todo momento, só que em uma dimensão bem imaterial que os nossos cinco sentidos não consegue perceber. Então, a base de toda terapêutica é a energia vital. Então, tanto o *reiki* como o benzimento, como a homeopatia. E tantas outras terapias que existem por aí. A diferença que eu vejo são nas técnicas que vão variar de acordo com a crença, com a cultura de cada pessoa. Que a gente vê às vezes, as terapias como a do *reiki* que nasceu no Japão, e que você também utiliza as mãos para emitir energia com uma semelhança muito grande com a benzeção, por exemplo, que é mais da nossa cultura ocidental, e que também a gente utiliza as mãos para poder emitir energia com as mãos e as palavras através da oração. Então, a diferença seria unicamente na técnica que vai tá influenciada na cultura pelo meio social e pela crença de cada um, é somente essa, porque, na essência tudo vai ser voltado para esse princípio vital, essa inteligência vital, que todo ser vivo tem, que todos nós possuímos<sup>287</sup>.

O benzimento se mostra uma prática semelhante a outras ligadas ao segmento holístico, apresentando a mesma finalidade energética que visa a restauração e o equilíbrio do corpo. A força vital se manifesta a partir das diferentes técnicas adotadas. De acordo com a OMS, as medicinas tradicionais, complementares e integrativas (MTCI), “se refere à um amplo conjunto de práticas de atenção à saúde baseado em teorias e experiências de diferentes culturas utilizadas para promoção da saúde, prevenção e recuperação, levando em consideração o ser integral em todas as suas dimensões”<sup>288</sup>. Entre as práticas inseridas na categoria MTCI estão a

<sup>287</sup> Entrevista concedida por Rafael Costa a Tayane Oliveira em 13 jul. 2019.

<sup>288</sup>OPAS/ OMS. **Medicinas tradicionais, complementares e integrativas**. Disponível em: <



acupuntura, o uso de plantas medicinais, *yoga*, tratamento termal, terapias manuais e espirituais, entre outras.

Seguindo as recomendações da OMS, o Ministério da Saúde em 2006 aprovou a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde (PNPIC)<sup>289</sup>, o que permite ao SUS a ampliação das opções de tratamento com a inclusão da medicina tradicional chinesa, acupuntura, da homeopatia, da fitoterapia. A partir da comprovação científica do benefício das práticas curativas para promoção e preservação da saúde, outras terapias vão sendo incorporadas ao SUS<sup>290</sup> como o *reiki*, a meditação, a musicoterapia e o tratamento quiroprático, por exemplo. Vale ressaltar que a adesão dessas práticas é realizada de forma alternativa ou integrativa à medicina convencional. A partir da implementação dessas medidas, o corpo, as doenças e os tratamentos são pensados em uma perspectiva global, no qual a esfera física deve ser tratada juntamente com a emocional, a mental, a energética e a espiritual, como um todo.

Em relação aos benzimentos, o que vem acontecendo em alguns casos é atuação das benzedoras em postos de saúde e hospitais sendo reconhecidas como agentes de saúde. Temos um exemplo dessa atuação: em Rebouças (PR), em 2012, o município foi o primeiro do Brasil a oficializar a prática das benzedoras, dos curandeiros e raizeiros e considerá-los profissionais de saúde, foram identificadas 133 benzedoras pelo Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA)<sup>291</sup>. A Lei nº 1.401 de 2010, conhecida como a “Lei das Benzedoras” no município de Rebouças, reconhece o ofício tradicional de saúde popular realizado pelas benzedoras e prevê a emissão de uma Carteira de Reconhecimento dos Detentores de Ofícios Tradicionais de Saúde Popular e o Certificado de Detentor de Ofício Tradicional de Saúde Popular, às benzedoras associadas ao MASA. A carteirinha é emitida pela secretaria municipal de saúde (LEWITZKI, 2019, p. 211 - 213).

Além das áreas terapêuticas e espaços de saúde que os benzedores vêm alcançando, o espaço acadêmico junto à comunidade se mostra uma das alternativas para que o conhecimento sobre as práticas de benzedura também seja difundido. De acordo com Bruno Munhoz:

---

<sup>289</sup> Ver em: BRASIL. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. - Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: <<https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/npic.pdf>>. Acesso em: 24/09/2021.

<sup>290</sup> JADE, Líria. **Meditação, arteterapia e reiki serão oferecidas pelo SUS**. [14/01/2017]. Agência Brasil. Ver em: <<https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2017-01/meditacao-arteterapia-e-reiki-serao-oferecidas-pelo-sus>>. Acesso em: 24 set. 2021.

<sup>291</sup> DUCATI, Ariane; DIONÍSIO, Bibiana. **Benzedoras são consideradas profissionais da saúde no Paraná**. [11/05/2012]. G1. Ver em: <<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2012/05/benzedoras-sao-consideradas-profissionais-da-saude-no-parana.html>>. Acesso em: 24 set. 2021.

(Bruno): Olha, a prática, eu tenho visto bons movimentos, principalmente na universidade federal, na Universidade Estadual de Minas Gerais, que deve ter feito encontros de benzedeadas e raizeiras<sup>292</sup>, isso em Belo Horizonte e na Baixada carioca também tem tido alguns encontros de rezadeiras lá promovidas por, no caso eu não vou conseguir precisar quem foi que fez o evento. A comunidade se organizou, mas uma instituição de fora da comunidade fez a organização, então eu vejo que é um movimento que está voltando [...]. Eu vejo um aumentar, novamente, dos benzedores e o acesso a eles, vejo, mas ainda de uma forma um pouco mais lenta<sup>293</sup>.

Espaços acadêmicos que se abrem para a comunidade através dos programas de extensão<sup>294</sup> das universidades e institutos federais se tornam um meio para que esses saberes sejam difundidos e colaboram para a inserção e diálogo com a comunidade, contribuindo para o protagonismo desses sujeitos como detentores de saberes tradicionais.

O segundo evento que participei foi o “I Encontro Regional de Saberes Tradicionais Mineiros: Benzedeadas e Rezadeiras – Guardiãs de Saberes”, que aconteceu no dia 21 de setembro de 2019, no bairro Águas Santas, nas dependências da Pizza Raro, em Tiradentes<sup>295</sup>. O encontro aconteceu entre 8 e 17 horas e contou com a participação de 63 pessoas entre 8 a 95 anos de idade. O evento foi organizado em parceria<sup>296</sup> com o Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais - *Campus Barbacena*, a Universidade Federal de Viçosa através do Departamento de Fitotécnica - *Campus Viçosa*, a Associação da Agricultura Familiar e Agroecologia - AFFAS/ São João del Rei e a UFSJ/ *Campus São João del Rei*.

Eu tive a oportunidade de entrevistar uma das organizadoras do encontro, Conceição Maria do Carmo de Souza Costa<sup>297</sup>, conhecida como Tutuca. Ela é uma mulher negra, de 62 anos de idade, nasceu em Barbacena (MG), se formou em Técnico em Meio Ambiente, e está cursando Filosofia na UFSJ. É educadora popular pela Rede Mineira de Educadores Populares

<sup>292</sup> Encontro de Benzedeadas e Rezadeiras promovido pelo projeto “Saberes do quintal: Biodiversidade e educação popular” da unidade UEMG-Ibirité. Ver em: PINHEIRO, Vânia Aparecida. **Encontro de Benzedeadas e Rezadeiras**. Educação no campo/ UEMG-Extensão. [20/08/2018]. Disponível em: <<http://extensao.uemg.br/educacaonocampo/?p=449>>. Acesso em: 20 fev. 2022 Disponível em: <<http://extensao.uemg.br/educacaonocampo/?p=449>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

<sup>293</sup> Entrevista concedida por Bruno Munhoz de Sá a Tayane Oliveira em 13/07/2019.

<sup>294</sup> Projetos de extensão universitária fazem parte das diretrizes políticas do Ensino Superior, no qual estabelecem a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. As políticas de extensão são interdisciplinares e são direcionadas para a comunidade. São realizados sob a forma de programas, cursos, oficinas, eventos entre outras atividades.

<sup>295</sup> Tiradentes é uma cidade vizinha a São João del-Rei. Ver em: PREFEITURA DE TIRADENTES. Disponível em: <<https://www.tiradentes.mg.gov.br/pagina/6427/Hist%C3%B3ria%20e%20Turismo>>. Acesso em: 10 mai. 2021.

<sup>296</sup> Ver em: INSTITUTO FEDERAL SUDESTE DE MINAS GERAIS. **Projeto de Extensão Qualidade de Vida e de Ambiente realiza Encontro sobre Saberes Tradicionais Mineiros em Tiradentes – MG**. Disponível em: <<https://www.dev.ifsudestemg.edu.br/noticias/barbacena/projeto-de-extensao-qualidade-de-vida-e-de-ambiente-realiza-encontro-sobre-saberes-tradicionais-mineiros-em-tiradentes-mg>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

<sup>296</sup> Entrevista concedida por Conceição Maria do Carmo de Souza Costa (Tutuca) a Tayane Oliveira em 09/10/2020.

<sup>297</sup> Entrevista concedida por Conceição Maria do Carmo de Souza Costa (Tutuca) a Tayane Oliveira em 09/10/2020.

em Economia Solidária (REMEEPS) e é membro da Associação da Agricultura Familiar e Agroecologia (AAFAS)<sup>298</sup>, por meio do Coletivo Meninas de Nhá<sup>299</sup> no distrito do Rio das Mortes.

Figura 29: Conceição Maria (Tutuca) em uma feira de alimentos



Fonte: Facebook de Conceição Maria do Carmo de Souza Costa, 26/04/2017<sup>300</sup>.

<sup>298</sup> Associação da Agricultura Familiar e Agroecologia - AAFAS “surgiu com a união de produtores com a intenção de levar a consciência agroecológica, através do consumo de alimentos sustentáveis, para a cidade de São João del Rei. Atualmente, a AAFAS conta com 15 produtores e atua a partir dos princípios da Economia Solidária, visando a valorização do comércio local e a integração entre quem produz e quem compra”. Ver em: <<https://aafas.instabuy.com.br/blog/post/Conheca-a-AAFAS>>. Acesso em: 24 fev. 2022.

<sup>299</sup> Coletivo Meninas de Nhá é formado por mulheres que moram no distrito Rio das Mortes, o nome do coletivo faz referência a devoção à beata Nhá Chica que nasceu na localidade. Elas comercializam quitandas artesanais livres de agrotóxicos em São João del-Rei, na feira de Agroecologia e Economia Solidária, um projeto de extensão que acontece no Campus Santo Antônio da UFSJ. Ver em: AMARAL, Kamila. **Meninas de Nhá resgatam a culinária regional e impulsionam renda de famílias do Rio das Mortes**. Notícias Gerais. [04/03/2020]. Disponível em: <<https://noticiasgerais.net/meninas-de-inha-resgatam-culinaria-regional-e-impulsionam-renda-de-familias-do-rio-das-mortes/>>. Acesso em: 24 mai. 2022.

<sup>300</sup> Ver imagem em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1046707435473847&set=pb.100004038019665.-2207520000..&type=3>>. Acesso em: 26 fev. 2022.

Eu fiquei sabendo do encontro pela amiga do curso de História, Simone de Assis. Realizei minha inscrição, justamente com a Tutuca<sup>301</sup>. No encontro ela estava acompanhada de sua mãe, D. Guilhermina, e de outros familiares. No decorrer do evento tivemos trocas de saberes, experiências de conhecimentos sobre plantas medicinais, simpatias e benzeduras entre os participantes. No final do encontro, falei rapidamente da minha pesquisa para Tutuca e disse que gostaria que ela participasse do estudo. Um tempo depois, marquei um encontro com ela na feira Agroecologia e Economia Solidária, que acontece no *Campus* Santo Antônio da UFSJ, da qual ela participa, para falar da minha pesquisa. Tutuca aceitou o convite, mas devido à pandemia e a outros problemas de saúde, nossa entrevista sofreu alguns atrasos, a alternativa foi realizar a entrevista virtualmente posteriormente.

Tutuca, desde a infância, foi criada com o hábito de acompanhar as pessoas mais velhas que iam lavar roupa numa mina. Nesse caminho, sempre ficava atenta às ervas, plantas e frutos do campo. Tutuca relata que cresceu em um ambiente em que as pessoas iam para benzer na sua casa, mas apesar de saber as orações, não é benzedeira como sua mãe e outras mulheres de sua família. Em seu relato:

Na minha família, a minha avó benzia, minha tia, minha mãe benze ela é viva ainda. Então, muitas conversas giravam em torno das ervas medicinais e das benzeções. [...] Eu sempre me interessei, cresci nesse ambiente, pessoas iam na casa da minha mãe para cortar cobreiro, para criança que não queria andar, trazia aqui pra cortar também medo. E eu ficava observando. Depois, eu enveredei pelos movimentos populares, mas sempre com essa pegada das ervas medicinais. Fiz alguns cursos sempre pesquisando essa parte das plantas medicinais. Eu não sou benzedeira, nem rezadeira, porque isso é um chamado que eu percebo. A única vez que eu cismeie de benzer, depois eu fiquei doente. Minha tia que benzia criança. A pessoa trouxe a criança para benzer aqui em casa e ela não estava. Eu tinha uns 15 anos: 'Pode deixar que eu vou benzer!' Aí benzi com a brasa, era o jeito que ela benzia. A brasa benzia ali, a reza, eu sabia, eu sei fazer. E a brasa, jogava a brasa depois aquele carvão afundava, se a criança estivesse de mau-olhado. E benzi direitinho, e na hora que a criança foi embora, eu fiquei mal, tive que deitar, fiquei com o corpo todo doendo, porque há um chamado, que não pode sair benzendo, né. A partir daí, eu sempre falo 'isso não é pra mim'. Minha tia chegou, aí ela me benzeu, e jogou depois o carvão fora da criança, e tudo. Eu tinha que ter despachado aquele carvão, eu deixei perto de mim, a energia, enfim. Mas, eu convivo com rezadeiras e benzedeadas. E sempre com muito respeito, eu acredito muito. Nessa semana meu neto foi benzer, e eu vi o resultado como melhora a energia, o campo astral, né. É uma questão de energia mesmo. Então, eu sou bem encantada com essa arte, e acho que tem a ver com nossos ancestrais. A benzeção é como chá, só funciona se você acreditar, então não adianta. E a benzeção é a mesma coisa. Eu sou educadora popular, sou formada em meio ambiente, mas eu acho que a ciência é casada com o conhecimento popular, ela tem muito, ajuda muito. E nós temos que avançar muito nessas práticas integrativas ainda<sup>302</sup>.

---

<sup>301</sup> Conceição Maria do Carmo de Souza Costa prefere ser chamada de Tutuca na entrevista.

<sup>302</sup> Entrevista concedida por Conceição Maria do Carmo de Souza Costa (Tutuca) a Tayane Oliveira em 09/10/2020.

Tutuca desde a infância tem um forte convívio com as mulheres da sua família que estão envolvidas com o universo da benzedura e das ervas medicinais. O esquecimento de parte da benzedura de mau-olhado, fez com que a experiência do seu primeiro benzimento lhe desse a consciência de que para benzer é necessário receber um chamado para atuar nesse ramo. A memória adquirida pela frequência com que as pessoas iam até a sua casa e até mesmo o histórico familiar não garantiram que ela seguisse no ofício de suas predecessoras.

O cuidado com o outro se manifesta de outras formas na sua vida, por meio do envolvimento de movimentos populares, como educadora popular, que compreende que a ciência deve estar conectada com os saberes populares do povo do campo através da economia solidária, bem como, das benzedeiras por meio de sua prática curativa e de seus conhecimentos de ervas e plantas medicinais.

Sobre o evento, Tutuca menciona que a proposta era organizar um evento sobre ervas medicinais, mas o encontro acabou tomando outra proporção.

(Tayane): Você no ano passado, você organizou o I Encontro Regional Saberes Tradicionais Mineiros - Benzedeiras e Rezadeiras Guardiãs de Saberes, que aconteceu lá nas Águas Santas como surgiu a ideia para a realização desse evento?

(Tutuca): Pessoas conectadas na mesma sintonia. Professor Zé Emílio<sup>303</sup>, que é um cientista, benzedor e pesquisador das ervas, e mais outras pessoas lá das Águas. Na verdade, seria um encontro de ervas medicinais, aí o chamado foi 'Por que não?' 'Trazer a sua mãe, a dona Fia de 80 anos, outras benzedeiras', aí tomou esse corpo. E quando a gente colocou na internet, veio gente de Cabo Frio, da Zona da Mata toda, foi muito interessante o chamado, entendeu. Dessas coisas que acontece como chamado mesmo.

(Tayane): Vocês planejam organizar outros eventos?

(Tutuca): A gente já tinha um agendado antes da pandemia, e a ideia é que abril fizéssemos outro encontro, o segundo encontro, mas aí aconteceu essa... o momento não foi possível. Mas, a gente vai fazer outros. E a gente recebe e-mail, pergunta se vão fazer outros. 'Vamos, vamos fazer outros'.

(Tayane): E como você percebe o retorno das pessoas que participam desse evento?

(Tutuca): Então, a gente é bombardeado o tempo todo de perguntas, sabe. E de chamadas, as pessoas querem vídeos, consultas sobre rezas e sobre plantas, então, as pessoas que estão envolvidas, elas estão buscando a continuidade, quer saber mais, né. É muita gente que busca, muita gente mesmo. As pessoas tiveram lá, eu nem lembro os nomes, e diz: 'Ah, você lembra de mim, eu tive lá?' 'Lembro, lembro' [risos]<sup>304</sup>.

O encontro organizado contou com a participação de 63 pessoas nas quais a maioria eram mulheres, um número bastante expressivo sendo que vieram pessoas da Zona da Mata e

<sup>303</sup> José Emílio Zanzirolani de Oliveira é professor no Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais - Campus Barbacena. O professor Zé Emílio, citado por Tutuca foi um dos organizadores do evento, ministrou uma oficina de saberes tradicionais no qual abordava sobre o uso de plantas medicinais, nessa atividade percorremos o espaço das dependências da Pizza Rara a procura dessas plantas.

<sup>304</sup> Entrevista concedida por Conceição Maria do Carmo de Souza Costa (Tutuca) a Tayane Oliveira em 09/10/2020.

do estado do Rio de Janeiro, que ainda procuram saber se haverá outros eventos organizados por eles através das instituições parceiras. A *internet* se mostrou um meio promissor para a divulgação desses eventos. O que se percebe é o grande interesse por aqueles que desejam conhecer ou se aprofundar nesse universo de práticas curativas. Os cursos e encontros também se mostram uma forma de agregar a prática da benzedura às terapias holísticas para quem trabalha nesse ramo.

Figura 30: I Encontro Regional de Saberes Tradicionais Mineiros: Benzedeiras e Rezadeiras – Guardiãs de Saberes



Fontes: José Emílio Zanzirolani de Oliveira, Josélia Barros da Silva, Conceição Maria do Carmo de Souza Costa, Merilane Emanuele Cardoso. Tiradentes, 21/07/2019<sup>305</sup>.

<sup>305</sup> Ver imagens em: INSTITUTO FEDERAL SUDESTE DE MINAS GERAIS. **Projeto de Extensão Qualidade de Vida e de Ambiente realiza Encontro sobre Saberes Tradicionais Mineiros em Tiradentes – MG.** Disponível em: <<https://www.dev.ifsudestemg.edu.br/noticias/barbacena/projeto-de-extensao-qualidade-de-vida-e-de-ambiente-realiza-encontro-sobre-saberes-tradicionais-mineiros-em-tiradentes-mg>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

No entanto, sobre o curso e o encontro de benzedeadas, alguns benzedores desconheciam que existia essa possibilidade de aprender e de ensinar a benzer dessa forma. De acordo com seu Gelson:

(Tayane): Existem cursos para aprender a benzer. O que o senhor acha sobre isso?  
 (Gelson): Olha, eu nunca fiz nenhum curso, nunca fiz curso algum. Agora, igual eu estou dizendo para você, passar tem quem passe para frente, basta a pessoa querer, aceitar e ter, realmente, o dom para isso, porque sem o dom não é possível.  
 [...]  
 (Tayane): O senhor falou que passaria para pessoas que estão aprendendo...  
 (Gelson): Sim, sim com o maior prazer.  
 (Tayane): O senhor já pensou em participar de algum curso, ensinar dessa forma?  
 (Gelson): Não, não. Nunca participei, não pelo menos... não tive interesse, eu nem sabia que existia curso para te ser sincero, nem sabia que tinha curso pra isso.  
 (Tayane): No ano passado teve um curso de benzimento em São João, e teve um encontro de benzedeadas também aqui.  
 (Gelson): É, eu não fiquei sabendo<sup>306</sup>.

Seu Gelson menciona que existem pessoas dispostas a ensinar a benzer, mas cabe a pessoa que quer aprender estar propensa a isso, mais uma vez ele ressalta que é necessário ter o dom para exercer esse ofício.

Mas além do curso de benzimento e do encontro de benzedeadas que aconteceram em 2019, D. Maria Helena salienta que alguns anos atrás foi convidada para participar de um encontro de benzedeadas que foi realizado por um grupo de mulheres<sup>307</sup>, no bairro Bela Vista em São João del-Rei. Mas ela preferiu não participar do evento. De acordo com seu relato:

(Tayane): Existem cursos para aprender a benzer. O que a senhora acha sobre isso?  
 (Maria Helena): Nunca fui, nunca vi, nunca tive interesse em fazer curso não. Quem é novo tem que praticar, entendeu. Eu pra mim, nunca quis não.  
 (Tayane): Mas a senhora...  
 (Maria Helena): Já me convidaram.  
 (Tayane): A fazer curso pra benzer?  
 (Maria Helena): É! Mas eu não quis não.  
 (Tayane): Por quê?  
 (Maria Helena): Porque não sei. Não quis ir, não quis. Toma na cabeça, entendeu? Falei mesmo assim: 'Não, porque eu já benzo, já tá muito bom o que eu já sei. Deus dando saúde, já tá muito bom o que eu já sei, preciso aprender mais não' [risos]. Falei foi assim: 'preciso aprender mais não' [risos].  
 (Tayane): Mas a senhora ensinar através de cursos assim, a senhora não interessaria não? A senhora ensinar as pessoas através do curso de benzeção?  
 (Maria Helena): Ah não. Isso eu não. Porque pra ensinar através de curso assim, eu tinha que ter leitura, sabe. Eu aprendi o 'A', o 'B', o 'C' e o 'D'. Então, pra mim não, eu misturo as letra, o 'S' com o 'C'. Assinando uma letra eu ponho é outra, entendeu<sup>308</sup>.

<sup>306</sup> Entrevista concedida por Gelson Aparecida de Faria a Tayane Oliveira em 14/09/2020.

<sup>307</sup> Não consegui identificar qual grupo D. Maria Helena se refere.

<sup>308</sup> Entrevista concedida por Maria Helena Nascimento a Tayane Oliveira em 10/09/2020.

D. Maria Helena revela que não se interessa em aprender outras benzeções através de cursos e encontros sobre benzimentos. D. Maria Helena ainda atribui a indisponibilidade para realizar os cursos ao ensino de educação incompleto que teve durante a vida. D. Maria Helena acharia difícil ter que ensinar os outros pois confundiria as palavras, assim como ela relata: “porque pra ensinar através de curso assim, eu tinha que ter leitura, sabe”. Na fala de D. Maria Teresa, a noção de conhecimento está atrelada à cultura letrada. Todavia, o conhecimento adquirido por ela e pelos outros benzedores através da oralidade, por meio do contato estabelecido com seus familiares representa um notório saber de grande importância, que não deve ser deslegitimado em relação a um saber formal. Mesmo optando por não ensinar dessa forma, D. Maria Helena se dispõe a transmitir seu conhecimento para quem tem interesse.

D. Teresa também comenta sobre a criação dos cursos de benzimentos:

(Teresa): Eu tinha vontade, mas não posso mais porque estou velha [risos]. Eu acho que deve ser muito bom o curso, né. Porque ensina a gente muita coisa boa. Que a gente não sabe nada, assim como eu não sei tudo, eu não sei nada. Mas para quem sabe benzer quanto mais curso faz, mais é melhor para aprender.

(Tayane): Que bom. Eu ia perguntar se a senhora já pensou em participar de algum curso ou ensinar dessa forma através de um curso?

(Teresa): [risos]

(Soraia): A senhora já pensou?

(Teresa): Se eu...Agora não, agora não adianta, porque a gente tá no final. Mas curso, quanto mais a gente aprender melhor. É muito bom aprender

(Tayane): E a senhora ensinar as pessoas através do curso?

(Teresa): [risos] ensinar também é bom, né.

(Soraia): A senhora tinha coragem de dar um curso?

(Teresa): Eu? Agora não, agora eu tô muito velha, fuge as palavras da cabeça da gente. Porque é muitos anos. A gente fazendo isso, eu sofri demais. É muito trabalho, e aí a gente não dá mais para falar, nem falar direito. Fala direito quem tem estudo, e eu não tenho estudo nenhum [risos]. Aí, eu até sinto vergonha de falar as palavras erradas. Se não podia dá mesmo.

(Tayane): Mas a senhora tem muito conhecimento, dona Teresa, e isso é o que importa.

(Teresa): Conhecimento eu tenho, graças a Deus.

(Soraia): Tem mesmo.

(Teresa): Mas não tenho coragem de fazer um curso não. Essas coisas é muito bom para abrir as mentes das pessoas, e tudo, mas, eu já não tenho jeito de fazer essas coisas, isso por causa da idade, né. A idade, muito trabalho, muita coisa. Você fica com a cabeça muito lenta. É bom que eu ainda faço tudo, né? Graças a Deus<sup>309</sup>.

D. Teresa se mostra aberta em relação aos cursos de benzimento, ela ressalta ainda que para quem sabe benzer significa uma oportunidade para se capacitar e adquirir mais informações a respeito dos benzimentos. Contudo, mesmo com seu grande conhecimento sobre as práticas de benzedura, para ela, a idade avançada e a memória seriam empecilhos para participar ou até mesmo ensinar a benzer dessa forma.

<sup>309</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis e Soraia Geralda Santos a Tayane Oliveira em 29/08/2020.



A construção de um diálogo estabelecido entre as diversas formas de conhecimento e saberes contribui para a percepção de modos de ser e de viver diferentes, favorecendo para a colaboração e o compartilhamento desses conhecimentos, ao passo em que são compreendidos em sua similitude. O notório saber das benzedoras e dos benzedores os apoderam como verdadeiros mestres das práticas curativas tradicionais.

Sobre o futuro, Tutuca acredita que mesmo havendo uma redução nas práticas de benzedura, existe interesse por parte dos mais jovens, e que a continuidade da prática se manifesta de forma ancestral por meio da oralidade. As pesquisas acadêmicas referentes a esse universo permitem a difusão desses conhecimentos tradicionais.

(Tayane): Pra você qual é a sua perspectiva sobre a prática da benzedura no futuro?

(Tutuca): Olha, eu tenho visto os jovens se interessarem no Encontro... Você estava, Tayane?

(Tayane): Sim.

(Tutuca): O encontro de rezadeiras e benzedoras tinha jovens lá procurando aprender. E, você quando faz a pesquisa, isso não vai ser só um objeto seu de estudo, isso já te marcou para sempre. Está convivendo com as pessoas vendo essas práticas, acho que não extingue, pode reduzir, mas isso vai ser de maneira ancestral, passada pela oralidade, e agora com as pesquisas acadêmicas também. Eu acredito graças a Deus que isso tem continuidade.

(Tayane): Eu acho que eu não mencionei pra você, mas assim, meu interesse pela pesquisa é porque a minha avó era benzedora também [risos] E, assim, eu lembro de algumas coisas dela benzendo, assim. Mas acho que o que me incentivou mais a fazer a pesquisa é sobre o que eu não sei, sabe. Sobre o que não foi dito, sabe. Sobre o que eu deveria ter conversado com ela, e não acabou falando, sabe. Acho que esse é um dos meus incentivos para estar desenvolvendo essa pesquisa, sabe. Eu não... assim eu não acho que tenho esse dom de benzedora como você, mas eu acredito que pelo menos eu dando essa contribuição, falando sobre essa prática é uma forma de estar descobrindo um pouco sobre o meu passado.

(Tutuca): Acho que isso é infinito, como saber um pouquinho da erva de São João, hoje já acrescentei alguma coisinha, e vou escutando dos outros locais. E, assim, é um conhecimento sem fim. Você tem que todo dia por mais uma pedrinha na construção e a torre nunca ficará completa, né. Porque, é muita coisa pra aprender, muita coisa pra escutar e praticar. As questões das ervas, principalmente, observar, fazer testes, enfim. Mas graças a Deus que os jovens estão se interessando também, né. E a internet é uma fonte inesgotável, a gente vê muita coisa interessante também<sup>310</sup>.

---

<sup>310</sup> Entrevista concedida por Conceição Maria do Carmo de Souza Costa (Tutuca) a Tayane Oliveira em 09/10/2020.

Os estudos referentes aos saberes tradicionais como os benzimentos, permitem a propagação desses conhecimentos dentro da academia, mas é necessário também que a discussão dos significados desses saberes se realize em conjunto com os benzedores e a comunidade que comunga com eles. A transmissão desses conhecimentos dentro do ambiente acadêmico não deve ser apresentada como simples exibição de suas práticas, pois esvaziaria os sentidos e valores compartilhados nesse ofício. É necessário ressaltar que os conhecimentos sobre a prática de benzedura não são apenas objeto de estudo. Os benzedores e benzedoras como detentores desse notório saber também devem ocupar o espaço acadêmico como sujeitos que produzem conhecimento.

Entendemos que o desenvolvimento das pesquisas, projetos de extensão, documentários, entre outras ações, permitem a difusão do trabalho acadêmico para além dos limites universitários. Jill Liddington considera a prática da história pública como sendo a apresentação popular do passado para um leque de audiências por meio de museus patrimônios históricos, filmes e ficção histórica (LIDDINGTON, 2001, p. 33-34). Para Juniele Râbello de Almeida, a expressão história pública ultrapassa a ideia de acesso e publicização de concepções em vigor na academia. A história pública aponta para possibilidades para a construção e difusão do conhecimento histórico de maneira dialógica (entre acadêmicos e não acadêmicos) (ALMEIDA, 2016, p. 52). A historiadora afirma ainda que, “a história pública é um novo caminho de conhecimento e prática, de como fazer história, não só pensando na preservação da cultura material, mas como colaborar para a reflexão da comunidade sobre a própria história” (ALMEIDA, 2011, p. 8).

Os cursos, encontros e pesquisas sobre os benzimentos inauguram uma nova forma de transmissão, no qual possibilita a colaboração desses sujeitos no compartilhamento do seu saber. Essa transmissão permite também, àqueles que não tiveram contato com os saberes do universo da benzedura se abrir ou não para esse conhecimento. Eu, como historiadora, tive a oportunidade de desenvolver minha formação acadêmica voltada para o universo das práticas de benzedura, em que os conhecimentos, memórias e afetos de minha avó Ana foram decisivos para dar prosseguimento no meu estudo e dar significado ao meu passado.

Como ressaltado por todos benzedores, “tradicionais e modernos”, o dom, o amor incondicional, o chamado são fundamentais no processo de formação do benzedor, mas isso só é possível quando os aspirantes se permitem desenvolver a partir da ação prática, ou seja, quando se nutre e se intensifica seu dom.

### 3.3. Novos benzedores: o legado familiar e o despertar para a prática da cura

Durante o percurso do trabalho de campo me deparei com três pessoas no desenvolvimento da dissertação que se influenciam com o ofício da benzedura de seus familiares. Eu tive a oportunidade de entrevistar Alessandro Cezar Machado, que participou do curso de benzimento; Valéria Tristão estava presente no encontro de benzedoras e rezadeiras e Soraia Geralda Santos, neta de D. Teresa, acompanhava-a na entrevista.

Apresentarei um breve perfil dos entrevistados ressaltando a influência que seus familiares possuem para inspirar e conduzi-los no ofício da benzedura.

#### 3.3.1. Alessandro Cezar Machado

Alessandro<sup>311</sup> é natural de Minduri<sup>312</sup> (MG), a sua família tem origem em São João del-Rei, eles moraram na cidade de São Vicente de Minas<sup>313</sup> por causa do trabalho no campo. Depois da morte de seu pai, João Geraldo Tadeu, a família resolveu voltar para São João del-Rei. Alessandro tem 37 anos de idade, em relação a cor se considera “amarelado, meio-branco”. Alessandro tem o ensino médio completo, exerce a profissão de padeiro há 17 anos, atualmente trabalha em São João del-Rei.

Mora há 12 anos em Santa Cruz de Minas<sup>314</sup>, no centro da cidade, no entanto, as pessoas do bairro não o reconhecem como benzedor, pois prefere não contar e manter a discrição, porque para ele, o benzedor pode ser visto com maus-olhos, e ser identificado como “macumbeiro”. Alessandro relata também que prefere se reservar em relação às pessoas sobre ser benzedor, porque seu pai também não revelava que benzia para as outras pessoas. De acordo com ele:

(Alessandro): Eu prefiro ficar na minha. Isso meu pai me ensinou, sabe. Meu pai era um benzedor muito bom. Então, ele não falava pra ninguém, pelo menos isso a gente pegou dele, entendeu. A gente pratica esse tipo de coisa, então não comenta. Quem vem até a mim será recebido. Quem precisar de minha ajuda, dinheiro, eu não tenho, mas o que eu puder fazer pela pessoa<sup>315</sup>.

<sup>311</sup> Entrevista concedida por Alessandro Cezar Machado a Tayane Oliveira em 29/07/2020.

<sup>312</sup> Ver em: Prefeitura Municipal de Minduri. Disponível em: <<http://www.minduri.mg.gov.br/v1/historico/>>. Acesso em: 08 nov. 2020.

<sup>313</sup> Ver em: Prefeitura de São Vicente de Minas-MG. Disponível em: <<http://saovicenteminas.mg.gov.br/pagina/3721/S%C3%A3o%20Vicente%20de%20Minas>>. Acesso em: 08 nov. 2020.

<sup>314</sup> Santa Cruz de Minas e São João del-Rei são cidades vizinhas. Ver em: CIDADE-BRASIL. **Município de Santa Cruz de Minas**. Disponível em: <<https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-santa-cruz-de-minas.html>>. Acesso em: 08 nov. 2020.

<sup>315</sup> Entrevista concedida por Alessandro Cezar Machado a Tayane Oliveira em 29/07/2020.

A discriminação se deve à intolerância religiosa que pessoas ligadas às religiões afro-brasileiras e de matriz africana sofrem. De acordo com Sidnei Barreto Nogueira (2020, p. 42), os adeptos das religiões de origem africana para não serem alvos de perseguições e discriminações optam por não revelar seu vínculo religioso, em razão da marginalização, racismo e estigmatização que esses grupos enfrentam. Alessandro é espírita e trabalha como médium em uma casa de umbanda<sup>316</sup> (“pé no chão, dos Pretos-Velhos”), localizado no bairro Senhor dos Montes há um ano. Foi nessa casa que ele começou a se desenvolver “na parte da benção espírita”. Alessandro comenta que suas benções são orientadas pelos seus guias, que indicam quais orações devem ser realizadas para cada pessoa.

O interesse pela prática da benzedura surgiu pela influência de seu pai, que era benzedor. Alessandro menciona que, certa vez, o pai benzeu um homem desesperado que tinha como diagnóstico médico: a amputação da perna. Seu João benzeu o rapaz duas vezes e ele não precisou realizar a cirurgia, de acordo com Alessandro. Em relação à religião, pergunto a Alessandro se seu pai era umbandista, ele responde que não. Relata ainda que:

(Alessandro): Eu achava mais interessante, sabe, que nessa questão da benção, meu pai nunca procurou a igreja católica, nunca. Ele sempre tinha Deus no coração, ele sempre passou pra todo mundo. Ele não ia na igreja pra rezar, ele não ia pra igreja pra... Eu achava isso importante, sabe. E, eu vou no mesmo jeito que ele. Parece assim que é um dom que ele passou pra gente<sup>317</sup>.

Alessandro acredita que a forma como seu pai vivenciava sua religiosidade, no qual não precisa seguir as normas da igreja, mas bastava ter Deus no coração. Ele crê que segue o mesmo modo de experienciar a religiosidade que seu pai, de tal modo, que presume que foi um dom passado para ele. Mesmo não frequentando cerimônias religiosas na igreja, Alessandro tem muita devoção à Nossa Senhora Aparecida, e usa crucifixo para a sua proteção.

Alessandro relata que seu pai benzia cobreiro, ventre-virado, aguamento, e que depois que realizava a benzedura em alguém, seu pai tomava um copo de cachaça para descarregar as energias pesadas. Adiante, ele menciona que na família de seu pai não havia pessoas que benziam, foi um dom que surgiu para ele.

Relata ainda que seu pai não transmitiu seu conhecimento sobre a prática da benzedura para os seus 7 filhos, mas seu pai afirmava que um de seus filhos iria se tornar benzedor. Foi na fase adulta de sua vida que Alessandro entrou nesse meio por curiosidade, segundo ele.

Em relação ao curso de benzimento, Alessandro ficou sabendo por meio da *internet*, através do perfil do Rafael Costa. Comenta que depois da sua participação no curso realizado

<sup>316</sup> A casa de umbanda que Alessandro frequenta não tem uma denominação.

<sup>317</sup> Entrevista concedida por Alessandro Cezar Machado a Tayane Oliveira em 29/07/2020.

por Bruno Munhoz, abriu uma porta para ele. Este entrevistado percebeu que o curso ajudou a complementar seus conhecimentos ao praticar os benzimentos, visto que seu pai não transmitiu esses saberes para ele.

Figura 31: Benzedor Alessandro segurando retrato com seus familiares



Foto: Tayane Oliveira. Santa Cruz de Minas-MG, 29/07/2020.

Figura 32: Retrato com a foto do benzedor Alessandro com seu pai e outros familiares



Foto: Tayane Oliveira. Santa Cruz de Minas-MG, 29/07/2020.

A partir do prenúncio revelado por seu pai, Alessandro segue os caminhos da prática da benzedura na casa de umbanda. Em seu percurso nesse ofício de cura, ele comenta sobre a sua condição em ser um “benzedor novo”:

(Alessandro): Igual pra mim tá sendo uma prática, porque sou um cara novo, pegando essas benzeção, a maioria dos benzedor é mais antigo, né? Todo mundo, a maioria tem 50 pra cima. E eu sou um benzedor mais novo, né. Pra mim é uma honra, eu pegar essa coisa e seguir.

[...]

(Tayane): Você falou sobre o benzedor ser novo, né. A noção, a percepção de um benzedor, uma benzedora é de ser uma pessoa idosa. Você acha que as pessoas podem não reconhecer o seu dom de benzedor por ser mais novo?

(Alessandro): Sim, tem esse lado. Falam que eu tô fingindo, falam que eu sou falso. Tem gente que fala isso mesmo [...]. Mas, não sabe que no lugar da gente tem os preto-velhos, os negros, os caboclo que tem conhecimento das plantas, das águas, das folhas, entendeu. E, o pessoal não acha isso, não conhece.

[...]

(Alessandro): Eu gostaria de agradecer, né. Por um lado, assim, que hoje em dia ninguém procura a gente. No caso: ‘Ele é mais novo, não sabe nada’. Então, eu gostaria de agradecer por esse espaço, que a gente fica feliz, né. Porque ninguém, só os mais velhos que benze, os mais velhos que faz isso, os mais velhos que faz aquilo. Então, Deus... A classe mais nova também tá no ramo, são poucos são, mas são pessoas de coração, que tá entregando totalmente nessa religião espiritualista pra tentar, né, ter um mundo melhor, de uma forma melhor. Então, eu só tenho que agradecer<sup>318</sup>.

Ser um “benzedor novo” atravessa questões relacionadas ao reconhecimento de sua identidade como benzedor, já que o imaginário coletivo deduz que quem realiza as benzeções são pessoas idosas, principalmente as mulheres que são identificadas como as principais agentes dessa prática; e a legitimidade do seu ofício de cura, uma vez que é por meio da orientação de seus guias espirituais - entendidos como entidades que possuem sabedoria e conhecimentos relacionados a cura - que ele realiza as benzeções. A sua idade para os outros, ainda não lhe confere o status atribuído aos benzedores mais velhos. Alessandro, diante desses percalços, se sente honrado em realizar os benzimentos e procura fazê-los de coração, se entregando a esse ofício.

### 3.3.2. Valéria Tristão

Valéria<sup>319</sup> é são-joanense, tem 56 anos<sup>320</sup>, em relação a cor da pele se considera morena<sup>321</sup>. Valéria trabalha com terapias integrativas, como as práticas do *reiki*,

<sup>318</sup> Entrevista concedida por Alessandro Cezar Machado a Tayane Oliveira em 29/07/2020.

<sup>319</sup> Entrevista concedida por Valéria Tristão a Tayane Oliveira no dia 16 de setembro de 2020.

<sup>320</sup> Informações obtidas através do aplicativo de conversa *WhatsApp* em 05/02/2022.

<sup>321</sup> Informações obtidas através do aplicativo de conversa *WhatsApp* em 05/02/2022.

ho'oponopono<sup>322</sup> e constelação familiar<sup>323</sup>. Ela oferece cursos relacionados para o universo das práticas curativas, como cursos de benzimento e o uso de ervas medicinais. Valéria também é conselheira em dependência química<sup>324</sup> no projeto social “RVidas: Resgatando Vidas”<sup>325</sup> em São João del-Rei.

Valéria se considera espiritualista, e não segue nenhuma religião ou crença religiosa<sup>326</sup>. O seu espaço de trabalho fica localizado no bairro Centro, na cidade de São João del-Rei. Nesse espaço, ela reserva um ambiente chamado “Tenda Vermelha”, no qual reúne um ciclo de mulheres para honrar o sagrado feminino<sup>327</sup>.

Valéria cresceu vendo os benzimentos realizados pela sua avó e sua mãe. Ela relata que na sua infância passava as férias na casa de sua avó em Tiradentes. Comenta que era comum que a casa de sua avó, D. Nadir, e sua mãe, D. Efigênia, estarem sempre cheia de visitas procurando alívio para suas enfermidades. Os banhos de sal grosso, chás de ervas medicinais, defumações estavam presentes na rotina de sua casa. No relato abaixo, Valéria comenta sobre a rotina:

(Valéria): [...] na minha casa, eu lembro direitinho, eram duas camas de solteiro, uma minha e a outra da minha irmã. E minha mãe ficava dias, minha mãe ficava meses sem sair de casa. Na verdade, ela passava o dia inteiro sentada naquela cama de solteira, tinha um guarda-roupa, ali em cima estava a proteção dela. Tudo que era tipo de santo, todos os dias na minha casa, acendia a vela, ela rezava o terço. Então, tinha essas duas camas de solteiro, aí chamava, eu abria a porta, aí sentava a mãe com a criança, a pessoa e a gente curiosa sentada na outra cama pra escutar, pra ver ela benzer, pra escutar as conversas de comadre também, porque depois tinha, né sempre tinha alguém contando algum caso. E com isso a gente guarda né, as repetições que minha mãe benze, de benzedeira para benzedeira. E minha avó também ela sempre benzia em voz alta. Então, a gente aprendeu, eu aprendi. E, [Tay], a gente não só... Olha, em São João, eu te falo foram muitas, mas muitas bênçãos, as crianças, os

<sup>322</sup> O Ho'oponopono é uma prática de autocura de origem havaiana, tem como objetivo a restauração da harmonia interior e das relações interpessoais por meio da repetição de quatro frases “sinto muito”, “me perdoe”, “eu te amo” e “sou grato”. Ver em: Equipe Meca. **Conheça o poder do Ho'oponopono**. [02/07/2019]. Disponível em: <<https://medium.com/mecalovemeca/conhe%C3%A7a-o-poder-do-hooponopono-cee4b834972c>>. Acesso em: 14 set. 2021.

<sup>323</sup> Ver em: Noronha, Heloisa; Viva Bem. **Constelação familiar promete resolver conflitos geracionais: como funciona?** [18/03/2020]. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/03/18/constelacoes-familiares-saiba-tudo-sobre-essa-tecnica.htm>> Acesso em: 25 out. 2021.

<sup>324</sup> Informações obtidas através do perfil do Instagram do @rvi.das [02/09/2021] <[https://www.instagram.com/tv/CTVq8p4ghwv/?utm\\_medium=copy\\_link&fbclid=IwAR0ZjOlCkS9IElwTS3obDjl9egOjTqOPlh0tbSRJvwvKn6bjEaVwd\\_RGTBc](https://www.instagram.com/tv/CTVq8p4ghwv/?utm_medium=copy_link&fbclid=IwAR0ZjOlCkS9IElwTS3obDjl9egOjTqOPlh0tbSRJvwvKn6bjEaVwd_RGTBc)>. Acesso em: 08 mar. 2022.

<sup>325</sup> “RVidas: Resgatando vidas” é um projeto social que acolhe dependentes químicos em São João del-Rei, fica localizado no bairro Matosinhos, na Avenida Josué de Queiroz, 488.

<sup>326</sup> Informações obtidas através do aplicativo de conversa *WhatsApp* em 05/02/2022.

<sup>327</sup> Sagrado Feminino é uma filosofia de vida que promove os encontros chamados “círculo de mulheres” no qual buscam o empoderamento das mulheres a partir da conexão com a própria energia feminina, a partir da conscientização do próprio corpo, por meio da compreensão dos ciclos femininos como a menstruação e a gestação, por exemplo. SERAFIM, Isabela. **Sagrado Feminino: o que é? Entenda aqui**. *Glamour lifestyle*. [04/12/2017]. Disponível em: <<https://glamour.globo.com/lifestyle/noticia/2017/12/sagrado-feminino-o-que-e-entenda-aqui.ghtml>>. Acesso em: 28 fev. 2022.

adultos, muitas as pessoas que a minha mãe benzeu. Então, eu gravei, gravei, né. Hoje, eu sinto, ela não está mais podendo me passar, né. Mas, o que ela falava, eu gravei, eu aprendi [risos]<sup>328</sup>.

Apesar da convivência com o universo da benzedura na sua infância e adolescência, Valéria diz que sua mãe não a ensinou a benzer, e só começou a realizar essa prática na fase adulta de sua vida, depois de passar por um despertar espiritual. Depois de passar por esse processo, ela menciona que começou a benzer há um pouco mais de ano<sup>329</sup>. Ela comenta ainda que sua primeira benzeção aconteceu quando se reuniu com seu ciclo de mulheres e sentiu o desejo de abençoá-las. De acordo com Valéria:

(Valéria): Então, a minha primeira benzeção... é que eu tenho um ciclo de mulheres, e aí eu tive a intuição, eu falei... A gente se encontra sempre na lua cheia e tal. Aí, eu falei assim, eu pensei: 'Gente, hoje eu vou benzer um a um'. Senti o desejo, a vontade de benzê-las, né. Para abençoá-las mesmo, para que pudesse abençoar, bendizer, né. Consagra-las naquele momento, naquele espaço onde nós estávamos, que se chama Tenda Vermelha, né. E, perguntei: 'Gente, vocês me permitem benzer vocês?' E nossa! Foi lindo, foi maravilhoso. Depois disso, pronto é agora mesmo, pra mim mesmo [sorrisos]. Comecei, e eu precisava sentir né, [Tay]. Porque, eu acredito muito que na benzeção, né. Eu que fui criada nesse meio, você precisa sentir, como se fosse um chamado. Agora chegou a minha hora. Porque, a minha mãe não me ensinou nada não. Nunca, que ela sentou: 'Senta aqui, Valéria, vou te ensinar como é que benze'. Ela ainda falava, eu lembro direitinho, ela falava assim: 'Ah! Nenhum de vocês vai me puxar. Ninguém vai querer benzer. Vocês vão querer perder tempo pra ajudar os outros?' Nisso a gente era muito jovem, né. Então, eu acho que é através desse desejo de querer abençoar o próximo. De auxiliar de alguma forma que nasceu o desejo de benzer<sup>330</sup>.

O tempo foi um fator essencial para o despertar desse ofício. Valéria, mesmo com a forte influência em sua família no campo da benzedura, sentiu que estava mais preparada para seguir os caminhos de suas predecessoras no momento em manifestou o desejo de ajudar o próximo através dos benzimentos. Como ela mesmo diz: "Agora chegou a minha hora."<sup>331</sup> Considerando as lembranças da infância e as experiências em seu presente, Valéria destaca que não pretende deixar que essa tradição se perca, e procura por meio de seu ciclo de mulheres transmitir os benzimentos de sua mãe e avó.

(Valéria): Mas esse meu legado também, sabe [Tay]. É, eu não quero que vá morrer comigo não, eu quero passar pra frente, porque, são rezas, são momentos que eu vivi, e que não dá pra deixar morrer assim, entendeu? Porque, hoje, a gente sabe né, as benzedoras estão num grupo bem reduzido, está até difícil de encontrar uma benzedora mesmo, né. Então, essas meninas que vem na Tenda Vermelha. Nesses encontros. Eu falei com elas: 'Oh, vocês têm, eu vou passar pra vocês o meu legado, viu [risos]. Nem que seja para você abençoar o seu filho, o seu vizinho'. E, eu achei interessante, uma menina, acho que, de vinte anos: 'Não, eu quero aprender, tudo isso'. Aí eu falei: 'Nossa, que legal! Uma menina tão jovem, né, e ela quer aprender'.

<sup>328</sup> Entrevista concedida por Valéria Tristão a Tayane Oliveira no dia 16 de setembro de 2020.

<sup>329</sup> Entrevista concedida por Valéria Tristão a Tayane Oliveira no dia 16 de setembro de 2020.

<sup>330</sup> Entrevista concedida por Valéria Tristão a Tayane Oliveira no dia 16 de setembro de 2020.

<sup>331</sup> Entrevista concedida por Valéria Tristão a Tayane Oliveira no dia 16 de setembro de 2020.



(Tayane): Nossa, bacana.

(Valéria): Passar adiante.

(Tayane): Pra você, você acha que a pessoa precisa ter um dom para aprender a benzer ou só a pessoa tendo essa vontade já é necessário para ela se tornar uma benzedeira, um benzedor?

(Valéria): Olha, [Tay], olha. O único quesito é o amor e vontade de servir ao próximo. Então, por exemplo, eu tenho isso comigo. Esse desejo de estar sempre ajudando, auxiliando, curando, nem que seja uma palavra amiga, seja incentivando de alguma forma. E agora, através com os benzimentos, do Reiki, potencializou ainda mais. Mas, eu creio no desejo, é o amor, é a vontade de servir, de ser útil. Assim, na minha geração, da minha idade, assim, muitas de nós, benzedeiros da minha idade, elas trazem o dom porque elas vivenciaram aquela energia, todo aquele ritual, eu creio muito nessa questão de passada de geração em geração. Penso que a gente tá vendo que isso tá acabando, [Tay]. Então, eu acho que, por exemplo, se você tiver amor, vontade, o desejo de auxiliar o próximo, você pode aprender a benzer. Como se diz, só me acompanhar, [risos] acompanhar uma outra benzedeira, não tem não tem mistério, né. É, mas eu creio que qualquer pessoa pode<sup>332</sup>.

O círculo de mulheres pode ser entendido por Hervieu-Léger a partir da noção de “nebulosa místico-esotérica” denominada por F. Champion, em que se constitui no desenvolvimento da religiosidade centrada no indivíduo e na sua realização pessoal, sem que necessite se vincular a uma pertença religiosa específica. O objetivo a ser alcançado é o autoaperfeiçoamento praticado “através de práticas psicocorporais que se servem de toda uma gama de técnicas oferecidas pelas grandes tradições espirituais e místicas” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 143-144).

Além do círculo de mulheres, a *internet* tem sido uma ferramenta para a divulgação de seus trabalhos terapêuticos. Em 2020, a pandemia do coronavírus, a impulsionou para a realização de *lives* sobre benzimentos nas suas redes sociais. Ela comenta sobre as formas de divulgação e de realização das práticas de benzedura exercidas pela sua mãe e agora por ela:

(Valéria): Porque no meu... No tempo da minha mãe, era o ‘boca a boca’, né. As pessoas falava: ‘Ah, gente. O menino tá com diarreia, leva lá na dona Efigênia, que ela vai benzer de vento-virado ou ventre-virado, né’. Então, era o ‘boca a boca’, hoje a gente tem a *internet*, né. Quando eu comecei a falar na internet, quando eu comecei a publicar, nossa... [risos] as minhas redes sociais tá lotada.

[...]

(Valéria): [...] hoje...hoje estava ali, estava pensando, assim, a minha mãe, a minha mãe, por exemplo, ela nunca trabalhou fora, minha avó também não. Minha mãe fazia salgado, costurava. Mas assim, as benzedeiros, elas não é que elas tinham mais tempo, mas elas tinham o trabalho mais doméstico. Então, qualquer pessoa que chegasse ali, qualquer horário, elas estariam ali prontas, né. E, a gente, hoje com o corre-corre da vida, a gente tá bem limitada. Eu sinto bem limitada. Tanto que eu falei: ‘Nossa que bom que tem a internet, que tem as *lives* que aí, você pode fazer. Benzer várias pessoas ao mesmo tempo, a gente’... Eu falo, eu até escrevi isso é: ‘O meu conhecimento, a gente...Eu fui, eu fui adaptando, né. Adaptando para a nossa época de hoje’. Porque se você tem um veículo desse, que você pode fazer um benzimento para várias pessoas ao mesmo tempo, é maravilhoso! E, eu acho, eu acredito nisso, né.

[...]

<sup>332</sup> Entrevista concedida por Valéria Tristão a Tayane Oliveira no dia 16 de setembro de 2020.

(Valéria): E hoje, eu vejo. Hoje nas minhas redes sociais, tanta gente ‘Oh, Valéria me benze’, e assim, a fé é incrível, né. Porque, tava pensando hoje ainda, eu falei: ‘Gente, os benzimentos, as benzedoras mesmo né’, [Tay], principalmente, as que vem com a ancestralidade, a gente conserva o simples, o simples das orações, do simples... A base da simplicidade, ela está atravessando assim gerações em gerações. Porque, tem muitas pessoas me pediu pra benzer, e eu acho isso muito incrível, sabe. A fé nas benzedoras, elas conseguiram atravessar essas gerações e gerações através da fé, do desejo de auxiliar o próximo. Eu acho maravilhoso.

(Tayane): Você sente alguma diferença em benzer pessoalmente ou pela internet, assim? Você costuma usar telefone se a pessoa te pede algum benzimento?

(Valéria): Oh... [Tay], eu comecei a benzer online e a distância, olha vai fazer um ano. É mesmo vai fazer um ano, que eu fiz, que eu participei de um encontro de benzedoras de Minas Gerais, lá nas Águas. Nunca tinha...

(Tayane): Eu estava lá.

(Valéria): Oi?

(Tayane): Eu estava lá também.

(Valéria): Ai! É lindo, né! Aí, aquela senhora, esqueci o nome dela hoje. Agora, não estou conseguindo lembrar... 104 anos ou 100, né? Acho que é isso mesmo. Aí, eu lembro que eu perguntei para ela, se a gente podia benzer a distância, porque o *reiki*, a gente pode enviar a distância. Ela me respondeu: ‘Minha filha, pra Deus não existe esse negócio de distância, não’. ‘Ah é? Pode benzer à noite? Porque, minha mãe, ela é até 6 horas, depois das 6 horas ela não benzia mais, né’. ‘Não, pode. Você...’. Ah, agora tá bom e agora... Agora, uma senhora dessa idade, que benze à distância, online, né [risos].

(Tayane): É interessante essas modificações, porque a prática da benzedura... Eu acho que toda... A gente sempre tem essa noção que tradição é uma coisa cristalizada, né. Mas até para a própria manutenção dessa prática, ela precisa mudar para continuar no tempo, né. Então, é interessante ter essas alterações nas fórmulas, no modo como é realizada a benzeção.

(Valéria): É isso mesmo, porque a gente tem que caminhar conforme a evolução, né. Tá tudo, hoje, por exemplo, tá tudo através da internet, pelas redes sociais. E assim, eu, Valéria, na hora que eu estou fazendo uma *live* de benzimento, a minha energia naquele momento, é como se eu estivesse ali presente. Então, se a pessoa tiver fé mesmo, se ela se entregar aquele momento com certeza a energia vai fluir até essa pessoa. Então, é isso eu creio, e eu tenho feito bastante *lives*, mas também, muito aqui na minha cidade, agora, essa semana mesmo eu fui pra Santa Cruz, porque era uma família, e devido a pandemia não estou recebendo, né<sup>333</sup>.

<sup>333</sup> Entrevista concedida por Valéria Tristão a Tayane Oliveira no dia 16 de setembro de 2020.

Figura 33: Postagem do Instagram sobre *live* de benzimento



Fonte: Facebook de Valéria Tristão. São João del-Rei, 09/06/2020<sup>334</sup>.

Valéria ressalta que a vida cotidiana impossibilita ter uma maior disponibilidade para atender os consulentes, como a sua mãe e sua avó faziam antigamente, por estarem sempre em casa realizando tarefas e trabalhos domésticos. A *internet*, por sua vez, favorece a realização de benzimentos para muitas pessoas de uma vez só. Percebemos na sua forma de realizar os benzimentos uma nova leitura em relação às benzeduras realizadas pela sua mãe que benzia até o fim da tarde. A partir do conselho dado por uma benzedeira que estava no I Encontro de Benzedoiras e Rezadeiras realizado em Tiradentes, Valéria se dispõe a benzer à noite, prática que sua mãe não realizava, e pela *internet* abrangendo mais pessoas. Dessa forma, Valéria atribui novos sentidos a sua prática de benzedura. Para ela, o distanciamento virtual entre os consulentes não afetaria o resultado dos benzimentos, uma vez que sua energia está presente, e as pessoas que estão assistindo a sua *live* compartilham dos mesmos sentidos que ela.

Como Valéria diz: “a gente tem que caminhar conforme a evolução”. Nesse sentido, a partir de suas redes sociais, com postagens denominadas “Aprendi com a minha mãe”<sup>335</sup>, nas quais por meio de vídeos postados sobre os benzimentos, ensinamentos sobre chás medicinais

<sup>334</sup> Ver imagem em: <[https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10207971155354658&set=pb.1770910289.-2207520000..&type=3\\*](https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10207971155354658&set=pb.1770910289.-2207520000..&type=3*)>. Acesso em: nov. 2021.

<sup>335</sup> Ver postagem em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10207584537889463&set=pb.1770910289.-2207520000..&type=>>>. Acesso em: 03 mar. 2022.

e defumações, Valéria procura honrar sua ancestralidade através de sua linhagem materna, essa é a forma pela qual se integra às práticas de benzedura, e perpetua o legado de sua família.

Figura 34: Porta-retratos da avó, mãe de Valéria Tristão



Fonte: Facebook de Valéria Tristão. São João del-Rei, 12/03/2020<sup>336</sup>.

### 3.3.3. Soraia Geralda Santos

Soraia<sup>337</sup> é uma mulher negra de 43 anos de idade. Soraia nasceu em uma família católica, hoje, ela é candomblecista e cumpre a função de *ekedi*<sup>338</sup> na Associação Afro-brasileira Casa do Tesouro - *Egbe Ile Omidewa Ase Igbolayo*<sup>339</sup>. Soraia é aluna do curso de licenciatura em Teatro da UFSJ, tem formação em Técnico em Farmácia e no momento exerce o cargo de cuidadora de idosos.

<sup>336</sup> Ver imagem em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10207514062127613&set=pb.1770910289.-2207520000.&type=3>>. Acesso em: 06 nov. 2021.

<sup>337</sup> Entrevista concedida por Soraia Geralda Santos a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira em 09/11/2021.

<sup>338</sup> Dentro do candomblé, *ekedi* representa um cargo feminino, tido por mulheres que não incorporam durante as cerimônias, elas auxiliam o médium e o orixá quando estão em transe, além de exercer outras funções na casa. Ver em: MULHERES DE LUTA. **O que é uma *ekedi* no candomblé?** [01/01/2022] Disponível em: <<https://www.mulheresdeluta.com.br/o-que-e-uma-ekedi-no-candomble/>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

Soraia comenta que: “E a minha função de *ekedi* ela é considerada a dama de honra do orixá. Quando o orixá me escolheu, e me apontou como *ekedi*, então na verdade, além da gente ser a dama de honra, a gente é a mãe do orixá, o terceiro olho, né. A que fica acordada para zelar, então a função de *ekedi* é zelar pelo orixá, é secar o suor desse filho que está entrando em transe. É dançar com o orixá para que o filho retorne com tranquilidade. É ver se esse filho está bem depois do transe. É envolver também com o babalorixá ou yalorixá. Na verdade, *ekedi* tem muitas e muitas funções, por isso que além dela ser mãe que exerce vários papéis”. Entrevista concedida por Soraia Geralda Santos a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira em 09/11/2021.

<sup>339</sup> Associação Afro-brasileira Casa do Tesouro - *Egbe Ile Omidewa Ase Igbolayo* funciona na Rua Vereador Vicente Cantelmo, 875, bairro Guarda Mór, em São João del-Rei.

Na entrevista realizada com D. Teresa no dia 29 de agosto de 2020, eu perguntei a Soraia, que estava acompanhada de sua avó, se ela tinha interesse em aprender a benzer.

(Tayane): A senhora [D. Teresa] falou que não tem ninguém interessado na sua família para aprender a benzer. Soraia, você tem interesse em aprender a benzer? [risos]

(Soraia): Eu não! Nossa Senhora! Assim, eu tenho interesse em me proteger, né. Que eu acho que é sempre bom, toda proteção é bem-vinda. Então, eu já pedi sim a minha vó as orações dela, já escrevi, porque se precisar em alguma emergência, a gente tem que estar resguardado, né. Mas é muita responsabilidade<sup>340</sup>.

Apesar de ter interesse em se proteger com as orações, a resposta de Soraia naquele momento foi negativa para aprender a benzer, por considerar uma atividade de grande responsabilidade. Depois de um tempo, no mês de julho de 2021, Soraia e eu fomos convidadas para apresentar uma aula na disciplina “Teatro e Cultura”, ministrada pela professora Carina Maria Guimarães Moreira<sup>341</sup> do curso de Teatro da UFSJ, no qual a temática era sobre cultura afrodescendente. Nossa aula se referia ao universo das rezadeiras. Durante a aula, Soraia revelou que está inclinada a seguir os passos de sua avó como benzedeira. Na entrevista realizada com Soraia a questiono a respeito de sua aprendizagem:

(Tayane): Então, Soraia, na última entrevista que eu fiz a sua avó estava presente. Você tinha comentado que achava que era muita responsabilidade ser benzedeira. Você comentou que está aprendendo a benzer com a sua avó agora. Eu queria saber o que te fez mudar de ideia pra seguir esse caminho das benzeduras?

(Soraia): Na verdade, eu acho que todo e qualquer ofício religioso e toda prática religiosa, todo ritual exige muita responsabilidade, né. A partir do momento em que a gente entra em conexão de boas vibrações no sentido vibracional para o bem-estar do outro, para o bendizer do outro, né. A gente precisa doar o que a gente tem de melhor. E é muita responsabilidade porque a gente precisa adquirir força primeiro com nós... Primeiro com a gente mesmo. A força primeiro é interna de quem tá praticando que vem de dentro pra fora. E, aí é isso, eu preciso ter essa força para que eu consiga que essa força seja doada em benefício do outro que tá necessitado.

(Tayane): Você já benzeu alguém com as benzeduras que sua avó lhe ensinou?

(Soraia): Não, na verdade esse caminho dentro da benzeção, eu percebi que ele faz parte do meu processo espiritual mesmo, porque essa conexão a gente... Eu fui sentindo pelas minhas sensações, como eu fui criada em uma igreja católica, hoje não, sou de matriz africana, né. Eu faço parte do candomblé, eu sou *ekedi*. Então como eu fui criada na igreja católica por um tempo, e aí eu tive um certo fervor, e diante de visualizar as práticas que minha avó fazia, fazia não, ainda faz ao benzer uma pessoa e também quando ela me benzia, eu percebia essa força e essa batalha que ela tem, né. Eu digo batalha porque, a gente acaba lutando junto com o sagrado para o bem-estar do outro, para o bem querer do outro. Então, por enquanto, eu estou adquirindo as orações, e tô assim entrando em conexão diante dos meus momentos pra saber de que forma eu possa estar doando isso pro outro, então eu estou numa fase de conhecimento comigo mesma.

(Tayane): Como tem sido pra você esse aprendizado com a sua avó?

(Soraia): Então, esse aprendizado com a minha avó tem sido de muita cumplicidade, muita lealdade, lealdade e a valorização da continuidade, muito desse ato, né. Então assim, eu preciso preencher por dentro desta ciência sagrada pra mim, para depois ser transferida pro outro. Então, assim, eu estou me preenchendo com essas experiências.

<sup>340</sup> Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis e Soraia Geralda Santos a Tayane Oliveira em 29/08/2020.

<sup>341</sup> Professora adjunta do Departamento de Artes da Cena da Universidade Federal de São João del-Rei/MG.

(Tayane): O que você leva desse aprendizado com ela?

(Soraia): O que eu levo, Tayane. Eu levo resistência. É o que eu posso te dizer. Eu levo resistência diante da vida<sup>342</sup>.

O tempo foi um elemento fundamental para que Soraia despertasse para esse ofício. Soraia está no processo de formação de sua identidade como benzedeira, ela compreende a responsabilidade de exercer esse ofício herdado por sua avó, e para isso é necessário que ela se fortaleça internamente para promover ao outro a cura. Como observado por Mauss (2003), um dos princípios do dom/dádiva que se baseia no sistema de trocas é a doação. Nesse sentido, “compreende-se logicamente, que nesse sistema de ideias, que seja preciso retribuir a outrem o que na realidade é parcela de sua natureza e substância” (MAUSS, 2003, p. 200). Para doar é preciso estar inteiro. Dessa maneira, Soraia se prepara para que possa estar pronta para se inteirar no ofício da benzedura em sua completude.

Dentro do candomblé, o cargo que Soraia exerce como *ekedi* tem como função zelar pelos médiuns incorporados durante as cerimônias religiosas. Soraia menciona que a *ekedi* é a mãe do orixá. O cuidado prestado para o médium pode ser relacionado também com a forma como uma benzedeira cuida e auxilia os seus consulentes.

Nesse processo de adquirir as orações de sua avó, Soraia vivencia o momento se conectando consigo mesma e com o sagrado. A relação que se estabelece entre ela e D. Teresa é baseada na cumplicidade, lealdade e resistência, no qual a continuidade dessa prática enaltece o legado de sua família.

---

<sup>342</sup> Entrevista concedida por Soraia Geralda Santos a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira, por meio de gravações de áudio através do aplicativo *WhatsApp*, em 09/11/2021.

Figura 35: Soraia e D. Teresa



Foto: Soraia Geralda dos Santos. São João del-Rei, s/d.

### **3.4. Tempo, memória e identidade: o amparo ancestral na formação dos benzedores**

A influência que os familiares exercem na formação da identidade dos novos benzedores configura o modo de percepção que eles têm a respeito da prática de benzedura e do seu passado. Como nos mostra Candau: “a aquisição de uma identidade profissional ou, mais genericamente, de uma identidade vinculada a poderes e saberes não se reduz apenas a memorizar e dominar certas habilidades técnicas: ela se inscreve, na maior parte dos casos, nos corpos mesmos dos indivíduos” (CANDAU, 2012, p. 119).

Memória, tradição oral e o dom se alinham no processo de formação da identidade do benzedor ou benzedeira. Além desses aspectos, o tempo se mostra como elemento essencial para o desenvolvimento desse ofício. Percebemos que diferentemente dos benzedores mais velhos que iniciaram no ofício da benzedura durante a infância ou juventude, os novos benzedores têm seu despertar na fase adulta de suas vidas. A experiência religiosa também conta como aspecto constitutivo no seu processo identitário. A forma como vivenciam sua religiosidade e espiritualidade reflete na sua prática de cura. Podemos observar que Alessandro,

Valéria e Soraia não seguem a mesma base religiosa que seus antepassados. Alessandro e Soraia se converteram para a umbanda e candomblé, respectivamente, e Valéria se torna espiritualista. Conforme Hervieu-Léger (2015), a modernidade religiosa se manifesta com a liberdade de escolha do indivíduo em expressar sua religiosidade sem estar vinculado à religião de origem familiar. “A paisagem religiosa da modernidade é caracterizada por um movimento irresistível de individualização e de subjetivação das crenças e práticas” (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 139).

Entendemos que à sua maneira cada novo benzedor exerce a prática da benzedura seguindo suas religiões e crenças, mas se apoiam na memória familiar para dar continuidade ao seu legado. O resgate do vínculo afetivo através da prática da benzedura vai ao encontro da noção de amparo ancestral adotada pelo psicólogo John Kotre (1997; 2013) que nos ajuda a pensar este conceito através da memória que criamos de nossos ancestrais, e de como nós nos criamos a partir dessa memória. Notamos que com Alessandro, seu pai profetiza um caminho a ser seguido por um dos seus sete filhos. Essa memória se configura em uma missão de vida, na qual Alessandro assume a herança de seu pai e protagoniza sua profecia. O prenúncio de seu pai o transforma em um mito pessoal para Alessandro, se tornando uma fonte de amparo ancestral através da sua memória autobiográfica (KOTRE, 2013, p. 37).

Candau nos mostra que a metamemória seria a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória. Ela está associada às formas de vinculação do indivíduo a seu passado. Dessa forma, sendo uma memória reivindicada, a metamemória torna-se “uma dimensão essencial da construção da identidade individual ou coletiva” (CANDAU, 2005, p. 100).

Como mencionado por Alessandro, seu pai não ensinou a ele e nem a seus irmãos a benzer. Sua participação no curso de benzimento reelabora “a recepção de uma herança cultural (um conjunto de costumes ou idiosincrasias sociais, um patrimônio) [...] [pois] abre mais possibilidades para a invenção e interpretação, princípio mesmo da tradição” (CANDAU, 2012, p. 123). Portanto, em complementariedade, “... a ‘recepção’ da herança consiste inicialmente em uma reivindicação consciente antes de ser uma proclamação ativa” (BOUJU *apud* CANDAU, 2012, p. 123, grifos do autor). Candau menciona ainda que:

[...] a reminiscência que rege essa tentativa de acesso a si mesmo obedece sempre a uma ‘teologia linear’, transforma um passado feito de rupturas e descontinuidades em um traçado que religa o que estava separado. Aquele que volta a redimensionar sua vida a partir desses traços dispersos de seu passado os dispõe sobre um eixo temporal contínuo que supõe poder recapitular sua vida inteira. Impõe-se, então, em toda a sequência autobiográfica (narrativas de vida, mas também, de certa forma, as múltiplas práticas autobiográficas comuns que objetivam inscrever “a singularidade do eu” tal como diários, egomuseus, trocas epistolares, arquivos pessoais de toda natureza. Nesse sentido, todo aquele que recorda domestica o passado e, sobretudo,



dele se apropria, incorpora e coloca sua marca em uma espécie de selo memorial que atua como significante da identidade (CANDAUI, 2011, p. 73-74).

[...] está em jogo a reapropriação do passado familiar, à qual cada indivíduo se lança ao mobilizar as funções de revivência e reflexividade. Essa reapropriação é sempre específica e o sentido que ela confere aos acontecimentos familiares memorizados é irredutivelmente singular, idiossincrático. Em uma lógica de diferenciação e autonomização, essa reapropriação permite ao indivíduo elaborar e logo narrar sua própria história, que será confrontada com a de outros membros da família, assim como a norma coletiva familiar. Mesmo que possa encontrar alguma ressonância com o que os outros membros do grupo familiar elaboram, a lenda ou "romance familiar" é redigida na primeira pessoa. Ao mesmo tempo em que constrói sua identidade pessoal por uma totalização provisória de seu passado, o indivíduo realiza, portanto, a aprendizagem da alteridade. Desse ponto de vista, a memória familiar é para o indivíduo ao mesmo tempo a consciência de uma ligação e a consciência de uma separação (CANDAUI, 2012, p. 140-141).

Alessandro se apoia no prenúncio e nas memórias de seu pai para construir sua identidade como benzedor, mesmo traçando o caminho idealizado pelo seu pai. Através da "profecia", ele desenvolve sua identidade com alteridade se apropriando do passado, mas determinando seu processo identitário a partir de suas vivências religiosas.

Valéria traz na sua linhagem materna a continuação do ofício das benzedoras e transmite, através de seu círculo de mulheres, as benzeções da linhagem de sua família. Os objetos religiosos de seus familiares também exercem esse papel de amparo ancestral no processo de formação de identidade dos benzedores, de acordo com Valéria:

(Valéria): [...] vou te mostrar aqui, a Nossa Senhora da Conceição que tá há 200 anos quase na minha família. Olha, que coisa mais linda, Tay. Tá faltando aqui, a coroa dela. Ela foi da mãe do meu tio, aí eu e meu irmão a gente tava fazendo os cálculos. Era dele, minha mãe deu para ele essa Nossa Senhora da Conceição. Aí, a gente fazia os cálculos, se ele estivesse vivo, ele estaria com 140 anos, que a gente conheceu ele. Se foi da mãe dele, coloca aí, eu dei uns 200 anos, né. E ele... Ela é de cerâmica, olha, todo entalhado à mão. Então, tenho o meu altar, né. Mas é... são as minhas proteções. (Tayane): Nossa interessante essa imagem...

(Valéria): Oi?

(Tayane): Esse elo com esse instrumento de fé.

(Valéria): Engraçado, até eu começar a benzer, eu não tinha. Aí, o que aconteceu, deixa eu te mostrar, o que aconteceu. Eu falei assim: 'Gente, quando eu tive o despertar de começar a benzer, que eu fui, eu fui pegando o que era da minha mãe, como se fosse um amuleto para mim, de proteção'. Tanto que aqui, olha... Esse terço<sup>343</sup>, vamos colocar, tem uns 50 anos, que eu me lembro desde que eu me entendo por gente, né. Que é o terço dela de conta de lágrima que ela benzia, e ele tava todo arrebitado, sabe. Não, não consegui emendar. E, esses dias tem um rapaz que fica aqui nas ruas em São João, eu mostrei, cheguei pra ele todo arrebitado, 'eu vou arrumar para senhora é agora'. Tá aqui comigo<sup>344</sup>. Então, esses amuletos de fé, que foram dela, da minha mãe, tenho resgatado para trazer... Para mim tá servindo como um amuleto também de proteção, daquela fé. Pensa bem, essa Nossa Senhora da Conceição já teve com a mãe do meu tio, minha avó, pra minha mãe, ela deu para o meu irmão, mas ele me deu. [risos] E foi muito engraçado, porque, eu pedi para ele, né. Eu toda assim, sem saber como que eu ia falar, porque é uma imagem importante, assim, para nossa família, né. Aí, eu falei com ele: 'Tô precisando tanto de proteção, tô precisando tanto dessa Nossa Senhora', [risos] ele falou: 'É, mas a mãe me deu pra

<sup>343</sup> Valéria pega um terço na mão.

<sup>344</sup> Valéria fecha o punho com o terço na mão.

mim'. 'Eu precisava dela'. 'Então, pode levar'. Eu toda feliz, né. Não que ele não merece, mas eu quis resgatar isso, também pra mim, né<sup>345</sup>.

Figura 36: Valéria com a imagem de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Conceição



Fonte: Tayane Oliveira. São João del-Rei, 16/09/2020.

<sup>345</sup> Entrevista concedida por Valéria Tristão a Tayane Oliveira no dia 16/09/2020.

Figura 37: Valéria segurando o terço que era de sua mãe



Fonte: Tayane Oliveira. São João del-Rei, 16/09/2020.

A imagem de Nossa Senhora da Conceição que está há gerações na sua família e o terço utilizado pela sua mãe nas benzeções em que realizava garantem a Valéria proteção em seus benzimentos e o resgate com seus laços familiares. De acordo com Myriam Lins de Barros (1989, p. 35), os retratos de familiares, os artigos religiosos, móveis e objetos não têm apenas a função de relembrar o passado, esses objetos contêm uma história que simboliza a união familiar e os laços de descendência. De acordo com Candau:

Essa vontade de adesão a um sistema que garanta a perpetuação de uma linhagem se alimenta de uma memória doméstica de longa duração que se utiliza de vários e diferentes suportes: os documentos de família, os lugares e paisagens que envolvem a propriedade, mas também os múltiplos suportes de lembranças íntimas, objetos tidos como antigos, árvores plantadas por ocasião de um nascimento de tal ou tal ancestral [...] Todos esses signos memoriais servem menos a veicular informações ou ativar a lembrança sobre acontecimentos que para afirmar o caráter durável do laço familiar (CANDAU, 2011, p. 117).

A linhagem materna de Valéria, juntamente com os objetos que lhe dão suporte espiritual e ancestral, são um ponto de referência do passado para seguir dando continuidade ao legado ancestral das mulheres de sua família.

Soraia, assim como sua avó, D. Teresa, ativa sua escuta para compreender os sentidos atribuídos na prática da benzedura. O amparo ancestral de sua avó se mostra fundamental para permanecer nesse ofício, que vem demonstrando uma redução no número de praticantes, de acordo com Soraia:

(Soraia): Na verdade, eu não posso te falar numa percepção como um todo, né. Mas eu posso te falar da minha percepção do lugar de onde eu me criei, do lugar de onde eu vim, do ambiente onde eu fui criada. Então, a minha percepção é que a prática está acabando. É preciso ter uma base muito sólida de quem está lhe dando força dentro desse caminho, sabe? Dentro desse caminho que eu considero como caminho espiritual, porque é a utilização do seu corpo, da sua fé que você vai tá invocando as forças sagradas, né. Então, a minha percepção dentro desse lugar, dentro desse meio é que lá na frente tá acabando, porque assim, porque as pessoas não querem adquirir responsabilidade, se a gente vai lidar com a fé do outro a gente precisa abraçar a fé do outro. E pelo panorama que estamos vivendo hoje, muitas pessoas com problemas emocionais, enfim, isso precisa ser abraçado, que seja uma oração, que seja uma conversa. Mas se a gente não estiver na mesma conexão do caminho, da reza e escuta do que a gente tem para oferecer para o outro, porque a gente precisa falar e precisa escutar para saber de que forma essa energia vai ser transmitida. Então, hoje em dia, assim eu sinto que ocorre essa dificuldade, esse bloqueio das pessoas, né, para esse momento. Então, eu acho que se não houver uma fortificação de quem possa te amparar para o ato da benzeção não tem como você seguir um caminho, sem que alguém te ampare espiritualmente. No meu caso, por exemplo, a minha avó me ampara me dando coragem. Ela não me ensina, porque assim como na minha religião, assim tudo é pela oralidade, né. E você só vai saber no momento em que você pratica. A minha avó sempre, sempre teve essa comunicação comigo. Então, como eu já tinha dito anteriormente, cada um tem a sua ciência, né. Então, é só através da minha ciência com as vivências que eu já presenciei nos atos de benzedura da minha avó e pela potência que minha avó transfere pra mim é que eu preciso absorver toda essa potência, toda essa coragem pra primeiro, pra mim mesma pra poder transferir pro outro. Então, a minha percepção de hoje é que são poucas as pessoas que tá querendo entrar no combate<sup>346</sup>.

Soraia percebe que o ofício da benzedura se torna cada vez mais escasso, sendo que não é qualquer pessoa que está apta e disposta a ser benzedeira ou benzedor, a “entrar no combate”. É preciso ter responsabilidade e ter compromisso em estar aberto para acolher e sanar a dor do outro, e isso só acontece na prática. A oralidade se apresenta como guia para despertar os sentidos, através de uma escuta sensível, a conexão com o outro se torna possível. Soraia entende que o caminho a seguir nas práticas de benzedura necessita de amparo, e sua avó Teresa a fortalece nessa caminhada.

Percebe-se assim que o horizonte de expectativas dos novos benzedores é marcado pelo espaço de experiência, é o passado que lhe dá forças para ir em direção ao futuro. Como nos mostra Kotre, “começo a ver a vida de um ancestral fluindo dentro da minha” (KOTRE, 2013, p. 36).

Depois que Soraia respondeu às perguntas da entrevista, ela me enviou a seguinte mensagem:

(Soraia): Tayane, eu vou te responder, mas deixa eu te perguntar uma coisa, a minha afilhada que é bisneta da minha avó, acabou de me fazer uma pergunta: ‘Se eu pedir a minha avó pra me ensinar a benzer, será que ela me ensina?’ Então eu achei muito

---

<sup>346</sup> Entrevista concedida por Soraia Geralda Santos a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira, por meio de gravações de áudio através do aplicativo *WhatsApp*, em 09/11/2021.

legal isso, sabe. E eu acho que seria interessante já que a Vitória, minha afilhada, a bisneta da minha avó, tá com todo esse interesse, com esse objetivo [...] <sup>347</sup>.

Assim como eu, Soraia ficou surpresa com o interesse de sua afilhada, Vitória, em aprender a benzer com sua avó, D. Teresa. Uma nova benzedeira irá surgir? Isso só o tempo irá nos dizer.

---

<sup>347</sup> Informações obtidas através do aplicativo de conversa *WhatsApp* em 10/11/2021.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O meu amparo ancestral durante todo esse percurso do mestrado foi minha avó Ana. Tê-la como apoio no desenvolvimento desse estudo me deu forças para continuar pesquisando e escrevendo sobre esse universo.

O caminho que venho “cosendo” desde que comecei a pesquisar sobre fontes orais na graduação, durante a disciplina Introdução à História Oral, ministrada pela professora Silvia Brügger, me proporcionou o contato maior com o universo das práticas de benzedura. Nesse período tive a oportunidade de entrevistar minha avó. Poder entrevistar um parente tão próximo do seu convívio familiar, pode dar a impressão de facilidade pela proximidade afetiva. Mas a relação parental de autoridade, por vezes, se sobressai no momento da entrevista. Os papéis sociais de neta de benzedeira e historiadora que desempenho foram postos no processo dessa pesquisa. O equilíbrio desses dois papéis sociais me permitiu elaborar uma escrita crítica e sensível em relação à narrativa dos entrevistados.

Figura 38: Vó Ana segurando meu álbum de formatura do curso de História

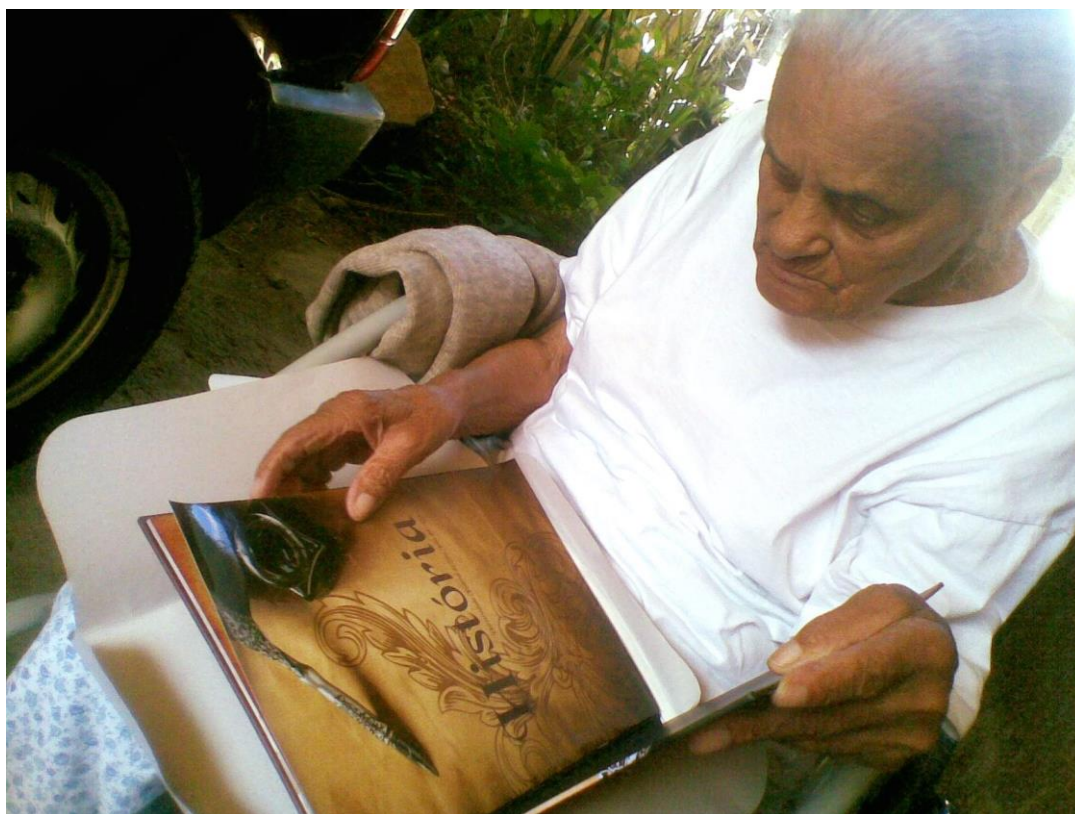


Foto: Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. São João del-Rei.

As perguntas e afirmações que sempre ouvia quando falava sobre minha pesquisa sobre as benzedeadas e benzedores de São João del-Rei, é que “eles estão acabando”, ou que, “não se

encontra mais benzedeira como antigamente”. Isso me fez questionar sobre os espaços que esses benzedores ocupam na cidade. A partir desse questionamento, apresentei a hipótese de que mesmo com os impasses para a transmissão desse conhecimento, a prática da benzedura alcança pessoas dispostas a se dedicarem a esse ofício de fé e cura, tendo na família, o suporte para a continuidade dessa tradição. O que pode ser verificado pelas entrevistas é que mesmo com uma redução do número de benzedores e desinteresse de familiares da geração seguinte em relação à prática - observados pelos entrevistados -, é justamente na família que essa tradição se mantém. O ponto de acesso para o restabelecimento da conexão com essa tradição acontece por meio de cursos de benzimento, encontros entre benzedoras e, principalmente, no contato direto com esses familiares. Vale ressaltar que a oralidade e a escuta são essenciais para que ocorra a transmissão desse conhecimento. Independentemente da forma como esse saber é difundido, é nas palavras e nos gestos que a força ancestral, o dom, o amor incondicional, o chamado para a cura se manifestam.

Desde o início da minha pesquisa sobre a prática da benzedura pude exercer, ou melhor, me descobrir no ofício de historiadora. A escolha por trabalhar com História Oral me permitiu entrar em contato com pessoas que compreendem a prática da benzedura como ofício de vida. Os benzedores compartilham seu tempo, seu conhecimento, energia e fé em prol do bem-estar do próximo, sem pedir nada em troca.

Ao adotar a história oral como metodologia pude compreender melhor a relação entre escuta e fala. Essa relação é fundamental para perceber as nuances, os acontecimentos e circunstâncias que envolvem o depoimento e a memória do entrevistado. O trabalho de história oral só se desenvolve de forma efetiva, a partir da análise crítica e da prática sistemática na construção das memórias, mas também quando o historiador se permite buscar outros olhares, novas vozes, vivências e experiências de vida. Dessa forma, minha pesquisa além de ser um estudo da História do Tempo Presente, também se enquadra como um trabalho de História Pública por possibilitar e difundir o diálogo entre a academia e a comunidade são-joanense, colaborando, dessa maneira para as discussões das questões que envolvem essa comunidade, possibilitando a reflexão de sua própria história.

A adaptação foi o elemento chave para o desenvolvimento da pesquisa. Devido à pandemia da COVID-19, eu tive que procurar formas para ajustar a minha metodologia de pesquisa para realizar as entrevistas. Após um período de espera para compreender o momento que estávamos passando, e ter noção de como lidar com essa situação, uma vez que boa parte dos entrevistados se encontravam no grupo de risco da doença por causa da idade. Dessa forma, foram realizadas entrevistas à distância através da plataforma digital *Stream Yard*. Para evitar

o contágio nas entrevistas realizadas presencialmente foi utilizado equipamento de proteção recomendado pelos órgãos de saúde como máscaras, protetor facial e álcool em gel. Com o decorrer da pandemia, até os próprios benzedores tiveram que se adaptar para realizar os benzimentos sendo realizados pelo telefone ou através dos nomes dos consulentes escritos num papel. Outra forma foi a realização de benzimentos através das redes sociais que atingia um maior número de pessoas.

Conhecer os entrevistados, sua trajetória de vida foi essencial para compreender as dinâmicas implicadas na forma como vivenciam sua religiosidade a partir dos benzimentos. A partir de seus depoimentos identificamos práticas de benzedura como: quebranto; mau-olhado; cobreiro; ventre-virado; coser jeito; erisipela; aguamento; queimadura. As benzeduras realizadas pelos benzedores que seguem a linha do catolicismo invocam em suas orações seus santos de devoção. Outros benzedores modificaram sua forma de benzer ao incorporar em suas orações os princípios da religião evangélica, como as orações de seu Gilmar, que intercede diretamente a Jesus em seus benzimentos. D. Teresa quando benze tem a proteção da guia de São Lázaro consagrada em um terreiro de candomblé. A forma como o benzedor Alessandro benze se difere dos demais entrevistados, pois seus benzimentos são realizados a partir da intervenção de suas entidades espirituais na Umbanda. Valéria amplia o alcance dos benzimentos, a partir de seus seguidores nas suas redes sociais.

A partir desses aspectos observamos que a cidade de São João del-Rei, famosa pela celebração da tradicional Semana Santa, de suas igrejas barrocas, do toque dos sinos, também evidencia o reflexo das diversificações e dinâmicas das filiações religiosas que ocorrem no país. O conceito de modernidade religiosa defendido por Danièle Hervieu-Léger revela as performances e os processos que ocorrem dentro ou fora dos grupos religiosos, fazendo com que essas manifestações também incidem na vida dos benzedores.

Em São João del-Rei, a prática de benzedura se apresenta a partir desses agentes de fé, suas práticas vão em direção à diversidade religiosa. Os benzedores apresentam uma leitura particular de sua prática de cura a partir de sua vivência religiosa e espiritual. A realização dos benzimentos só é possível quando a relação entre benzedores e consulentes acontece a partir do compartilhamento de sentidos atribuídos a esse universo curativo.

A relação do benzedor com a comunidade não se realiza somente pelos benzimentos. A interação acontece também por meio das atividades dos grupos religiosos em que os benzedores estão inseridos, como na organização das festas do bairro; nas celebrações do congado; no ministério da eucaristia; na distribuição de alimentos para famílias carentes; nos conselhos dos pretos-velhos; na diminuição da poluição do meio ambiente através da reciclagem de óleos de



cozinha; na produção de pães; no acolhimento de dependentes químicos, no cuidado com os idosos. Os benzedores, além do seu ofício de cura, ocupam e exercem outros espaços dentro da comunidade são-joanense.

Através da pesquisa verificamos que as causas para a crise da transmissão de conhecimentos de uma geração para outra se deve a vários fatores, como o envelhecimento que causa problemas de saúde, que dificulta a transmissão de saberes, a própria morte desses agentes de cura interrompe a cadeia de transmissão. E como apontado por Hervieu-Léger (2015), a modernidade religiosa permite ao sujeito uma maior liberdade de escolha religiosa. Desse modo, os membros da geração seguinte não se sentem obrigados a seguir a religião de origem de sua família ou ofício da benzedura. Essa desvinculação religiosa relacionada com a prática de benzedura acarreta nos benzedores uma perspectiva negativa sobre o futuro da prática, uma vez que o espaço de experiência e horizonte de expectativas não se alinham. Essa visão sobre as transformações religiosas reflete na continuidade de sua prática da benzedura, já que é na rede familiar e de convivência que essa tradição tem sua base de perpetuação.

Sendo a família a base para a continuidade da tradição da prática da benzedura, o amparo ancestral se sustenta como elemento que manifesta a identidade dos novos benzedores, a partir da elaboração da memória que cria de seus ancestrais e de si próprio. O reflexo da modernidade religiosa na formação dos novos benzedores impulsiona sua peregrinação no ofício da cura. Uma jornada cujo caminho tem o olhar voltado ao passado.

A minha dissertação tem forte influência da minha avó Ana. O presente estudo pode servir de incentivo para a produção de uma escrita historiográfica baseada na subjetividade, na aproximação afetiva de algum familiar, mas sem que se perca o caráter crítico de uma narrativa acadêmica. Nessa perspectiva, Giovana Xavier nos mostra, a partir das subjetividades, a importância de intelectuais negros alcançarem “novos pontos de vista para escrita das nossas histórias” (XAVIER, 2021, p. 7).

A partir da análise do perfil dos benzedores é possível se aprofundar nas abordagens referentes à velhice; às relações de gênero; às relações raciais; o racismo religioso; às relações de trabalho doméstico; à interseccionalidade; e à modernidade religiosa, por exemplo. Os pontos discutidos neste trabalho não se encerram nesta dissertação, mas abrem caminhos para que novas questões sejam levantadas.

Estar em trânsito, percorrer a cidade à procura das benzedoras e dos benzedores, me mostrou um outro lado da cidade que eu pouco conhecia. As memórias e histórias dos benzedores se juntam às memórias de minha avó, elas colaboram para a construção de um sentido, no qual o universo da prática de benzedura se ressignifica e manifesta de forma diversa.

Independentemente das influências religiosas que cada benzedor e benzeadeira expressam, todos se alinham no sentido de afastar o mal e curar aqueles que os procuram.

Para mim foi uma grande oportunidade entrar em contato, registrar e explorar essas histórias de vida, dessas mulheres e homens que dedicam suas vidas a essa prática de cura, amor e caridade. Um dos melhores momentos da minha pesquisa foi o compartilhamento das histórias, memórias e vivências de vida que todos os benzedores dividiram comigo. E perceber o orgulho e satisfação que sentem em ser benzedores. Abordar sobre a prática da benzedura, a religiosidade e suas influências é uma forma de legitimação e reconhecimento de sua identidade enquanto benzedores. O ofício da benzedura desenvolvido por esses sujeitos, carrega uma força ancestral que se perde no fio do tempo. Suas vozes ecoam saberes, expulsam o mal, promovem a cura, harmonizam o espírito. Fazer o bem é o que move suas trajetórias de vida. O maior ensinamento que tiro da minha pesquisa é compreender que a prática da benzedura é um ato de amor ao próximo.

Há na tradição africana um provérbio que diz: “nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para trás” (DRAVET; OLIVEIRA, 2017, p. 11). Esse provérbio está relacionado ao Sankofa, que pode ser representado por um pássaro mítico que voa para frente, mas sua cabeça está voltada para trás e carrega em seu bico um ovo, representando o futuro. Esse provérbio reforça a importância do tempo nas suas três dimensões, mas evidencia, principalmente, o passado. O que foi esquecido no passado traz luz ao presente e constrói o futuro. Eu iniciei minha pesquisa influenciada pela trajetória de vida minha avó Ana, tentando compreender um pouco do seu e do meu passado, a partir de sua história. Esse dever de memória não se encerra neste trabalho, ele forma uma ponte para que eu possa atravessá-la.

(Tayane): A senhora sente falta de benzer?

(Vó Ana): Eu não sinto não, porque, eu não parei de benzer.

(Tayane): [risos]

(Vó Ana): Eu não parei de benzer.

(Tayane): [risos]

(Vó Ana): Você acredita no que eu falo, eu não parei de benzer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história**. Rio de Janeiro. CPDOC, 2000. p.1-5.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro. Editora FGV. 2.ed. 2004.

ALBERTI, Verena. Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras. **História Oral**. [S.L], v. 8, n.11-28, jan-jun. 2005. Disponível em: <<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/113/108>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

ALMEIDA, B. O. de, & ALVES, L. R. G. **Lives, educação e Covid-19: Estratégias de interação na pandemia**. Interfaces Científicas - Educação, v. 10, n. 1, 2020, p. 149-163. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8926/4135>>. Acesso em: 11 out. 2020.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALVES, J.; CAVENAGHI, S.; BARROS, L.; CARVALHO, A. **Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil**. Tempo Social, v. 29, n. 2, p. 215-242, 8 ago. 2017.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de M (org.). **Usos e abusos da História Oral**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. XVI.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. Práticas de História Pública: O movimento social e o trabalho de história oral. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). **História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p.47-53.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Apresentação. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; Marta Gouveia de Oliveira Rovai (orgs.). **Introdução à História Pública**, São Paulo: Letra e Voz, 2011, p.7- 15.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; Marta Gouveia de Oliveira Rovai (orgs.). **A culpa nossa de cada dia: Ética e História Oral**. Proj. História. São Paulo, (15), abr. 1997, p. 145-155.

AVELAR JR, Samuel Pereira. **“Beira mar ô, a Congada é coisa de Preto Velho” – Memória e consciência histórica: a Festa do Rosário na comunidade São Dimas (São João del-Rei- MG)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São João del- Rei, 2019.

BÂ, Hampaté Amadou. A tradição viva. In: **História Geral da África**. Editado por Joseph Ki-Zerbo. 2ª ed. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345975/mod\\_forum/intro/hampate\\_ba\\_tradicao%20viva.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345975/mod_forum/intro/hampate_ba_tradicao%20viva.pdf)>. Acesso em: 7 jun. 2021.

BARKAY, Rafaela. **Fronteiras da oralidade: breves reflexões sobre particularidades da entrevista com mulheres idosas**. História Oral, v. 19, n. 1, p. 213-233, jan./jun. 2016. Disponível em: <<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/637>>. Acesso em 27 ago. 2021.

BARROS, Myriam Lins de. **Autoridade & afeto: avós, filhos e netos na família brasileira**. J. Zahar Editor, 1987.

BARROS, Myriam Lins de. **Memória e Família**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 29-42.

BARROS, José D'Assunção. **A história cultural e a contribuição de Roger Chartier**. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, 2005, p. 125-141. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4862954/mod\\_resource/content/1/Roger%20Chartier%20-%20Hist%C3%B3ria%20Cultural%20entre%20pr%C3%A1ticas%20e%20representa%C3%A7%C3%B5es.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4862954/mod_resource/content/1/Roger%20Chartier%20-%20Hist%C3%B3ria%20Cultural%20entre%20pr%C3%A1ticas%20e%20representa%C3%A7%C3%B5es.pdf)>. Acesso em: 9 dez. 2021.

BERNARDO, Kátia Jane Chaves. As relações intergeracionais e a violência familiar contra o idoso. In: MOTTA, Alda Britto da; AZEVEDO, Eulália Lima; GOMES, Márcia Gomes (Orgs). **Reparando a falta: dinâmica de gênero em perspectiva geracional**. Salvador: UFBA / Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a mulher, 2005. p. 75-86. Disponível em: <<http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/reparando.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2022.

BETHENCOURT, Francisco. **O imaginário da magia: Feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI**. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade. Lembranças de velhos**. São Paulo. Companhia das Letras. 1998.

BONVINI, Emílio. Textos orais e textura oral. In: **A tradição oral**. Org. QUEIROZ, Sônia. [Trad. Ana Elisa Ribeiro; Fernanda Mourão; Sônia Queiroz. Belo Horizonte. FALE/UFMG. 2ª edição. 2016. Disponível em: <[http://www.letras.ufmg.br/padrao\\_cms/documentos/eventos/vivavoz/A%20tradi%C3%A7%C3%A3o%20oral\\_diagramado\\_16jun2016.pdf](http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/vivavoz/A%20tradi%C3%A7%C3%A3o%20oral_diagramado_16jun2016.pdf)>. Acesso em: 9 jun. 2021.

CÂMARA, Yls Rabelo; MINGO, Carlos Sanz Mingo; CÂMARA, Yzy Maria Rabelo. Das bruxas medievais às benzedeadas atuais: a oralidade como manutenção da memória na arte de curar - uma pesquisa exploratória. **Revista Boitatá**, Londrina, n. 22, jul-dez, 2016, p. 221-236.

CANDAU, Jöel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

CANDAU, Jöel. **Antropologia da Memória**. Trad. Miriam Lopes. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

CAPRARA, Andrea. Médico ferido: Omolu nos labirintos da doença. In: ALVES, P.C.; RABELO, M.C. orgs. **Antropologia da saúde: traçando identidade e explorando fronteiras** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 1998. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/by55h/pdf/alves-9788575414040-08.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Revistas das Revistas: Estudos Avançados. 11(5), 1991, p. 173-191. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ea/a/SZqvSMJDBVJTXqNg96xx6dM/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: IDEM. **A história cultural: entre práticas e representações**. RJ: Bertrand Brasil; 1990, p. 13-28.

COSTA, Iracema Silva. Mulheres Benzedoiras em Belém (PA): relações de gênero e trajetória religiosa. **Gênero na Amazônia**, Belém, n. 7-12, jul./dez., 2017, p. 51-61. Disponível em: <<http://www.generonaamazonia.com/edicoes/edicao-7/05-mulheres-benzedoiras-em-belem-pa.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171–188, jan. 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf>>. Acesso em 27 nov. 2021.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente, 1300-1800**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

DOS SANTOS, N. P. Sobre o dia que enxerguei minha avó – Uma narrativa de vivência, violência e sobrevivência. **Revista Feminismos**, [S. l.], v. 7, n. 3, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42059>>. Acesso em: 11 out. 2021.

DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. **Tempo e Argumento: Revista do Programa de Pós-Graduação em História**. Florianópolis, v. 4 n. 1, p. 5-22, jan./jun. 2012.

DRAVET, Florence M.; OLIVEIRA, Alan Santos de. Relações entre oralidade e escrita na comunicação: Sankofa, um provérbio africano. **Miscelânea**, Assis, v. 21, p. 11-30, jan.- jun. 2017. Disponível em: <<https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/8>>. Acesso em 09 ago. 2022.

FRANCO, Sueli Campos. Fazei isto em minha memória. “A semana Santa em São João del-Rei e em Braga. **Revista da Misericórdia de Braga**, n. 9, dez. 2013. p. 414. Disponível em: <[https://www.academia.edu/22364254/Fazei\\_isto\\_em\\_minha\\_memo\\_ria\\_A\\_Semana\\_Santa\\_em\\_Sa\\_o\\_Joa\\_o\\_del\\_Rei\\_e\\_em\\_Braga](https://www.academia.edu/22364254/Fazei_isto_em_minha_memo_ria_A_Semana_Santa_em_Sa_o_Joa_o_del_Rei_e_em_Braga)>. Acesso em: 11 nov. 2020.

FRISCH, Michael. “A história pública não é uma via de mão única ou De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa”. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele R.; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.) **História Pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 57-71.

GRANDI *et.al.* Plantas medicinais de Minas Gerais, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** v. 3, n. 2, 1989, p. 209. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/abb/a/NWtVgShMXy8nsNHKWTytBvx/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2022.

GRANOVETTER, Mark. La fuerza de los vínculos débiles. Trad. Maria Ángeles García Verdasco. **Política y Sociedad**, Madrid. 33, 2000, p. 41-56. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=154588>>. Acesso em: 03 Jun. 2021.

GOMES FILHO, Robson Rodrigues. Carisma e dominação carismática: perspectivas teórico-metodológicas do conceito weberiano de carisma e sua efetivação histórica nos estudos de religiões. **A Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia**, v. 5, n. 1, jan./jul. 2014, p. 120-140.

GOMES, Pedro Gilberto. Processos midiáticos e construção de novas religiosidades. **Cadernos IHU**. Ano 2, n. 8. São Leopoldo: Unisinos, 2004, p. 1-26. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ihu/008cadernosihu.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2021.

GONÇALVES, José Roberto. **Memória e Cidade: A formação das vilas populares em Campinas - 1964-1984**. Jundiaí, Paco Editorial. 2014.

GUAZZELLI, Dante Guimaraens. O dever de memória e o historiador: uma análise de dois casos brasileiros. **Revista Mosaico**, v. 2, n. 4, p. 46-68. 2010. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/62792>>. Acesso em 24 set. 2020.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. **O peregrino e o convertido – a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete T. Velhas Benzedeadas. **MEDIAÇÕES** - Revista de Ciências Sociais. Londrina, v. 17 n. 2, p. 126-140, jul./dez. 2012. Disponível em: <<https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/14025>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

IBGE. **Estudos e análises: Informação demográfica e socioeconômica - número 2: Características Étnico-raciais da população brasileira**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <[http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/GT\\_Igualdade\\_Racial/Artigos\\_Estudos/Caracter%20C3%ADsticas%20C3%89tnico-Raciais%20da%20Popula%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira.pdf](http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/GT_Igualdade_Racial/Artigos_Estudos/Caracter%20C3%ADsticas%20C3%89tnico-Raciais%20da%20Popula%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira.pdf)>. Acesso em: 23 dez. 2021.

KARNAL, L. FERNANDES, L. **Santos Fortes: Raízes do Sagrado no Brasil**. Rio de Janeiro. Anfitheatro, 2017.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos**. Trad. Wilma Patrícia Maas; Carlos Almeida Pereira. São Paulo. Ed. Contraponto. 2007.

KOTRE, John. A verdade e a utilidade das histórias. In: SANTHIAGO, Ricardo; BARBOSA, Valéria (Org.) **Depois da utopia: A história oral em seu tempo**. Letra e Voz: São Paulo: Letra e Voz, 2013.

KOTRE, John. **Luvras Brancas: Como recriamos a nós mesmos através da memória**. São Paulo. Editora Mandarim, 1997.

LEITE, Gildeci de Oliveira. Omolu, Obaluaiê, São Lázaro, São Roque, a fé, a medicina do pobre. **FRAGMENTOS DE CULTURA**. Goiânia, v. 29, n. 4, 2019, p. 672-683. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/7748/4555>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

LEWITZKI, Taisa. **A vida das benzedeiças: caminhos e movimentos**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/60887/R%20-%20D%20-%20TAISA%20LEWITZKI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

LIDDINGTON, Jill. “O que é história pública?” Os públicos e seus passados. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; Marta Gouveia de Oliveira Rovai (orgs.). **Introdução à história pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

LOPES JR., Orivaldo Pimentel. O dualismo das igrejas evangélicas e sua postura sociopolítica. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 67-89, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rs/a/3ZLWdXS6ynb4kZYgx9ZqNPD/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2021.

LOPES, José Rogério. Velhas devoções, novas devoções. **PLURA, Revista de Estudos de Religião**, v. 1, n. 1, 2010, p. 109-135. Disponível em: <<https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/10/3>>. Acesso em: 19 jan. 2022.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral**. Editora da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. 1998, p. 15- 25.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais**. São Paulo: Paulus, 2016. p.1-28. Disponível em: <<https://www.paulus.com.br/loja/appendix/4269.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2021.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o reinado do congado de Jatobá**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MCCLEARY, Leland. História oral: Questões de língua e tecnologia. In: SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de (org.). **Memória e diálogo: Escutas da Zona Leste, visões sobre a história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 93-123.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo. Edições Loyola. 1996.

NOGUEIRA, Sidnei Barreto. **Intolerância Religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen. 2020. Disponível em: <[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Intolerancia\\_Religiosa\\_Feminismos\\_Plurais\\_Sidnei\\_Nogueira.pdf?1599239392](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Intolerancia_Religiosa_Feminismos_Plurais_Sidnei_Nogueira.pdf?1599239392)>. Acesso em: 17 out. 2021.

MAUGER, Gérard. Herança e relações entre as gerações familiares. **Estudos de Sociologia**, [S. l.], v. 19, n. 36, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/7209>>. Acesso em: 22 abr. 2022.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MEIRA, A. M. B; ARAÚJO, C. R. F.; *et al...* Ressignificando o lugar da velhice através da benzeção: a valorização da tradição e do saber popular. **Anais IV CIEH**. Campina Grande: Realize Editora, 2015, v. 2. Disponível em:

<<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/12778>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbete Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização). **Dicionário Interativo da Educação Brasileira** - Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<https://www.educabrazil.com.br/mobral-movimento-brasileiro-de-alfabetizacao/>>. Acesso em: 09 de nov. 2020.

MENEZES, Renata de Castro. Saber pedir, a etiqueta do pedido aos santos. **Religião e Sociedade. Rio de Janeiro**, v. 24, n. 1, 2004, p. 1-19. Disponível em: <[https://www.academia.edu/40243782/Saber\\_pedir\\_a\\_etiqueta\\_do\\_pedido\\_ao\\_santos](https://www.academia.edu/40243782/Saber_pedir_a_etiqueta_do_pedido_ao_santos)>. Acesso em: 18 jan. 2022.

MINÓ, Nádia. M.; VAZ DE MELLO, Rita. M. A. Representação da velhice: reflexões sobre estereótipo, preconceito e estigmatização dos idosos. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, [S. l.], v. 32, n. 1, p. 273-298, 2021. DOI: 10.31423/oikos.v32i1.9889. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/9889/6602>>. Acesso em: 3 dez. 2021.

NASCIMENTO, Danielle Gomes do; AYALA, Maria Ignez Novais. As práticas orais das rezadeiras: um patrimônio imaterial presente na vida dos itabaianenses. **Revista Nau Literária**, v. 9, n. 2. jan./jun. 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/43698>> Acesso em: 27 jul. 2021.

NORONHA, Heloisa; Viva Bem. **Constelação familiar promete resolver conflitos geracionais: como funciona?** [18/03/2020]. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/03/18/constelacoes-familiares-saiba-tudo-sobre-essa-tecnica.htm>> Acesso em: 25 out. 2021.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. **Devoção negra: santos pretos e catequese no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Quartet; FAPERJ, 2008.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **Doença, cura e benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedura em Campinas**. 1983. 2v. Dissertação [mestrado] - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281765>>. Acesso em: 18 abr. 2020.

OLIVEIRA, P. A. R; ARAÚJO, M. G. F. Pequenos Santos. **PLURA, Revista de Estudos de Religião**, v. 2, n. 1, 2011, p. 80-100. Disponível em: <[https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/download/33/pdf\\_5/](https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/download/33/pdf_5/)>. Acesso em: 23 Mar. 2021.

OLIVEIRA, Tayane A. R. Denúncias, benzeduras e curas mágicas: as práticas sincréticas no cotidiano colonial mineiro. Conselheiro Lafaiete. **Revista Acadêmica Multidisciplinar – MULTICES**. Ano V – nº1, Julho de 2017, p.128-138.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita: A tecnologização da palavra**. Tradução Enid Abreu Dobránszky. - Campinas, SP: Papirus, 1998.



PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PEREIRA, Edimilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. **Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura através da palavra**. Belo Horizonte. Massa Edições, 2018.

PETRUCCELLI, José Luís. Autoidentificação, identidade étnico-racial e heteroclassificação. In: IBGE. **Estudos e análises: Informação demográfica e socioeconômica - número 2: Características Étnico-raciais da população brasileira**. Rio de Janeiro, 2013. sp.

Disponível em:

<[http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/GT\\_Igualdade\\_Racial/Artigos\\_Estudos/Caracter%20C3%ADsticas%20C3%89tnico-Raciais%20da%20Popula%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira.pdf](http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/GT_Igualdade_Racial/Artigos_Estudos/Caracter%20C3%ADsticas%20C3%89tnico-Raciais%20da%20Popula%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira.pdf)>. Acesso em: 23 dez. 2021.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta**. Tradução: Ricardo Santhiago. São Paulo. Letra e Voz, 2016.

QUINTANA, Alberto Manuel. **A Ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise**. Baurus: EDUSC, 1999.

RAJAHN, Abi. **A força mágica das simpatias: soluções simples para o seu cotidiano**. Rio de Janeiro. Pallas, 3ª ed. 2004.

REZENDE, Livia Lima. **FORÇA AFRICANA, FORÇA DIVINA: a memória da escravidão recriada na figura umbandista dos pretos velhos**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de São João del-Rei. São João del-Rei, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte. Letramento: Justificando, 2017. Disponível em: <[https://elaseistem.files.wordpress.com/2020/07/djamila-ribeiro\\_o-que-c3a9-lugar-de-fala-4.pdf](https://elaseistem.files.wordpress.com/2020/07/djamila-ribeiro_o-que-c3a9-lugar-de-fala-4.pdf)>. Acesso em: 17 out. 2021.

RUMSTAIN, Ariana; ALMEIDA, Ronaldo de. Os católicos no trânsito religioso. In: **Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas**. Orgs. TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. Petrópolis. Editora Vozes. 2009, p. 31-55.

SAENGER, Alexandre von. A palavra na sabedoria banto. In: **A tradição oral**. Org.

QUEIROZ, Sônia. [Trad. Ana Elisa Ribeiro; Fernanda Mourão; Sônia Queiroz. Belo Horizonte. FALE/UFMG. 2ª edição. 2016. Disponível em:

<[http://www.letas.ufmg.br/padrao\\_cms/documentos/eventos/vivavoz/A%20tradi%C3%A7%C3%A3o%20oral\\_diagramado\\_16jun2016.pdf](http://www.letas.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/vivavoz/A%20tradi%C3%A7%C3%A3o%20oral_diagramado_16jun2016.pdf)>. Acesso em: 9 jun. 2021.

SANTOS, Lourival dos. História Oral de Vida de devotos da Padroeira Negra do Brasil: radicalização de um catolicismo afro-brasileiro. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, jul. 2011, p. 1-16. Disponível em:

<[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300978515\\_ARQUIVO\\_HistoriaOraldevidadedevotosdapadroeiranegra.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300978515_ARQUIVO_HistoriaOraldevidadedevotosdapadroeiranegra.pdf)>. Acesso em: 27 nov. 2021.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES. Valéria Barbosa de. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Anos 90 - Revista do Programa de Pós-Graduação em História**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. e-ISSN 1983-201X Porto Alegre, v. 27. p. 1-18. Disponível em

<<https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/102266/58383>>. Acesso em: 11 out. 2020.

SAYAGUES, Mercedes; MUCHANGA, Salane; SILVA, Terezinha da. Vovós feiticeiras: algumas reflexões sobre tristes relatos de idosas moçambicanas. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 14, n. 3. São Paulo. 2011, p. 181-195. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/10058/7488>> Acesso em: 29 out. 2021.

SCHIPPER, Mineke. Literatura oral e oralidade escrita. In: **A tradição oral**. Org. QUEIROZ, Sônia. [Trad. Ana Elisa Ribeiro; Fernanda Mourão; Sônia Queiroz. Belo Horizonte. FALE/UFMG. 2ª edição. 2016. Disponível em: <[http://www.lettras.ufmg.br/padrao\\_cms/documentos/eventos/vivavoz/A%20tradi%C3%A7%C3%A3o%20oral\\_diagramado\\_16jun2016.pdf](http://www.lettras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/vivavoz/A%20tradi%C3%A7%C3%A3o%20oral_diagramado_16jun2016.pdf)>. Acesso em: 9 jun. 2021.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Educação e Realidade**. 20(2). 1995 p. 16-28. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

SILVA, Juliani Borchardt da. **Benzimentos: estudo sobre a prática em São Miguel das Missões (RS)**. Santo Ângelo: FuRI, 2014.

SIQUEIRA, Tatiana Lima. Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero. **Revista Ártemis**, v. 8. jun. 2008, p. 110-117. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/2857/1/2310-3525-1-PB.pdf>>. Acesso em: 16 Mar. 2021.

SIUDA-AMBROZIAK, Renata. Benzedeiras em vias de extinção na Ilha da Magia. **MÉTIS: história & cultura**, v. 17, n. 34, jul./dez. 2018. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/6941>>. Acesso em: 23 jul. 2021.

SOUZA, Firmiane Venâncio do Carmo. As Marias do Carmo: memórias de três gerações de mulheres no sertão baiano. **Revista Feminismos**, [S. l.], v. 7, n. 2, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/38673>>. Acesso em: 2 set. 2021.

SWEET, James H. **Recrutar África: cultura, parentesco e religião no mundo afro-português (1441-1770)**. Lisboa: Edições 70, 2007.

TEIXEIRA, J. C.; SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. de P. Os Lugares das Empregadas Domésticas. **Organizações & Sociedade**, [S. l.], v. 22, n. 72, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/12725/9000>>. Acesso em 12 nov. 2021.

TEIXEIRA, R. T. **Memórias da Tenda Espírita Pai Joaquim de Angola em São João del-Rei - MG**. In: **XIV Encontro Nacional de História Oral, 2018**, Campinas. O XIV Encontro Nacional de História Oral, organizado pela ABHO em torno do tema História Oral e a expansão do registro audiovisual, 2018. Disponível em: <[https://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1524860495\\_ARQUIVO\\_PAIJOAQUIMDEANGOLARafaelTeodoro.pdf](https://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1524860495_ARQUIVO_PAIJOAQUIMDEANGOLARafaelTeodoro.pdf)>. Acesso em: 05 out. 2020

TEIXEIRA, R. T. **A voz dos atabaques na cidade onde os sinos falam: trajetória de vida d. e mães e pais de santo em São João del-Rei (MG)**. [Dissertação]. São João del-Rei:

Universidade Federal de São João del-Rei; 2020. Disponível em: <<https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pghis/DissertacaoRafaelTeodoro.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2020.

TORTUL CESARINO, Flávia. Interseccionalidade e mulher negra: raça, classe, gênero e religião. **Sacrilegens**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 127–150, 2020. DOI: 10.34019/2237-6151.2020.v. 17, 30794. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/30794>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Volume I [Trad.] Regis Barbosa; Karen Elsabe Barbosa, téc. Gabriel Cohn. 3ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Volume II [Trad.] Regis Barbosa; Karen Elsabe Barbosa, téc. Gabriel Cohn. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial. 1999.

WHO. **Active Ageing – A Police Framework**. Madrid, Spain, April, 2002. <<https://extranet.who.int/agefriendlyworld/wp-content/uploads/2014/06/WHO-Active-Ageing-Framework.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2021.

XAVIER, Giovana. Como me tornei #dotorainspiração e o brinco de Ewá. **Revista Estudos Feministas**. V. 29, n. 1. 2021, p. 1-10. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/61683/46674>>. Acesso em: 17 out. 2021.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à Poesia Oral**. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec; EDUC, 1997. Disponível em: <[https://www.academia.edu/39254970/Paul\\_Zumthor\\_Introdu%C3%A7%C3%A3o\\_%C3%80\\_Poesia\\_Oral](https://www.academia.edu/39254970/Paul_Zumthor_Introdu%C3%A7%C3%A3o_%C3%80_Poesia_Oral)>. Acesso em: 11 nov. 2020.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo. Cosac Naify, 2007. Disponível em: <[https://www.academia.edu/37234103/ZUMTHOR\\_Paul\\_Performance\\_recepcao\\_leitura](https://www.academia.edu/37234103/ZUMTHOR_Paul_Performance_recepcao_leitura)> Acesso em: 11 nov. 2020.

## ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

ALMEIDA, Marina. **Africanização da Padroeira do Brasil por devotos negros não teve influência da Igreja.** [10/02/2006]. Disponível em: <<http://www.usp.br/agen/repgs/2006/pags/015.htm>>. Acesso em: 27 nov. 2021.

ALVES, José Eustáquio Diniz. **Transição Religiosa – Católicos abaixo de 50% até 2022 e abaixo do percentual de evangélicos até 2032.** [05/12/2018]. EcoDebate. Ver em: <

<https://www.ecodebate.com.br/2018/12/05/transicao-religiosa-catolicos-abaixo-de-50-ate-2022-e-abaixo-do-percentual-de-evangelicos-ate-2032-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

AMARAL, Kamila. **Meninas de Nhá resgatam a culinária regional e impulsionam renda de famílias do Rio das Mortes.** [04/03/2020]. Notícias Gerais. Disponível em: <<https://noticiasgerais.net/meninas-de-inha-resgatam-culinaria-regional-e-impulsionam-renda-de-familias-do-rio-das-mortes/>>. Acesso em: 24 mai. 2022.

A PLANTA DA VEZ. **Conta-de-lágrima (Coix lacryma-jobi L.).** Ver em: <<https://www.aplantadavez.com.br/2015/06/conta-de-lagrima-coix-lacryma-jobi-l.html>>. A planta da vez. [21/06/2015]. Acesso em: 15 jan. 2022.

ASSOCIAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR E AGROECOLOGIA/ AFFAS. Disponível em: <<https://aafas.instabuy.com.br/blog/post/Conheca-a-AAFAS>>. Acesso em: 24 fev. 2022.

ASSOCIAÇÃO EVANGELIZAR É PRECISO - **Reginaldo Manzotti.** Disponível em: <[https://www.padrereginaldomanzotti.org.br/padre/?gclid=Cj0KCQiA7qP9BRCLARIsABDaZzhNXWJIHb\\_LMMwJZi\\_G6pH5Z3Qni4cBPH1Pi1JYo-CD5VnWPeSe5qgaAq7aEALw\\_wcB](https://www.padrereginaldomanzotti.org.br/padre/?gclid=Cj0KCQiA7qP9BRCLARIsABDaZzhNXWJIHb_LMMwJZi_G6pH5Z3Qni4cBPH1Pi1JYo-CD5VnWPeSe5qgaAq7aEALw_wcB)>. Acesso em: 09 nov. 2020.

AZEVEDO, Reinaldo. **O IBGE e a religião — Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%.** [31/07/2020] Veja. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>>. Acesso em: 09 dez. 2021.

BARIFOUSE, Rafael. **Coronavírus: como diabetes, hipertensão e outras doenças crônicas agravam quadro de covid-19.** São Paulo. [19/03/2020]. BBC News Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51968714>>. Acesso em: 27 out. 2020.

BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE - MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Erisipela.** [fev. 2012]. Disponível em:

<<https://bvsmms.saude.gov.br/erisipela/#:~:text=Erisipela%20C3%A9%20um%20processo%20infeccioso,das%20veias%20dos%20membros%20inferiores.>> Acesso em: 21 abr. 2021.

BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE - MINISTÉRIO DA SAÚDE. **21/11 – Dia Nacional da Homeopatia.** Disponível em: <<https://bvsmms.saude.gov.br/21-11-dia-nacional-da-homeopatia-2/>>. Acesso em: 22 fev. 2022

**BOM DIA BRASIL. Coronavírus: saiba as principais medidas adotadas pelos estados para conter a transmissão.** GloboPlay. [23/03/2020]. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8422707/> Acesso em: 20 de out. 2020.

**BOTTREL, Fred. “'Existe pleumonia', diz médica mineira, em resposta 'lacradora' para polêmica”.** [30/07/2016]. EM. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/07/30/interna\\_gerais,789264/peleumonia-medica-mineira-resposta.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/07/30/interna_gerais,789264/peleumonia-medica-mineira-resposta.shtml). Acesso em: 14 jan. 2022.

**BRASIL/ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Ensino Superior: Entenda as cotas para quem estudou todo ensino médio nas escolas públicas.** 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html>. Acesso em: 20 out. 2021.

**BRASIL/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. O ensino fundamental no contexto da educação básica:** Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental> Acesso em 09 ago. 2022.

**BRASIL. A Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus.** Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 15 out. 2020.

**BRASIL. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS.** Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. - Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic.pdf>. Acesso em: 24 set. 021.

**BRUNA, Maria Helena Varella. Doenças e Sintomas: Herpes-zóster (cobreiro)** [13/04/2011]. Drauzio. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/herpes-zoster-cobreiro/>. Acesso em 21: abr. 2021.

**CAPRILAT. Leite de Cabra Para Crianças: Tudo o Que Você Precisa Saber Sobre Ele.** Disponível em: <https://caprilat.com.br/saude-e-nutricao/leite-de-cabra-para-criancas-tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-ele/>. Acesso em: 03 jan. 2021.

**CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública: uma breve bibliografia comentada. (Bibliografia Comentada).** In: **Café História – história feita com cliques.** Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historia-publica-biblio/>. Publicado em: 6 nov. 2017. Acesso em: 12 ago. 2021.

**CEPLAMT-UFMG. Conta-de-lágrima.** Disponível em: <https://www.ceplamt.org.br/bancodeamostras/conta-de-lagrima/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

**CIDADE-BRASIL. Município de Santa Cruz de Minas.** Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-santa-cruz-de-minas.html>. Acesso em: 08 nov. 2020.

**CORREIO BRAZILIENSE. Médico debocha de paciente na internet e é afastado de hospital.** [29/07/2016]. Correio Braziliense. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2016/07/29/interna-brasil,542340/medico-debocha-de-paciente-na-internet-e-e-afastado-de-hospital.shtml>. Acesso em: 14 jan. 2022.

CRUZ TERRA SANTA. **Significado e simbolismo de São Lázaro**. Disponível em: <<https://cruzterrasanta.com.br/significado-e-simbolismo-de-sao-lazaro/150/103/>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

CRUZ TERRA SANTA. **Santos e ícones católicos: História de Santa Sofia**. Disponível em: <<https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-sofia/108/102/>>. Acesso em: 18 abr. 2022.

CURSO DE BENZIMENTO: **Tradição e Cultura** - São João del Rei. Disponível em: <[https://www.facebook.com/events/2323953821179353/?acontext=%7B%22event\\_action\\_history%22%3A\[%7B%22mechanism%22%3A%22search\\_results%22%2C%22surface%22%3A%22search%22%7D\]%7D](https://www.facebook.com/events/2323953821179353/?acontext=%7B%22event_action_history%22%3A[%7B%22mechanism%22%3A%22search_results%22%2C%22surface%22%3A%22search%22%7D]%7D)>. Acesso em: 06 nov. 2020.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Canjerê**. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/canjer%C3%AA/>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

DUCATI, Ariane; DIONÍSIO, Bibiana. **Benzedeiros são consideradas profissionais da saúde no Paraná**. [11/05/2012]. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2012/05/benzedeiros-sao-consideradas-profissionais-da-saude-no-parana.html>>. Acesso em: 24 set. 2021.

ECCLEIA BRASIL. **Santa Sofia e suas três filhas: Fé, Esperança e Caridade**. Ver em: <[http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/hagiografia/s\\_sophia.html](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/hagiografia/s_sophia.html)>. Acesso em: 18 abr. 2022.

EMBRAPA. **Manjeriço/Plantas Medicinais**. Porto Velho. 2001. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/100713/1/folder-manjericao.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2021.

ESALQ/USP. **SABOEIRO**. Ver em: <<http://www.esalq.usp.br/trilhas/medicina/am08.htm#:~:text=A%20casca%2C%20a%20raiz%20e,propriedades%20similares%20%3A0s%20do%20sab%C3%A3o>>. Acesso em: 14 jan. 2022.

ESCOLA MUNICIPAL MARIA TERESA – SÃO JOÃO DEL-REI. **Breve histórico da Escola Municipal Maria Teresa**. [28/06/2012]. Disponível em: <<http://emmariateresa.blogspot.com/>>. Acesso em: 16 mai. 2021.

FALA GEEK. **Como funciona o Stream Yard? Saiba tudo sobre a plataforma para fazer lives**. Tecnologia | Fala Geek, 2020. Disponível em: <<https://falageek.com.br/tecnologia-como-funciona-o-streamyard-saiba-tudo-sobre-plataforma-para-fazer-lives/>>. Acesso em: 16 out. 2020.

FARAH, Paulo Daniel. **Hampâté Bâ leva oralidade africana ao papel**. Folha de São Paulo Ilustrada. São Paulo. [16/09/2003]. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1609200312.htm>>. Acesso em: 08 ago. 2022.

FOLHA/UOL. **O que é numerologia?** Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/webstories/cultura/2020/12/o-que-e-numerologia/>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

GRES São Geraldo. **Facebook**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/people/Gres-S%C3%A3o-Geraldo/100009382515436>>. Acesso em: 08 nov. 2020.

INSTITUTO ESTRADA REAL - Barbacena. Disponível em: <<http://www.institutoestrada-real.com.br/cidades/barbacena/4>>. Acesso em: 08 nov. 2020.

INSTITUTO ESTRADA REAL. **Igreja de São Francisco de Assis – São João del-Rei.** Disponível em: <<https://institutoestrada-real.com.br/en/servicos/o-que-fazer/detalhe/igreja-de-sao-francisco-de-assis-sao-joao-del-rei/>> Acesso em: 08 ago. 2022

INSTITUTO FEDERAL SUDESTE DE MINAS GERAIS. **Projeto de Extensão Qualidade de Vida e de Ambiente realiza Encontro sobre Saberes Tradicionais Mineiros em Tiradentes – MG.** Disponível em: <<https://wwwdev.ifsudestemg.edu.br/noticias/barbacena/projeto-de-extensao-qualidade-de-vida-e-de-ambiente-realiza-encontro-sobre-saberes-tradicionais-mineiros-em-tiradentes-mg>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **O Ipea - Quem Somos.** Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1226&Itemid=68](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=1226&Itemid=68)>. Acesso em: 17 nov. 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Projeções indicam aceleração do envelhecimento dos brasileiros até 2100.** [13/10/2021]. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=38577&catid=10&Itemid=9](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=38577&catid=10&Itemid=9)>. Acesso em: 17 nov. 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Ipea apresenta dados de vulnerabilidade social por cor, sexo e domicílio.** [28/08/2017]. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=30790&catid=1&Itemid=7](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30790&catid=1&Itemid=7)>. Acesso em: 27 nov. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico: Minas Gerais – São João del-Rei 2010.** Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-joao-del-rei/panorama>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

ISULDEMINAS. **O que é ação afirmativa?** Disponível em: <<https://portal.ifsuldeminas.edu.br/index.php/o-que-e-acao-afirmativa>>. Acesso em: 20 out. 2021.

JADE, Líria. **Meditação, arteterapia e reiki serão oferecidas pelo SUS.** [14/01/2017]. Agência Brasil. Ver em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-01/meditacao-arteterapia-e-reiki-serao-oferecidas-pelo-sus>> Acesso em: 24 set. 2021.

KARINY, Ismia. **Vidas Negras Importam: movimento norte-americano traz luz à desigualdade racial no Brasil.** O Povo online. [03/06/2020] Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/mundo/2020/06/03/vidas-negras-importam--movimento-norte-americano-traz-luz-a-desigualdade-racial-no-brasil.htm>> Acesso em: 27 out. 2020.

LABORATÓRIO DE IMAGEM E SOM - LIS/UFSJ. **Site.** Disponível em: <<https://ufsj.edu.br/lisufsj/>>. Acesso em: 29 nov. 2020.

LABORATÓRIO DE IMAGEM E SOM - LIS/UFSJ. **Produções Audiovisuais**. Disponível em: <[https://ufsjs.edu.br/lisufsjs/producoes\\_audiovisuais.php](https://ufsjs.edu.br/lisufsjs/producoes_audiovisuais.php)>. Acesso em: 17 out. 2021.

MAJEWSKY, Rodrigo Gonçalves. **Unção de enfermos com óleo pelos presbíteros: uma análise de Tiago 5.14,15**. Disponível em: <<https://teologiabrasileira.com.br/uncao-de-enfermos-com-oleo-pelos-presbiteros-uma-analise-de-tiago-5-1415/>>. Acesso em: 16 jan. 2022.

MARTINS, Rui Jorge. **Virgem de Guadalupe: Rosto moreno, cultura indígena e imagem que a ciência não sabe explicar**. [12/12/2015]. Disponível em: <[https://www.snpcultura.org/Virgem\\_guadalupe.html](https://www.snpcultura.org/Virgem_guadalupe.html)>. Acesso em: 27 nov. 2021.

MINAS GERAIS. **Escola Estadual Dr. Garcia de Lima**. Disponível em: <[https://www.mg.gov.br/instituicao\\_unidade/escola-estadual-doutor-garcia-de-lima](https://www.mg.gov.br/instituicao_unidade/escola-estadual-doutor-garcia-de-lima)>. Acesso em 19 out. 2021.

MINAS GERAIS. **Escola Estadual Ministro Gabriel Passos**. Ver em: [https://www.mg.gov.br/instituicao\\_unidade/escola-estadual-ministro-gabriel-passos-0](https://www.mg.gov.br/instituicao_unidade/escola-estadual-ministro-gabriel-passos-0)>. Acesso em: 14 out. 2021.

MOSTEIRO DE SÃO BENTO DO RIO DE JANEIRO. **Medalha de São Bento**. Disponível em: <<https://www.mosteirosaobentorio.org.br/espiritualidade/medalha-de-sao-bento/>>. Acesso em: 12 jan. 2022.

MULHERES DE LUTA. **O que é uma ekedi no candomblé?** [01/01/2022]. Disponível em: <<https://www.mulheresdeluta.com.br/o-que-e-uma-ekedi-no-candomble/>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

MUNHOZ HOLISMO QUÂNTICO. *Site*. Disponível em: <[https://munhozholismoquantico.com/?page\\_id=7](https://munhozholismoquantico.com/?page_id=7)>. Acesso em: 08 nov. 2020.

OPAS/OMS. **OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia**. [11/03/2020]. Disponível em: <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812)> Acesso em: 20 out. 2020.

OPAS/OMS. **Orientação sobre o uso de máscaras no contexto da COVID-19**. Orientação provisória. [05/06/2020]. Disponível em: <[https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52254/OPASWBACOV1920071\\_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52254/OPASWBACOV1920071_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y)> Acesso em: 20 out. 2020.

OMS. **Estrategia de la OMS sobre medicina tradicional 2002-2005**. Ginebra. 2002. Disponível em: <<http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/67314/?sequence=1>>. Acesso em: 24 set. 2021.

O TEMPO. **Os boiadeiros. Fé. Figura representa o peão sertanejo**. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/o-tempo-contagem/os-boiadeiros-1.27075>>. Acesso em 20 fev. 2022.



PEREIRA, Elenildo. **Qual é o verdadeiro significado do sinal da cruz?** Canção Nova. Disponível em: <<https://formacao.cancaonova.com/igreja/catequese/qual-e-o-verdadeiro-significado-do-sinal-da-cruz/>>. Acesso em: 12 jan. 2022.

PERSONARE. **O que é cromoterapia?** Disponível em: <<https://www.personare.com.br/conteudo/o-que-e-cromoterapia-2-m6751>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

PINHEIRO, Vânia Aparecida. **Encontro de Benzedeiras e Rezadeiras.** Educação no campo/ UEMG-Extensão. [20/08/2018]. Disponível em: <<http://extensao.uemg.br/educacaonocampo/?p=449>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

PLANTAS MEDICINAIS/IFSULDEMINAS. **Cipó Mil-Homens.** Disponível em: <<https://www2.muz.ifsuldeminas.edu.br/plantasmedicinas/p40.html#:~:text=%2D%20Cultura%20popular%3A%20antiof%C3%ADdica%2C%20emenagoga,%C3%BAtil%20nas%20afe%C3%A7%C3%B5es%20da%20pele.>> Acesso em: 12 jan. 2022.

PLANTAS MEDICINAIS/IFSULDEMINAS. **Erva-cidreira.** Ver em: <<https://www2.muz.ifsuldeminas.edu.br/plantasmedicinas/p46.html>>. Acesso em: 13 jan. 2022.

PORTAL DAS MISSÕES. **Benedores nas Festividades das Missões.** [05/03/2019]. Disponível em: <<https://www.portaldasmissoes.com.br/noticias/view/id/1939/benedores-nas-festividades-de-final-de-ano.html>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

PRADO, Márcio do. **O que é a unção dos enfermos e quando deve ser concedida?** Canção Nova. Disponível em: <<https://formacao.cancaonova.com/igreja/doutrina/o-que-e-uncao-dos-enfermos-e-quando-deve-ser-concedida/>>. Acesso em: 16 jan. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MINDURI. **Histórico.** Disponível em: <<http://www.minduri.mg.gov.br/v1/historico/>>. Acesso em: 08 nov. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO VICENTE DE MINAS-MG. Disponível em: <<http://saovicenteminas.mg.gov.br/pagina/3721/S%C3%A3o%20Vicente%20de%20Mina>>. Acesso em: 08 nov. 2020.

QUEIROZ, Christina. Fé pública. **Revista Pesquisa FAPESP.** Edição 286. Dezembro 2019. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/fe-publica/>>. Acesso em: 19 Dez. 2021.

RÁDIO SÃO JOÃO DEL-REI. **Terreiro de umbanda é alvo de ataques no bairro Caieiras.** [24/02/2022]. São João del-Rei. Disponível em: <<http://radiosaojoaodelrei.com.br/2022/02/24/terreiro-de-umbanda-e-alvo-de-ataques-no-bairro-caieiras/>>. Acesso em: 08 mar. 2022.

RAFAEL COSTA TERAPIAS. **Site.** São João del-Rei. Disponível em: <<https://rafaelcostaterapias.com.br/>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

RAFAEL TERAPIAS NATURAIS. **Facebook.** São João del-Rei. Disponível em: <<https://www.facebook.com/rafael.terapiasnaturais.3>>. Acesso em: 08 nov. 2020.

RAFAEL TERAPIAS NATURAIS. *Facebook*. São João del-Rei. Disponível em: <<https://www.facebook.com/rafael.terapiasnaturais.3/videos/2520332028196627>> Acesso em: 25 fev. 2022.

RAFAEL COSTA TERAPIAS NATURAIS. *Facebook*. São João del-Rei. Disponível em: <<https://www.facebook.com/rafaelcostaterapiasnaturais/photos/pcb.1285271078305151/1285270668305192/>> Acesso em: 25 fev. 2022.

RAFAEL COSTA TERAPIAS NATURAIS. *Facebook*. São João del-Rei. Disponível em: <<https://www.facebook.com/rafaelcostaterapiasnaturais/photos/pcb.1285271078305151/1285270828305176>>. Acesso em: 25 fev. 2022.

RAFAEL COSTA TERAPIAS NATURAIS. *Facebook*. São João del-Rei. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1285270948305164&set=pcb.1285271078305151>>. Acesso em: 25 fev. 2022.

RAÍZES ESPIRITUAIS. **Manjeriçã – uma das mais poderosas e mais usadas ervas da umbanda**. Disponível em: <<https://www.raizesespirituais.com.br/manjericao/>>. [24/06/2021]. Acesso em: 15 jan. 2022.

RAQUELCAIN. **Uso das guias de proteção** [08/08/2013]. Disponível em: <<https://raquelcain.wordpress.com/2013/08/08/uso-das-guias-de-protecao/>>. Acesso em: 04 fev. 2022.

RECANTO DAS LETRAS; EXDRÚXULA ESTRANHA **Benzimentos, Simpatias e Outras Mandingas - Da Capanga da Velha Mandraqueira II**. [06/08/2010] Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/pensamentos/2422147>>. Acesso em: 3 de jan. 2022.

REIS, Emanuel. **O que é uma live? Saiba tudo sobre as transmissões ao vivo na Internet**. Tech Tudo. [24/03/2020] Disponível em: <<https://www.tech tudo.com.br/noticias/2020/03/o-que-e-uma-live-saiba-tudo-sobre-as-transmissoes-ao-vivo-na-internet.ghtml>> Acesso em: 27 out. 2020.

ROCHA, Camilo. **Como as lives se tornaram centrais para os artistas da música**. Nexo Jornal. Coluna Expresso. [09/04/2020]. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/04/09/Como-as-lives-se-tornaram-centrais-para-os-artistas-da-m%C3%BAasic>>. Acesso em: 27 out. 2020.

RVIDAS. *Instagram*. São João del-Rei. [02/09/2021] Disponível em: <[https://www.instagram.com/tv/CTVq8p4ghwv/?utm\\_medium=copy\\_link&fbclid=IwAR0ZjOlcKS9IElwTS3obDjl9egOjTqOPlh0tbSRJwwwKn6bjEaVwd\\_RGTBc](https://www.instagram.com/tv/CTVq8p4ghwv/?utm_medium=copy_link&fbclid=IwAR0ZjOlcKS9IElwTS3obDjl9egOjTqOPlh0tbSRJwwwKn6bjEaVwd_RGTBc)>. Acesso em: 08 mar. 2022.

SALESIANOS: INSPETORIA SALESIANA DE NOSSA SENHORA AUXILIADORA. **Associação Damas Salesianas**. [25/03/2013]. Disponível em: <<https://salesianosp.org.br/associacao-damas-salesianas/>>. Acesso em: 13 nov. 2021.

SERAFIM, Isabela. **Sagrado Feminino: o que é? Entenda aqui**. Glamour lifestyle. [04/12/2017]. Disponível em: <<https://glamour.globo.com/lifestyle/noticia/2017/12/sagrado-feminino-o-que-e-entenda-aqui.ghtml>>. Acesso em: 28 fev. 2022.

SERTÃ, Ana Luísa; ALMEIDA, Sabrina. "Ensaio sobre a dádiva". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. [02/05/2016]. Disponível em: <<https://ea.fflch.usp.br/obra/ensaio-sobre-dadiva>>. Acesso em: 14 dez. 2021.

SILVEIRA, Lucas. **Você sabe o que é o Apostolado da Oração?** Diocese de São João del-Rei. [23/03/2017]. Disponível em: <<https://diocesedesaojoadelrei.com.br/voce-sabe-o-que-e-o-apostolado-da-oracao/>>. Acesso em: 09 nov. 2020.

TESTONI, Marcelo. **O que significam e como jogar as runas nórdicas.** Super Interessante [17/04/2018]. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-significam-e-como-jogar-as-runas-nordicas/>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

TRISTÃO, Valéria. **Facebook**. São João del-Rei. [09/06/2020]. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10207971155354658&set=pb.1770910289.-2207520000.&type=3>>. Acesso em: 06 nov. 2021.

TRISTÃO, Valéria. **Facebook**. São João del-Rei [12/03/2020]. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10207514062127613&set=pb.1770910289.-2207520000.&type=3>>. Acesso em: 06 nov. 2021.

TRISTÃO, Valéria. **Facebook**. São João del-Rei [20/03/2020]. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10207584537889463&set=pb.1770910289.-2207520000.&type=3>>. Acesso em: 03 mar. 2022.

TUTUCA, CONCEIÇÃO MARIA DO CARMO DE SOUZA COSTA. **Facebook**. São João del-Rei. [26/04/2017]. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1046707435473847&set=pb.100004038019665.-2207520000.&type=3>>. Acesso em: 26 fev. 2022.

TV CAMPOS DE MINAS. **Linkedin**. Disponível em: <<https://br.linkedin.com/company/tv-campos-de-minas>>. Acesso em: 09 nov. 2020.

TV BAHIA. **Em Salvador, devotos celebram o Dia de São Lázaro, santo protetor dos doentes.** G1. [31/01/2022]. Ver em: <<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2022/01/31/em-salvador-devotos-celebram-o-dia-de-sao-lazaro-santo-protetor-dos-doentes.ghtml>>. Acesso em 02 fev. 2022.

UFMG. **Comitê de Ética em Pesquisa - COEP. TCLE / TALE.** Disponível em: <<https://www.ufmg.br/bioetica/coep/tale/>> Acesso em: 28 out. 2020.

UFSJ. **Suspensão de aulas presenciais na UFSJ.** [16/03/2020]. Disponível em: <[https://www.ufsj.edu.br/noticias\\_ler.php?codigo\\_noticia=7867](https://www.ufsj.edu.br/noticias_ler.php?codigo_noticia=7867)>. Acesso em: 15 out. 2020.

UFSJ/ PROEX. **Memorial Clara Nunes**. Disponível em: <[https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/extensao/MEMORIAL%20CLARA%20NUNES\(1\).pdf](https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/extensao/MEMORIAL%20CLARA%20NUNES(1).pdf)>. Acesso em: 19 out. 2021.

UFSJ. **Produções Audiovisuais LIS/UFSJ**. Disponível em: <<https://ufsj.edu.br/1>>. Acesso em: 17 out. 2021.

UFSJ. **Campus Santo Antônio**. Disponível em: <[https://ufsj.edu.br/campi\\_sao\\_joao\\_del\\_rei\\_sa.php](https://ufsj.edu.br/campi_sao_joao_del_rei_sa.php)>. Acesso em: 01 dez. 2021.

VELHARIAS. **Santa Sofia e as suas três filhas: fé, esperança e caridade**. [20/12/2016].

Disponível em:<<http://velhariasdoluis.blogspot.com/2016/12/santa-sofia-e-as-suas-tres-filhas-fe.html>>. Acesso em: 18 abr. 2022.

WIKIPÉDIA. **Espinhela**. Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Espinhela>>. Acesso em: 10 fev. 2022.

ZYLBERKAN, Mariana. **Evangélicos devem ultrapassar católicos no Brasil a partir de 2032**. [04/02/2020]. **Revista Veja**. Ver em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/evangelicos-devem-ultrapassar-catolicos-no-brasil-a-partir-de-2032/>>. Acesso em: 19 dez. 2021.

## AUDIOVISUAL

“(En) Cantos do Congado”. Dirigido por Cássia Palha, Sílvia Brügger, Samuel Avelar Jr. e Simone de Assis. São João del-Rei: Laboratório de Imagem e Som (LIS), 2018.1 DVD (45 min.). P. drão Vídeio Clipes e teve como DJ, Nico do Morro Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bWxDYMQ9-o>. Acesso em: 05 nov. 2020.

## 6. ANEXOS

### 6.1. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar do documentário **“Reza Antiga, Cura Certa”**, desenvolvido por TAYANE APARECIDA RODRIGUES OLIVEIRA, aluna da disciplina isolada “História e Documentário” pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). O presente trabalho tem como principal objetivo analisar a prática de benzedura em São João del-Rei, e apresentar a pluralidade de suas influências culturais e sociais, entendemos que a memória, os saberes populares constituem uma janela para se pensar a história da religiosidade no Brasil, os trânsitos religiosos e, em especial, as manifestações do universo do catolicismo popular, tendo como principal foco os benzedores. O trabalho tem como objeto de análise histórica das narrativas orais, e será realizado através da metodologia da história oral.

Para participar da pesquisa você irá conversar com o pesquisador, respondendo a algumas questões e tendo liberdade para falar sobre outros aspectos que queira. A duração da entrevista é variável, mas deve ser de mais ou menos uma hora. A conversa será gravada em vídeo. Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem total liberdade para decidir se quer ou não participar, bem como para retirar sua participação e definir a forma dela. A qualquer momento da entrevista você poderá pedir para que os equipamentos de gravação (áudio e/ou vídeo) sejam desligados, poderá não responder a alguma pergunta e mesmo depois de ter sido feita a entrevista poderá solicitar que algum trecho não seja utilizado ou divulgado. Mas saiba que sua participação e informações são muito importantes para o conhecimento histórico sobre a prática da benzedura de São João del-Rei, e de Minas Gerais.

A pesquisa pode oferecer riscos e desconfortos mínimos, como cansaço ou o tédio diante da entrevista. Mas esses desconfortos serão minimizados pela marcação das entrevistas em local e horário de sua conveniência e pelo fato de que você poderá interrompê-las a qualquer momento que desejar. Nos responsabilizamos por problemas que a pesquisa comprovadamente provoque para você. Você não terá qualquer despesa para sua participação. Qualquer gasto que se faça necessário será de responsabilidade do pesquisador.

A entrevista poderá ser também ocasião de prazer por falar das práticas de cura, da religiosidade popular e contribuir para o seu melhor conhecimento dessas práticas. Os resultados da pesquisa serão retornados aos participantes.

Se você concordar, será identificado nominalmente (se não quiser ser identificado, usaremos um pseudônimo). Pretendemos realizar gravações de áudio e vídeo. Você deverá manifestar se concorda com os dois tipos de registro. Mas só poderá participar se, pelo menos um dos dois tipos de registro for autorizado. Todo o material será arquivado (em arquivos digitais), em caráter permanente, no Laboratório da Imagem e do Som (LIS) do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São João del-Rei e, se você der autorização, disponibilizado para outras pesquisas que venham a ser desenvolvidas por nós ou por outros pesquisadores. Os depoimentos e imagens poderão ainda, se você concordar, ser usados para a produção de documentários, sem fins lucrativos, apenas acadêmicos e/ou educativos.

Os resultados da pesquisa poderão ser divulgados em forma de textos, palestras, vídeos e outros meios acadêmicos, bem como, poderão servir de base para atividades educativas, com alunos de escolas da região.

Serão feitas algumas imagens durante a realização das entrevistas que poderão fazer parte dos dados para estudo ou divulgadas em periódicos e reuniões científicas.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

Este termo é redigido em duas vias. Você ficará com uma delas assinada pelo pesquisador. A sua concordância em participar da pesquisa e com os demais aspectos acima citados pode ser feita por escrito, assinando esse documento, ou oralmente. Neste último caso, sua autorização será gravada.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, além do pesquisador, você poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEPSJ). O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção participantes.

---

LOCAL E DATA

---

TAYANE APARECIDA RODRIGUES OLIVEIRA

**Contato com a pesquisadora responsável:****Pesquisador:** TAYANE APARECIDA RODRIGUES OLIVEIRA**Contato com o CEPSJ****Tel:** (32) 3373 5479**E-mail:** cepsj@ufsj.edu.br

Praça Dom Helvécio, 74 – sala 2.56 - Campus Dom Bosco, São João Del Rei - MG, 36301-160

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar, conforme as condições explicitadas abaixo:

Autorizo a gravação da entrevista em áudio:  Sim  NãoAutorizo a gravação da entrevista em vídeo:  Sim  NãoAutorizo a identificação de meu nome:  Sim  NãoAutorizo o uso de minha imagem  Sim  Não

Autorizo que o meu depoimento seja arquivado no LIS-UFSJ e utilizado em futuras pesquisas:

 Sim  Não

Autorizo que meu depoimento e/ou imagem seja utilizado para a produção de documentários:

 Sim  Não

---

(Assinatura do participante da pesquisa)

Nome do participante:

Documento de identidade:

OBS: Todas as autorizações dos participantes poderão ser dadas oralmente mediante gravação.

## 6.2. GLOSSÁRIO

**Aguamento:** desânimo que afeta as crianças, é provocado pela falta de alguém ou não quando a criança não come algum alimento que queria.

**Benzer:** Abençoar, retirar por meio dos benzimentos os males que afligem o corpo e o espírito.

**Cobreiro:** Conhecido como herpes-zoster, é uma infecção viral provocada pelo vírus da catapora. Para os benzedores, o cobreiro acontece quando algum bicho peçonhento passa pelo corpo ou roupa do consulente.

**Coser jeito:** Costurar energeticamente as lesões provocadas por alguma torção muscular ou fraturas no corpo do consulente.

**Espinhela-caída:** Cientificamente é conhecida como lumbago, também é denominada por peito aberto ou arca-caída. A espinhela-caída acontece quando há um desvio ósseo no apêndice xifoide localizado no osso esterno devido a algum esforço repetitivo. A espinhela-caída causa dores na boca do estômago, costas e pernas. Para verificar se a pessoa está com espinhela-caída costuma-se medir com barbante o comprimento dos braços para ver se estão iguais. Se a pessoa estiver com o comprimento dos braços desiguais, ela está com espinhela-caída.

**Erisipela:** Infecção na pele causado por uma bactéria que provoca inchaço, vermelhidão e sensação de queimação nas pernas.

**Mau-olhado/Quebranto:** Mal causado pelo olhar atravessado de inveja, desejo, fascinação, maldade que pode ser provocado com intenção ou não. Atinge crianças e adultos provocando a “quebra” de energias, as queixas são de dores no corpo, moleza e apatia.

**Ventre-virado:** Dor abdominal causada por algum susto que a criança levou.



## 7. ENTREVISTADOS

Entrevista concedida por Ana de Jesus Rodrigues a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. Áudio. São João del-Rei, em 15/11/2015. 20:10”.

Entrevista concedida por Ana de Jesus Rodrigues a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. Áudio. São João del-Rei, em 25/01/2016. 1:01:44”.

Entrevista concedida por Bruno Munhoz de Sá a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. Áudio. São João del Rei, em 13/07/2019. 1ª Parte: 22:26”.

Entrevista concedida por Bruno Munhoz de Sá a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. Áudio. São João del-Rei, em 13/07/2019. 2ª Parte: 10:52”.

Entrevista concedida por Rafael Costa a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. Áudio. São João del Rei, em 13/07/2019. 16:38”.

Entrevista concedida por Gilmar das Neves Souza a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. Áudio. São João del- Rei, em 28/07/2020. 1ª Parte: 2:30”.

Entrevista concedida por Gilmar das Neves Souza a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. Áudio. São João del Rei, em 28/07/2020. 2ª Parte: 36:31”.

Entrevista concedida por Gilmar das Neves Souza a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. Áudio. São João del Rei, em 28/07/2020. 3ª Parte: 1:08:48”.

Entrevista concedida por Alessandro Cezar Machado a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. Áudio. Santa Cruz de Minas, em 29/07/2020. 1:38:16”.

Entrevista concedida por Teresa Augusta dos Reis e Soraia Geralda Santos a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. São João del Rei. Vídeo, em 29/08/2020. 1:19:10”.

Entrevista concedida por Maria Helena Nascimento a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. Áudio. São João del Rei, em 10/09/2020. 1:57:19”.

Entrevista concedida por Gelson Aparecida de Faria a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. Áudio. São João del Rei, em 14/09/2020. 56:20”.

Entrevista concedida por Valéria Tristão a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. Vídeo. São João del Rei, em 16/09/2020. 1:34:15”.

Entrevista concedida por Geraldo Moacir Rodrigues a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. Áudio. São João del Rei, em 20/09/2020. 1:16:51”.

Entrevista concedida por Antão Sebastião dos Santos a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. Áudio. São João del Rei, em 30/09/2020. 1ª Parte: 19:18”.

Entrevista concedida por Antão Sebastião dos Santos a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. Áudio. São João del Rei, em 30/09/2020. 2ª Parte: 15: 28”.

Entrevista concedida por Léa das Graças Silva a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. São João del Rei. Vídeo, em 03/10/2020. 1:19:42”.

Entrevista concedida por Conceição Maria do Carmo de Souza Costa (Tutuca) a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. Vídeo. São João del Rei/Barbacena. em 09/10/2020. 58:13”.

Entrevista concedida por José Ciríaco das Mercês a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. Áudio. São João del-Rei, em 15/10/2020. 51:47”.

Entrevista concedida por Stella Mirtes Gomes Louvera a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. Vídeo. São João del-Rei, em 01/07/2021. 1:05:04”.

Entrevista concedida por Angélica Aparecida de Matos Silva a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. Áudio. São João del-Rei, em 12/07/2021. 18:27”.

Entrevista concedida por Soraia Geralda Santos a Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira. Áudio. São João del-Rei em 09/11/2021. 12:16”.